



DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

Universidade Federal da Bahia - UFBA
Laboratório Nacional de Computação Científica - LNCC/MCT
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA
Faculdade de Educação - FACED - UFBA - Sede
FIEB/SENAI/CIMATEC
Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - IHAC - UFBA - Co-promotor

Linha 02 – Difusão do Conhecimento - Informação, Comunicação e Gestão

JOSÉ LAMARTINE DE ANDRADE LIMA NETO

Metamodelo explicativo das relações sistêmicas entre os indivíduos em grupos de ajuda-mútua: o processo de recuperação do uso de drogas em Narcóticos Anônimos

Salvador-BA

2016

JOSÉ LAMARTINE DE ANDRADE LIMA NETO

Metamodelo explicativo das relações sistêmicas entre os indivíduos em grupos de ajuda-mútua: o processo de recuperação do uso de drogas em Narcóticos Anônimos

Documento de Tese apresentado ao Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA / LNCC / UNEB / UEFS / IFBA / FACED / SENAI-CIMATEC / IHAC).

Doutorando: José Lamartine de Andrade Lima Neto

Orientador: Dr. Hernane Borges de Barros Pereira

Orientadora: Dra. Maria Olívia de Matos Oliveira

Salvador-BA

2016

L732

Lima Neto, José Lamartine de Andrade.

Metamodelo explicativo das relações sistêmicas entre os indivíduos em grupos de ajuda-mútua: o processo de recuperação do uso de drogas em Narcóticos Anônimos. [manuscrito] / José Lamartine de Andrade Lima Neto. – Salvador, 2016.

227 f. ; 29 cm x 21 cm.

Tese (Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

“Orientadores: Prof. Dr. Hernane Borges de Barros Pereira e Prof.^a Dr.^a Maria Olívia de Matos Oliveira”.

1. Recuperação do uso de Drogas. 2. Narcóticos Anônimos. 3. Redes Sociais. 4. Redes Semânticas. I. Pereira, Hernane Borges de Barros, orientador. II. Matos Oliveira, Maria Olívia de, orientadora. III. Universidade Federal da Bahia. IV. Título.

CDU: 613.83

Ficha catalográfica elaborada por
Anderson Luís da Paixão Café
CRB/ 5-1368



LNCC



SENAI

FACEC

FACEC

FACEC

FACEC

FACEC

FACEC

FACEC

FACEC

FACEC

FACEC

DMMDC

**DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ATA DE DEFESA DE TESE DO DOUTORANDO JOSÉ
LAMARTINE DE ANDRADE LIMA NETO NO DOUTORADO
MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR EM
DIFUSÃO DO CONHECIMENTO**

Aos doze dias do mês de dezembro de dois mil e dezesseis, às 8h00min, reuniu-se no Senai/Cimatec a Comissão Examinadora composta pelos professores doutores: Hernane Borges de Barros Pereira (Orientador), Maria Olivia de Matos Oliveira (Co-orientadora), Carla Liane Nascimento dos Santos, Claudia Ribeiro Santos Lopes, Renata Meira Veras e Viviane Matos Galvão, para julgar o trabalho intitulado **“MODELO EXPLICATIVO DAS RELAÇÕES SISTÊMICA ENTRE INDIVÍDUOS EM GRUPOS DE AJUDA-MÚTUA: O PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DO USO DE DROGAS EM NARCÓTIICOS ANÔNIMOS”**, de autoria de José Lamartine de Andrade Lima Neto. Após a arguição e discussão, a Banca examinou, analisou e avaliou o referido trabalho, chegando à conclusão que este foi APROVADO. Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Examinadora encerrou a reunião da qual eu lavrei a presente ATA, que após lida e achada conforme, vai assinada pelos presentes e encerrada por mim, Hernane Borges de Barros Pereira.

Salvador, 12 de dezembro de 2016.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Hernane Borges de Barros Pereira (Orientador).....

Profa. Dra. Maria Olivia de Matos Oliveira (Co-orientadora).....

Profa. Dra. Carla Liane Nascimento dos Santos.....

Profa. Dra. Claudia Ribeiro Santos Lopes.....

Profa. Dra. Renata Meira Veras.....

Profa. Dra. Viviane Matos Galvão.....

Hernane Borges de Barros Pereira
Maria Olivia de Matos Oliveira
Carla Liane Nascimento dos Santos
Claudia Ribeiro Santos Lopes
Renata Meira Veras
Viviane Matos Galvão

Dedico esta tese a:

Mãe Amélia, e irmãos Rogério e Roberto, pelo nosso amor incondicional.
Aos filhos Lucas, Carol e Anna Karen, pelo meu amor incondicional a vocês.
Tio Antônio, tio Laércio e tia Augusta, (todos *in memoriam*), a minha saudade,
A Núbia Ribeiro, minha amada companheira, incentivadora e confidente.

Minha jornada foi possível com vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter tido a paciência de esperar que eu atendesse seu chamado e me desse o suporte espiritual na medida justa da minha necessidade, não do meu desejo.

A labuta concedida pelo meu emprego, graças ao qual “inventar” essa tese se transformou em uma viagem da transcendência espiritual ao esgotamento físico e nervoso.

Ao salário de meu emprego, sem o qual teria que alimentar essa tese com minha carne e quem sabe minha alma.

Ao pessoal do grupo Fuxicos & Boatos, uma verdadeira “orquestra”, composta por Inácio, Grilo, Dirceu, Pat Magris, e Claudia Sisan, Tereza Kelly, Teresinha Tamanine, Ana Áurea, Carlos César, Cordeiro, Gillian, Jefferson, Marcelo Cunha, Roberto Monteiro, Renata Biba, Cleônidas, Cahyba dentre outros, comandados pela batuta do “maestro” Hernane. Ensinamentos marcantes nas nossas, sempre alegres, reuniões nas tardes de segunda-feira.

As animadas e descontraídas conversas com Dirceu, Pat Magris, Claudia Sisan, Gillian, Rosária, Valéria Diniz, Luciana Glória, Claudio Reynaldo, Deosdete Jr., Lelo, Berto, Márcio Bezerra, Júlia, Moema, Luciana Gloria, ...

Ao inspirado amigo Carlão que largou a frase: “só demora enquanto não começa” quando eu estava na dúvida quanto a minha retomada acadêmica. A mágica aconteceu.

Ao apoio e acolhimento dado pelos meus novos amigos os quais não posso deixar de citar os nomes de Hilda M., Moisés M., Feliciano, Alan P., João C., Carlos N., Kate R., Ricardo N., Jorge F., Jaci, entre muitos outros pelo exemplo de superação em suas lutas diárias. Me ensinaram muito sobre como levar a vida, vivendo um dia de cada vez.

Aos momentos de descontração e gargalhadas proporcionados pelos amigos Ribeiro, George, Tião e Mércia que, “virava e mexia” estavam nos hospedando em Jequié ou na Penha.

As diversas Corridas das Estações que participei como motivação para oxigenar o cérebro e manter o corpo em movimento.

A todos os meus pacientes que não pude atender no período de afastamento acadêmico. Por eles meu “grilo falante” não me deu sossego.

E, por fim, aos meus orientadores, diga-se de passagem, geniais: Hernane Borges de Barros Pereira e Maria Olívia de Matos Oliveira, únicos responsáveis (diretos e indiretos) pelo que há de bom neste trabalho... Os desmantelos estão por minha conta e risco.

Salvador-BA

12 de dezembro de 2016

José Lamartine de Andrade Lima Neto

LIMA NETO. José Lamartine de Andrade. Metamodelo explicativo das relações sistêmicas entre os indivíduos em grupos de ajuda-mútua: o processo de recuperação do uso de drogas em Narcóticos Anônimos. 220 pp. 2016. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

O uso de substâncias psicoativas tem sua origem quando o homem, já em sociedade, se aproveita de recursos naturais para se adaptar às dificuldades do meio em que vivia. O uso continuado pode desencadear a adicção, termo aqui empregado como uso repetitivo de uma substância com consequências danosas a longo prazo. Existem alguns modelos que explicam o efeito do uso de drogas, mas são poucos ou de difícil acesso os modelos que explicam a recuperação do uso de drogas. O objetivo desta pesquisa foi propor um metamodelo explicativo das relações sistêmicas entre os indivíduos em grupos de ajuda-mútua de Narcóticos Anônimos (NA) no processo de recuperação do uso de drogas com olhar a partir da complexidade e da multirreferencialidade usando instrumentos da Dinâmica dos Grupos, Psicologia Cognitiva, Redes Sociais e Redes Semânticas de Discursos Orais. É uma pesquisa aplicada de abordagem quali-quantitativa com objetivo descritivo evoluindo a propositivo, que utiliza o estudo de caso único com múltiplas unidades de análise. O *lócus* englobou os grupos de NA da cidade de Salvador-BA, seus documentos, registros, literatura, e a experiência dos membros. Coletou-se dados diretos de 123 pessoas através de questionários, bem como por meio de observação participante. Foram citados 286 membros de NA. A análise dos dados encontrados nos documentos oficiais de NA indica que seus membros começam a se drogar na média de idade entre 10 e 15 anos. Depois de uma média de uso por 20 anos, ingressam em NA e, aos poucos, vão se adaptando a uma nova ecologia cultural. O grupo de NA adota normas e padrões que, de maneira informal, vão sendo compartilhados pela maioria dos membros. O elemento central é a apresentação de um metamodelo sistêmico acerca do processo de recuperação. Concluiu-se que a rede social estudada tem indícios de características topológicas do tipo livre de escala com os “hubs” exercendo papel importante na difusão de novos conhecimentos e comportamentos que comporão mudanças significativas de atitudes nos novos membros tendo como resultado melhorias importantes nas áreas de qualidade de vida.

Palavras-chave: Recuperação do uso de Drogas. Narcóticos Anônimos. Redes Sociais. Redes Semânticas.

LIMA NETO. José Lamartine de Andrade. Explanatory metamodel of systemic relationships among individuals in mutual aid groups: the process of recovery of drug use in Narcotics Anonymous. 220 pp. 2016. PhD Thesis – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ABSTRACT

The use of psychoactive substances has its origin when the man, already in society, takes advantage of natural resources to adapt to the difficulties of the environment in which he lived. Continued use can trigger addiction, the term here used as the repetitive use of a substance with harmful long-term consequences. There are some models that explain the effect of drug use, but there are few or difficult models to explain the recovery of drug use. The aim of this research was to propose an explanatory metamodel of the systemic relationships between individuals in the Narcotics Anonymous (NA) mutual help groups in the drug recovery process with a view of complexity and multi-referentiality using Group Dynamics, Cognitive Psychology, Social Networks and Semantic Networks of Oral Discourses. It is an applied research of qualitative-quantitative approach with descriptive objective evolving to propositive, that uses the single case study with multiple units of analysis. The locus encompassed the NA groups of the city of Salvador-BA, its documents, records, literature, and members' experience. Direct data of 123 people were collected through questionnaires, as well as through participant observation. Were cited 286 NA members. Analysis of the data found in the official NA documents indicates that their members begin to get high on the average age between 10 and 15 years. After an average use for 20 years, they enter NA and gradually adapt to a new cultural ecology. The NA group adopts norms and standards that, informally, are shared by most members. The central element is the presentation of a systemic metamodel about the recovery process. It was concluded that the studied social network has indications of topological characteristics of the free-of-scale type with the hubs playing an important role in the diffusion of new knowledge and behaviors that will make significant changes of attitudes in the new members, resulting in important improvements in the areas of quality of life.

Keywords: Recovery of Drug-Using. Narcotics Anonymous. Social Networks. Semantics Networks.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 01. Meta-análise metodológica	23
Figura 02. Fluxograma da pesquisa	27
Figura 03. Instrumentos e procedimentos	31
Figura 04. Fase 2 da pesquisa	36
Figura 05. Cópia manuscrita de Bill Wilson com os seis passos.	44
Figura 06. Local da 1ª reunião de N.A.	47
Figura 07. Convenção de NA.	51
Figura 08. Estrutura de serviço em NA.	53
Figura 09. Data do nascimento de NA Bahia	58
Figura 10. Primeiro grupo fundado em Salvador-BA.....	59
Figura 11. Grupo Paranhos de NA da Bahia	60
Figura 12. Fundação do Comitê de Serviço de Área-Bahia	60
Figura 13. Primeiras medalhas.....	61
Figura 14. Chaveiros atuais	62
Figura 15. Localização de 20 grupos de NA em Salvador	65
Figura 16. Motivação, circuitos neuronais e recompensa.	93
Figura 17. Relação entre crenças	95
Figura 18. Etapas da modelagem por grafo	122
Figura 19. Relação entre tamanho e complexidade na análise de redes.	128
Figura 20. Topologias de Redes	130
Figura 21. Método para a construção e análise das redes.....	135
Figura 22. Controle do processo por realimentação negativa	151
Figura 23. Sistema em cascata	154
Figura 24. Modelo R3R	157
Figura 25. Trajetória de mudança das atitudes individuais	160
Figura 26. Metamodelo sistêmico para interação de indivíduos em grupos (SIIG) .	162
Figura 27. Rede social entre membros de NA.....	169
Figura 28. Três redes semânticas NA44	187
Figura 29. Três redes semânticas NA76	188
Figura 30. Localização dos pares com maior IF NA44	189
Figura 31. Localização dos pares com maior IF NA76	190
Figura 32. Par de palavras cadeira-arrastar	191
Figura 33. Par de palavras programa-funciona	191
Figura 34. Pares de palavras ovo-diabo-encruzilhada	192
Figura 35. Par de palavras chão-piso	193
Figura 36. Par de palavras encontro-feminino	194
Figura 37. Par de palavras limpo-ficar.....	195
Figura 38. Par de palavras usar-droga	195
Figura 39. Par de palavras água-privada-banheiro	196
Figura 40. Par de palavras não-conseguir	197
Figura 41. Rede social de NA em Salvador-BA.....	198

Gráfico 01. Distribuição de grupos de NA por Estado.	54
Gráfico 02. Distribuição das reuniões de NA por Estado.	55
Gráfico 03. Distribuição de grupos por CSA no CSR - Brasil	56
Gráfico 04. Distribuição de reuniões por CSA no CSR - Brasil	57
Gráfico 05. Faixa de idade que ocorreu o início de uso de drogas	66
Gráfico 06. Drogas usadas pelos membros	67
Gráfico 07. Idade que ocorreu a interrupção do uso de drogas	67
Gráfico 08. Tempo de abstinência contínua de drogas	68
Gráfico 09. Quem mais influenciou para adesão a NA	69
Gráfico 10. Tipo de internamento antes de ingressar	70
Gráfico 11. Áreas da vida comprometidas pelo uso de drogas	70
Gráfico 12. Áreas da vida melhoradas depois de ingressar em NA	71
Gráfico 13. Distribuição de Graus na rede Real	174
Gráfico 14. Distribuição dos valores de IF dos discursos orais	185
Gráfico 15. Coeficiente de aglomeração para diferentes valores de IF	186
Quadro 01. Abordagem da psicoterapia e forma de tratamento.....	20
Quadro 02. Etapas da pesquisa e produtos	29
Quadro 03. Instrumentos e procedimentos usados na pesquisa.....	30
Quadro 04. Objetivos embutidos nas questões.....	33
Quadro 05. Treze necessidades ou motivos psicológicos.....	35
Quadro 06. Modelo balizador da pesquisa de campo	37
Quadro 07. Correlação entre objetivos de pesquisa, procedimentos e fontes	38
Quadro 08. Comitês de Serviço Regionais	56
Quadro 09. Comitês de Serviço de Área (CSA) no estado da Bahia	57
Quadro 10. Data de fundação dos primeiros grupos em Salvador.....	61
Quadro 11. Princípios norteadores da complexidade.....	76
Quadro 12. Relações epistemológicas entre complexidade e os grupos de NA	85
Quadro 13. Tipos de Sociedade.....	115
Quadro 14. “Procures e Evites”	148
Quadro 15. Regras gerais de pré-processamento manual de transcrições.	184
Tabela 01. Ocorrências policiais	16
Tabela 02. Prevalência de uso de substâncias ilícitas no Brasil	63
Tabela 03. Comparação das métricas de Rede real vs. Rede aleatória	174

SUMÁRIO

Primeira parte O CONTEXTO DA PESQUISA E SUA METODOLOGIA.....	11
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Definição do Problema	17
1.2 Objetivo	21
1.3 Estrutura deste documento	22
2 METODOLOGIA.....	23
2.1 Estudo de caso.....	24
2.2 Lócus, participantes e procedimentos éticos.....	26
2.3 Coleta de dados	28
2.4 Análise de dados.....	36
2.5 Modelo balizador da pesquisa.....	36
3 HISTÓRIA DOS GRUPOS DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS	39
3.1 Ancestralidade: Alcoólicos Anônimos.....	40
3.2 O crescimento de AA.....	43
3.3 Nascimento e desenvolvimento dos Grupos de Narcóticos Anônimos	46
3.4 Narcóticos Anônimos no Brasil.....	49
3.5 Narcóticos Anônimos na Bahia – uma cronologia	58
Segunda parte BASES TEÓRICAS.....	73
4 COMPLEXIDADE E MULTIRREFERENCIALIDADE	74
4.1 A complexidade e multirreferencialidade na adicção a drogas.....	79
4.2 NA sob a ótica da complexidade e da multirreferencialidade	83
5 A ADICÇÃO, OS DOZE PASSOS E A PSICOLOGIA COGNITIVA	86
5.1 Adicção a drogas.....	88
5.2 Qual o conceito de Adicção?	95
5.3 Relação entre os Doze Passos e a Psicologia Cognitiva	98
6 GRUPOS, SUAS CARACTERÍSTICAS E SUAS DINÂMICAS.....	108
6.1 Comunidades Tradicionais	110
6.2 Dinâmica de Grupos como elemento de terapia	116
7 TEORIA DE REDES.....	121
7.1 Teoria dos grafos	121
7.2 Redes Sociais	130

7.3 Redes Semânticas	137
Terceira parte RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	143
8 METAMODELO DE ESTUDO DE INDIVÍDUOS EM GRUPOS	144
8.1 Bases Teóricas do Modelo R3R e do Metamodelo SIIG	147
8.2 Modelo R3R	156
8.3 Metamodelo SIIG	158
9 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	166
9.1 A rede social de ajuda-mútua de Narcóticos Anônimos	166
9.2 Dinâmica de Grupos como elemento de terapia	175
9.3 Redes Semânticas nos discursos orais em Narcóticos Anônimos	182
9.4 Síntese dos resultados	198
10 CONCLUSÕES	200
11 ATIVIDADES FUTURAS DE PESQUISA	208
REFERÊNCIAS.....	209
APÊNDICE A. Questionário de pesquisa	220
ANEXO A. Os Doze Passos de Narcóticos Anônimos	223
ANEXO B. As Doze tradições de Narcóticos Anônimos.....	224
ANEXO C. Os Doze Conceitos de Narcóticos Anônimos.....	225
ANEXO D. Lista com endereço dos grupos de NA (Nov/2016).....	226
ANEXO E. Parecer do CEP Enfermagem da UFBA.....	227

Primeira parte
O CONTEXTO DA PESQUISA E SUA METODOLOGIA

1 INTRODUÇÃO

O uso de substâncias psicoativas¹ tem sua origem quando o homem, já em sociedade, se aproveitava de recursos naturais para se adaptar às dificuldades do meio em que vivia. Na atualidade, visto os impactos relacionados à saúde pública e à criminalidade, as questões envolvendo drogas se colocam como assuntos urgentes na pauta de diversos governos e instituições (LOECK, 2009).

Poucos temas instigam discussões tão intensas como o uso de drogas – mais especificamente, o uso de substâncias psicoativas –, seus impactos na saúde, na criminalidade, na dinâmica social. As questões envolvendo drogas fazem parte das pautas de governos, instituições e grupos interessados, especialmente quando se tratam das drogas ilegais, questões envolvendo a descriminalização de seu uso ou mesmo a possibilidade de liberar o consumo. Entretanto, por mais instigante que seja, a abordagem deste tema com enfoque político não é objeto desta tese.

Nas próximas seções, são detalhados os aspectos do cenário que levaram à proposição do problema chave que este trabalho trata – recuperação do adicto² – e apresenta um modelo compreensivo acerca do processo de recuperação. Tomou-se como desafio modelar os elementos cognitivos (discurso, comportamento, crenças, valores, relações grupais) que contribuem para recuperação do uso de drogas em membros de Narcóticos Anônimos (NA).

Esta investigação foi motivada por, inúmeras vezes, serem constatadas as transformações que ocorrem nos usuários de drogas que iniciaram e continuaram um processo de recuperação em grupos de NA. Observa-se que o processo de recuperação muda a trajetória de suas vidas.

As pessoas que, de alguma forma são expostas a alguma instituição religiosa, clínica, grupos específicos de tratamento, tais como os grupos de NA, etc., sofrem

1 Os termos “substâncias psicoativas” e “drogas” serão usados como sinônimos nesta tese.

2 Adicto é o indivíduo que sofre de adicção ou adição. Adicção ou adição, por sua vez, é definido como uso repetitivo de uma substância e/ou um envolvimento compulsivo em um comportamento que direta ou indiretamente modifica o meio interno de tal forma que produz um reforço imediato, porém com consequências, a longo prazo, danosas (POMERLEAU; POMERLEAU, 1987).

influências que resultam em uma decisão importante: a de abrir mão de um modelo de visão do mundo, para aderir a uma nova maneira de viver.

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), em seu relatório de 2016 na versão em espanhol, faz alguns destaques importantes. Por exemplo:

Estima-se que 1 em cada 20 adultos, ou seja, cerca de 250 milhões de pessoas com idade entre 15 e 64 anos consumiram pelo menos um tipo de droga em 2014. Embora significativo, esse número - que é aproximadamente equivalente à soma da população Alemanha, França, Itália e Reino Unido - não parece ter aumentado nos últimos quatro anos na proporção da população mundial. No entanto, uma vez que é estimado que mais de 29 milhões de pessoas que usam drogas sofrem de distúrbios relacionados a elas, e 12 milhões dessas pessoas são consumidores de drogas injetáveis, dos quais 14% estão vivendo com o HIV, o impacto do uso de drogas em termos de suas implicações para a saúde continua a ser devastadora³ (UNODC, 2016, p. ix).

Quanto ao cenário mundial em termos de consumo de drogas expõe o roteiro do tráfico de drogas (heroína e cocaína), armas de fogo, migrantes, mulheres, dentre outros, desde a origem até os destinos finais. O consumo de cocaína nos Estados Unidos declina desde 1980 e acentuou a queda desde 2006. Demanda estabilizada na Europa. Em contraste com o mundo países da América Latina registraram aumento do consumo de cocaína (UNODC, 2010).

Os especialistas do Chile e da Costa Rica perceberam um aumento no consumo de cocaína nos dados do ano anterior, mas o aumento no consumo de cocaína na sub-região é impulsionado pelo uso crescente no Brasil, que é o maior mercado de cocaína na América do Sul (UNODC, 2015, p. 53).

O Relatório Mundial de Drogas de 2013 ainda destaca que:

A nível mundial houve um aumento na produção e uso indevido de novas substâncias psicoativas, ou seja, substâncias que não estão sob controle internacional [...]. Evidências mostram que, enquanto o sistema pode não ter eliminado o problema das

³ (Original em espanhol) Se calcula que 1 de cada 20 adultos, es decir, alrededor de 250 millones de personas de entre 15 y 64 años, consumieron por lo menos una droga en 2014. Aunque considerable, esa cifra - que equivale aproximadamente a la suma de la población de Alemania, Francia, Italia y el Reino Unido - no parece haber aumentado en los últimos cuatro años de manera proporcional a la población mundial. Sin embargo, dado que se calcula que más de 29 millones de personas que consumen drogas sufren trastornos relacionados con ellas, y que 12 millones de esas personas son consumidores de drogas por inyección, de los cuales el 14% viven con el VIH, el impacto del consumo de drogas en lo que respecta a sus consecuencias para la salud sigue siendo devastador.

drogas, ele continua a garantir que esse problema não se agrave e chegue a proporções incontroláveis (UNODC, 2013c, Prefácio).

De acordo com a UNODC (2015, p. 53-54), os dados de usuários de drogas estão contabilizados em cerca de 15,5 milhões de pessoas de 15 a 65 anos que tomam medicamentos, predominando usuários do sexo masculino. Entre as crianças (menos de 15 anos) são 977 mil pessoas e destas 330 mil usam maconha. Os solventes são o tipo de droga mais difundido no Brasil com mais de três milhões de usuários. Mais de quatro milhões de pessoas são usuárias de maconha e mais de setecentos mil fazem uso de opiáceos.

Segundo UNODC (2013, p. 12), foi realizado no Brasil um estudo transversal com 3.398 motoristas e foi descoberto que 4,6% deles apresentaram resultado positivo para uso de substâncias ilícitas (cocaína, maconha, anfetaminas e benzodiazepínicos). Testes em pacientes que deram entrada em salas de emergência após acidentes no trânsito indicaram a presença de maconha e álcool.

Publicação revelou que 43% dos universitários das 100 Instituições de Ensino Superior de 27 capitais brasileiras pesquisadas tinham como motivação do uso simplesmente porque gostavam ou porque lhes possibilitava esquecer os problemas da vida (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 01). Mas a este aparente desejo de esquecimento dos problemas vem associada uma série de comportamentos de risco que traz sempre desdobramentos negativos.

O risco de desenvolvimento de dependência química, segundo Andrade, Duarte e Oliveira (2010, p. 01), em relação ao álcool foi 22%, e em relação à maconha foi 8%. Mas, sem perder de vista o poder destruidor das demais substâncias psicoativas, eles constatam que:

[...] a prevalência de abuso de álcool foi maior entre os universitários que na população geral. Já a dependência foi encontrada com maior prevalência para a população geral. Já o uso de substâncias ilícitas (geral) é maior entre os universitários das regiões Sul e Sudeste, de instituições privadas, da área de Humanas, do período noturno e por universitários com idade acima dos 35 anos. Não foi observada a interferência de gênero sobre o uso geral de drogas (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 01).

Em outro estudo foi verificado que,

[...] em 2001, 19,4% dos entrevistados já haviam usado algum tipo de droga e, em 2005 este número foi para 22,8%, o que corresponde a uma população estimada de aproximadamente 11.603.000 pessoas, excluindo-se da análise o Álcool e o Tabaco (GALDURÓZ e cols., 2005, p. 388).

Segundo Laranjeira (2014), a pesquisa mostrou que a depressão é maior entre abusadores de álcool e de cocaína do que entre usuários de maconha, e o autor destaca também que o problema da depressão acomete mais as mulheres do que os. Dentre estes,

[...] o estudo também detectou que 5% dos brasileiros já tentaram tirar a própria vida. Destes, em mais de dois a cada dez casos (24%), a tentativa estava relacionada ao consumo de álcool (LARANJEIRA, 2014, p. 70).

O “II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas” verificou que, entre 2006 e 2012, a proporção dos que bebem habitualmente 5 (cinco) ou mais doses de bebida alcoólica aumentou 10% para ambos os sexos, a população que declarou beber mais de uma vez por semana aumentou de 42% para 53% sendo que entre as mulheres o aumento foi de 27% para 38% (LARANJEIRA, 2014, p. 36)

Outro dado importante constatado na pesquisa é que de 2006 para 2012 ocorreu aumento a população que experimentou álcool com menos de 15 anos saindo de 13% para 22%. Além disso, dentre os que bebem habitualmente, [...] 5% dos adultos que mais bebem, consomem 24% de todo álcool; 10% dos adultos que mais bebem, consomem 45% de todo álcool; 20% dos adultos que mais bebem, consomem 56% de todo álcool (LARANJEIRA, 2014, p. 37-40).

Com referência às substâncias ilícitas, a que apresenta a maior prevalência é a maconha.

Do total da população adulta, 5,8% declarou já ter usado a substância alguma vez na vida – ou seja, 7,8 milhões de brasileiros adultos já usaram maconha pelo menos uma vez na vida. Entre os adolescentes esse número é de 597 mil indivíduos (4,3%) dentre quase 14 milhões de adolescentes brasileiros. Analisando o uso nos últimos 12 meses, 2,5% dos brasileiros adultos declaram ter usado e 3,4% dos adolescentes – representando mais de 3 milhões de adultos e 478 mil adolescentes em todo país (LARANJEIRA, 2014, p. 56).

O uso de cocaína tem prevalência na população adulta de 3,8%, atingindo 5 milhões de brasileiros com 18 anos ou mais. A pesquisa citada revelou que o uso

de crack na população brasileira, nos últimos 12 meses pesquisados atinge, “[...] mais de 800 mil brasileiros e que [...] o uso de crack alguma vez na vida observado foi de 1,7 milhões de brasileiros” (LARANJEIRA, 2014, p. 57).

No estado da Bahia a quantidade de drogas ilícitas que circula é muito difícil avaliar já que a quantidade de drogas apreendida não representa um volume preciso em relação a que chegou às mãos do usuário final.

As ocorrências policiais envolvendo o uso ou o porte de substâncias psicoativas (Tabela 01) no Estado da Bahia estão parcialmente disponíveis. As informações nestas bases de dados passaram a ser consolidadas de maneira uniforme, ano a ano, a partir de 2012.

Tabela 01. Ocorrências policiais envolvendo uso ou porte de substâncias psicoativas.

Uso/porte de drogas	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Capital	994	1186	1235	978	930	916
RMS	224	290	412	646	512	511
Total Estado	X	X	4878	5102	5189	5049

Fonte: Bahia (2010b, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015).

Os dados demonstram que a tendência de aumento nas ocorrências policiais na capital baiana entre 2010 e 2012 seguiu um curso descendente a partir de então até 2015. Tendência parecida se observa na Região Metropolitana de Salvador (RMS) assim como no Estado da Bahia com o crescimento de 2010 até 2013, apresentando um decréscimo desde então. .

O consumo de drogas vem sendo um importante fator de risco para comportamentos violentos, como homicídios, suicídios, violência doméstica e acidentes de trânsito (LARANJEIRA; DUAİLÍBI; PINSKY, 2005; MORAES, 2001). A correlação entre a violência e o uso abusivo ou dependência de drogas tem demonstrado grande potencial para comprometer todas as áreas da vida em sociedade.

Para ilustrar este aspecto da violência é trazido o trabalho que Tavares, Scheffer e Almeida (2012) fizeram com população carcerária como objetivo de avaliar o abuso/dependência de drogas, as influências nos aspectos emocionais, conduta agressiva, crime e reincidência. Os autores afirmam que a baixa escolaridade

representa uma das principais dificuldades para a inclusão social do apenado na sociedade (TAVARES; SCHEFFER; ALMEIDA, 2012, p. 92).

Neste mesmo estudo foi afirmado que o início precoce do uso de drogas

[...] aumenta a probabilidade de haver dependência química quando os indivíduos chegam à idade adulta [...] uso de álcool ou qualquer outra droga, na adolescência representa um grande fator de risco para o envolvimento com gangues e comportamento violento, bem como dificuldades cognitivo-comportamentais e emocionais (TAVARES; SCHEFFER; ALMEIDA, 2012, p. 92).

Outro ponto que merece destaque está relacionado às alterações na capacidade de compreensão da emoção ligada à linguagem, provocadas pelo álcool, resultando em erros de julgamento. Se associada à capacidade de agressividade causada pela ação psicoativa do álcool, o uso deste pode desencadear comportamentos violentos (DE ALMEIDA; PASA; SCHEFFER, 2009).

Diante deste cenário foi delineado o problema e os objetivos deste trabalho que são explicitados nas próximas seções.

1.1 Definição do Problema

A seção anterior mostrou o cenário de consumo de drogas em âmbito mundial, nacional e estadual, traçando um panorama de aponta para um aumento de uso de drogas no Brasil, destacando-se a cocaína, bem como para o aumento de consumo de álcool, especialmente entre as mulheres. É neste cenário que ganham relevância os estudos sobre opções que o dependente químico encontra para o seu processo de recuperação, sua mudança de vida.

A vida do dependente químico, aqui também tratado por adicto, enquanto atrelado ao vício, se desenvolve, como o trabalho de Sísifo, personagem da mitologia grega, condenado a repetir a mesma tarefa de empurrar uma pedra até o topo de uma montanha e, toda vez que muito satisfeito estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida impulsionada uma força irresistível, invalidando completamente o duro esforço despendido. Assim como em Sísifo, o comportamento do adicto, sempre buscando meios e maneiras de continuar seu uso de drogas, é carregado de etapas de satisfação seguidas de frustração: satisfação por conseguir mais uma dose, e frustração e

angústia quando seu efeito passa e ele deseja desesperadamente uma nova dose, não apenas para ter prazer, mas para aliviar o desconforto psíquico que sente.

Sigmund Freud (1856-1939), em sua obra *Projeto de uma Psicologia Científica* (1990), originalmente publicada em 1895, afirmou que o sistema nervoso tem a mais decidida inclinação para a fuga da dor; em outras palavras, existe a motivação para o afastamento do que é desagradável e, por consequência, a aproximação do que causa prazer.

Preso a esta roda – entre busca de prazer e fuga da frustração – transcorre a vida do adicto em uso de drogas, entretanto com estratégias cada vez mais danosas para conseguir manter a dependência, com reflexos desastrosos em praticamente todos os aspectos da vida: familiares, profissionais, saúde, lazer etc.

Dentre as opções que os dependentes químicos dispõem para sua recuperação, encontram-se os grupos de ajuda-mútua, destacando-se, neste trabalho, os grupos de Narcóticos Anônimos (NA).

Em uma oportunidade anterior a este trabalho de doutorado, quando este autor realizou uma pesquisa com observação em grupos de NA, uma das percepções resultantes de trabalho, ainda não concretizada como pesquisa, foi explicitada através da constatação de que nestes grupos ocorre um trabalho terapêutico e que o lugar do terapeuta é assumido pelo próprio grupo, por meio de redes formadas por seus membros.

A construção de hipóteses e pressupostos foi baseada na contribuição da epistemologia de Imre Lakatos – metodologia dos programas de pesquisa –, segundo a qual um Programa de Pesquisa deve ter um núcleo central firme que é uma conjunção de hipóteses contra a qual não é aplicada a retransmissão da falsidade, ou seja, “quando o resultado lógico de um conjunto de hipóteses é falso, a lógica dedutiva garante que é falsa alguma(s) da(s) hipótese(s). Este núcleo firme é convencionalmente aceito (e, portanto, 'irrefutável' por decisão provisória)” (LAKATOS, 1983, p. 116).

Este núcleo firme é sucessivamente cercado por pressupostos e hipóteses, estas negociáveis de modo a adequar o programa aos fatos, e elas assumem o papel

de cinturão protetor do núcleo firme, sobre cuja base se estabelecem as condições iniciais (LAKATOS, 1983).

O que Lakatos afirma é que a heurística negativa do programa proíbe que, frente a qualquer caso problemático, refutação ou anomalia, seja declarado falso o núcleo firme; a falsidade incidirá sobre alguma(s) hipótese(s) auxiliar(es) do cinturão protetor (SILVEIRA, 1996, p. 221).

Nesta perspectiva lakatiana, este trabalho adota como núcleo firme a crença de que a convivência social aperfeiçoa o ser humano. Desta decorrem dois pressupostos: 1) o grupo molda seus membros e, portanto, uma ou várias redes sociais são formadas; 2) mudanças cognitivas são refletidas tanto no comportamento como no discurso do sujeito de modo que seu conhecimento tácito torne-se disponível por algum tipo de representação.

Os elementos negociáveis do cinturão protetor que foram testados são as três hipóteses de trabalho:

- 1) Narcóticos Anônimos exercem o papel de terapeuta para seus membros no processo de recuperação do uso de drogas;
- 2) A recuperação, em Narcóticos Anônimos, de um indivíduo que usou drogas é avaliada pelas mudanças cognitivas, e
- 3) A recuperação, em Narcóticos Anônimos, de um indivíduo que usou drogas é avaliada a partir da rede de pessoas na qual está inserido e das afinidades entre elas.

Considera-se que são comuns os estudos que realizam diagnósticos sobre o consumo de drogas bem como as abordagens e modelos terapêuticos.

Quanto aos modelos terapêuticos, estes estão classificados em dois grandes grupos: 1) o modelo de tratamento biológico, baseado em psicofarmacologia em uma perspectiva que tem demandado muito investimento, estudos e pesquisas em laboratórios além da utilização de técnicas de neuroimagem; 2) os grupos de ajuda-mútua com a terapia em grupo em que a maioria está fundamentada na perspectiva dos Doze Passos.

Já no campo das abordagens psicoterápicas considera-se que estão disponíveis em vasta literatura e cursos de especialização. Algumas delas estão elencadas

(Quadro 01) de maneira a relacionar a abordagem psicoterápica com o tratamento preconizado.

Quadro 01. Abordagem da psicoterapia e forma de tratamento

ABORDAGEM	TRATAMENTO
Psicanalítico	Psicanálise por tempo indeterminado
Moral/Doença	Abstinência por meio de grupo de ajuda mútua (AA, NA, etc.) + Recuperação da estrutura social
Médico	Abstinência acompanhada de tratamento farmacológico
Comportamental	Desabilitação por meio de novo aprendizado
Cognitivo/Comportamental	Reestruturação Comportamental e Cognitiva
Sistêmico	Reestruturação das relações familiares
Combinação de modelos	Modelo Matrix ⁴

Fonte: adaptado de Pechansky e Baldisserotto (2014, p. 84-93), ELKASHEF e col., (2008); RAWSON e col. (2006)

Aqui no Brasil os pacientes dispõem de um sistema com vários tipos de ambientes de tratamento: Centros de Amparo Psicossocial de álcool e drogas (CAPS-AD), Unidade ambulatorial especializada, Comunidades terapêuticas, Clínicas especializadas em tratamento de Dependência Química, Grupos de ajuda-mútua, Hospitais gerais, Hospital-dia, Hospitais psiquiátricos, Sistema Judiciário e os Consultórios Psiquiátricos e Psicológicos.

Entretanto, os estudos que discutam modelos teóricos com respectiva análise dos processos implicados na recuperação de usuários de drogas são mais raros, notadamente os processos que ocorrem em grupos ajuda-mútua baseado nos “doze passos”⁵ como Narcóticos Anônimos (NA).

⁴ O Modelo Matrix é um programa de tratamento ambulatorial que inclui vários componentes como: Terapia Cognitivo-Comportamental, Terapia Individual, Doze passos, Manejo de contingência, Entrevista Motivacional e Terapia de casal ou Familiar. <https://www.matrixinstitute.org/>

⁵ Cabe lembrar que os Doze Passos são os princípios que possibilitam a recuperação dos membros de NA. Criados nos Estados Unidos em 1935 por Bill Wilson e Bob Smith, co-fundadores de Alcoólicos Anônimos, junto com os primeiros membros de Alcoólicos Anônimos, eles receberam diversas influências, de religiosos

A falta desses estudos já é uma das justificativas da proposição deste metamodelo. Soma-se a isso o fato de que muitas situações requerem a análise de mudanças cognitivas e comportamentais decorrentes da inserção de um indivíduo em um grupo, tanto do ponto de vista positivo (e.g. a superação de comportamentos nocivos ao próprio indivíduo ou à sociedade), como negativos (e.g. a absorção pelo indivíduo de práticas grupais nocivas a ele mesmo ou à sociedade).

Motivado por esta percepção, surgiu o problema sobre o qual versa esta pesquisa de doutorado: a inexistência ou a dificuldade de acesso a um modelo que avalie o processo de recuperação do uso de drogas. Desta forma, foi proposta a seguinte questão da pesquisa:

Como representar, através de um modelo teórico que explique as mudanças cognitivas e comportamentais decorrentes da inserção de um indivíduo em grupos terapêuticos de Narcóticos Anônimos?

Dentro deste contexto, surge a necessidade de realização de pesquisa com o enfoque voltado para a recuperação de usuários de drogas, motivando a construção de um metamodelo.

Para responder esta pergunta pretendo alcançar os objetivos definidos na próxima seção.

1.2 Objetivo

O objetivo geral deste trabalho é propor um modelo sistêmico das relações entre os indivíduos em grupos que explica o processo de recuperação do uso de drogas entre membros de NA, tendo os seguintes objetivos específicos:

OE1 – Caracterizar a configuração dos grupos de NA, segundo o conceito de Redes Sociais;

OE2 – Demonstrar correlações entre a configuração de Redes Sociais e de Confiança entre os membros de NA e a recuperação do uso de drogas;

a psicólogos. Foi a estratégia empregada inicialmente com alcoólatras e posteriormente estendida para outros tipos de compulsão, tornaram-se a base terapêutica de várias dezenas de "irmandades" de Anônimos e de clínicas especializadas em tratamento de Dependência Química e de outras compulsões.

OE3 – Relacionar o papel do grupo segundo a ótica da Dinâmica de Grupo no processo de recuperação do uso de drogas;

OE4 – Descrever as mudanças cognitivo-comportamentais decorrentes das relações de rede de pessoas em NA;

OE5 – Identificar que valores e crenças coletivas contribuem para recuperação com base em Redes Semânticas dos discursos dos membros.

1.3 Estrutura deste documento

Este documento, apresentado com o propósito de avaliação da qualidade da pesquisa de doutorado, compõe-se de três partes totalizando dez seções.

Além da introdução, que inclui a definição do problema (seção 1.1) e objetivo (seção 1.2), nesta primeira parte, será encontrado o planejamento metodológico proposto para a realização a pesquisa (seção 2) e a histórica dos Narcóticos Anônimos (seção 3).

A segunda parte apresenta reflexões sobre a base epistemológica da pesquisa: Complexidade e multirreferencialidade (seção 4), A adicção e a Psicologia Cognitiva (seção 5); Grupos e suas dinâmicas (seção 6); Teoria de Rede (seção 7).

A terceira parte apresenta os resultados e discussão, iniciando com o Metamodelo sistêmico de estudos de indivíduos em grupos (seção 8), seguido dos resultados e discussão (seção 9);na seção 10, com as conclusões e os passos futuros na seção 11.

2 METODOLOGIA

A definição metodológica envolveu diversas etapas. Uma meta-análise metodológica permitiu guiar este trabalho, que tem seus componentes ilustrados na Figura 01. Inicialmente, para dar clareza ao objeto, foi necessária a apropriação de alguns dados e informações de maneira a permitir, em um contínuo processo de realimentação, a formação de questionamentos que resultaram na pergunta de pesquisa e na definição dos objetivos.

A armazenagem de informações em Banco de Dados (BD) auxiliou todas as etapas metodológicas assim como a definição de um glossário, conjunto de equivalências conceituais, que visou evitar ambiguidades interpretativas.

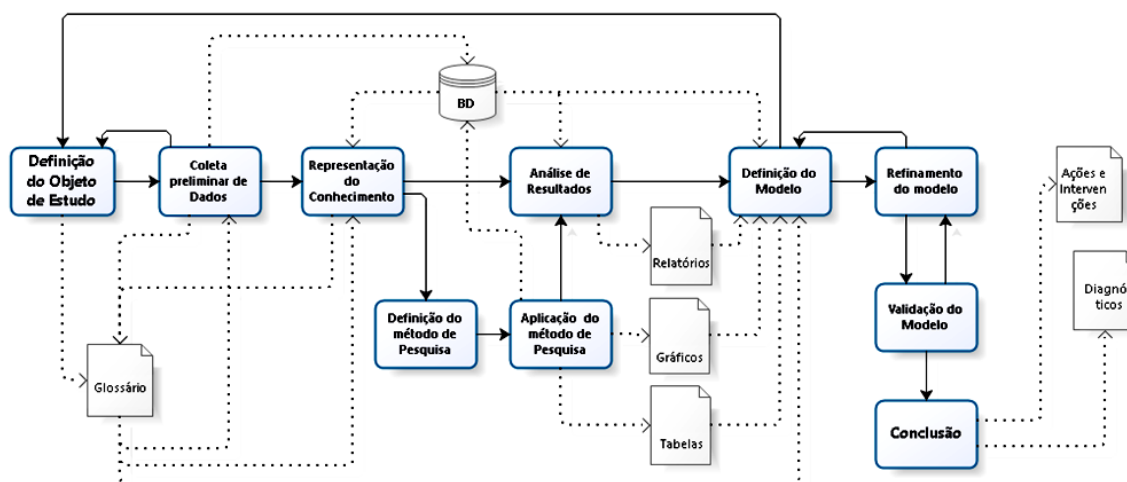


Figura 01. Meta-análise metodológica

A próxima etapa foi a representação do conhecimento que utilizou mapas conceituais, redes, gráficos, tabelas, textos diversos etc., de forma a embasar a definição do método de pesquisa que, aplicado, gerou mais dados arquivados e informações como gráficos de tendências, tabelas, dentre outras formas. Estes auxiliaram no processo de análise de resultados que implicou na definição de um modelo que explica o objeto de estudo.

O refinamento deste modelo explicativo tomou como referência o próprio modelo e sua coerência em explicar o objeto de estudo. A validação do modelo a partir de testes de confiabilidade permitiu que se chegasse às conclusões.

Depois das fases iniciais de definição de objeto de estudo e coleta preliminar de dados e sua representação foi feita a opção por um método de pesquisa que é o estudo de caso único. Assim, neste capítulo são apresentadas as concepções teóricas sobre este método e, em seguida, o planejamento da pesquisa, informando sobre os sujeitos de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e as técnicas de análise de dados.

2.1 Estudo de caso

As estratégias de pesquisa mais comuns em Ciências Sociais podem ser a experimental, *survey* ou pesquisa de levantamento, histórica, análise de informações de arquivos (documental) e estudo de caso. A aplicação mais frequente para os estudos de caso são aqueles com propósitos exploratório e descritivo (YIN, 2010).

A necessidade de utilizar esta estratégia de pesquisa deve nascer do desejo de entender um fenômeno social complexo. O que se procura generalizar com este método são proposições teóricas (modelos) e não proposições sobre populações.

2.1.1 Estudo de caso único com múltiplas unidades de análise

Dentre as várias justificativas para realização da pesquisa é fazer um Estudo de Caso “representativo ou típico” em que o objetivo é captar as circunstâncias e as condições de uma situação diária ou de um lugar-comum. Pode envolver “mais de uma unidade de análise” quando em estudos de caso único a atenção também se dirige a subunidades ou mais (YIN, 2010, p. 72-73).

Neste exemplo, o Estudo de Caso único que envolve a organização Narcóticos Anônimos (NA) foi possível a partir da análise dos vários grupos que a compõem, e seus membros, usuários de drogas em processo de recuperação, na cidade do Salvador no Estado da Bahia, situação em que se tem um Estudo de Caso Único (apenas um caso em estudo: recuperação em NA) e com múltiplas unidades de análise, os membros dos grupos de NA em Salvador. Ao iniciar a pesquisa teve-se conhecimento da existência de 23, mas quando foi finalizado os trabalhos de coleta e análise de dados a lista tinha sofrido um acréscimo para 28 grupos.

2.1.2 Etapas ou passos do Estudo de Caso

Segundo Yin (2010), como método de pesquisa o Estudo de Caso é composto por seis etapas a serem seguidas até o desfecho do trabalho. Estas etapas são sumarizadas a seguir.

O **primeiro passo** consiste na definição de um Plano de trabalho que nasce a partir da identificação das questões de pesquisa ou de algo que o justifique para só então decidir-se pelo método mais adequado entendendo seus pontos fortes e fracos.

O **segundo passo** que é o Projeto descreve a cadeia de vínculos lógicos entre os dados a serem coletados e às questões iniciais do estudo.

O **terceiro passo** consiste na definição de todos os elementos necessários a realização do Estudo de Caso em si. Para isso acontecer é necessário ampliar as habilidades do pesquisador como investigador, treinar para o estudo específico, desenvolver o protocolo, conduzir um caso-piloto e submeter o projeto a um Comitê de Ética em Pesquisa de forma a obter a aprovação de que atende aos critérios de proteção dos sujeitos humanos (YIN, 2010, p. 92, 121).

O **quarto passo** se trata da aplicação do protocolo de pesquisa propriamente dito para coleta de dados. Existem aqui três princípios de coleta: (1) múltiplas fontes de evidência, (2) construção de um banco de dados e (3) encadeamento de evidências. As múltiplas fontes de evidências geralmente consideradas são: “documentos, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos” (YIN, 2010, p. 124).

O fato de usar múltiplas fontes de evidência propicia a estratégia de *triangulação*, que é considerado um ponto forte da coleta de dados no Estudo de caso.

O **quinto passo** faz sua referência à Análise de Dados que consiste em usar uma das cinco técnicas analíticas descritas por Yin (2010, p.164) como:

- **Combinação de padrão**, comparação de um padrão baseado empiricamente com um padrão previsto. (YIN, 2010).

- **Construção de explicação**, tipo especial de combinação de padrão. Procedimento processo gerador de hipóteses em que o objetivo não é concluir um estudo, mas desenvolver ideias para um estudo posterior.

- **Análise de séries temporais**, consiste na situação em que pode haver uma única variável dependente ou independente, um grande número de pontos de dados, podendo utilizar até mesmo testes estatísticos.

- **Modelos lógicos**, técnica que estipula deliberadamente um encadeamento complexo de eventos ao longo do tempo que se encadeiam em padrões repetido de causa-efeito-causa-efeito (YIN, 2010).

- **Síntese cruzada de dados**, indicada especificamente para a análise de casos múltiplos.

O **sexto passo**, e último desta sequência, faz recomendações sobre o compartilhamento de informações da forma mais adequada ao público-alvo “colegas acadêmicos; ou políticos, profissionais, líderes comunitários e outros profissionais”; grupos especiais como bancas de dissertação ou tese, que é o caso deste trabalho (YIN, 2010, p. 196-197).

Estes passos foram seguidos, e, em síntese, esta foi uma pesquisa aplicada de abordagem quali-quantitativa com objetivo descritivo evoluindo a propositivo utilizado o Estudo de Caso único com múltiplas unidades de análise, tendo diversas fontes de evidências (documentos, questionários, entrevistas, observação).

2.2 Lócus, participantes e procedimentos éticos

2.2.1 Lócus, participantes e instrumentos

O *lócus* da pesquisa englobou os 23 grupos de NA da cidade de Salvador na Bahia, identificados a partir do endereço eletrônico oficial de Narcóticos Anônimos, seus documentos, registros e literatura, além dos membros participantes, que foi estimado em aproximadamente 300 (trezentas) pessoas a partir das primeiras abordagens aos membros buscando estabelecer vínculos de confiança entre pesquisador-sujeitos. Este quantitativo que ficou muito próximo do constatado ao longo do processo de coleta de dados.

Desta população estimada de cerca de 300 pessoas, algumas pessoas não foram localizados, outros não participaram por não quererem se expor, alguns poucos desistiram, sobrando este contingente de 123 respondentes diretos que constitui a

amostra selecionada para a primeira etapa da pesquisa. Esta incluiu a aplicação de questionário, questionário com quarenta (40) questões, sendo 33 de múltipla escolha e sete (7) para citação de nomes de outros atores, apresentado no Apêndice B. A partir da análise dos dados do questionário, construção da rede social e cálculo da Centralidade de Intermediação foi possível selecionar a amostra de 6 participantes para a segunda etapa da pesquisa (Figura 02), considerando qual deveria ser o discurso das pessoas em funções de seu papel na rede. Assim foram selecionados dois membros com grande controle de informação na rede, dois com pouco controle e dois na região intermediária de controle.

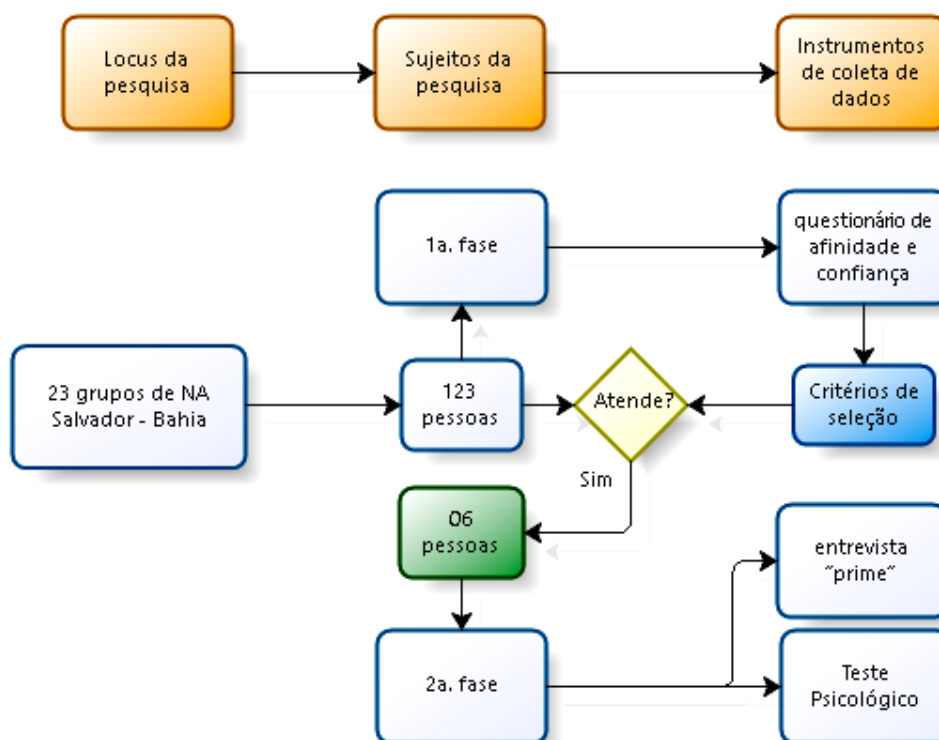


Figura 02. Fluxograma da pesquisa: Locus, fases, sujeitos de pesquisa e instrumentos de coleta de dados.

2.2.2 Critérios de inclusão e exclusão

Para seleção dos participantes foram utilizados os seguintes critérios de inclusão e de exclusão.

Critérios de Inclusão: 1. Ser membro de Narcóticos Anônimos; 2. Participar de reuniões majoritariamente em Salvador-BA;

Critérios de Exclusão: 1. Ser menor de 18 anos e não tiver o assentimento de um responsável legal no TCLE; 2. Se recusar a participar da pesquisa.

2.2.3 Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Este projeto foi desenvolvido dentro do mais rigoroso padrão de ética em pesquisa com seres humanos. Para isso o documento que norteia esta pesquisa é a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Para garantir este respeito, cuidados e garantias aos participantes, o projeto foi previamente submetido à avaliação da estrutura administrativa de Narcóticos Anônimos, avalizado e encaminhado para avaliação ética do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA, vinculado ao Sistema Nacional de Ética em Pesquisa. O protocolo foi aprovado conforme demonstra o Parecer nº: 1.309.307, de 04 de Novembro de 2015, do CEP/EEUFBA.

2.3 Coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados abarcaram um volume de dados substancial de maneira que, ao serem analisados e transformados em informações, ficaram disponíveis para ajudar a responder os diversos aspectos desta pesquisa. Os instrumentos foram aplicados em duas fases distintas da pesquisa conforme Quadro 02.

A coleta de dados foi realizada em um recorte temporal que envolveu algumas peculiaridades. A análise documental relativa às informações específicas de cada grupo de NA, como suas atas de reuniões, abrangeu o ano de 2015 e 2016. A observação direta foi realizada ao longo do segundo semestre de 2015 até outubro de 2016. As entrevistas e a aplicação do teste psicológico “Inventário Fatorial de Personalidade-II” (IFP-II) ocorreram ao longo do primeiro semestre de 2016.

Quadro 02. Etapas da pesquisa e produtos

Fase da pesquisa	1ª Fase	2ª Fase
Instrumentos de coleta de dados	Análise documental; Observação direta	
	Questionário: afinidades dos membros de NA; perfil sócio-demográfico.	a) Entrevista; b) Teste Psicológico (IFP-II).
Análise de dados	Descrição de ocorrências, fatos, comportamentos, descrição de eventos, visando a elucidação da cultura de NA e seus valores Análise das influências sociométricas Seleção dos participantes da 2ª fase da pesquisa a partir do Prestígio em condições distintas de recuperação	Descrição de ocorrências, fatos, comportamentos, descrição de eventos, visando a elucidação da cultura de NA e seus valores Análise de rede semântica dos discursos orais com uso do índice de incidência fidelidade Resultado do teste de avaliação de personalidade
Produto	1) Banco de Dados; 2) Perfil socioeconômico; 3) Perfil sóciodemográfico; 4) Redes de Prestígio/Cont role Informação; 5) Sociometria.	1) Banco de Dados; 2) Estilos discursivos; 3) Redes Semânticas de discursos orais; 4) Perfil psicológico;

Os instrumentos e procedimentos de coleta de dados previstos para a pesquisa são (Quadro 03 e Figura 03):

- a) Análise documental, tendo como *corpus* os relatórios e as atas das reuniões dos grupos de NA ocorridas em 2015 e 2016;
- b) Observação direta, sem roteiro estruturado, com registro de ocorrências, fatos, comportamentos, descrição de eventos, visando à elucidação da dinâmica dos grupos de NA;
- c) Questionário, com avaliação do perfil dos membros de NA em Salvador e avaliação socioeconômica faz parte da primeira fase e foi aplicado a 123 participantes da pesquisa; Avaliação dos atributos a fim de construir uma Rede Confiança entre os membros de NA através da declaração direta dos participantes. O questionário foi composto de quarenta (40) questões, sendo 33 de múltipla escolha e sete (7) para citação de nomes de outros atores (vide Apêndice C);
- d) Entrevistas individuais não estruturadas, que fizeram parte da segunda fase da pesquisa, aplicadas a 6 participantes selecionados a partir da primeira fase usando uma pergunta comum aos entrevistados: "Fale sobre sua história antes e depois de NA". Foram obtidas entrevistas com duração

de pelo menos 30 minutos. Elas foram gravadas em arquivo eletrônico, transcrita através de um recurso oferecido pelo site <www.transcribeme.com> mediante pagamento⁶, e revisadas pelo entrevistador.

Quadro 03. Instrumentos e procedimentos usados na pesquisa

Instrumento	MÉTODO DE COLETA	ARTEFATOS	MÉTODO DE ANÁLISE
Análise documental	Consulta direta a livros, textos e documentos (relatórios, atas) de NA	Registros e anotações “Caderneta de campo” (.doc)	Confronto dos textos como que foi registrado de ocorrências, fatos, comportamentos, descrição de eventos em NA
Observação direta	Através da observação, registrar o que ocorre nas reuniões e eventos de NA	Registro de ocorrências, fatos, comportamentos, descrição de eventos (.doc)	Confronto das ocorrências, fatos, comportamentos, descrição de eventos em NA com os textos
Questionário	Aplicação de instrumento criado para identificação do perfil dos membros, relações de afinidade e confiança e perfil sócio-demográfico	Tabulação das respostas e vocabulário de controle (.xls) e arquivos de redes (.net) e (.gephi)	Uso de softwares de construção de redes (Createpajek) e análise de redes (Gephi) - Rede de Confiança; Aplicação do modelo matemático para análise de Redes.
Entrevistas individuais	Gravação em áudio de discurso estimulado por uma sentença de estímulo (“prime”)	Transcrição de áudio em arquivo de texto (.doc)	Análise de Redes Semânticas dos discursos orais
IFP-II	Aplicação de instrumento padronizado para identificação de personalidade	Descrição das treze necessidades básicas formulada por Henry Murray a partir dos índices numéricos.	Confronto com os resultados de personalidade com os discursos das Redes Semânticas. Identificação de indícios de psicopatias que possam explicar os resultados.

⁶ Este serviço está disponível para várias línguas e a precisão é muito alta, próxima de 100%, dependendo da qualidade da gravação e da clareza da voz da(s) pessoa(s) gravada(s). O tempo padrão de devolução do texto transcrito é de dois a três dias ao custo de US\$ 2,00 por minuto para até sete vozes diferentes na mesma gravação.

Aplicação do Inventário Fatorial de Personalidade (IFP-II), questionário de natureza verbal baseado na teoria das necessidades básicas formulada por Henry Murray, também aplicado a 6 participantes da pesquisa selecionados a partir da primeira fase da pesquisa.

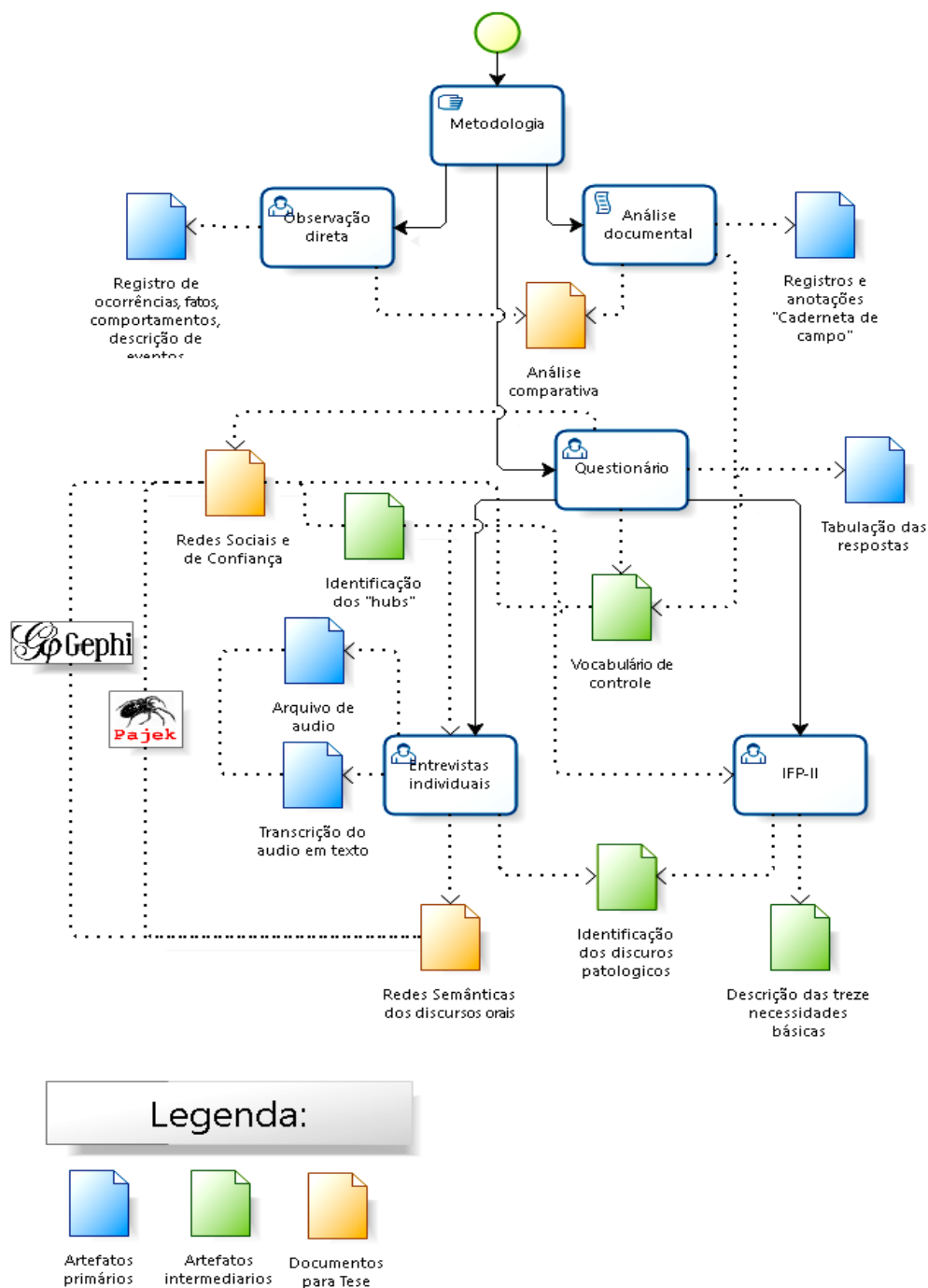


Figura 03. Instrumentos e procedimentos realizados na pesquisa

2.3.1 *Análise documental*

Foram utilizados os relatórios e atas das reuniões dos grupos de NA ocorridas ao longo do ano de 2015 e 2016, bem como a literatura oficial de NA disponível. Do Grupo Rio Vermelho foi possível acessar relatórios desde o ano 1996.

2.3.2 *Observação direta*

A observação direta, sem roteiro estruturado, foi realizada ao longo do ano de 2015 e 2016. Durante este período, foi mantido um caderno de campo, com o registro de ocorrências, fatos, comportamentos, descrição de eventos, que ajudaram a elucidação da dinâmica dos grupos de NA.

2.3.3 *Questionário*

O questionário, apresentado no Apêndice C, foi aplicado a 123 membros de NA em Salvador foi dividido em três partes:

1. Avaliação do perfil dos membros e sua relação com NA. As primeiras perguntas deste questionário estruturado não são invasivas o que facilita o percurso para as perguntas seguintes com nível de intimidade maior que poderia gerar constrangimento fazendo com que o respondente não fosse sincero, o que tornaria os dados coletados questionáveis. Este instrumento foi aplicado a 123 participantes da pesquisa;

2. Avaliação Socioeconômica com instrumento que também usa o CRITÉRIOBRASIL (ABA/ABIPEME/ANEP)⁷, questionário estruturado elaborado de maneira a não criar impacto inicial com uma aparente invasão de privacidade que pudesse vir a comprometer a qualidade das respostas dos participantes, considerando que poderiam se sentir inibidos a continuar. Para contornar este problema foram elaborados critérios com perguntas disfarçadas o que evita desconforto tornando a qualidade dos dados medidos mais próximo da realidade;

O Quadro 04 correlaciona os objetivos da pesquisa com as questões apresentadas no questionário.

⁷ A associação ABA/ABIPEME e ANEP que definiram o CRITÉRIOBRASIL é composta por Associação Brasileira de Anunciantes (ABA); Associação Brasileira de Institutos de Pesquisa de Mercado (ABIPEME); Associação Nacional das Empresas de Pesquisas (ANEP).

Quadro 04. Objetivos embutidos nas questões

Questões	Objetivo
1 a 3	Identificar quais parâmetros são importantes na primeira reunião a ponto da pessoa retornar para próxima, considerando que a 3ª Tradição de NA define que o recém-chegado como “a pessoa mais importante” em qualquer reunião.
4	Percepção da possibilidade de múltiplas consequências. São áreas que estão associadas a capacidade de auto-sustento, independência, responsabilidade, confiança, intimidade, etc. geralmente afetadas pela dependência química.
5	Dependência do tabaco geralmente associada à DQ
6 a 8, 19, 22	Dados que permitem fazer alguma associação com outras variáveis como: grau de maturação encefálica a partir dos primeiros usos; tempo de exposição às drogas; tipo de drogas, etc. Podem ser preditores sugestivos de comportamentos ou psicopatias futuras.
9 e 26	Elo importante de conexão com o grupo é a partir de um membro mais experiente.
10	Percepção das transformações a partir do processo de recuperação. Reconhecimento de que uma ou mais áreas poder sofrer uma influência positiva associadas aos planos de futuro ou sonhos como: reconquista da confiança, reintegração social, capacidade de estabelecer prioridades diferentes que não o uso de drogas, estabilidade, auto-sustento e redescoberta de possibilidades de progresso intelectual.
11	Identifica onde a propaganda de Narcóticos Anônimos está chegando: Profissionais de saúde mental, familiares, sistema judicial, irmandades paralelas, Sistema prisional, sistema de saúde pública, pessoas comuns, Empresas, etc.
12 e 13, 30	Percepção de si e dos papéis que pode exercer em NA.
14 a 18, 25	Diferentes formas de integração com o programa terapêutico de NA
20 e 21	Melhoria de aspectos sociais para além do grupo. Funciona como treino de convivência saudável com a ecologia urbana.
26 a 29	Variáveis ligadas a afinidade por aprendizagem, amizade e confiança
27 a 29	Rede de Confiança

3. Dados para a construção da Rede Social entre os membros de NA dos quais foram analisadas as camadas sociogramáticas e as trajetórias dos sujeitos.

Estes instrumentos foram construídos a partir de conversas informais individuais e em vários grupos, com sujeitos diversos, membros de NA.

A validação destes instrumentos foi complementada por opiniões e sugestões de 10 (dez) membros de NA que se dispuseram a fazer o teste piloto.

2.3.4 Entrevista

A segunda fase da pesquisa foi subdividida em duas partes:

(1) Entrevista realizada com os participantes selecionados convidados falar livremente a partir de um tema comum a todos (*prime*), com duração de cerca de 30 minutos. As entrevistas foram gravadas e transcritas ficando assim prontas para serem tratadas computacionalmente (ver seção 9.5).

(2) Avaliação psicológica utilizando a segunda versão do Inventário Fatorial de Personalidade (IFP-II) baseado na teoria das necessidades básicas formulada por Henry Murray, que visa avaliar treze das quinze necessidades ou motivos psicológicos do ser humano (Quadro 05).

No IFP-II cada uma destas treze necessidades foi analisada a partir de nove afirmações na qual o participante respondeu usando uma escala tipo Likert em escala progressiva de concordância com a afirmativa (1 = Nada característico até 7 = totalmente característico).

Encontrando algum indício de desvio de personalidade que servirá de alerta para possíveis inconsistências nos resultados das outras análises. Caso contrário as análises seguem normais e, em qualquer dos casos o entrevistado receberá um relatório diagnóstico.

Quadro 05. Treze necessidades ou motivos psicológicos do ser humano

Necessidade	Definição
Assistência	Procura auxiliar e tratar as pessoas com compaixão e ternura
Intrasepção	Tendência a se deixar conduzir por sentimento e inclinações difusas. Dominado pela busca da felicidade, pela fantasia e imaginação.
Afago	Tende a buscar ajuda, proteção, consolo e perdão
Deferência	Tem a necessidade de admirar, prestigiar, apoiar, honrar, elogiar, imitar ou se sujeitar a um modelo ou superior, ou ainda se conformar com os costumes e tradições.
Afiliação	Necessidade de se ligar afetivamente e permanecer fiel a alguém, fazer amizades e mantê-las e se tornar íntimo de alguém.
Dominância	Tendência de expressar sentimentos de autoconfiança e o desejo de controlar os outros, influenciar ou dirigir o comportamento deles através de sugestão, sedução, persuasão ou comando.
Desempenho	Necessidade de vencer obstáculos, realizar ações difíceis e executar tarefas independentemente e com o máximo de rapidez.
Exibição	Necessidade de impressionar, entreter e fascinar as pessoas.
Agressão	Necessidade de atacar, lutar, opor-se a algo ou alguém, mediante o uso da força, e revidar a injúria.
Ordem	Tendência a manter as coisas em ordem Manter a organização, limpeza, equilíbrio e precisão
Persistência	Tendência a se dedicar intensamente a uma tarefa até concluí-la, ainda que, para tanto, seja necessário ultrapassar seus próprios limites.
Mudança	Necessidade de mudar, mediante ao próprio esforço, uma determinada situação ou certas características das pessoas.
Autonomia	É a tendência a ser independente, libertar-se da restrições, resistir à coerção e não se sentir obrigado a cumprir ordens de superiores.

Fonte: Leme (2013, p. 67-68).

2.4 Análise de dados

A partir dos dados coletados por meio da análise documental e do questionário, foram construídas redes sociais representativas das relações existentes entre os membros o que permitiu identificar quais os mais influentes. A Figura 04 mostra como foram selecionados para segunda fase os membros com pequeno, médio e grande Controle de Informação dentro da rede social de NA (ver seção 9.3).

A observação direta prosseguiu, nesta etapa, buscando elucidar a dinâmica dos grupos de NA.

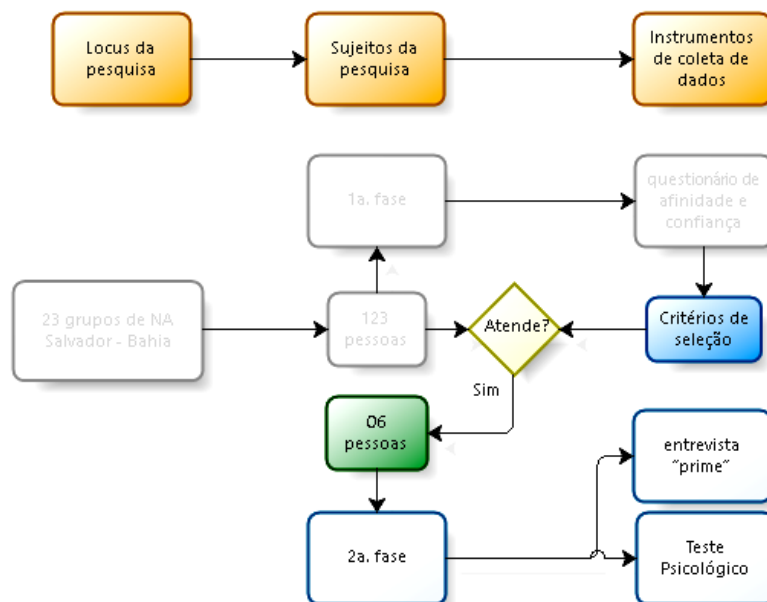


Figura 04. Fase 2 da pesquisa

2.4.1 Análise global dos resultados

Análise global dos resultados usou procedimentos de triangulação de dados, com **síntese cruzada de dados**, que é indicada especificamente para a análise de casos múltiplos como este estudo de caso único sobre Narcóticos Anônimos e com múltiplas unidades de análise, os membros que frequentam os 23 grupos.

2.5 Modelo balizador da pesquisa

O Quadro 06 mostra o modelo que balizou a pesquisa de campo e sua relação com as teorias que fundamental a tese.

Quadro 06. Modelo balizador da pesquisa de campo

O E	Conceito	Dimensões	Componentes	Indicadores	Procedimentos	Teoria
1, 2, 3, 5	Comunidades Tradicionais	Situação dos integrantes	Número de pessoas; Sistema de vida; Base das relações humanas	Quantidade por reunião; Nômade, estabelecido; Regras, implicação, reconhecimento, vitórias, fracassos,	Observação	"Evolução Social" de Elman Service (1962); "Comunidades Tradicionais" Jared Diamond; Literatura de NA; Dinâmica de Grupo de Kurt Lewin; Redes Sociais
		Governo	Tomada de decisão, liderança; Burocracia; Solução de conflitos	"Iguatária" ou homem-grande, centralizada, hereditária; Numero de níveis; Informal, centralizada, leis, juizes		
		Religião; Economia; Sociedade	Religião; Divisão do trabalho; Trocas; Estratificação	Poder ou apoio; Papéis; Materiais, simbólicas; Não/sim		
2, 5	Dinâmica de Grupos	Liderança	Democrática Autocrática; Passiva	Ambiente, aceitação de críticas, satisfação pessoal, iniciativa dos membros, personalismo	Questionário, entrevista e observação	Dinâmica de Grupo de Kurt Lewin; Redes Sociais; Literatura de NA
Re-educação		Estrutura cognitiva	Percepção do mundo físico e social, dos fatos, dos conceitos, das expectativas e convicções			
		Valores	Crenças, atrações/aversões para seu grupo e outros, e seus padrões, princípios, regras de vida			
		Ações motoras	Repertório de habilidades comportamentais, grau de controle consciente.	Observação		
1, 2, 5	Teoria de Redes	Rede de confiança	Informação, amizade, confiança	Sociograma	Questionário observação	Redes Sociais e Confiança
4		Rede Semântica - discursos orais	Fidelidade discursiva	Rede de sentenças	Entrevista e Teste Psi IFP-II	Rede Semântica de discursos orais. Relatório com diagnóstico psicológico

A coerência da metodologia deste trabalho está correlacionada com procedimentos e fontes, aos objetivos propostos, conforme Quadro 07.

Quadro 07. Correlação entre objetivos de pesquisa, procedimentos e fontes de dados

	OBJETIVO	PROCEDIMENTOS E FONTES
OG	Propor um modelo das relações dos indivíduos em grupos que explica o processo de recuperação do uso de drogas entre membros de NA.	Análise global de resultados com triangulação de dados
OE1	Caracterizar a configuração dos grupos de NA segundo o conceito de Redes Sociais;	Análise documental, Observação direta e Questionário aplicado a 123 membros de NA
OE2	Demonstrar correlações entre a configuração da Redes Sociais e Confiança dos membros de NA e a recuperação do uso de drogas;	Observação direta e Questionário aplicado a 123 membros de NA
OE3	Relacionar o papel do grupo segundo a ótica da Dinâmica de Grupo no processo de recuperação do uso de drogas;	Observação direta e Entrevista com 6 membros de NA selecionados a partir da análise dos questionários
OE4	Distinguir mudanças cognitivas/comportamentais decorrentes das relações de rede de pessoas em NA;	Entrevista e Inventário Fatorial de Personalidade aplicados a 6 membros de NA selecionados a partir da análise dos questionários
OE5	Identificar que valores e crenças coletivas contribuem para recuperação com base em Redes Semânticas dos discursos dos membros.	Análise documental, Observação direta e Questionário aplicado a 123 membros de NA

3 HISTÓRIA DOS GRUPOS DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS

Existe uma considerável produção intelectual de livros de autoajuda, e o sucesso de seus autores leva a supor que existe uma inabilidade das pessoas de lidar com as questões do dia-a-dia. Aliados a estes recursos estão os profissionais da psicologia e psiquiatria que atendem pessoas que dedicam um tempo considerável de suas vidas em busca de um remédio para cura de suas angústias e dores da alma. Para abarcar as diversas exigências terapêuticas, soma-se a estas opções uma quantidade significativa de associações anônimas criadas para resolver os mais diferentes problemas de ordem psicológica ou comportamental.

Assim, as associações intituladas Narcóticos Anônimos (NA), Introversos Anônimos, Neuróticos Anônimos, Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, Comedores Compulsivos Anônimos, Jogadores Compulsivos Anônimos, Fumantes Anônimos, Mulheres que Amam Demais Anônimas, Co-dependentes Anônimos e Devedores Anônimos são apenas algumas das associações de ajuda mútua que tiveram uma base metodológica comum: o programa de doze passos de Alcoólicos Anônimos (AA).

As origens deste programa refletem uma cadeia de acontecimentos que envolveu diversas pessoas e situações em uma rede social de afinidades e confiança que culminaram com o nascimento, crescimento, consolidação, da associação de AA e a difusão do programa de doze passos por diversos países.

Estes grupos de ajuda mútua, por terem “pouca visibilidade entre os movimentos sociais e a sua postura intimista e não reivindicatória” já foram desprezados por muitos cientistas sociais (MOTA, 2004, p. 40). Nos últimos anos surgiram esforços no sentido contrário, tornado-os cada vez mais objeto de estudo das Ciências Sociais, Antropologia, Psicologia, Enfermagem etc.

Alguns trabalhos no Brasil são pioneiros, como o de Becker (1974) sobre o uso de maconha como veículo de interação social, quando a iniciação no uso da *Cannabis* se dá através de atividades grupais, e o de Gilberto Velho (1998), cujo doutorado foi um marco na antropologia brasileira, pois tratou dos grupos da classe média carioca, no começo da década de 1970, quando estes grupos

socialmente integrados, tinham uma parcela de seu estilo de vida era dedicado ao uso recreativo de algumas substâncias tais como *Cannabis* e cocaína.

Além destes, outros trabalhos com foco em grupos de ajuda-mútua trouxeram questões como a “construção da pessoa” (CAMPOS, 2005), o estigma e a formação da identidade (FRÓIS, 2007), e até mesmo da ritualização existente. Cita-se também Jardel Loeck (2009), que lançou o farol da representação social na noção de “adição”⁸ nos grupos de Narcóticos Anônimos em Porto Alegre. Convém destacar que os membros desta irmandade se colocam como pessoas que desejam reparar as consequências de sua conduta social como usuário de drogas a respeito do que fizeram e a quem prejudicaram, e buscarem mecanismos de compensação.

3.1 Ancestralidade: Alcoólicos Anônimos

O surgimento dos Alcoólicos Anônimos (AA) insere-se em uma história mais ampla que é a dos movimentos de temperança do século 19 e do início do século 20. Sabe-se que este é um período marcado pelos violentos efeitos da Primeira Revolução Industrial que, acompanhada por um crescimento urbano socialmente segregacionista, alastrou entre os trabalhadores europeus uma verdadeira epidemia de alcoolismo (HOBSBAWM, 1994, p. 224).

A Europa assistiu à disseminação do ópio na *high society* com bons olhos a ponto de considerar a droga como ampliadora dos talentos e virtudes dos homens públicos como “políticos, médicos, pastores ou escritores, que o tomavam habitualmente” (CARNEIRO, 2005, p. 80).

Isso ocorria à revelia de uma epidemia de alcoolismo que atingia os trabalhadores europeus com os efeitos colaterais decorrentes do crescimento propiciado pela primeira Revolução Industrial, as mudanças culturais do tradicional para a modernidade e o alcoolismo como um aspecto da “imoralidade da classe operária” (HOBSBAWM, 1994, p. 223-224).

⁸ Neste trabalho, os termos adicto e dependente químico serão tomados como sinônimos e a grafia adição sempre quando me referi à representação de adição construída pelo NA.

Foi neste cenário que ocorreu o espalhamento dos Movimentos Temperança que objetivavam moralizar os comportamentos. Na França de 1873, segundo Corbin (1997, p. 579) visavam:

[...] debelar esta nova peste que desorganiza a família, [...] favorece o despovoamento, acelera a degeneração da raça, atíça a desordem social [...] e atenta contra a grandeza da pátria, e as elites consumidoras de ópio, a buscar a cura para sociedade da embriagada.

Enquanto isso nos Estados Unidos os argumentos usados por estes movimentos foram a disseminação do ópio entre os ricos e a falta de civilidade dos imigrantes chineses e o abuso de álcool dos imigrantes irlandeses, geraram conflitos que perduraram por gerações (SPARANO, 2002, p. 57).

O movimento norte-americano iniciado em fins do Século 19 que teve maior destaque foi o *Washington Temperance Society*, tendo sido fundado por seis alcoólatras de Baltimore, do estado de Maryland, chamados de washingtonianos que ajudavam pessoas com problemas de bebida (TOSCANO JR., 2001, p. 16).

Por volta do início do Século 19, o uso abusivo de álcool passou a ser visto pela sociedade como um problema moral e de responsabilidade individual, mas a recuperação passou a ser encarada como de responsabilidade social. Foi neste período que um jovem pastor protestante da Filadélfia, Frank Buchman, passou por uma experiência espiritual que transformou sua vida. Segundo Humphreys e Gifford (2006) esta experiência se deu assim:

Buchman participava de uma convenção religiosa na Inglaterra em uma cidade chamada Keswick. Ouviu falar sobre a Cruz de Cristo, percebendo que sua vida era muito diferente da vida de Jesus, foi quando decidiu adotar padrões de pureza, amor, honestidade e altruísmo absolutos. [...] Resolvido a empreender uma atividade apostólica, Buchman fundou um grupo religioso integrado por muitos estudantes da Universidade de Oxford⁹ (HUMPHREYS; GIFFORD, 2006, p. 262)

Segundo Humphreys e Gifford (2006), Rowland Hazard, um banqueiro e ex-senador de Connecticut, sofria com o alcoolismo. Depois de três anos de tratamento em Zurique na Suíça com Carl Gustav Jung, com várias recaídas, Dr.

⁹ Vide: http://en.wikipedia.org/wiki/Oxford_Group. Acesso em 30/10/2016.

Jung sentenciou que Hazard nunca poderia recuperar sua posição na sociedade. O psiquiatra então foi perguntado: “Há exceções?”. A resposta do Dr. Jung foi que tivesse “o que são chamados de experiências espirituais vitais” (AA History Pages, 2002, sem paginação).

Retornando da Europa para os Estados Unidos, Rowland Hazard começou a frequentar os Grupos Oxford, liderados pelo reverendo anglicano Samuel Shoemaker, convertido ao movimento por Frank Buchman em 1918.

Na história dos Alcoólicos Anônimos, estes senhores, Rowland Hazard e Shoemaker, foram de fundamental importância. Estabelecidos elos de afinidade e confiança, ambos se dedicaram a converter alcoólatras aos Grupos Oxford ampliando as conexões que caracterizam uma rede social.

Em 1934, Ebby Thatcher, amigo de infância de Bill Wilson, estava prestes a ser preso como um bêbado crônico em Bennington, Vermont. Ele foi visitado por três homens de um Grupo de Oxford; Shep Cornell, Rowland Hazard e Cebra Graves. Posteriormente Rowland Hazard volta sozinho para ver Ebby e como uma espécie de padrinho, contou sua história. Ensinou a Ebby os preceitos que ele tinha aprendido com o Grupo Oxford. Mais tarde, como sabemos, em dezembro do mesmo ano, Ebby teve sua chance para retransmitir esses preceitos para Bill Wilson (AA HISTORY PAGES, 2002, sem paginação).

Algo estava acontecendo. Exista demanda, conhecimento e vontade, mas, precisava ser organizado, e tudo isso ocorreu em 1935 na cidade de Akron, Ohio, quando ocorreu o encontro de Bill Wilson com o doutor Bob Smith, um cirurgião alcoólatra que, por muitos anos, se beneficiou da condição de médico para ter disponível generosas quantidades de álcool que consumia secretamente. Dr. Bob também frequentava os Grupos Oxford, mas não tinha conseguido largar o álcool. A partir deste encontro, ambos, Bill e Bob, abstêmios do álcool, trabalharam juntos na recuperação de alcoólatras internados no Hospital Municipal da cidade, surgindo daí o que passou a ser considerado como o primeiro grupo de Alcoólicos Anônimos (AA).

O estabelecimento de laços de afinidade e confiança entre Bill e Bob foi assim ampliado com a participação de novos alcoólatras em busca de recuperação.

A atuação política dos movimentos Temperança resultou em vitórias significativas, como a proibição do consumo e da produção de algumas substâncias até então

difundidas com muita liberdade, como ópio, cocaína, maconha e seus derivados (MACRAE, 2001, p. 29).

A aprovação da Lei Seca nos Estados Unidos, em 16 de janeiro de 1919 (18ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos), foi uma grande vitória do movimento, mas, com resultados notoriamente desastrosos, como o significativo aumento da criminalidade e da corrupção pela crescente atuação das máfias.

3.2 O crescimento de AA

Neste contexto da Lei Seca, um segundo grupo de AA foi criado em Nova York neste mesmo ano de 1935, e um terceiro em 1939, em Cleveland. Em quatro anos o AA contava com cem alcoólatras sóbrios, quando foi publicado o livro *Alcoholics Anonymous*, escrito por Bill Wilson – um marco estratégico para a história AA –. Este livro deu materialidade ao programa de recuperação sintetizado nos célebres doze passos.

É impossível negar a influência dos Grupos Oxford sobre o AA. Os grupos Oxford queriam modificar o mundo modificando as pessoas, e utilizavam o que consideravam métodos dos primeiros cristãos para esse fim (BURNS, 1997, p. 35).

Alguns procedimentos que estes grupos Oxford adotavam foram adaptados aos Doze Passos de AA. São eles:

- (1) Entrega a Deus;
- (2) Ouvir a orientação de Deus;
- (3) Compartilhar essa orientação com outros membros;
- (4) Fazer reparação para as pessoas que tem prejudicado;
- (5) Depois de um exame cuidadoso, contar seus defeitos a outros (como testemunho de sua mudança ou como um método para livrar-se da culpa). (BURNS, 1997, p. 33)

A adaptação a uma linguagem mais apropriada à recuperação ocorreu através da ajuda do reverendo Shoemaker a Bill Wilson que aprendeu de Ebby T, serviram de base para o programa de Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos.

A cópia manuscrita por Bill Wilson com os seis passos (Figura 05) em tradução livre, diz o seguinte:

1. Admitimos que estávamos sem esperança.
2. Passamos a ser honestos com nós mesmos.
3. Nós conversamos sobre isso com outra pessoa.
4. Fizemos reparações.
5. Levamos esta mensagem a outras pessoas sem pensar em recompensa.
6. Oramos para Deus para buscar entendimento.

Ainda era uma forma incipiente de programa de recuperação e mantinha uma afinidade semântica e conceitual com os procedimentos dos grupos Oxford.

For God -

1. Admitted hopeless
2. Got honest with self
3. Got honest with another
4. Made amends
5. Helped other without demand
6. Prayed to God as you understand Him.

Ever
Bill W.
Apr 1953
Original AA
Steps

Figura 05. Cópia manuscrita de Bill Wilson com os seis passos. Fonte: AA History Pages (2002, sem paginação).

A expansão muito rápida da irmandade de Alcoólicos Anônimos se deu pela simplicidade da filosofia e por duas práticas típicas dos Grupos Oxford: as “reuniões caseiras” e a “simplicidade do programa de mudança de vida” que este movimento propunha (CARDOSO, 2006, p. 29). A eficácia do programa e a

unidade da associação foi conseguido com uma fórmula muito eficiente: as Doze tradições, escritas por Bill Wilson.

Considerando o contexto econômico e político dos anos 1930 nos EUA, os grupos de Alcoólicos Anônimos se acostumaram bem rápido a se relacionar com o sistema prisional norte-americano e com o sistema público de saúde. Ao mesmo tempo, diversos profissionais de saúde, como médicos ou psicólogos, foram convidados a dar palestras em reuniões do AA, os quais ficaram conhecidos como “amigos-profissionais” (GARCIA, 2003, p. 91-94).

Agindo assim, os Alcoólicos Anônimos conseguiram o respeito e reconhecimento da classe médica e da sociedade que reconhecem seu esforço e passaram a recomendar sua metodologia de recuperação.

Em 1961, em carta a Jung, Bill Wilson revela as influências de quatro pessoas para germinar a ideia de criar os Alcoólicos Anônimos:

Carl G. Jung - Sobre se o Sr. Rowland teria alguma esperança sobre seu alcoolismo, Bill W. escreve:

O Senhor lhe respondeu que poderia haver sim e que esta seria a de tornar-se o sujeito de uma genuína experiência espiritual ou religiosa - em resumo, de uma autêntica conversão (AA Grapevine, 1963, sem paginação).

Dr. **Shoemaker** do Oxford Group que estruturou as seis etapas para recuperação que futuramente foi ampliado para os doze passos de AA.

Em uma de suas muitas interações teve acesso a um livro que, indiretamente o conectou ao pensamento do Dr. **William James** um influente psicólogo americano:

[...] “Varieties of Religious Experience”, livro este que veio me conscientizar que a maior parte das experiências religiosas, as mais variadas têm um denominador comum que é o colapso do ego, a sua queda no maior desespero (AA Grapevine, 1963, sem paginação).

Por fim, o médico que tratou dele inúmeras vezes, o Dr. **Silkworth**, tinha chegado a suas próprias conclusões sobre o alcoolismo.

Sua teoria era a de que o alcoolismo tinha dois componentes: por um lado uma obsessão que compelia o sofredor a beber, contra seu desejo e, por outro lado, uma espécie de dificuldade metabólica que ele chamava de alergia (AA Grapevine, 1963, sem paginação).

Esta forma de se relacionar com o alcoolismo como uma doença do corpo, da mente e do espírito que permitiu que milhares de homens e mulheres ao redor do mundo encontrassem alívio para seus sofrimentos, foi compartilhado com outros grupos de ajuda-mútua anônimos, como os narcóticos Anônimos que trataremos na próxima seção.

3.3 Nascimento e desenvolvimento dos Grupos de Narcóticos Anônimos

Existem poucas fontes de onde extrair alguma informação sobre a história dos Narcóticos Anônimos (NA) tornando sua origem obscura fato que tem deixado muitos membros frustrados sobre a inexistência de uma História da irmandade¹⁰. Possivelmente, as informações estão guardadas nas mãos dos familiares daqueles considerados como ancestrais, os pioneiros, os fundadores.

Em um desses casos, os familiares conseguiram reunir todo material e doaram para o Escritório Mundial de Serviços de NA (*World Service Office, WSO*), em várias caixas em que eram guardados os vários registros dos primeiros anos dos grupos de Narcóticos Anônimos. Os familiares de um desses fundadores, Jimmy Kinnon, doaram para o escritório mundial de NA (*World Service Office, WSO*) várias caixas em que ele guardava muitos registros dos primórdios de Narcóticos Anônimos.

Segundo Cardoso (2006, p. 32), a primeira reunião de Narcóticos Anônimos que se tem notícia aconteceu, “em 1947, na cidade de Lexington, Kentucky”, como parte de um programa de saúde pública do governo federal americano, mas fracassou sem deixar mais registros. Ocorreram tentativas de criação de associação de ajuda mútua voltada para a recuperação de adictos, como os Adictos Anônimos ou os Grupos de Drogas Formadoras de Habituação, que também fracassaram.

Esses grupos enfrentaram muitas dificuldades e a principal delas era a impossibilidade de divulgar suas reuniões, considerando que se tratava de vício em drogas ilegais.

¹⁰ Os membros de NA referem-se ao grupo como “irmandade”.

As reuniões eram clandestinas, um dia no apartamento de um membro do grupo, outro dia noutra. Pouquíssimas pessoas sabiam onde eram as reuniões. Não foi por acaso, portanto, o insucesso desses grupos em sobreviver. Então, muitos adictos começaram a frequentar reuniões dos Alcoólicos Anônimos. Lá, eles podiam procurar ajuda sem correr o risco de serem presos. Todavia, isto começou a gerar um problema para o AA. Na interpretação de seus membros, uma das razões do sucesso desta entidade residia no fato de que, em suas reuniões, existia uma nítida identidade coletiva. Quando alguém compartilhava suas dificuldades com o álcool, todos compreendiam. A participação, por conseguinte, de pessoas que sofriam com a adição a outras drogas, prejudicava a atmosfera de identificação do AA. Mas, por outro ângulo, o AA não poderia simplesmente expulsar essas pessoas que pediam ajuda. A solução se deu num espírito de 'cooperação, não afiliação', o que pavimentou o caminho para o desenvolvimento da irmandade de Narcóticos Anônimos (CARDOSO, 2006, p. 32).

Através do estímulo de vários membros de AA, os adictos que frequentavam suas reuniões se sentiram motivados a fundar sua própria irmandade. A fundação de Narcóticos Anônimos se deu no sul da Califórnia a partir da reunião com a participação de Frank e Doris C., Guildia K., Paul R., Steve R., Jimmy Kinnon e outros membros adictos que também frequentavam o AA no dia 17 de agosto de 1953 (Figura 06), passando a chamar Narcóticos Anônimos e Alcoólicos Anônimos do Vale de San Fernando (NARCÓTICOS ANÓNIMOS, 2015a).



Neste local funcionaria o grupo durante 1953 até o final de 1954.

Figura 06. Local da 1ª reunião de N.A. na esquina da Cantara com a Clybourn. Fonte: Narcóticos Anônimos, 2013.

Estes criadores dos grupos de NA fizeram contato com o escritório central dos AA, a Junta de Custódios, pois queriam utilizar o nome Alcoólicos Anônimos, o que foi negado. Em contrapartida AA autorizou a utilização dos seus Doze Passos e Doze tradições pela nova irmandade, Narcóticos Anônimos. Mas, como resolver a estreita vigilância policial que estes membros sofriam?

Resolveram ir diretamente à polícia local para tratar desse assunto. Jimmy Kinnon relata o que aconteceu nesta reunião:

Não conseguíamos encontrar uma sala para nos reunirmos. Ninguém nos queria. Não confiavam em nós de nenhuma forma. E é triste irmos de um sítio para outro quando se tem algo de real a construir e ninguém nos deixa usar uma sala. Por fim acabamos por encontrar uma sala do Exército de Salvação e eles deixaram-nos utilizá-la por cinco dólares por mês. [...] Não era que nós temêssemos as autoridades, mas os recém-chegados temiam. Fiz um cartaz e afixei-o na porta da igreja, dizia reunião de NA hoje às 20h30. E depois abríamos as portas [...]. E depois havia um carro que se aproximava devagar e olhavam para o cartaz e fugiam. Ninguém confiava em ninguém – eles achavam que estávamos sob vigilância. Não acreditavam quando lhes dizíamos que não. E nós próprios acabávamos por não estar muito seguros de não estarmos. Pois como grupo decidimos [...] [ir até a] Divisão de Narcóticos e dissemos-lhes, não lhes perguntamos, dissemos-lhes que íamos realizar uma reunião de adictos. E eles levantaram as sobancelhas, mas nós éramos cinco. Um tipo lá, já não me lembro se era tenente ou capitão, ouviu-nos e disse, 'Já não era sem tempo que isto acontecesse. Há anos que tento ajudar adictos, sem conseguir. Eu não consigo ajudar ninguém'. E ele chamou um outro tenente para nos ouvir. E ele [...] tinha a certeza que nenhum de nós conseguia recuperar. E ele ouvia o outro dizer, 'Gosto desta ideia', 'Apoio esta iniciativa', 'Farei tudo o que possa para vos apoiar.'[...] Até que resolveu falar: 'Isso não vai resultar, uma vez drogado, sempre drogado. Nunca houve nenhum a ficar melhor. Não me importa o que digas, não me importa o que estas pessoas digam, isto não vai resultar'. Por isso olhou para nós e eu não sabia o que dizer. Olhei para os outros, ninguém sabia o que dizer, até que o Pat, que estivera sempre calado, abriu a boca e disse, 'Tenente, o meu nome é fulano de tal, nasci e cresci em tal sítio, fui pela primeira vez preso em tal sítio, e fui condenado a tantos anos. E gostaria, por isso, que fosse confirmar o meu cadastro. Já estive em todas as penitenciárias federais do país, exceto uma. E não uso drogas há 18 anos. Há 18 anos que não conheço as cadeias. E este programa resulta para mim. [...] E o tipo não sabia o que dizer. Não sei se o tipo foi confirmar tudo isto, mas a verdade é que o departamento da polícia e a Divisão de Narcóticos mantiveram a sua palavra. E nunca nos vigiaram, nunca fizeram nenhuma rusga, nunca nos apanharam a ir ou a vir de reuniões - Depoimento de Jimmy Kinnon no vigésimo aniversário do NA (NARCÓTICOS ANÓNIMOS, 1973, sem paginação).

O grupo de Narcóticos Anônimos tinha tudo para crescer. Tinha a permissão de adaptar os Passos e as Tradições dos Alcoólicos Anônimos, e resolvido o problema da repressão policial. Assim, a nova irmandade começou a crescer, porém de forma lenta se comparado ao AA.

Em 1978, quando se reuniu a primeira assembleia de representantes locais, havia menos de 200 grupos registrados em três países.

Em 1983, foi publicado o *Texto Básico* considerado como livro fundamental para recuperação de drogas em NA, impulsionando uma grande expansão para outros países, além de um crescimento na quantidade de grupos, chegando ao final do ano a quase três mil reuniões semanais em mais de 12 países. A expansão continuou e, em 1989, o NA já existia em cerca de 100 países e suas reuniões semanais já ultrapassavam a marca de 22.500. Em 2002, o NA tinha cerca de 20.000 grupos registrados, em mais de 100 países, realizando quase 31.000 reuniões, chegando 10 anos depois, em maio de 2012, à marca de 61.800 reuniões semanais em 129 países (NARCOTICS ANONYMOUS, 2015).

O crescimento de NA ocorreu pela incorporação de esforços locais, de grupos de ajuda mútua para tratamento da drogadição que já existiam em vários países como, por exemplo, Drogas Anônimas, da Irlanda; Adictos a Drogas Anônimos, do Peru; e do movimento iniciado na Polônia pelo padre Marian, um sacerdote alcoólatra que tentava recuperar dependentes químicos através do contrabando de literatura do AA. Foi um comportamento diferente do ocorrido com os grupos do AA que cresceu através da divulgação de seu programa pelo mundo (NARCOTICS ANONYMOUS, 2000, p. 3-7).

3.4 Narcóticos Anônimos no Brasil

Há um conflito de informações acerca do início de NA no Brasil, em que alguns afirmam que teria se iniciado em 1976, outros dizem que foi em 1978. Mas, segundo Cardoso (2000, p. 34), a verdade é que nos anos 1970 existia uma associação conhecida como Dependentes Químicos Anônimos (DQA) atuando nos mesmos moldes do que ocorria nos Estados Unidos, sofrendo também o forte preconceito social trazido pelas drogas, forçando o DQA a assumir um caráter

clandestino, conforme lembrou uma integrante de NA chamada Dora S., que teve esta história contada na revista *The NA Way Magazine*.

Um dos nossos companheiros mais antigos, o Joaquim, contou-nos como no começo se pedia aos membros que entregassem suas armas e facas no início da reunião, para que ninguém se ferisse ou acontecesse coisa pior durante as brigas que frequentemente ocorriam durante as reuniões de recuperação. As primeiras reuniões eram realizadas secretamente. Quando uma estava programada, um companheiro ia pela cidade de caminhão, apanhando todos os outros membros pelo caminho (NARCOTICS ANONYMOUS, 2000, p. 7).

Ainda segundo Cardoso (2000, p. 35), os grupos de DQA eram encontrados no eixo Rio-São Paulo, mas, em 1983, eles foram introduzidos no Rio Grande do Sul por um médico que atendia gratuitamente alcoólatras e adictos em Porto Alegre, daí espalhando-se para outros estados.

A literatura de recuperação utilizada neste período era composta por traduções não autorizadas da literatura do NA.

Essas traduções, via de regra, eram feitas por médicos, psicólogos e familiares de adictos. Parte desses textos, mais do que simples traduções, eram escritos pelos próprios médicos envolvidos com os primeiros grupos de DQA (CARDOSO, 2000, p. 35).

Alguns problemas começaram a ser identificados. Um deles era a falta de uma maior uniformização do DQA, já que o isolamento entre os grupos fazia com que cada um seguisse um caminho independente.

Outro problema era a necessidade de “maior independência em relação à atuação de médicos e familiares”, culminando em meados de 1985 na fusão destes grupos de DQA em torno da nova sigla, TA para Toxicômanos Anônimos (CARDOSO, 2000, p. 35).

De 1986 a 1990, foi um longo percurso de mudança de TA até o nascimento de NA no Brasil. Nesse início de TA, foi convocada uma prévia de convenção reunindo adictos em recuperação do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, quando foi dado início a um longo processo de adesão do TA à irmandade mundial de NA.

Em 1989, ocorreu uma visita de membros do *Narcotics Anonymous World Services* ao Brasil que foi crucial para isso, uma vez que ajudaram os membros

do TA a organizar melhor a entidade e a prepará-la para o definitivo ingresso no NA.

Isso ocorreu no ano seguinte (1990) na 1ª Convenção Brasileira de Narcóticos Anônimos (Figura 07) em Campinas-SP nos dias 2, 3 e 4 de novembro: “os grupos brasileiros de Toxicômanos Anônimos finalmente se uniram aos Narcóticos Anônimos” (CARDOSO, 2000, p. 35).



Figura 07. Convenção de NA. Material contendo textos de estudo e propostas de mudança de Toxicômanos Anônimos (TA) para Narcóticos Anônimos (NA). Foto: cedida por um membro de NA

A partir de então, o crescimento da associação no Brasil foi realmente espantoso. No início dos anos 2000 o Brasil pertencia a uma única Região (a Região Brasil de NA), que contabilizava mais de 1200 encontros semanais, o que colocava o país em terceiro lugar número de reuniões, perdendo apenas para os Estados Unidos e Canadá.

No artigo Crescendo juntos no Brasil, Dora S. afirmou que, no ano 2000, a Região Brasil de NA contabilizou 1.200 reuniões semanais, o que tornaria nosso país o segundo do mundo, ao lado do Canadá, em número de reuniões. No mesmo ano, teriam sido distribuídas 18.000 fichas brancas, o que significa, descontando o retorno de membros recaídos, um considerável ingresso de novos membros (NARCOTICS ANONYMOUS, 2000, p. 7).

3.4.1 Estrutura política-administrativa de NA

A estrutura política de NA é de serviço, não de governo. Esta é a definição que consta nos Doze Conceitos de NA (ANEXO C), documento fundamental para a execução dos serviços necessários ao cumprimento do “propósito primordial da

irmandade”, definida na 5ª Tradição (ANEXO B), como sendo: **“Cada grupo tem apenas um único propósito primordial - levar a mensagem ao adicto que ainda sofre”**.

Respeitando-se todas as outras Tradições de NA, os membros decidem o que o grupo deve fazer e este atua nos destinos da Área (Comitê de Serviço de Área, CSA), que por sua vez age na Região (Comitê de Serviço de Região, CSR), por fim, atuando no Serviço Mundial de NA (*Narcotics Anonymous World Service, NAWS*). Estruturalmente os grupos de NA têm uma forma de pirâmide invertida. A finalidade de existência da estrutura é servir ao membro de NA (Figura 08).

Quando pelo menos três grupos de NA resolvem se juntar, podem formar uma nova Área (um novo CSA). Os 51 grupos de NA distribuídos na Bahia formam três Áreas: CSA Base, CSA Litoral Norte e CSA SOS. Cada área tem uma composição é semelhante ao Comitê de Serviço da Região (CSR).

Narcotics Anonymous World Services têm uma estrutura semelhante ao das regiões: uma mesa diretora; diversos subcomitês de serviços e Representantes de Serviços das Regiões (RS); e o *World Service Office*. A cada dois anos, uma *World Service Conference* é convocada para escolher os membros dos *Narcotics Anonymous World Services* e tratar de assuntos diversos referentes aos Narcóticos Anônimos como um todo (CARDOSO, 2006, p. 47)

3.4.2 Encargos e Atribuições em Narcóticos Anônimos

Cada membro pode prestar serviço à NA de duas formas, ambas voluntárias. A primeira maneira de servir é de maneira informal, ou seja, ajudando a executar os serviços que são necessários dentro de uma reunião como servir o café, coletar os copos usados, dar informação aos visitantes, ajudar na arrumação das cadeiras etc. A outra maneira é de maneira formal, precisando ser eleito em um dos diversos níveis de serviço. O nome de qualquer serviço formal na irmandade é encargo. Este servidor passa a fazer parte da estrutura de serviço em Narcóticos Anônimos.

A estrutura de SERVIÇO em NA é distribuída da seguinte:

- ACS – Associação para Comitês de Serviço
- CSA – Comitê de Serviço de Área (no popular - Área)
- CSR – Comitê de Serviço Regional (no popular - Região)

- GT – Grupo de Trabalho (Workshop)
- H&I – Hospitais e Instituições (Sub-Comitê)
- IP – Informação ao Público (Sub-Comitê)
- LA – Longo Alcance (Sub-Comitê)
- LDA – Linha de Ajuda (Sub-Comitê)
- NAWS – Narcotics Anonymous World Service (Serviço Mundial de Narcóticos Anônimos)
- WSO – World Service Office (Escritório Mundial de Serviço – Órgão Jurídico)

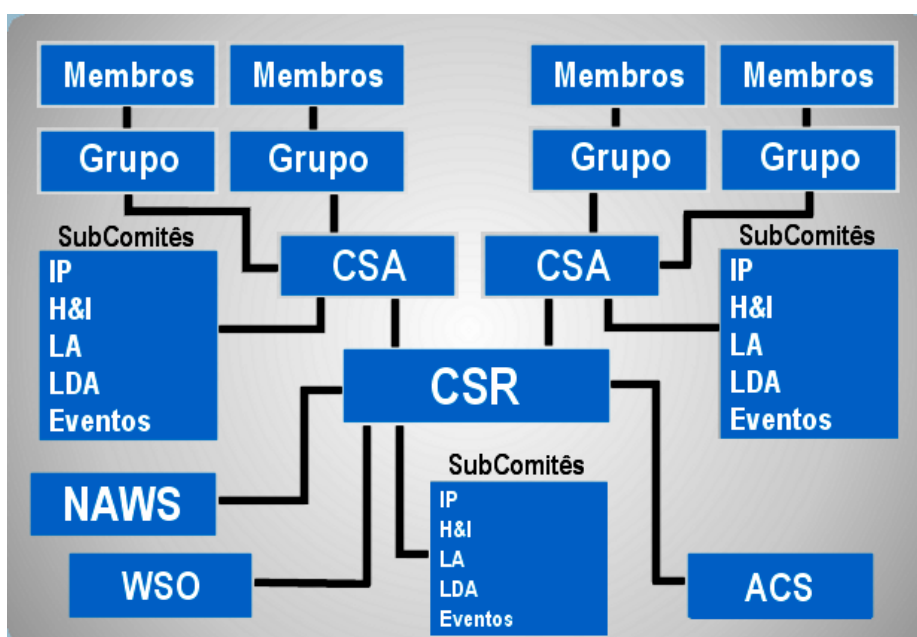


Figura 08. Estrutura de serviço em NA. Fonte: <http://www.csa-saopaulo.org/estrutura-de-servico.php>

Os encargos em NA são:

- DR/RSR – Delegado Regional/Representantes de Serviços das Regiões (CSR)
- MCR – Membro do Comitê Regional
- RSA – Representante de Serviço de Área
- RSG – Representante de Serviço de Grupo (GRUPO)

As funções dos encargos são de fundamental importância para o funcionamento dos diversos níveis da estrutura de NA. Desta forma, nos Grupos têm-se o RSG, RSG Suplente, Tesoureiro, Secretário, Coordenador de Reunião.

No CSA (Área) encontra-se o Coordenador, Vice-coordenador, Secretário, Tesoureiro, MCR, MCR Suplente, Coordenadores dos Sub-Comitês.

Na CSR (Região) encontra-se o Coordenador, Secretário, Tesoureiro, DR, DR Suplente, Coordenadores dos Sub-Comitês.

As funções desenvolvidas pelos RSG, RSA, MCR, DR e Suplentes funcionam como os elos entre as estruturas, ficam encarregados de levar e trazer as informações dentro de NA.

Os Coordenadores e Vice Coordenadores zelam pela ordem nas reuniões, mantêm as estruturas ao qual ele presta serviço, informando do andamento dos trabalhos, agregando os membros ao serviço.

Os Tesoueiros são os responsáveis pelo dinheiro da estrutura, tendo de apresentar relatórios periódicos.

Por fim, os Secretários fazem as atas mensais dos serviços, mantêm arquivos organizados e atualizados, preparam o ambiente para que ocorram as reuniões, encarregando-se da limpeza, organização da literatura etc.

Todas as funções destes encargos são desenvolvidas como atividades não-remuneradas, o que implica em trabalho voluntário.

3.4.3 Panorama de Narcóticos Anônimos no Brasil

Quando verificamos a quantidade de grupos de NA por estado (Gráfico 01), a Bahia tem 2,8% do total dos grupos, para uma população que representa de 7,5% dos brasileiros.

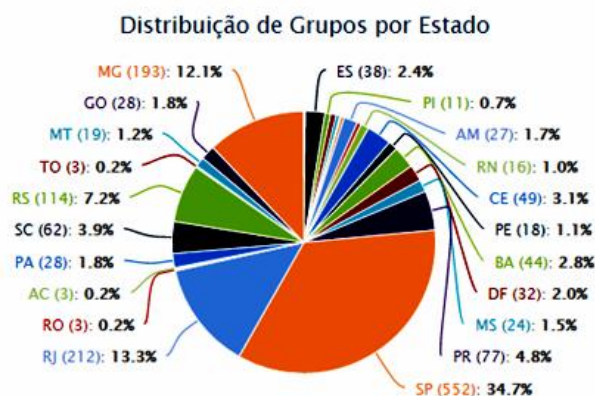


Gráfico 01. Distribuição de grupos de NA por Estado. Fonte: <http://www.na.org.br/relatorio>. Acessado em 23 de outubro de 2016.

Os estados com mais representatividade de grupos de NA são, por ordem: São Paulo (34,7%), Rio de Janeiro (13,3%) e Minas Gerais (12,1%).

A distribuição da quantidade de reuniões semanais por estado (Gráfico 02) segue a mesma proporção da distribuição de grupos por estado. A Bahia tem 2,1% das reuniões do Brasil. Na frente estão estados como São Paulo (39,6%), Rio de Janeiro (17,4%), e Minas Gerais (9,9%).

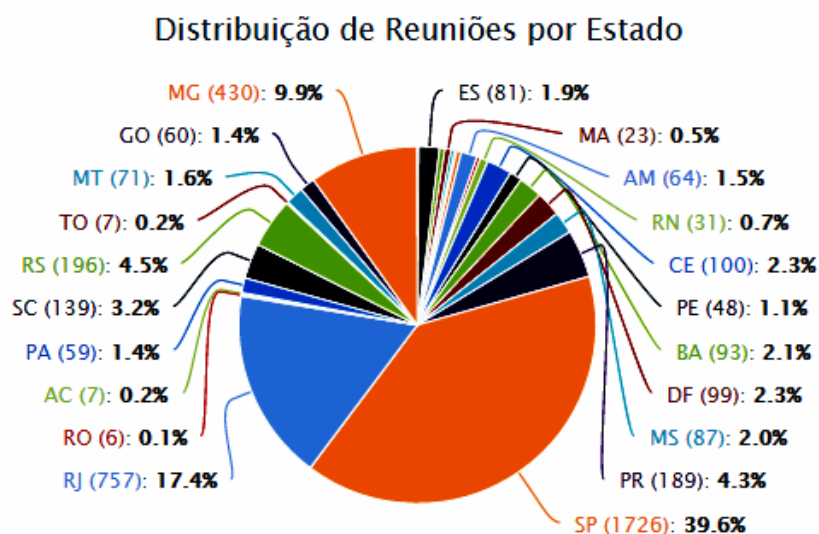


Gráfico 02. Distribuição das reuniões de NA por Estado. Fonte: <http://www.na.org.br/relatorio>. Acessado em 23 de outubro de 2016.

O crescimento de NA nestes três estados (SP, RJ e MG), chegando a estas proporções em relação aos demais, pode ser explicado considerando que lá foram os locais dos primeiros grupos.

No Brasil, o primeiro grupo de NA foi fundado no ano de 1985, sendo que desde 1976 já existiam grupos semelhantes, que utilizavam a literatura de Narcóticos Anônimos em suas reuniões. No ano de 1990 os grupos brasileiros se unem à “irmandade mundial” de NA, registrando-se junto ao WSO (LOECK, 2009, p. 80).

No território brasileiro é possível encontrar 9 Comitês de Serviço Regionais (CSR) com quantidade de reuniões semanais e de grupos ilustrados no Quadro 08. Dentro destes 9 CSR encontram-se 135 Comitês de Serviço de Área (CSA) que mantêm 4356 reuniões semanais em 1591 grupos de NA. Os CSA da Bahia (CSA Base, CSA Litoral Norte e CSA SOS) estão abrigados no CSR Brasil (Gráfico 03),

o mais antigo ao qual estão CSA de vários estados, possuindo 11,6% dos grupos do país.

Quadro 08. Comitês de Serviço Regionais (CSR) no Brasil.

Nome do CSR	Nº de reuniões	Nº de grupos
Brasil	426	184
Brasil Central	236	85
Brasil Sul	395	181
Grande São Paulo	902	257
HOW Brasil	984	347
Nordeste	270	126
Rio de Janeiro	750	210
Rio Grande do Sul	128	72
Minas	129	265

Fonte: <http://www.na.org.br/relatorio>. Acessado em 23 de outubro de 2016.

A quantidade de grupos de NA ligados aos CSA da Bahia representam 24% do total da CSR-Brasil, e o CSA Base que estamos estudando, 15,2%. Somente em relação aos CSA da Bahia, os grupos do CSA Base representam 62,2%.



Gráfico 03. Distribuição de grupos por CSA no CSR - Brasil. Fonte: <http://www.na.org.br/relatorio>. Acessado em 23 de outubro de 2016.

Quando se trata de número de reuniões semanais, todos os grupos da Bahia representam na CSR-Brasil 15,2%. Destas, as reuniões do CSA-Base representam 6,3%, conforme Gráfico 04.



Gráfico 04. Distribuição de reuniões por CSA no CSR - Brasil. Fonte: <http://www.na.org.br/relatorio>. Acessado em 23 de outubro de 2016.

A síntese dos dados ilustrados anteriormente é mostrada no Quadro 09.

Quadro 09. Comitês de Serviço de Área (CSA) no estado da Bahia.

CSA	Nº de reuniões	Nº de grupos
Base	51	28
Litoral Norte	1	1
SOS	42	16
TOTAL	94	45

Fonte: <http://www.na.org.br/relatorio> Acessado em 23 de outubro de 2016.

números podem sofrer alterações considerando que existe um constante movimento de divulgação, aliada a necessidade de abertura de novos grupos.

3.5 Narcóticos Anônimos na Bahia – uma cronologia

Fazendo um resgate das origens dos grupos de NA no estado da Bahia, pode-se dizer que o primeiro grupo que se estabeleceu no Brasil foi no Rio de Janeiro em 1985 e usava o nome de Toxicômanos Anônimos (TA). Segundo relatos informais obtidos em contato com os membros de NA nas reuniões de grupo e nas entrevistas, na Bahia esses grupos chegaram em 1987, com a fundação do Grupo Pioneiro de NA que funcionava em uma das salas da Igreja de Santana, localizada atrás do Fórum Rui Barbosa, em Salvador, ainda como um grupo informal.

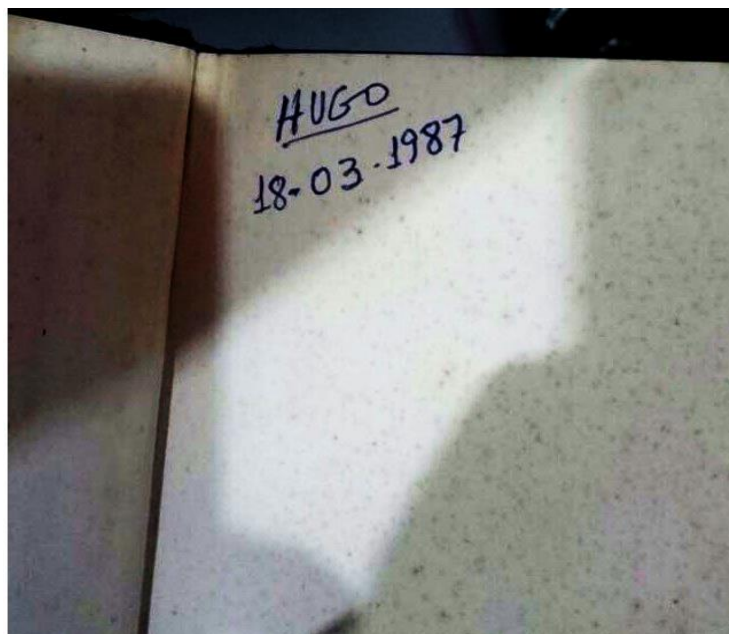


Figura 09. Data do nascimento de NA Bahia escrita em um livro Texto Básico de NA. Foto: cedida por um membro de NA

Esses relatos se confirmam também por alguns registros. Pois, o marco de chegada de Narcóticos Anônimos na Bahia está registrado na contracapa do livro Texto Básico (Figura 09) de um dos membros pioneiros que participou da reunião: 18 de março de 1987. Ainda conforme relatos dos membros de NA, com dados confirmados por registros formais, pouco mais de um ano depois foi fundado formalmente o Grupo Bahia de NA em 05 de abril de 1988 (Figura 10), o primeiro grupo formal de NA de Salvador.

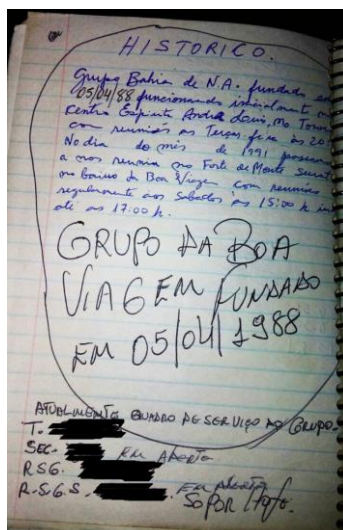


Figura 10. Primeiro grupo fundado em Salvador-BA. Foto: cedida por um membro de NA

Prosseguindo os relatos históricos feitos pelos membros de NA, esse primeiro grupo formal foi seguido pelo Grupo Graça de NA, fundado em 06 de março de 1990, permanecendo no mesmo endereço até hoje - salão paroquial da Igreja da Graça no bairro de mesmo nome.

Na Convenção de 1990 em Campinas-SP dois representantes da Bahia estiveram presentes. Foi a oportunidade do Brasil uniu-se à irmandade mundial passando a adotar a atual nomenclatura de NA (Figura 07).

[...] foi eleita a “mesa coordenadora da região” [...] Houve ampla discussão sobre a mudança das terminologias, TA e toxicômano para NA e adicto. Contudo, a efetivação e adoção dos novos termos, somente ocorreu após a consulta e manifestação de todos os grupos, o que no nosso caso, se deu, realmente, através de uma carta (membro NA001 com 26 anos de recuperação, entrevista coletada em 2016).

Segundo o que foi observado e conforme as entrevistas, pode-se dizer que é bem verdade que no início houve alguma confusão devido a adoção de termos novos, importados.

Embora naquele período, todos já soubessem o que era ser um “toxicômano”, conforme a terminologia da época (até a Polícia Civil tinha uma unidade especializada chamada de Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes):

[...] o velho e querido companheiro que informou a todos que não éramos mais toxicomaniacos anônimos e sim, agora Adictos. Juro que nem sabia que palavra era essa! Sei que foi bem melhor

(membro NA131 com 26 anos de recuperação, entrevista coletada em 2016).

Ainda segundo as entrevistas e os registros apresentados pelos membros de NA, o Grupo Paranhos (Figura 11).

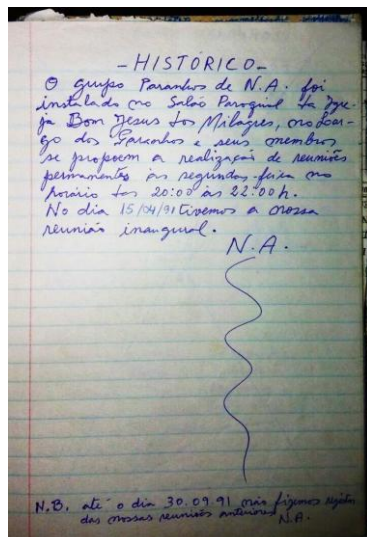


Figura 11. Grupo Paranhos de NA da Bahia. Foto: cedida por um membro de NA

Inaugurado em 30 de setembro de 1991, o grupo Paranhos funcionou no Salão Paroquial da Igreja Bom Jesus dos Milagres no Largo dos Paranhos com reuniões semanais de duas horas de duração, as 20h às 22h sempre às segundas-feiras.

Prosseguindo os relatos e a coleta de registros, o grupo Vida Livre nasceu em 01 de abril de 1992, na mesma data de fundação do CSA-Bahia (Figura 12).

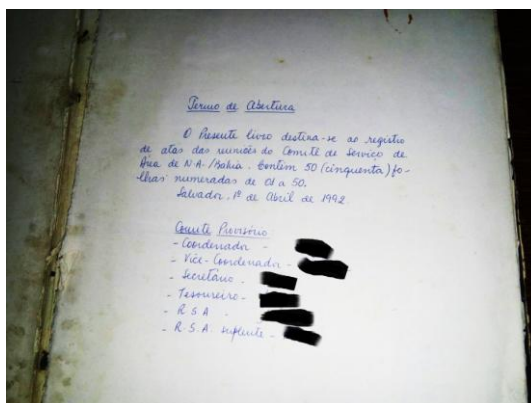


Figura 12. Fundação do Comitê de Serviço de Área-Bahia com sede em Salvador. Foto: cedida por um membro de NA

Essas foram as informações históricas basilares dos grupos de NA na Bahia. Observou-se que, do final dos anos 1980, quando nasceu o primeiro grupo de NA

(Quadro 10), até 2016, houve a abertura e fechamento de inúmeros outros grupos.

Quadro 10. Data de fundação dos primeiros grupos em Salvador.

EVENTO	DATA
Chegada de NA ao Brasil (via RJ)	Janeiro/1985
Chegada de NA a Bahia	18/03/1987
Gr. Bahia / Boa Viagem	05/04/1988
Gr. Graça	06/03/1990
Gr. Paranhos	30/09/1991
CSA-BASE	01/04/1992
Gr. Vida Livre	01/04/1992
Gr. Rio Vermelho	jun/1996
Gr. Itapuã	out/1996

Fonte: o autor (2016)

Dados oficiais de NA indicam que permanecem abertos atualmente 45 grupos com 96 reuniões semanais na Bahia. Destes, 28 estão em Salvador com 51 reuniões semanais¹¹.

Um dado marcante da cultura de NA é o incentivo ao prosseguimento da recuperação do adicto. Isso fica evidenciado quando se toma conhecimento do fato de que as marcas das conquistas de tempo limpo eram celebradas com uma medalha colorida (Figura 13), cada cor para um intervalo de tempo.



Figura 13. Primeiras medalhas para celebração de conquistas de tempo limpo trazidas por membro após visita aos EUA. Foto: cedida por um membro de NA

¹¹ Dados estatísticos extraídos de <http://na.org.br/relatorio>. Acessado em 23 de outubro de 2016.

As primeiras medalhas usadas na Bahia eram importadas dos EUA por membros que viajavam e aproveitavam para trazer na bagagem estes itens, além de souvenirs e da literatura, que naquela época era toda em inglês.

Atualmente as medalhas foram substituídas por chaveiros. O código de cores dos chaveiros atuais para celebração das conquistas de tempo limpo segue o padrão das medalhas originais (Figura 14).



Figura 14. Chaveiros atuais (frente e verso) para celebração de conquistas de tempo limpo. Fonte: <http://lojavirtual.acsna.org.br/fichas-e-chaveiros>

Em cada grupo de NA observa-se que há disponível, além destes itens, uma variedade de livros e folhetos, canecas, medalhas metálicas, anéis, colares etc., e estas medalhas coloridas: Branca, presente de ingresso; Laranja, para 30 dias; Verde, para 60 dias; Vermelha, para 90 dias; Azul, para seis meses; Amarela, para nove meses; Fosforescente, para um ano; Cinza, para dezoito meses e Preta, para múltiplos anos. Tudo disponível para o membro de NA se sentir fazendo parte desta comunidade e assimilando sua cultura.

3.5.1 Panorama de NA em Salvador

Antes de apresentar os dados do perfil sócio-demográfico dos 123 membros de NA que responderam o questionário aplicado nesta tese, são apresentados dados documentais que contribuem para a compreensão do contexto em que estes membros de NA vivem.

A partir do relatório do Segundo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas realizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP),

publicado em 2014, pode-se identificar a abrangência do uso de drogas no país (Tabela 02).

Quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, foi estimado que 50% da população brasileira (acima de 14 anos) faça uso, ou seja, 74 milhões de pessoas. Além disso, ocorreu o crescimento da população que experimentou álcool mais cedo.

Entre os brasileiros adultos em 2006, 13% tinham experimentado bebidas alcoólicas com menos de 15 anos. Em 2012, 22% declarou ter experimentado com menos de 15 anos (LARANJEIRA, 2014 p. 37).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), o abuso de bebidas alcoólicas está em 3,25% dos homens e 0,62% das mulheres, e a dependência alcoólica atinge 10,48% dos homens e 3,63% das mulheres (LARANJEIRA, 2014 p. 41).

Tabela 02. Prevalência de uso de substâncias ilícitas no Brasil ao longo da vida e nos últimos 12 meses. Adaptado de Laranjeira (2014, p. 56-57)

Prevalência de uso no Brasil				
Substância	Adultos (18 anos ou mais)		Adolesc. (14 a 17 anos)	
	Na vida	< 12 meses	Na vida	< 12 meses
Maconha	7,8 milhões	3 milhões	597 mil	478 mil
Cocaína	5 milhões	2 milhões	322 mil	225 mil
Tranquilizante	12,9 milhões	8 milhões	350 mil	198 mil
Estimulante	3,6 milhões	1,5 milhões	182 mil	126 mil
Crack	1,7 milhões	800 mil	112 mil	14 mil

Quando se trata de substâncias ilícitas, a maconha é a que tem maior prevalência de uso na população brasileira. Do total da população adulta 5,8% e 4,3% da adolescente já usaram maconha pelo menos uma vez na vida. Analisando o uso nos últimos 12 meses, 2,5% dos brasileiros adultos e 3,4% dos adolescentes declaram ter usado em todo país (LARANJEIRA, 2014, p. 56)

Nesta tese, foi constatado que a cidade de Salvador conta com 28 grupos de NA distribuídos por diversos bairros, tipicamente próximos à orla marítima. No

levantamento¹² de dados desta tese, foi traçado o perfil sócio-demográfico dos 123 participantes diretos da pesquisa, de um total de 286 pessoas que frequentam os grupos de NA em Salvador em 2015 e 2016. Os 123 participantes responderam ao questionário da pesquisa. Esses respondentes equivalem a 41% da estimativa inicial, isso representa uma confiança de 85% com um erro de 5%.

Entre os respondentes foi encontrado que 80% são homens, há predomínio de pessoas com idades entre 31 e 50 anos (69%), 18% estão abaixo dos 30 anos e 13% acima de 50 anos. Destaca-se o fato de que nos grupos de NA são observadas poucas mulheres, embora segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, citado por Laranjeira (2014) o percentual de mulheres que abusam de bebidas alcoólicas é de 19% em relação ao de homens, e o percentual de mulheres que têm dependência alcoólica é cerca de 35% em relação ao de homens. Embora se tratem de dados apenas em relação ao álcool, tais dados sinalizam que o percentual de mulheres que procuram grupos de NA, em relação ao de homens, deve ser menor do que o percentual de mulheres que têm problemas com drogas em relação ao percentual de homens. Os motivos para explicar a baixa procura de mulheres pelos grupos de NA não são o foco desta tese.

Como já foi dito, o foco dos grupos de NA é especificamente a recuperação do adicto, não importando outros aspectos da vida dos seus membros. No que se refere à religião, o respeito às opções de cada um é verificado também porque esses respondentes estão filiados a diversas religiões: Católicos (43%), Espíritas/Espiritualistas (26%), Cristão-Evangélicos (14%), Umbandistas (2%), Messiânicos (1%), Protestantes (0%) e 9% não declararam qualquer religião.

A composição plural dos grupos de NA, ilustrada pelos 123 respondentes ao questionário, pode ser verificada pelo fato de que as classes sociais desses respondentes, tomando como referência a análise das informações segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil - Critério Brasil, da ABEP (2014), estão distribuídas em 44% da classe A, 40% da B, 14% da C e 2% da D. A etnia predominante é de brancos (48%), seguidos por pardos (31%), pretos (14%),

¹² Aprovado pelo Parecer nº: 1.309.307 de 04 de Novembro de 2015 do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA

indígenas (4%) e amarelos (2%) o que revela uma discrepância em relação a distribuição na cidade, majoritariamente constituída por mais de 80% de afrodescendentes.

Preocupante também é a situação da população das classes C, D e E que não estão tendo acesso a NA uma vez que não se fazem representar de forma relevante neste levantamento demográfico. A distribuição geográfica dos grupos na cidade de Salvador contempla algumas regiões populares na orla marítima, tipicamente habitada pela elite econômica. Ocorre que o maior contingente populacional tem poder aquisitivo mais baixo e está longe desta orla onde estão instalados os grupos de NA em destaque na Figura 15 construída a partir dos endereços da Lista de Grupos fornecida periodicamente pelo CSA-Base (ANEXO D).

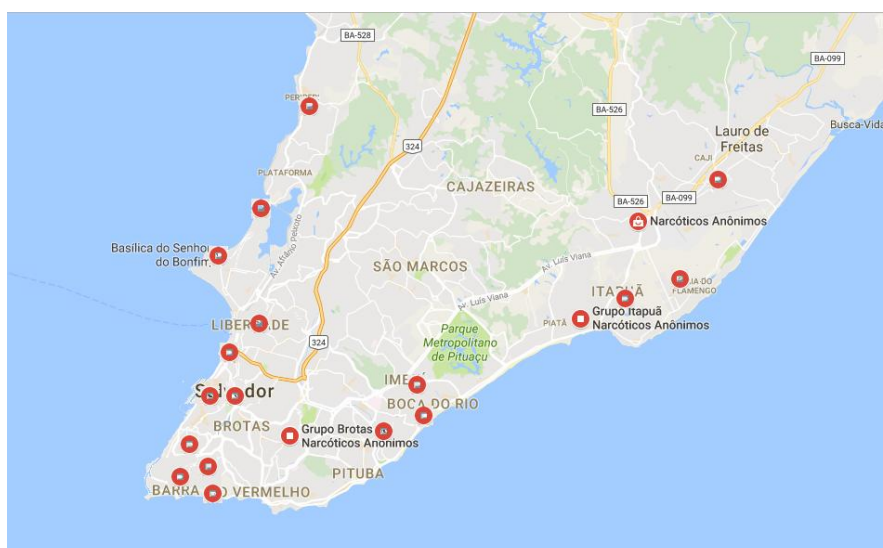


Figura 15. Localização de 20 grupos de NA em Salvador. Fonte: o autor (2016)

A formação educacional é variada. Alguns concluíram ou estão concluindo o Ensino Fundamental (15%). A maioria tem o Ensino Médio completo (38%), seguido de Ensino Superior (33%). Os que chegaram a Especialização (10%), Mestrado (2%) e Doutorado (2%) são em quantidade bem menor. Observa-se que muitas etapas da vida ficam inconclusas com o uso de drogas. Sonhos ficam pelo caminho, projetos iniciados permanecem inacabados. Segundo o que se observou e conforme os relatos escutados durante as reuniões de NA, a maioria

destes que alcançaram níveis mais altos de educação o fizeram depois do processo de recuperação em NA.

As primeiras experiências com usos de drogas, geralmente álcool, se deram em média aos 14 anos, o que confirma os dados do relatório do II LENAD (LARANJEIRA, 2014). No grupo de respondentes a menor idade relatada de início de uso de drogas foi de sete anos, e o início mais tardio ocorreu aos trinta anos (Gráfico 05). Isso é um dado alarmante que é do conhecimento do poder público através do citado relatório, mas pouca ação preventiva é implementada, principalmente nas escolas ou junto às famílias.

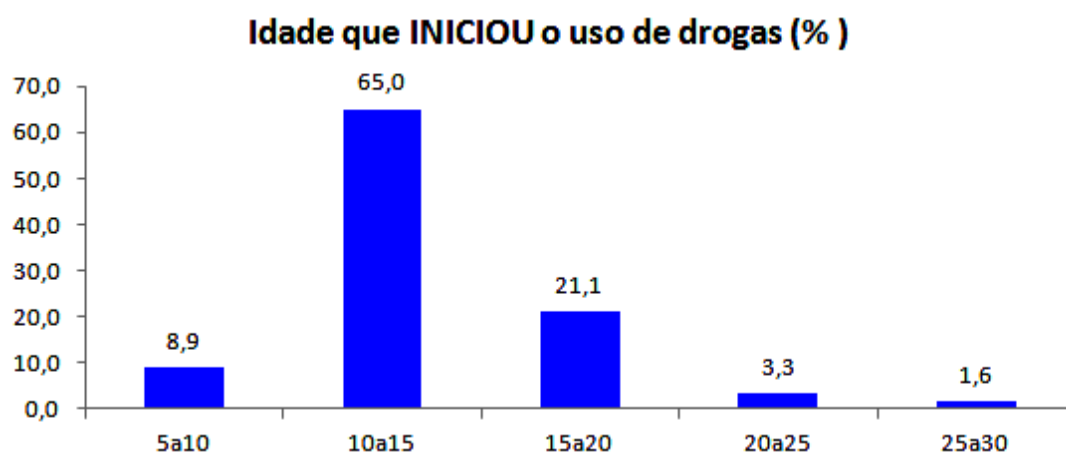


Gráfico 05. Faixa de idade que ocorreu o início de uso de drogas.

Existe uma correlação entre drogas e classes socioeconômicas. Segundo este levantamento o uso de um tipo de droga predomina em relação a outros, estando assim distribuídas: A preferência da classe A foi por Alucinógenos, Tranquilizantes, Opióides, Medicamentos sem receita médica e Metadona (Gráfico 06).

Esta também foi usada pela classe B. Todos das classes C e D usaram o álcool mais do que as outras classes socioeconômicas. Além disso a classe C também usou maconha, cocaína e crack e, por fim, a classe D também prefere estimulantes, ecstasy e inalantes. As drogas mais usadas pelos membros antes de ingressarem em NA estão elencadas no Gráfico 06.

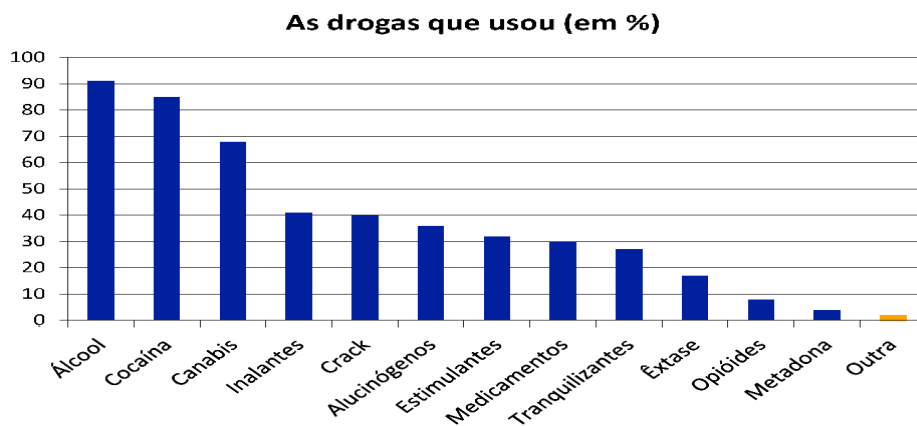


Gráfico 06. Drogas usadas pelos membros antes de ingressar em NA. Dados obtidos a partir de múltiplas respostas.

Segundo os relatos escutados nas reuniões de NA, quando um adicto entra o contato com outros membros de NA, pode surgir o desejo de mudar a trajetória da própria vida. Assim para alguns adictos, constatou-se que, depois de alguns anos de uso de drogas, ele chegou a um “fundo de poço”, e daí veio a decisão de parar de usar. Os dados coletados indicam que, para os 123 respondentes, esta decisão ocorreu em média aos 34 anos, ou seja, uma média de 20 anos de drogadição. A idade mínima de para início da recuperação foi de 17 anos e a máxima de 67 anos (Gráfico 07).

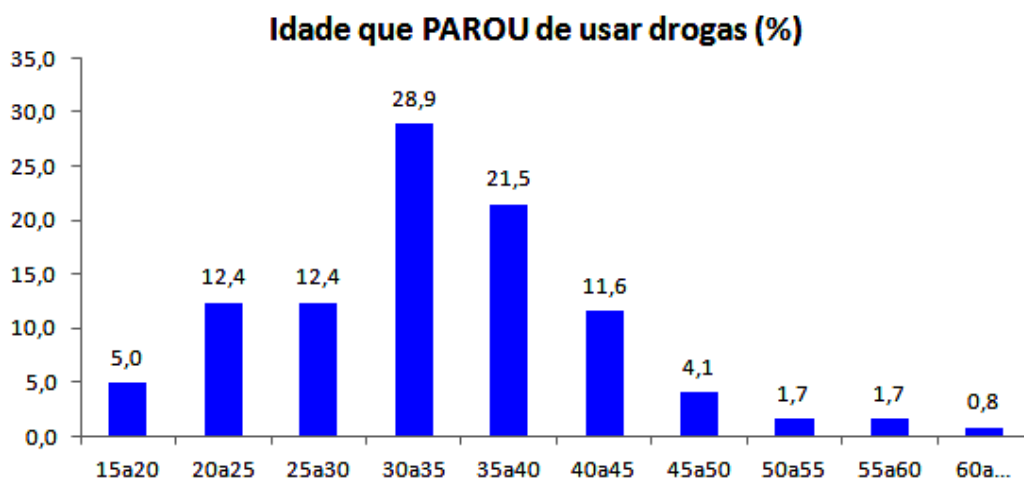


Gráfico 07. Idade que ocorreu a interrupção do uso de drogas.

Com base nas observações, foi possível verificar que a participação nas reuniões, a escuta e a partilha de experiências põe em curso um processo de

aprendizagem contínua e circular, uma espécie de tecnologia social voluntária, que atrai a chegada de novos membros. Isso permite fazer o sistema crescer e se sustentar através da constatação de que o programa de Narcóticos Anônimos é viável. Isso também foi constatado por outros pesquisadores:

A eficácia do seu “programa de recuperação” é auto-evidente, por assim dizer, pois se um participante conseguir passar 24 horas sem consumir qualquer substância psicoativa já será considerado vitorioso. O único requisito para que o programa seja eficaz é uma alta carga de comprometimento individual [...] em seguir o “programa de recuperação” de Narcóticos Anônimos [...] que ele acredite na eficácia do programa, porque no fim das contas depende apenas dele para funcionar [...] acima de tudo, funciona (LOECK, 2009, p. 145).

Outro aspecto que merece destaque é que, se o programa de NA não funcionasse, seria muito difícil, se não impossível, encontrar membros com mais de 25 anos de recuperação com abstinência contínua.

O questionário sociodemográfico utilizado não foi respondido por nenhum membro de NA com mais de 25 anos de recuperação (Gráfico 08), mas foi possível identificá-los através dos relatos de outros membros.

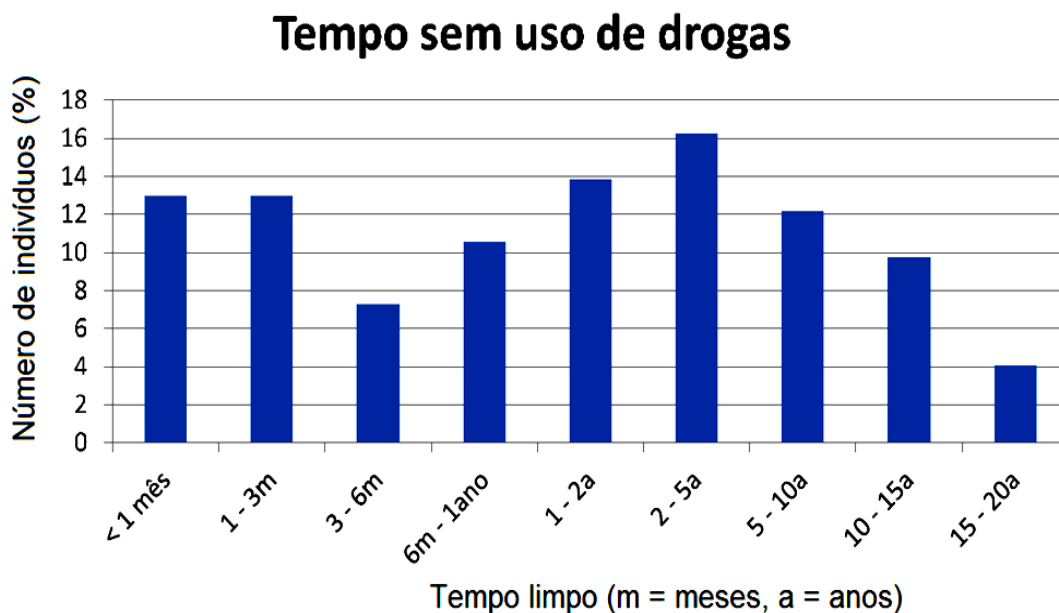


Gráfico 08. Tempo de abstinência contínua de drogas (sem recaídas) entre os membros de NA de Salvador - Bahia.

Quando perguntado quem havia exercido maior influência para que o respondente participasse da primeira reunião de NA, as respostas obtidas evidenciam que em

primeiro lugar estão outros membros de NA, seguida por informações obtidas em clínicas de tratamento ou em psicoterapias, obtidas por pessoas da família etc. (Gráfico 09).

Em uma perspectiva de redes sociais observa-se que desta forma estabelece-se novos vértices e arestas, ou seja, relações entre membros atuais e futuros. Verificou-se também que o Sistema Único de Saúde (SUS) e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) contribuem com apenas 1% dos encaminhamentos. Será que os membros de NA têm levado a mensagem a estes profissionais e órgãos do Estado?

Outra constatação importante foi sobre o fato de cerca de 60% dos membros terem passado por algum tipo de internamento (Hospital, Clínica psiquiátrica, Comunidade terapêutica, Comunidade religiosa ou SUS/CAPS) antes de ingressar em NA. Como eram permitidas múltiplas respostas, a maioria passou por clínica que trabalha com os Doze Passos, seguida por Hospitais Psiquiátricos, Comunidades Terapêuticas ou Religiosas.



Gráfico 09. Quem mais influenciou para adesão a NA

Alguns respondentes tiveram internamento devido a acidentes diversos ou mesmo devido a overdose (Gráfico 10).

Os 40% restantes, que não passaram por internamentos, adotaram as salas e eventos de NA como único recurso terapêutico.

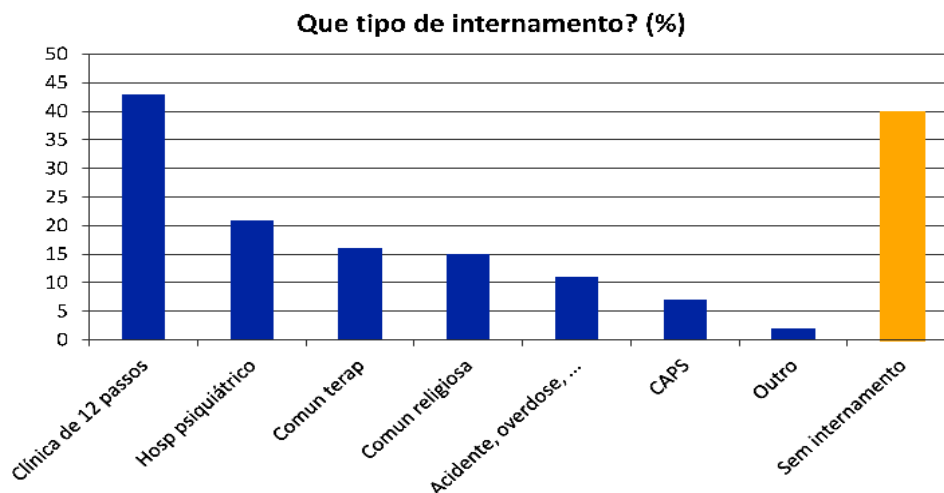


Gráfico 10. Tipo de internamento antes de ingressar em NA

A partir dos relatos escutados nas reuniões de NA, foi possível verificar que, antes de chegar em Narcóticos Anônimos existia uma grande queixa em relação às relações familiares e profissionais dos adictos, além da dificuldade de se relacionar com intimidade e confiança com outras pessoas.

Além disso, as dificuldades financeiras comprometiam o auto-sustento, bem como o sustento da família (Gráfico 11).

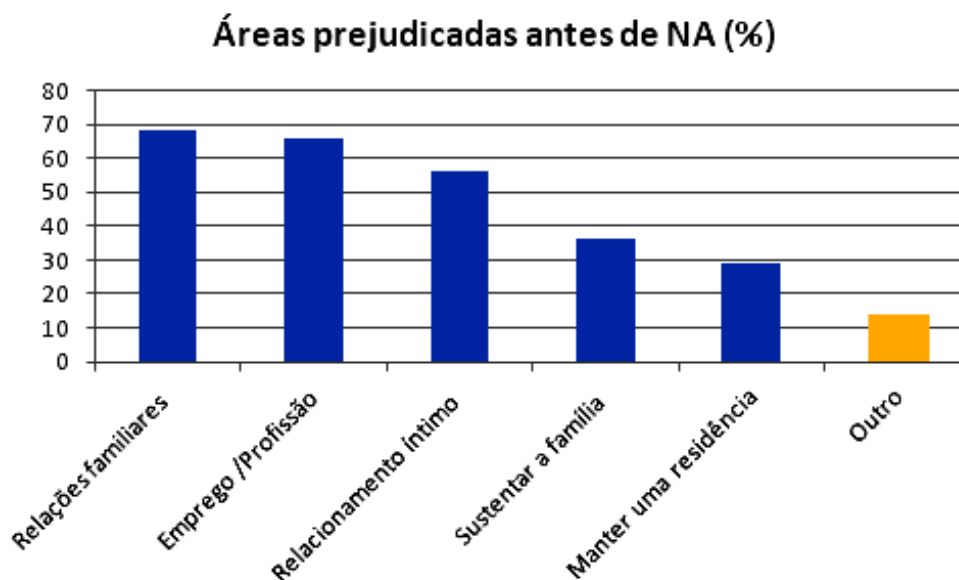


Gráfico 11. Áreas da vida comprometidas pelo uso de drogas antes de ingressar em NA

Para os 123 respondentes, no período de 2015 e 2016, duas áreas foram apontadas como as que mais apresentaram melhoria para esses membros de NA. 83% dos respondentes declararam melhoria no relacionamento familiar, e 76% indicaram melhoria nas relações sociais (Gráfico 12).

A partir do Gráfico 12, pode-se ver que outras áreas importantes também tiveram melhoria. Recuperação em NA ajudou os respondentes a reparar os danos em suas vidas da dependência de drogas. Vale destacar que o modelo de gestão usado por Narcóticos Anônimos tem permitido o crescimento do número de salas que abrigam as reuniões de recuperação ao longo de quase trinta anos na Bahia.

Como uma síntese desta seção, pode-se dizer que, por meio das observações e principalmente pelas respostas ao questionário, foi possível constatar que o início do uso de drogas dentre os 123 membros de NA que participaram da pesquisa se dá por volta dos 10 a 15 anos de idade com intervalo médio de vinte anos de uso, antes de buscar ajuda.

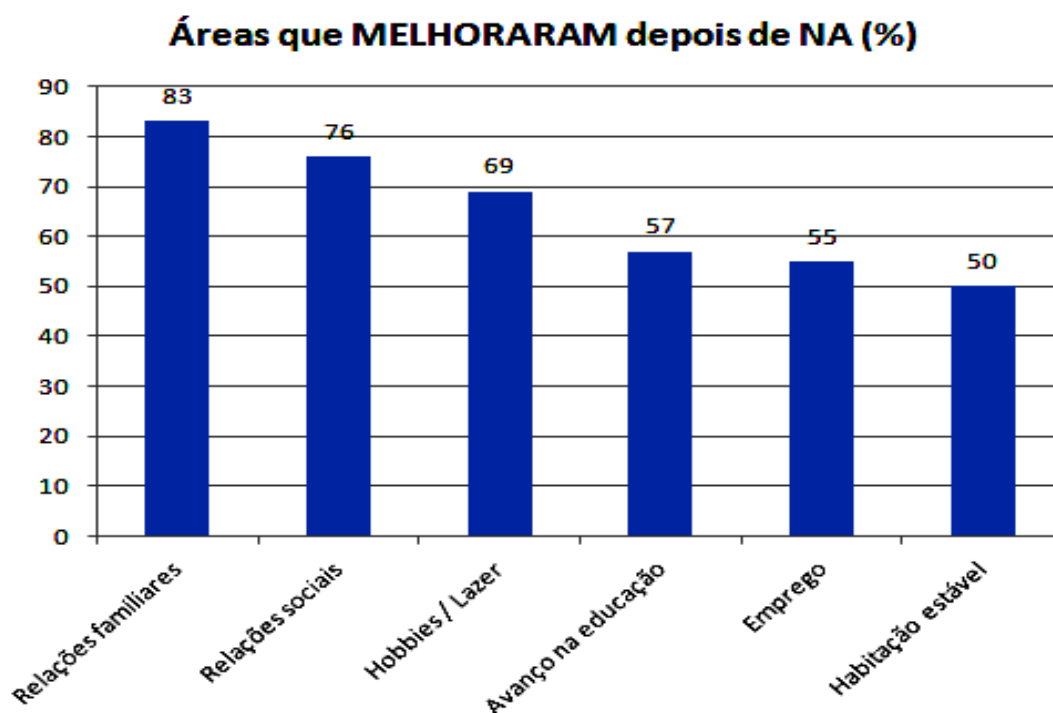


Gráfico 12. Áreas da vida melhoradas depois de ingressar em NA

Dentre os atuais membros de NA em Salvador-BA, por meio de uma amostra de 123 membros, existe um predomínio de homens (80%) entre 31 e 50 anos de idade, católicos (43%), brancos (48%) e afrodescendentes (45%) com Ensino

Médio (38%) ou Superior (33%) completo que consumiram predominantemente o álcool (90%), a cocaína (85%) e a maconha (68%) e foram encaminhados por outros membros de NA, ou por clínicas de tratamento, por terapeutas ou pela família.

Cerca de 60% dos membros passou por alguma internação, e a recuperação em NA influenciou em mudanças em diversas áreas ligadas a qualidade de vida que estavam prejudicadas, e que tiveram melhoria acentuada após o NA.

Segunda parte
BASES TEÓRICAS

4 COMPLEXIDADE E MULTIRREFERENCIALIDADE

Os grupos de Narcóticos Anônimos (NA), por sua conformação e seu *modus operandi*, constituem uma realidade complexa. Estudá-los requer uma epistemologia que, em seu bojo, tenha afinidade com a realidade heterogênea, complexa e dinâmica desses grupos. Estudos preliminares permitem que se apresente o pressuposto de que o grupo de NA exerce o papel de grupo terapeuta no processo de recuperação de adictos ao uso de drogas (BURNS, 1997).

Para lançar luz sobre o tema, esta seção da tese tem como objetivo apresentar reflexões preliminares sobre bases epistemológicas para nortear esta e outras pesquisas com foco na compressão do papel de grupos na recuperação de adictos ao uso de drogas. Considerando o marco teórico no qual se erigem as abordagens epistemológicas da complexidade – buscando suas interseções com o pensamento complexo – e da multirreferencialidade, estas correntes epistemológicas são apresentadas e discutidas como norteadoras da construção do conhecimento para pesquisas com este enfoque.

A noção de multirreferencialidade está estreitamente relacionada com a noção de complexidade. Ardoino (1998), estudioso que difundiu a abordagem multirreferencial, adota o sentido de complexidade dado por Edgar Morin.

O que é a complexidade? À primeira vista, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal (MORIN, 2008, p. 20).

O pensamento complexo surge como resposta à necessidade de outras abordagens quando o pensamento reducionista, simplificador, é insuficiente (MORIN, 2008).

[...] A complexidade aparece certamente onde o pensamento simplificador falha, mas integra nela tudo o que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e, finalmente, ilusórias de

uma simplificação que se torna reflexo do que há de real na realidade (MORIN, 2008, p. 8-9).

Para Morin (2008), assim como para Ardoino (1998), a complexidade não está apenas no olhar que o pesquisador utiliza para estudar seu objeto, ou na maneira como ele aborda os fenômenos, mas também no próprio objeto de pesquisa, uma vez que a própria delimitação dele é uma construção do pesquisador.

Segundo Morin (2008), três princípios contribuem para a compreensão da complexidade: o princípio dialógico, o princípio da recursão organizacional, e o princípio hologramático.

O princípio dialógico permite a manutenção da dualidade no seio da unidade, e a associação processos ao mesmo tempo complementares e antagônicos. Embora os processos complexos interligados por este princípio possuam certa existência independente, e por vezes antagônica, entre eles há complementaridades. Por exemplo:

[...] o processo sexual produz indivíduos, que produzem o processo sexual. Os dois princípios, o da reprodução transindividual e o da existência individual *hic et nunc*, são complementares, mas também antagônicos (MORIN, 2008, p. 107).

Considerando o princípio da recursão organizacional, um processo recursivo é aquele em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causa e consequência daquilo que os produziu. Ainda tomando como exemplo o processo de reprodução humana: “somos produzidos, tornamo-nos produtores do processo que vai continuar [...]” (MORIN, 2008, p. 108). A recursividade rompe com a noção linear de causa e efeito, uma vez que “tudo o que é produzido volta sobre o que produziu, num ciclo auto-constitutivo, auto-organizador e auto-produtor [...]” (MORIN, 2008, p. 108).

O princípio hologramático se baseia no fato de que o menor ponto da imagem num holograma contém quase a totalidade da informação do objeto representado. Assim, a parte está no todo e o todo está na parte.

[...] o que se adquire como conhecimento das partes regressa sobre o todo. O que se aprende sobre as qualidades emergentes do todo que não existe sem organização, regressa sobre as partes. Então pode enriquecer-se o conhecimento das partes pelo todo e do todo pelas partes, num mesmo movimento produtor de conhecimentos. Portanto, a ideia hologramática está ligada à ideia

recursiva que, por sua vez, em parte está ligada à ideia dialógica (MORIN, 2008, p. 109).

Além dos princípios já apresentados, Morin (2003, p.72-75) também gerou outros princípios norteadores da complexidade, conforme mostrados no Quadro 11.

Quadro 11. Princípios norteadores da complexidade.

Princípio	Descrição
Princípio sistêmico	Une o conhecimento das partes ao conhecimento do todo, conforme preconizou Pascal (1623 - 1662). É uma oposição ao reducionismo, ao afirmar que o todo é maior que a soma das partes;
Princípio hologramático	Evidencia o paradoxo todo-parte, ou seja, as partes estão no todo e o todo está em cada parte;
Princípio do ciclo retroativo	Criado por Norbert Wiener (1965), rompe com a linearidade casual: a causa age sobre o efeito e vice-versa. É o princípio da estabilidade do sistema;
Princípio do ciclo recorrente	O ser humano é produto e consequência do que produz. O ser humano produz humanidade, ao mesmo tempo em que fornece linguagens e cultura;
Princípio da auto-organização	Os organismos são sistemas auto-organizadores, que se autoproduzem e consomem energia para a manutenção de sua autonomia;
Princípio dialógico	Concebe uma dialógica ordem/desordem/organização, desde os primórdios do universo. “a dialógica permite-nos aceitar a associação de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo”. Por exemplo, citam-se os conceitos de espécie e de sociedade, onde a consideração de um faz desaparecer o outro. Porém, o “pensamento complexo aceita dialogicamente os dois termos, que tendem a se excluir um ao outro”;
Princípio da reintrodução do conhecido em todo conhecimento	Revela o problema cognitivo central: “todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/inteligência em uma cultura e em tempo determinados”.

Fonte: adaptado de Morin (2003, p. 72-75).

A complexidade tem como premissa a implicação do pesquisador ao realizar qualquer pesquisa social. Também defende a busca da compreensão do objeto pesquisado como um todo, embora possa compreender partes para auxiliar na compreensão do todo – como indica o princípio hologramático.

Já a abordagem multirreferencial, foi esboçada por Jacques Ardoino, professor da Universidade de Vincennes (Paris VIII), e seu grupo de trabalho.

Esta abordagem, à medida que pretende assegurar a *complexidade* de tais fenômenos, pressupõe a conjugação de uma série de abordagens, disciplinas etc. de tal forma que elas não se reduzam umas às outras e nos levem a um tipo de conhecimento que se diferencia daquele que é concebido na ótica do cartesianismo e do positivismo, caracterizando-se principalmente pela pluralidade e heterogeneidade (MARTINS, 2004, p. 85).

A multirreferencialidade na análise dos fatos, das práticas, das situações, dos fenômenos educativos propõe uma leitura plural de seus objetivos, a partir de diferentes ângulos, em função de sistemas de referenciais distintos não redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos (BARBOSA, 1998b). Uma leitura plural supõe a quebra das fronteiras disciplinares, a quebra da monorracionalidade na compreensão, análise, explicação, articulação, construção do objeto de pesquisa. Supõe a leitura plural a partir de diversos ângulos. Por exemplo, um objeto pode ser analisado a partir de instrumentos econômicos, sociológicos, antropológicos, filosóficos, e esta análise pode ser considerada multirreferencial se ela adota não só instrumentos disciplinares, mas também os valores e referências desses campos de conhecimento. Por exemplo, se uma análise incluir vários instrumentos e valores oriundos do senso comum, de base pragmática, de base científica ou de base religiosa, ela inclui a multirreferencialidade, isso é, fundamenta-se em olhares não disciplinares (senso comum, práxis, ciência, religião, espiritualidade, ritos etc.).

Ainda conforme Barbosa (1998b), esta visão epistemológica adota a heterogeneidade como a realidade e não uma situação a ser superada.

Multirreferencialidade, na sua origem, é um assunto de pesquisadores e de práticos também. É uma resposta à constatação da complexidade das práticas sociais e, num segundo tempo, o esforço para dar conta, de um modo um pouco mais rigoroso, desta mesma complexidade, diversidade e pluralidade. [...] Multirreferencialidade é uma pluralidade de olhares, não só disciplinares, dirigidos a uma realidade e, em segundo lugar, uma pluralidade de linguagens para traduzir esta mesma realidade e os olhares dirigidos a ela. O que sublinha a necessidade da linguagem correspondente para dar conta das especificidades desses olhares (BARBOSA, 1998c, p. 205).

A multirreferencialidade tem sido o lastro para o desenvolvimento e para a discussão de temas da vida humana que careciam de espaço em ambientes acadêmicos tipicamente disciplinares. René Barbier (1998), por exemplo, discute o tema da sensibilidade, principalmente sob a forma de escuta sensível. Para o

autor, sensibilidade é uma forma elaborada do sentimento de ligação: uma empatia generalizada em relação a tudo o que vive e a tudo o que existe, e é a base da escuta sensível. Estendendo o conceito de escuta sensível para uma postura a ser cultivada em todas as situações, tal postura requer isenção de rótulos ou preconceitos, um estado de atenção serena para perceber o outro ou as situações sem premeditadamente criar ideias sobre eles. Interiorizar a escuta sensível seria transcender a prática de prejudicar (BARBIER, 1998).

Além de abordagem epistemológica, a multirreferencialidade também enseja a proposição de técnicas relacionadas à construção de conhecimento. A bricolagem, por exemplo, é uma técnica aplicada em estudos que se norteiam pela multirreferencialidade. Lapassade (1998) adota a definição de bricolagem como o trabalho criativo, engenhoso, de utilizar recursos secundários, finitos. O autor diz que é raro o pesquisador descrever a dimensão do improvisado e do intuído. Ele afirma ainda que:

[...] cada referência nova vinha, dessa forma, enriquecer as de que eu me servia anteriormente. Foi nesse momento então, ao que me parece, que a noção de multirreferencialidade - ou a ideia que tenho de multirreferencialidade - tornou-se, para mim, operacional. Ela permitia, realmente, pensar a convergência que fora lentamente adquirida, e que era sempre retomada, sob várias perspectivas voltadas para um mesmo objeto de estudo (LAPASSADE, 1998, p. 147).

Como afirma Martins (2004), a multirreferencialidade reconhece a heterogeneidade normalmente presente nos problemas relacionados às ciências humanas, pois neles há a coexistência temporal de várias perspectivas teóricas, várias abordagens, vários paradigmas. Nas ciências humanas há simultaneidade de teorias, o surgimento de novas teorias em geral não elimina as anteriores. Esta heterogeneidade engendra um campo de tensão que permite vislumbrar novas perspectivas epistemológicas para a compreensão dos fenômenos humanos.

Estas reflexões sobre abordagens epistemológicas para a compressão do papel de grupos de Narcóticos Anônimos na recuperação de adictos ao uso de drogas mostra que os princípios da complexidade e as características da multirreferencialidade estão alinhadas com o tema em estudo.

A bricolagem pode ser utilizada como técnica na construção multirreferencial do conhecimento, já que a análise, a partir de uma série de pontos de vista, como

peças de quebra-cabeça, pode fornecer uma visão geral dos vários aspectos do problema, permitindo que estes aspectos possam ser integrados gradualmente, formando uma imagem única, peculiar, própria daquele conjunto de elementos.

A análise multirreferencial sobre o grupo terapêutico em NA pode utilizar conceitos da Psicologia, Dinâmica dos Grupos, Sociologia, drogadição, ritualidade, Antropologia, Análise de Redes Sociais, Pensamento Sistêmico, sob a ótica da multirreferencialidade e complexidade, além de considerar elementos de códigos de linguagem e seu valor conceitual e metodológico.

A epistemologia subjacente à complexidade e à multirreferencialidade ajusta-se à construção do conhecimento sobre o papel dos grupos de Narcóticos Anônimos na recuperação de adictos ao uso de drogas por afastar-se da visão cartesiana de mundo, por admitir a relação entre sujeito e objeto de pesquisa, por defender que a compreensão de um todo é possível quando este todo é respeitado em sua integralidade. Ademais, valem para estas abordagens epistemológicas os princípios da Teoria Geral de Sistemas, bastante identificados nos grupos de NA.

As próximas três bases teóricas usadas neste trabalho são: A linguagem sob a ótica da Psicologia Cognitiva, a Dinâmica de Grupos e Teoria de Redes. A interação destes campos do conhecimento permitirá o estudo das Redes Semânticas, Redes Sociais e da Re-educação¹³, fundamentais para o entendimento do processo de *recuperação*, termo usado pelos membros de NA para exprimir o objetivo terapêutico da irmandade.

4.1 A complexidade e multirreferencialidade na adicção a drogas

O acesso as reuniões dos grupos de NA em Salvador e à sua literatura, ajuda a revelar a complexidade do tema adicção, da recuperação de adictos, e de elementos presente na cultura desses grupos, como a “dádiva”, conceituada nesta seção.

Os grupos de NA são, de certo modo, auto-referenciados, pois deles só participam adictos, e ao mesmo tempo sua compreensão exige uma visão

¹³ [...] um processo semelhante a uma mudança de cultura (LEWIN, 1978, p. 74). Definição completa está na página 84 desta tese.

multirreferencial, pois requer especialmente abordagens psicológicas, antropológicas, sociológicas, dentre outras.

Assim, nesta seção são trazidos aportes complementares da complexidade e multireferencialidade para auxiliar a compreensão acerca desses grupos e sua atuação na recuperação de adictos.

Ao ingressar em uma sala de reunião de um grupo de NA com o olhar do pesquisador, de imediato surge a necessidade de um aprofundamento teórico sobre os efeitos do uso de drogas, e algumas síntese são trazidas aqui.

Como já foi delineado em seções anteriores, apesar do uso de substâncias psicoativas ou drogas terem tido origem muito remota, o relato de seus efeitos consta de muitas publicações clássicas de autores como da bíblia passando por gregos e permeando a história, porém, o estudo formal de seus efeitos remonta, segundo Planeta e DeLucia (2009a; 2009b), ao início do século 19, o que resultou em classificações na área de saúde. Citam-se como exemplos o estudo da embriaguez na sua forma mais crônica, classificada como dipsomania por von Bruhl-Cramer em 1819, ou mesmo os estudos publicados em 1845 por Jean Jacques Moreau sobre os efeitos do haxixe no comportamento e psiquismo humano, considerado um marco nas discussões com base científica.

O aspecto socializante das drogas é observado nas falas dos membros de NA durante suas reuniões. Este aspecto já foi indicado nesta tese e é apontado por diversos autores. Por exemplo, Gilberto Velho (*apud* CARDOSO, 2006, p. 86) constatou que existe uma tendência ao uso coletivo de drogas, ou seja, “as drogas podem se tornar um importante elemento de socialização e, em alguns momentos, de diferenciação de estilos de vida e, portanto, de hierarquização social”.

Considerando que mesmo sendo comum o consumo individual de cocaína, “é sintomático que a iniciação no seu uso seja, quase sempre, por intermédio de um grupo” (CARDOSO, 2006, p. 86).

Como, para alguns usuários, o padrão de uso muda ao longo do tempo, deixando de ter aspectos socializantes, e, assim, leva esses usuários ao ingresso em uma etapa que revela a face mais obscura de sua personalidade. Não é raro adictos cometerem crimes para manter o uso de drogas, e algumas menções a pequenos

furtos a bens de famílias e outras ações ilícitas cometidas durante o período de adicção também foram observados nas partilhas de membros de NA.

De modo geral, foi observado que quando o adicto chega a uma fase em que a droga absorve grande parte de sua atenção, toda a sua energia volta-se para conseguir meios, lícitos ou ilícitos, para manter seu consumo. Mas isto não acontece sem custos: há um grande sofrimento emocional, devido à dissonância cognitiva entre o que em seu íntimo o adicto gostaria de ser e o que ele está fazendo de sua vida.

Alguns, quando esse sofrimento chega a um nível insuportável, conseguem pedir ajuda e iniciam o seu processo de recuperação, normalmente em clinicas ou grupos de ajuda-mútua. Muitos outros na busca de esquecer o sofrimento intensificam o uso de drogas e morrem de overdose. Outros ainda envolvem-se de tal modo em atos ilícitos que são presos e ingressam em uma fase ainda mais difícil de sua vida.

Para os que ingressam nos grupos de Narcóticos Anônimos (NA), foi observado que esses grupos utilizam de maneira pragmática o conceito de adicto para o “dependente químico”, e “adicção” para o estado de “dependência química”, considerada como uma doença incurável, podendo-se apenas controlar seus efeitos através da abstinência total de qualquer substância psicoativa, e este processo é denominado “recuperação”. Segundo consta em um de seus principais livros, a “identificação como adictos inclui toda e qualquer substância que modifique o humor ou altere a mente” (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b, p. xxv).

Outro importante aspecto a ser destacado a partir da observação participante é o fato de que embora os grupos de NA estabeleçam a “abstinência total de qualquer substância psicoativa”, eles não apregoam isto para toda a vida. Parece que a perspectiva de dizer ao adicto que ele deve se abster do uso de drogas para toda a vida seria uma meta distante demais para ser alcançada. Nestes grupos é proposta uma meta de abstenção só por aquele dia e, a cada dia esta meta é renovada. A cada dia vencido, ou a cada dia “limpo”, o adicto em recuperação começa a modificar, dia após dia, sua trajetória de vida.

Outro aspecto a ser destacado a partir da observação participante é que esses grupos exercem um papel terapêutico, mas não há “um terapeuta” especificamente. De certo modo o grupo como um todo, com sua cultura, seus Princípios e Tradições, toma o lugar desse “terapeuta”.

Assim, uma forma de abordar o fenômeno de recuperação dos adictos é tentar compreender a recuperação, tal como descrita pelos membros destes grupos, como um processo de terapia de grupo entre pares, sem negar que este sistema poderia tornar-se, em última análise, uma cultura distinta, composta de ritos, caracterizados por uma configuração espaço-temporal, uma série de objetos, sistemas de comportamentos, linguagens e signos com funções emblemáticas e sentido codificado, que constitui um dos bens comuns do grupo e que os distingue e os caracteriza.

Os grupos de ajuda mútua, nas suas mais diversas vertentes, partem de um pressuposto essencial: a identificação e o compartilhamento de experiências entre pessoas acometidas por uma mesma condição têm grande valor terapêutico, com já foi citado a partir da leitura de Burns (1997).

Outro fator importante, decorrente a observação participante, na constituição desses grupos é o fato de não serem grupos compostos por um corpo de profissionais, uma vez que participam apenas aqueles (os adictos) que se identificam com a condição a ser *tratada* (a adicção). Desta forma, cria-se um ambiente no qual aqueles que estão participando, por mais diversas que sejam suas histórias de vida, partilham uma coisa em comum, uma mesma condição de doença – e isto, em princípio, proporciona a igualdade entre todos, o que também foi destacado nas discussões teóricas do tema, especialmente por Loeck, (2009).

Foi observado que a partilha das histórias de vida é um elemento fundamental nos grupos de NA. Nas reuniões, de forma especial, os membros dão e recebem confiança mútua. Voltando para as bases teóricas em relação a este fato, pode-se dizer que, na visão antropológica de Marcel Mauss, citado por Lanna (2000), um aspecto elementar das sociedades, em todos os tempos históricos, é o “intercâmbio e a dádiva”.

Dar, receber e retribuir são, para Mauss, três momentos distintos cuja diferença é fundamental para a constituição e manutenção das relações sociais. Os membros

de grupos de ajuda mútua, como Narcóticos Anônimos, fazem isso de forma muito particular – dar, receber e retribuir fazem parte da recuperação. O argumento central do “Ensaio sobre a Dádiva” de Marcel Mauss, segundo Lanna (2000, p.175), é que:

[...] a dádiva produz a aliança, tanto as alianças matrimoniais como as políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade).

O dar, receber e retribuir está presente na filosofia dos grupos de NA. E esta filosofia se constrói por duas vertentes: Os Doze Passos e as Doze tradições que marcam respectivamente a “vivência” de cada membro e as relações de “convivência” entre os membros e a sociedade.

Outro aspecto percebido durante a observação participante é que, permeando as reuniões e, de certa forma, a filosofia de NA, existe um aspecto de religiosidade. Mas cabe ressaltar que este aspecto religioso não está voltado especificamente para nenhuma religião. Tal fato também é encontrado em alguns autores. Por exemplo, a abordagem plural, segundo Moreira (2004, p. 1080), associada “a uma cultura de recuperação, que não deixa de evocar a religiosidade representada em um ‘ser superior’” integrante da filosofia dos NA, permite colocar em operação o tripé – dar, receber e retribuir – que faz circular a abstinência como um valor, o que reforça a necessidade de uma abordagem multirreferencial.

4.2 NA sob a ótica da complexidade e da multirreferencialidade

Como dito na seção anterior, foi observado que grupo de Narcóticos Anônimos (NA) exerce o papel de grupo terapeuta no processo de recuperação do uso de drogas e este fato foi tomado como pressuposto da pesquisa.

Segundo afirmações de membros de NA, registradas durante a observação participante, quando o grupo de NA está reunido o próprio grupo representa a figura de um terapeuta, como se esta representação subjacente tivesse vida própria, pairando acima e entre os membros de NA, resultante de uma emergência fruto da complexidade.

Correlacionado esta afirmação com as bases teóricas da complexidade, pode-se dizer que este vínculo entre as pessoas implica em um todo maior que a soma das partes – como indica o princípio sistêmico da complexidade –, revelando que a intensidade da recuperação dos membros de NA depende da qualidade das relações no grupo.

Considerando que as redes de pessoas se formam quando os benefícios das conexões são maiores que os custos, e considerando que os grupos de NA se perpetuam por muito tempo, pode-se dizer que o grupo-terapeuta em Narcóticos Anônimos agrega aos seus membros mais benefícios do que custos.

Foi observado também que, em um grupo de NA, como fruto de relações sistêmicas, o conhecimento é compartilhado, principalmente nas reuniões, permitindo a difusão de saberes através das trocas de experiências.

Todo este processo ocorre mediado pela linguagem através das falas e dos gestos, bem como dos silêncios, em um ambiente que propicia a emergência do grupo terapeuta, composto de relações intrincadas entre diversos elementos constitutivos: os membros de NA, o conhecimento circulante, a forma ritualística com que ocorrem as reuniões, os acordos tácitos firmados.

A atmosfera de confiança gerada através do acordo de anonimato, além de uma proposta não verbalizada de escuta sensível, garante que emergja a figura de uma entidade psíquica nomeada como Deus, natureza, Poder Superior etc., que tem algumas peculiaridades: deve ser generosa, amorosa, acolhedora, não vingativa etc. Este “poder superior” psíquico do grupo terapêutico é uma síntese da complexidade: todos compreendem a que se refere, embora cada um individualmente tenha sua própria representação dele.

De volta à Edgard Morin (2003), em seus estudos sobre os princípios da complexidade exposto no Quadro 11, foi proposto uma transdução daqueles princípios para compreensão dos fenômenos complexos na relação com Narcóticos Anônimos e seu processo terapêutico (Quadro 12).

A partir do Quadro 12 é possível verificar que há uma aderência do tema aos princípios norteadores da complexidade, e isso permite eleger a complexidade como um dos lastros epistemológicos para a construção do conhecimento quando

se pesquisa o papel de grupos de Narcóticos Anônimos (NA) na recuperação de adictos ao uso de drogas.

Quadro 12. Relações epistemológicas entre complexidade e os grupos de NA

Princípio	Relações epistemológicas com NA para recuperação da adicção
Princípio sistêmico	No grupo de NA, por meio da partilha, o conhecimento das partes integra-se ao conhecimento do todo, e o resultado, a recuperação, revela que o todo é maior que a soma das partes, pois dificilmente um membro sozinho conseguiria entrar em recuperação e manter-se nela.
Princípio hologramático	Como cada um se vê no grupo e o grupo é uma expressão do conjunto formado por todos os membros, nos grupos de NA consta-se que as partes estão no todo e o todo está em cada parte.
Princípio do ciclo retroativo	Os grupos de NA existem para propiciar o processo de recuperação, e a recuperação decorre da existência dos grupos de NA. Assim a causa age sobre o efeito e o efeito sobre a causa.
Princípio do ciclo recorrente	O grupo de NA é produto e consequência do que produz. A participação no grupo produz o processo de recuperação, ao mesmo tempo em que promove o surgimento de novos comportamentos, valores e cultura entre seus membros.
Princípio da auto-organização	À medida que os membros participam das reuniões dos grupos de NA eles se auto organizam, autoproduzindo suas normas de conduta e se estruturando para garantir de sua autonomia.
Princípio dialógico	Ao assumir a adicção como doença incurável, o membro de NA coloca-se constantemente diante do princípio dialógico de buscar a recuperação e saber que seu problema é incurável. Ele aceita a dualidade e convive com ela em harmonia à medida que aceita a própria limitação e abre-se para a ação de um Poder Superior em sua vida.
Princípio da reintrodução do conhecido em todo conhecimento	Os grupos de NA surgiram a partir dos grupos de Alcoólicos Anônimos, cuja base de recuperação foi construída a partir das partilhas de seus membros. Assim, nestes grupos vale dizer que “todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/inteligência em uma cultura e em tempo determinados”.

Fonte: Lima Neto et al (2016, p. 105-106).

A contribuição de Morin é inegável para o metamodelo proposto (Capítulo 8), considerando que vários fenômenos que ocorrem nas relações entre indivíduos e grupos, permeados por estas definições epistemológicas, ganham em clareza e substância.

5 A ADICÇÃO, OS DOZE PASSOS E A PSICOLOGIA COGNITIVA

A Psicologia Cognitiva fornece o embasamento necessário para correlacionar os processos cognitivos com a linguagem e o comportamento do indivíduo em um grupo. A apreensão cognitiva está relacionada à percepção dos fenômenos através dos órgãos dos sentidos, mais também através das lembranças arquivadas na memória, ou até mesmo das deduções decorrentes de processamento racional destes estímulos. Por exemplo, os órgãos da visão que estejam com lentes corretivas inadequadas podem gerar distorções visuais, aberrações cromáticas, que comprometerão a qualidade dos dados visuais capturados. A partir deste exemplo é possível fazer uma metáfora com as “lentes” cognitivas geradas por crenças que distorcem a “leitura” e interpretação da realidade. Dentre os elementos de conexão com os fenômenos está a linguagem verbal e a corporal.

A linguagem verbal é um processo mental muito dinâmico e sofisticado, com ideias que surgem através de mecanismos interconectados no ambiente cerebral, influenciando a seleção das palavras, geralmente por motivos subjetivos (TEIXEIRA, 2007, p. 7-8).

Segundo Paivio (1969, 1971, apud STERNBERG 2011, p. 230), “nossas representações mentais para palavras são representadas, principalmente, em um código simbólico”. Pode-se definir um código simbólico como:

[...] uma forma de representação do conhecimento que foi escolhida arbitrariamente para significar algo e que não se parece perceptivamente com tudo que estiver sendo representado. Da mesma maneira que um relógio digital usa símbolos arbitrários (normalmente numerais) para representar a passagem do tempo, nossas mentes usam símbolos arbitrários para representar muitas ideias. Um símbolo pode ser qualquer coisa designada arbitrariamente para significar algo diferente de si mesmo (STERNBERG, 2011, p. 230).

Ao utilizar a linguagem, os seres humanos recorrem à palavra, símbolo linguístico que permite toda uma dinâmica de uso, considerando que:

[...] o cérebro de cada pessoa contém um léxico de palavras e os conceitos que elas representam (um dicionário mental), e um conjunto de regras de combinar as palavras para transmitir relações entre conceitos (uma gramática mental) (PINKER, 2002, p. 98).

Ao unir palavras obedecendo a este conjunto de regras, surgem conceitos e ideias mais complexas e muitas vezes diferentes de seus elementos formadores.

[...] um número finito de elementos discretos (neste caso, palavras) é selecionado, combinado e permutado para criar estruturas maiores (neste caso, sentenças) com propriedades bastante distintas das de seus elementos (PINKER, 2002, p. 97).

Somente a partir das palavras é possível formar sentenças (i.e. as unidades mínimas para se transmitir uma ideia), que possibilitam compartilhar todo conhecimento, e:

[...] produzir fatos históricos, estabelecer comunicação, socialização, interação, possibilitar a reprodução de representações mentais, discursar, fazendo com que o homem viva a sua individualidade por meio da dinâmica destes elementos (TEIXEIRA, 2007, p. 54).

Na grande parte dos grupos prevalece a crença de que o conteúdo dos discursos é importante para analisar e trabalhar os significados e os sentidos atribuídos às vivências dos sujeitos. Assim, a linguagem e sua relação com a psicologia cognitiva são decisivas para a compreensão dos membros do próprio grupo.

Lewin (1978, p. 75) se refere à linguagem corporal, ou seja, à linguagem a nível motor, como o grau de controle do indivíduo sobre seus “movimentos físicos e sociais”. É uma parte perceptível do que ocorre na intimidade psíquica. Os comportamentos, os gestos, a postura, a forma de falar e o conteúdo do que expressa ajudarão a definir a forma como o indivíduo se posiciona no meio social e o seu grau de influência. Esta forma de expressão física, oral ou postural, pode também mascarar a verdade. O acompanhamento longitudinal proporcionado pela convivência grupal permite verificar contradições entre o que está na intimidade psíquica e o que é expresso como resultado da re-educação.

A Psicologia Cognitiva fornece os fundamentos que relacionam a linguagem verbal ou corporal como um elemento que revela aspectos cognitivos dos indivíduos, contribuindo para a análise do processo de re-educação.

Nos grupos de NA prevalece à crença de que a recuperação dos usuários de drogas dá-se pela partilha, pela verbalização de seus problemas num ambiente de confiança mútua, já que todos ali, de certa forma, experienciaram as mesmas condições e a mesma necessidade de parar de usar drogas. Os métodos terapêuticos verbais utilizam-se dos conteúdos dos discursos para analisar e

trabalhar os significados e os sentidos atribuídos às vivências dos sujeitos. Assim, a linguagem e sua relação com a psicologia cognitiva são decisivas para a compreensão do processo de recuperação do usuário de drogas.

5.1 Adicção a drogas

Nesta seção são apresentadas reflexões sobre as origens do consumo de drogas pela humanidade até as características da drogadição; então são apresentadas relações entre a adicção e a Psicologia cognitiva, para, por fim, discorrer sobre os diversos conceitos de adicção e como ele é aplicado na programação dos grupos de NA.

5.1.1 Breve histórico do uso de substâncias

Especula-se que no início da história da humanidade os ancestrais da atual humanidade andavam como bandos nômades, pousando nas proximidades de cursos d'água e próximos a fontes de alimentos, ali permaneciam até estas condições se tornarem inóspitas, ou muito desvantajosas. Do método de aprendizagem por tentativa-e-erro, que deve ter vitimado muitos incautos, aqueles primeiros representantes da humanidade descobriram outro: a observação, forma segura de obter conhecimento se apropriando da experiência alheia.

A partir da observação dos animais, possivelmente alguns comportamentos foram aprendidos como, por exemplo, a seleção de alguns tipos de produtos comestíveis. Este procedimento deve ter ocorrido de modo geral, resultando na seleção de alimentos provenientes de aves, frutos, sementes, raízes, folhas, insetos, larvas e uma infinidade de fontes proteicas.

Valendo-se deste método, os ancestrais da atual humanidade podem ter visto animais, talvez macacos, ingerindo porções de frutos caídos já há algum tempo e em fermentação. Perceberam as mudanças no comportamento deles, decidiram experimentar e alguns podem ter gostado do sabor e dos efeitos daqueles frutos machucados e fermentados com algum teor de álcool.

Exercitando a imaginação é possível supor que alguns destes ancestrais podem ter levado para a caverna certa quantidade de frutos e depositado eles em algum recipiente ou buraco na pedra. Os últimos frutos depositados devem ter

comprimido aqueles que estavam nas camadas mais baixas e com isso o suco foi se acumulando e com o passar dos dias, fermentando. Depois de alguns dias, já consumido os frutos do local depositado sobrou um líquido. Possivelmente por associação de que o líquido viera dos frutos, e não querendo desperdiçar algo precioso, o mesmo foi experimentado e percebido que o sabor era diferente e que o efeito era agradável. Assim, pode ser que, por acidente, tenha sido criada a primeira bebida fermentada.

Relatos da Antiguidade, assim como no Egito e Grécia se referem a usos nocivos de álcool inclusive com a descrição do *delirium tremens*, porém, essas civilizações possuíam algumas formas de consumo, que desapareceriam a partir da Idade Moderna, mas que podem ser consideradas como “fatores de proteção” como o fato deste consumo de substâncias psicoativas estar integrado ao cotidiano, funcionando como alimento, ou modulando o estresse ambiental como o hábito de mascar folhas de coca que aumentava a tolerância a fome e a fadiga (RIBEIRO; MOREIRA, 2004; SULLIVAN; HAGEN, 2002).

A grande dificuldade no armazenamento de água na Antiguidade tornava os fermentados alcoólicos muito valiosos, pois podiam ser estocados por longos períodos aliada a carência que assolava a humanidade naqueles primeiros tempos (DUDLEY, 2002).

A literatura também faz referência ao vinho e transcreve a história da embriaguez de Noé. Segundo o Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, capítulo 9º do Livro do Gênesis, Noé foi o primeiro agricultor. Após o dilúvio plantou uma vinha, fez o vinho e o tomou até se embriagar. Reza a Bíblia que Noé tirou a roupa e desmaiou. Foi o primeiro relato que se tem conhecimento de um caso de embriaguez.

Em outros lugares do planeta, as sementes tomaram o lugar dos frutos nestes preparados fermentativos, assim como outros materiais e misturas foram usadas para criar um cardápio muito variado de bebidas com diversos teores de álcool.

Com esta especialização na fabricação de álcool, muitos consumidores não estavam mais expostos aos riscos de contaminação por águas, sempre expostas aos dejetos nas aglomerações humanas. Beber vinho era mais seguro que beber

água, uma vez que a bebida conseguia matar uma série de microrganismos patogênicos.

Ao mesmo tempo esta especialização permitiu o crescimento da produção de alimentos condição básica para que os agrupamentos humanos também aumentassem. As primeiras divindades foram homenageadas e sofisticaram-se os rituais. O uso de bebidas alcoólicas nestas ocasiões ajudou a amalgamar as relações sociais uma vez que estas bebidas diminuem as inibições facilitando a sociabilidade, ajudando a construir a sociedade como elementos de trocas não só comerciais, mas também afetivas.

Estas comemorações ritualísticas podem ter evidenciado que o excesso, o exagero, o abuso no consumo de alimentos e bebidas que podem ter trazido repercussões negativas para o convívio social, resultando em leis proibindo ou disciplinando comportamentos, práticas ou mesmo o uso destas substâncias. Mas, mesmo com estas proibições, alguns indivíduos, ainda que correndo risco da punição, insistiam em continuar o uso excessivo, acarretando problemas mentais, físicos, sociais, espirituais. Vários não apenas insistiam no uso, simplesmente não conseguiam parar de usar. Transformaram-se em dependentes.

Até então as drogas naturais eram obtidas de determinados vegetais (folhas, sementes, casca, raiz e cogumelos), animais ou minerais. Descobriu-se que tinham diversas propriedades: estimulantes, sedativas, alucinógenas, hipnóticas ou ansiolíticas, passaram a ser usados em diversas situações.

No século 20 a indústria química e farmacêutica isolava e produzia princípios ativos de plantas. Os hábitos se expandiam e o tabaco, opiáceos, café, chá, chocolate, mate, coca, cola seduziam as populações mundiais, tornando alguns dos mais rendosos ramos do comércio mundial (CARNEIRO, 2002).

5.1.2 O estudo dos efeitos das drogas

Levinstein descobriu a natureza viciante da morfina e publicou em 1878 “O desejo mórbido pela Morfina”). No ano em que foi fundada em Londres a *Society for the Study of Inebriety* (1884), Kerr referia-se ao vício em drogas como:

[...] produto natural de uma organização nervosa depravada, debilitada ou defeituosa [...] indiscutivelmente uma doença, assim como a gota, a epilepsia, ou a insanidade (BERRIDGE, 1994 *apud* CARNEIRO, 2002, p. 04).

Na literatura, *Confissões de um Comedor de Ópio*, de Thomas De Quincey (1821), o autor revela todas as consequências atribuídas aos abusadores daquela substância. Esta obra inspirou Charles-Pierre Baudelaire, que escreveu *Os Paraísos Artificiais, ópio e haxixe* (1860), a uma clara especulação sobre plantas alucinógenas.

“Drogas” não são somente compostos dotados de propriedades farmacológicas determinadas, que possam ser natural e definitivamente classificadas como boas ou más. Sua existência e seus usos envolvem questões complexas de liberdade e disciplina, sofrimento e prazer, devoção e aventura, transcendência e conhecimento, sociabilidade e crime, moralidade e violência, comércio e guerra (SIMÕES, 2008, p. 13)

No século 19 quando começaram os primeiros estudos relacionados a drogas, as ciências biomédicas encontraram meios para intervir sobre estes corpos dependentes, ou adictos, por defini-los a partir da noção de diferença, ou seja, os indivíduos dependentes são considerados diferentes moral e fisiologicamente em relação aos “normais” (LOECK, 2009, p. 58).

Segundo Keane (2005, p. 92), esta diferença moral e fisiológica do adicto em relação ao sujeito normal se deve a um “processo de [...] poluição e corrupção, no qual substâncias ‘de fora’ quebram o balanço e autossuficiência originais do corpo”.

Porém a partir de 1919, William Collis passou a defender a noção de “doença da vontade” recusando o modelo orgânico então vigente. Considerava que o alcoolismo não é uma doença orgânica e sim uma doença da vontade ou “adição”. O termo adição significa uma alusão ao conceito na Roma antiga de cidadão livre que se tornava escravo devido ao não pagamento de dívidas.

Por outro lado, na maioria dos casos o uso de substâncias psicoativas faz parte de algumas formas de ritualização, muitas delas específicas para certos tipos destas substâncias, como afirmou Martine Segalen (2002). Acerca dos rituais usados para afirmar a permanência de algumas práticas nas sociedades contemporâneas, a autora afirmou o seguinte:

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagem e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo [...]; enquanto conjuntos fortemente institucionalizados ou efervescentes – quer regulem situações de adesão comum de valores, quer funcionem como reguladores de conflitos interpessoais –, os ritos devem ser considerados sempre como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas [...]; finalmente, o ritual se reconhece como fruto de uma aprendizagem, implicando por conseguinte a continuidade das gerações, dos grupos etários ou dos grupos sociais dentro dos quais ele se produz (SEGALEN, 2002, p. 31-32).

Considerando que mesmo sendo comum o consumo individual, por exemplo, para o adicto dependente do uso de cocaína, Barbosa (1998a, p. 42, apud CARDOSO, 2006, p. 86) assegura que é sintomático que a iniciação no seu uso seja, quase sempre, por intermédio de um grupo.

Se as drogas poderiam ter funcionado inicialmente como um agente produtor de sociabilidade com seu potencial de reunião, encontro e troca – como o álcool – elas se tornam, para uma parcela da população, um agente de rupturas no campo das relações sociais, na família e no trabalho. Potencialmente funciona também como porta de entrada para experiências com outras substâncias psicoativas e suas dramáticas consequências (MOREIRA, 2004, p. 1079).

Também se contrapondo à noção socializante da droga, estudos sobre o comportamento adictivo têm tentado demonstrar que,

[...] dependendo do tipo de droga de escolha, as atividades de busca da droga tornam-se dominantes na vida do adicto, fazendo com que ele empregue suas maiores energias e a maior parte de seu tempo em criar estratégias de acesso à droga. Com isso, as relações interpessoais seriam relegadas a um plano secundário. Isto geraria um efeito retroativo onde busca de drogas favoreceria comportamentos considerados individualistas e a solidão provocada contribuiria para nova busca de drogas (CARDOSO, 2006, p. 85).

Mas, o efeito da droga varia de pessoa para pessoa, e algumas pessoas são mais susceptíveis aos efeitos nocivos que outras, por razões diversas que incluem a estrutura psicológica, as relações sociais às quais estão submetidas ou mesmo por características próprias de sua biologia já que cada indivíduo tem motivações pessoais para alcançar aquilo que possibilita sua sobrevivência e de sua espécie.

Ribeiro e Laranjeira (2010, p. 17) afirmam que tal motivação é medida por circuitos neuronais – como o sistema de recompensa. Ao atingir seus objetivos, o indivíduo se sente bem (prazer, recompensa), e as estratégias e planejamentos que utilizou para alcançá-los amadurecem e passam a fazer parte de seu “patrimônio neurobiológico”.

Para estas pessoas mais susceptíveis à dependência química, com o tempo e com a frequência de uso, ocorrem mudanças no padrão de consumo, transformando-se de abuso de substância para dependência de substância que se deve a dois fatores principais: a tolerância à droga e a abstinência (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 2006).

Pode-se associar a tolerância orgânica com um atenuador crescente que tem como fatores de multiplicação que se identificam com o tipo e aos padrões de uso de drogas. Em um sistema por realimentação negativa do uso de drogas, o usuário para continuar a ter a mesma gratificação vai sempre precisando de doses cada vez maiores da droga a fim de compensar o efeito da atenuação provocado pela tolerância (Figura 16).

Já a abstinência, decorre da diminuição dos níveis da substância ativa, ou droga, no circuito cerebral causando algumas reações que podem levar o dependente a ações violentas, agressivas, descontroladas. Este fator contribui para a desagregação da vida do dependente devido ao desconforto físico, emocional e mental sentido por ele quando não usa drogas.

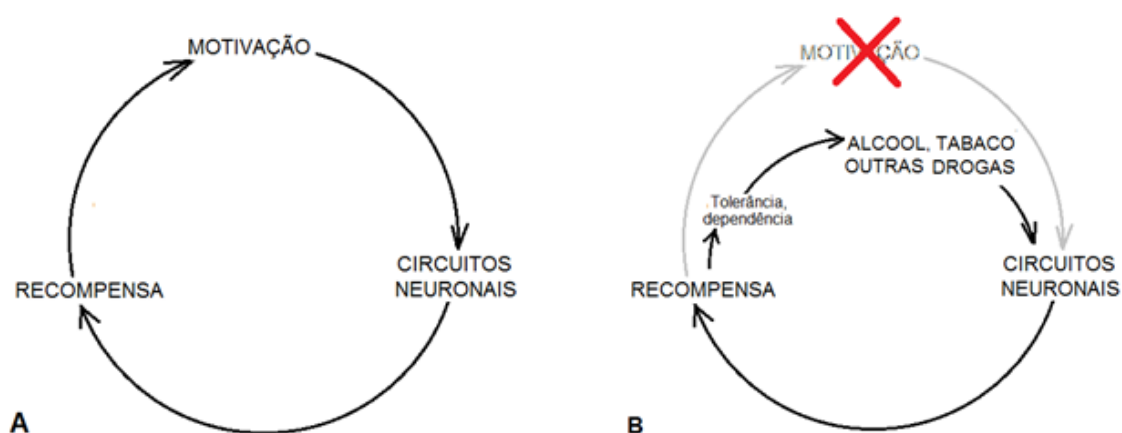


Figura 16. Motivação, circuitos neuronais e recompensa. Fonte: adaptada de Esch& Stefano (2004 apud RIBEIRO; LARANJEIRA, 2010, p. 17).

Quando o estímulo motivacional normal é perdido, resultado pode ser obtido pelo uso de substâncias psicoativas capazes de agir sobre os circuitos neuronais de modo muito mais intenso (Figura 16B) faz surgir um novo circuito (RIBEIRO; LARANJEIRA, 2010). Esse corrompe o anterior e vai se consolidando operacionalmente no sistema nervoso central (SNC) – quanto mais perdurar, menos reversível será.

Buscando caracterizar as questões que envolvem a dependência química, a Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association, APA*) propôs o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, DSM*) para profissionais da área da saúde mental (DSM-IV, 2011).

Outro sistema de classificação de doenças é o adotado pela Organização Mundial da Saúde através do documento Classificação Internacional de Doenças na sua décima revisão (CID-10). Neste documento encontram-se, dentre outras, as atribuições de códigos para os transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substância psicoativa como o intervalo entre F10 e F19 na CID-10.

Estes dois sistemas classificatórios (DSM-IV e CID-10) servem para indicar um tipo de abordagem a ser adotada pela medicina psiquiátrica a partir do diagnóstico da adicção através da classificação dos tipos de comprometimento gerado pelo uso de substâncias psicoativas.

5.1.3 A Psicologia Cognitiva e a Adicção

Para a compreensão da adicção, foi proposto um modelo pelos psicólogos Cognitivo-Comportamentais Aaron T. Beck, Newman e Wright (1993 *apud* SCALI; RONZANI, 2007), para o uso de substâncias psicoativas que evidencia a relação entre as crenças permissivas (CP) ao uso (e.g. antecipatórias, alívio; facilitadoras, etc.) e as crenças controladoras (CC), ou seja, aquelas que contribuam para a abstinência.

Segundo a Psicologia Cognitiva o uso de drogas depende da influência de um conjunto de crenças pessoais do indivíduo. Elas abarcam aquelas crenças que dizem respeito a si próprios, ao mundo que o cerca, e ao seu futuro.

Se as crenças facilitadoras são influentes, ou seja, se são elas que prevalecem num indivíduo, elas podem desencadear comportamentos de uso de drogas. Porém, se as crenças consideradas controladoras forem mais fortes, isso aumenta a probabilidade de o indivíduo alcançar e manter a abstinência às drogas (Figura 17).

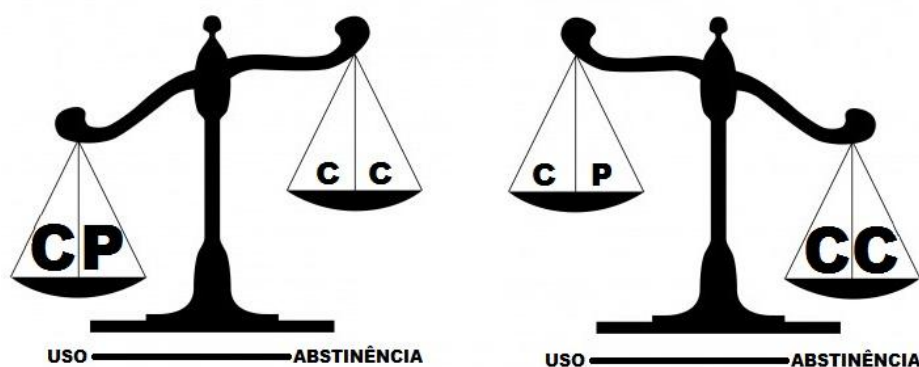


Figura 17. Relação entre crenças permissivas (CP) e crenças controladoras (CC): quanto mais fortes as CC, maior a tendência à abstinência. Fonte: Adaptado de Scali e Ronzani (2007, p. 04).

O uso de drogas depende de uma troca de valores, elas não são de graça. O sujeito vai investir cada vez mais recursos financeiros e de tempo para conseguir comprá-las, se colocando cada vez mais em ambientes de risco, se expondo a situações de conflito o que pode resultar em toda sorte de danos ao seu corpo. Estas pessoas, nestas condições, seriam fortes candidatos a ingressarem como membros de Narcóticos Anônimos.

5.2 Qual o conceito de Adicção?

Os fundadores de NA, depois de autorizados por AA a utilizarem seu programa terapêutico, bem como fazerem adaptações conforme suas necessidades fizeram uma alteração radical no enunciado do primeiro passo. Os Alcoólicos Anônimos propunham o reconhecimento de uma impotência perante o álcool, o NA propõe uma admissão da impotência perante a adicção, desviando o foco da substância para um conceito mais global, ou seja, das drogas para a adicção (CARDOSO, 2006, p. 37).

Foi incorporada uma ideia peculiar de cronicidade perante a adicção às drogas.

O caráter de doença crônica é prerrogativa para o tratamento da adicção, o grupo se vale desse pragmatismo para que os membros estejam sempre em cuidado de si. Desta forma, o estar “adicto em recuperação” coloca o indivíduo em situação de adoecimento e de cronicidade. Ele irá, da maneira como sua condição é re-significada a partir da experiência com o grupo, elaborar formas de lidar com a doença, com o estado de abstinência e com sua recuperação (BARROS, 2014, p. 01).

Assim, o que caracteriza NA como irmandade de iguais não é o fato de terem usados esta ou aquela droga. Isso distinguiria os participantes em subgrupos de usuários desta ou daquela substância. Quando sentem que já não suportam mais, eles vão:

[...] procurar ajuda com o grupo para recuperar-se de seus problemas como o uso e o abuso de drogas. De modo que para que isto ocorra a condição latente é que o indivíduo reconheça que está doente e precisa de tratamento (BARROS, 2014, p. 10).

Como as drogas constituem um grupo muito grande e variado de substâncias, o uso do conceito de adicção ajudou a criar uma identidade de grupo, considerado um problema nos primeiros anos de existência de NA. Em outras palavras:

Quando adictos se reúnem e focalizam as drogas, estão em geral focalizando **suas diferenças**, porque cada um de nós usávamos uma droga diferente ou combinação de drogas diferentes. A coisa única que todos partilhamos é a **doença da adicção** (NARCOTICS ANONYMOUS, 1996a, sem paginação).

A adicção é considerada por NA como uma doença incurável de características crônicas, confirmada diariamente pelas múltiplas interações grupais.

A ideia de doença é colocada primeiramente a partir da concepção do próprio grupo, que entende que assumir a adicção como uma doença é o primeiro passo para conseguir viver em abstinência. Já a perspectiva da cronicidade se entende como uma categoria mais subjetiva que envolve os sujeitos no processo de um tratamento. O crônico aqui está afirmado, sobretudo, pelo cotidiano do grupo, e pelas questões individuais geradas pela busca de uma abstinência longa e duradoura, mas concebida sobre uma determinação e uma manutenção diária do corpo e das normas - “Só por hoje” (BARROS, 2014, p. 04).

A atmosfera de identificação, de pertencimento, é mantida, deixando claro que a adicção se refere a drogas e não a qualquer outro tipo de dependência, como jogo, comida, sexo, trabalho etc. Isso foi conseguido com a terceira tradição de NA que diz que “o único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar” drogas (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b, p. 72).

Já que se trata de adicção, por que não o usar no nome da organização? Argumenta-se que, para caracterizar com maior clareza o desligamento do AA, o nome *Addicts Anonymous* (AA) foi rejeitado, argumentando-se que:

Naquela época, 'narcóticos' se referia a todas categorias de drogas, e, portanto, 'Narcóticos Anônimos' foi uma escolha razoável como nome da nossa irmandade. Assim, o título original refletia de fato nossa filosofia de não estar focalizado numa droga específica ou drogas em geral. Infelizmente, mais tarde, a palavra 'narcóticos' tornou-se associada com uma categoria particular de drogas (NARCOTICS ANONYMOUS, 1996b, sem paginação).

A adicção encarada como doença, na argumentação de Nascimento (1996, p. 83), para além da disfunção biológica ou de um conjunto de sintomas ou qualquer outra doença, é um acontecimento humano que precisa de interpretação e a sociedade encara como um problema exigindo uma explicação.

Ilustrando a magnitude do problema, o professor Thomas Babor (1994), da Universidade de Connecticut, fez um levantamento das diferentes definições populares, médicas, psicológicas e psiquiátricas de dependência química, demonstrando a completa falta de consenso entre os especialistas sobre o conceito de drogadição.

Autores no campo da psicanálise preferem fazer referência ao conceito de toxicomania. Outros, por sua vez, referem-se à dependência química, mas a orientação teórica e filiação ideológica são geradoras da falta de consenso caracterizada por diversos embates que remontam ao século 19 (BERRIDGE, 1994).

Narcóticos Anônimos se recusam a intrometerem-se em controvérsias públicas permitindo com isso que a entidade formule seu próprio conceito acerca do fenômeno da dependência química, pouco importando os debates teóricos sobre a precisão do conceito.

Existe uma grande discussão pública sobre a questão da adicção ser ou não uma doença, e escolhemos não nos envolver nessa discussão. Entretanto, faz parte da compreensão e da experiência coletiva da nossa irmandade que a adicção é, de fato, uma doença. Não temos razão para contestarmos essa percepção agora. Ela tem nos servido bem (NARCOTICS ANONYMOUS, 1996b, sem paginação).

O que é relevante é se a representação da adicção tem serventia ou não para a vida dos membros de NA:

Ao reformular o primeiro passo, o NA ampliou o foco do processo de recuperação. A luta, ao invés de se concentrar no puro e simples deixar de usar, expande-se para contemplar os aspectos da vida que foram prejudicados pela adicção ativa e que contribuem para a mesma. Assim, o abuso de drogas é interpretado como sintoma e não como doença em si. Doença que é interpretada como sendo física (uso compulsivo de drogas), mental (desejo incontrolável que nos leva a usar) e espiritual (total egocentrismo) (CARDOSO, 2006, p. 39).

A recuperação em Narcóticos Anônimos só é alcançável a partir da abstinência total a toda e qualquer substância que altere a condição psíquica do indivíduo, sejam elas lícitas ou não, inclusive automedicação.

O tratamento, este, tem como objetivo alcançar a abstinência total às drogas e uma reinserção na sociedade. Então, aqui vemos a categoria de “adicto em recuperação”. Este é aquela pessoa que está constantemente tentando viver livre das drogas. É exatamente nesta condição que vê-se a questão subjetiva da ideia de cronicidade para pensar o tratamento da adicção. Pois entendendo que as drogas podem voltar a tornar-se problema para a vida daquele indivíduo ele estará - sempre - em constante processo de tratamento em busca de uma abstinência (BARROS, 2014, p. 10).

Assim estes grupos constroem a significação que liga o objeto (drogadição), com um consenso inexistente dentro da comunidade científica, ao sujeito (adicto) através da atribuição ao objeto de características físicas, mentais e, principalmente, espirituais. Ao assegurar a existência de um “capital cognitivo comum aos membros de um mesmo grupo”, acaba por facilitar a comunicação interna ao trabalharem com um mesmo substrato conceitual (CARDOSO, 2000, p. 23).

5.3 Relação entre os Doze Passos e a Psicologia Cognitiva

Dentre as várias perspectivas teóricas, disponíveis na Psicologia, para a análise dos Doze Passos de Narcóticos Anônimos (2015, p. 20-21), optou-se por fazê-la sob a ótica da Psicologia Cognitivo por ser um dos modelos teóricos cujos princípios, já apresentados, asseguram uma perspectiva alinhada com seus propósitos de transformação.

Assim, retomando a questão original proposta para este trabalho buscou-se fazer uma leitura dos Doze Passos de NA sob a ótica da Psicologia Cognitiva.

Cada um dos Doze Passos de NA apresenta, às pessoas que desenvolveram dependência química, reflexões sobre comportamentos a serem transformados, comportamentos normalmente presentes nestas pessoas. , Tais comportamentos personificam-se em pessoas caracterizadas como: “iludidos, grandiosos, controladores, envergonhados, amedrontados, perfeccionistas, obstinados, arrogantes, buscadores de aprovação, defensivos, escapistas e sofredores” (CARNES, 2001, p. 127).

Neste aspecto, o papel do modelo de Narcóticos Anônimos na superação da problemática das drogas tem como finalidade propiciar condições para mudanças cognitivas e comportamentais mais adaptadas a uma vida mais saudável.

Assim sendo, cada um dos Doze Passos ajudará os integrantes de NA na conquista de um contato melhor consigo mesmo, contribuindo para o desenvolvimento de características como:

Percepção da realidade, sentido de limitação, confiança no outros, auto-valorização, perdão, cura das ruínas, “deixar de lado”, honestidade, integridade, responsabilidade, entrar em contato consigo e testemunhar o caminho (CARNES, 2001, p. 127).

Doze Passos sugerem a quem os pratica, que seja mudada a postura de vítima martirizada e que compartilhe as mudanças ocorridas com outras pessoas que passam pelos mesmos problemas.

Passo 1 - Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.

A admissão da impotência e do descontrole é o ponto de partida para a aceitação de ajuda e de que algo precisa ser feito. Para se chegar plenamente nesta condição, via de regra, o membro chegou a uma situação conhecida como “fundo do poço”, ou seja,

[...] complicações médicas, acidentes, negligência de responsabilidades, problemas de relacionamento familiar e social, dificuldades ocupacionais, dificuldades financeiras, problemas legais. (DSM-IV, sd)

A prática deste passo permite comparar o paradoxo dos processos da dependência com a realidade vista sem o uso de drogas, reconhecendo o descontrole que tomou conta da vida no que diz respeito as condutas que envolve relacionamentos com intimidade, família, trabalho/profissão, estudos, situação financeira etc. Por estar com a capacidade de julgamento prejudicada muitas destas condutas decorrentes expõem a pessoa a riscos evitáveis, A identificação das consequências do que o uso de drogas o levou é fundamental na prática deste passo. Segundo Carnes (2001, p. 34-38) estas consequências podem ser:

Emocionais: sentimentos/tentativas de suicídio, pensamentos homicidas, desespero, vida dupla – uma pública e outra secreta, culpa, vergonha, isolamento, solidão, medo do futuro etc.;

Físicas: Risco à saúde, perda/ganho de peso, alterações na pressão arterial, sofrer abusos físicos de outros, problemas de sono, acidentes com veículos, proximidade ao crime, DST's, overdose etc.

Espirituais: sentimento de vazio espiritual, de se sentir abandonado por Deus (da forma que a pessoa compreende), perda da fé em algo espiritual, desligamento de si e do mundo que o cerca, dentre outras;

Familiares: risco de perda ou mesmo a perda de cônjuge, problemas com filhos, bem-estar familiar comprometido etc.;

Na Profissão ou na Educação: perda de oportunidades, baixa motivação, produtividade comprometida, perda de respeito por parte dos colegas, notas menores, subemprego, troca de carreira, desemprego.

Pode-se associar ao elenco de consequências a perda de amizades importantes, deixar de ter atividades de lazer e passatempos, acúmulo de problemas financeiros, prisões, problemas legais e muitos outros.

Passo 2 - Viemos a acreditar que um Poder maior do nós poderia devolver-nos à sanidade.

O antigo aforismo “*spiritus contra spiritum*” insinua uma incompatibilidade mútua entre o álcool e a espiritualidade, ou seja, um combatendo o outro. A dependência de substâncias psicoativas é, por definição, um processo segundo o qual a droga desloca as antigas prioridades, relações pessoais e valores, progressivamente tornando-se a preocupação central da vida de uma pessoa, como uma idolatria (MILLER; BOGENSCHUTZ, 2007, p. 433).

Quanto à questão religiosa por trás da criação dos Doze Passos, Miller e Bogenschutz afirmam que:

[...] os Doze Passos constituem um exemplo de que até um modelo explicitamente teísta pode separar-se da religião organizada e atrair ateus ou agnósticos [...] possibilita uma boa aproximação do indivíduo à suas próprias crenças (MILLER; BOGENSCHUTZ, 2007, p. 435).

O conceito de insanidade para NA pode ser resumido em “fazer as mesmas coisas esperando resultados diferentes”, frase falsamente atribuída a Albert Einstein.

Para o adicto, que é “um homem ou uma mulher cuja vida é controlada pelas drogas”, é uma espécie de pensamento fantasioso acreditar que seu uso de drogas pode ser diferente do que tem sido até então, comprometendo a possibilidade de avaliar com clareza e lógica a realidade que o cerca, fazendo parte do grupo de crenças permissivas (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015, p. 3).

Praticar este passo é um desafio à arrogância na qual o adicto mergulha, e tal passo busca lembrar aos membros da organização que eles não passam de seres humanos limitados como todos os outros. Desta forma, é um passo de chamada à sanidade, aqui entendida como a capacidade de avaliar com algum grau de clareza a si próprio bem como o seu contexto, reforçando as crenças controladoras.

Passo 3 - Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós O compreendíamos.

Este passo ressalta a importância do controle emocional focado em si mesmo e em seus próprios processos (crenças controladoras) em contraste com o esforço para tentar controlar as circunstâncias (crenças permissivas). Estimula confiança, o desenvolvimento de uma visão de futuro mais positiva.

Outro aspecto deste passo é ir deixando uma postura de controlador, egoísta para outra que valoriza a confiança nos companheiros e em um Poder Superior diminuindo o medo em relação aos outros e ao futuro.

Passo 4 - Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.

Este passo representa o processo de autoconhecimento. Enfrentar sentimentos, como o medo do desconhecido, além de assumir responsabilidade pelos atos praticados através da manipulação dos sentimentos das pessoas, identificando eventos vergonhosos e constrangedores, evidencia o quanto se tem de humanidade, permitindo através desta avaliação identificar seu real tamanho. Ninguém é tão pequeno quanto seus medos nem tão grande quanto gostaria. Conhecer e assumir estes eventos bloqueia comportamentos de fuga/esquiva que geram ansiedade aliviada com o uso de drogas.

Este passo é fundamental para lembrar as conquistas, valores, princípios e crenças que foram conservadas (Crenças Centrais e Crenças Intermediárias).

Na vivência deste passo, além de emoções, como a vergonha, é natural que se tenha também a tristeza decorrente das perdas. Quando estas emoções não são expostas e devidamente trabalhadas e assimiladas, elas podem funcionar como espécie de “gatilhos” emocionais para recaídas (crenças permissivas). O fato de terapeuticamente buscar meios que permitam a exposição destes “gatilhos”, permite desarmá-los através de mecanismo de aceitação, uma vez que estando no campo temporal do passado não teria possibilidade de se refazer, apenas de se reparar o dano.

Na Psicologia Cognitiva, é importante avaliar não só o que foi aprendido no contexto da drogadição, listando o que mudou no relacionamento consigo próprio (como considerar-se desonesto, mau e, portanto merecedor de sofrimento etc.), mas também identificar as qualidades que possui e que foram preservadas e como podem ser desenvolvidas.

Este passo ensina a tirar energia da vergonha que separa o membro de si mesmo e dos outros, trazendo aceitação, na conquista da autovalorização, dando mais peso às crenças controladoras.

Passo 5 - Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.

Este passo representa o compartilhar com outra pessoa o passo anterior, revelando informações que eram guardadas como segredos, como coisas que seriam as causas de vergonhas e constrangimentos. Tem o papel de mostrar ao membro de NA que é possível continuar sendo amado e que os erros podem ser perdoados. Reconhecer que as consequências destes comportamentos foram decorrentes do uso de drogas facilita o processo de perdoar a si próprio, fase fundamental que permitirá olhar a vida para frente. Assumir a responsabilidade pelos próprios atos, reconhecer a paralisia gerada pelo medo, o uso inadequado de emoções e sentimentos, reconhecer a capacidade de assumir riscos saudáveis além de revelar que todos passaram por eventos vergonhosos e estão superando com coragem inclusive reconhecendo que existiram conquistas a serem comemoradas, mas que por distorção cognitiva não eram valorizadas.

É um ponto de virada, pois é o gesto que caracteriza a saída do egocentrismo em direção à socialização. É acreditar que poder ser aceito do jeito que é (Crença Controladora).

Passo 6 - Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

Faz parte do exercício deste passo identificar quais crenças podem estar comprometendo a qualidade de vida da pessoa. Porém não basta identificar, para funcionar deve-se partir da decisão de transformar sua influência. Do ponto de vista da Psicologia, neste passo não se tratam só de crenças controladoras ou permissivas. Ele vai além, chegando às Crenças Intermediárias ou auto-regras e às Crenças Centrais.

Depois de realizado o balanço e identificar que coisas podem estar no cerne dos sofrimentos passados e presentes, oferecendo riscos de recaídas futuras, imprime-se ação no sentido de transformar as deficiências em qualidades. As deficiências ou “defeitos de caráter” estão muito associados aos “Sete Pecados Capitais”, interpretação católica acerca dos comportamentos exagerados que comprometem os seres humanos e a sociedade, como a Luxúria, Gula, Avareza, Ira, Soberba, Vaidade e Preguiça, além de suas outras facetas como a teimosia, o ciúme, grandiosidade, controle etc.

Especificamente este passo estimula uma postura menos perfeccionista, buscando transformar as características comportamentais e cognitivas do passado em uma espécie de cura para os sofrimentos do presente.

Passo 7 - Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.

Depois de reconhecer uma série de pensamentos automáticos e comportamentos disfuncionais que trazem algum tipo de dificuldade de ajustamento pessoal e social, oriundos do exercício anterior (Passo 6), o membro de NA em recuperação deverá reconhecer que pode existir uma postura psicológica e comportamental que seja mais vantajosa, como se as coisas pudessem ser colocadas em uma balança para avaliação.

Alguns destes defeitos de caráter foram desenvolvidos como mecanismos de sobrevivência no mundo das drogas, mas que agora vão se tornando desnecessários. Os sentimentos de grandiosidade, orgulho, teimosia, ciúme, desonestidade deverão ser substituídos por suas versões saudáveis. Este passo conduz a uma postura menos rígida, permitindo mudanças que podem ser boas e podem ocorrer.

Passo 8 - Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.

Assumir a responsabilidade pela própria vida implica necessariamente em assumir as consequências, boas e más, dos atos que foram e estão sendo praticados.

O reconhecimento de que o passado de uso de drogas deixou uma esteira de prejuízos emocionais e materiais tanto para si próprio como para terceiros, é a fase inicial da prática deste passo, que se completa com a listagem das situações, como ocorreram que pessoas ou entidades estavam envolvidas e qual o prejuízo causado. Com a listagem concluída passa-se a fase dois deste passo oito.

Esta fase seguinte requer a troca de uma postura orgulhosa e rígida por outra mais honesta e flexível, a mudança no estilo de vida possibilita a formação de novos comportamentos.

A vivência deste passo visa mudar o ponto de vista em que a culpa e o arrependimento geravam emoções desconfortáveis e transformá-lo ao assumir a responsabilidade por danos causados.

Passo 9 - Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.

Este passo é de ação, busca corrigir o que for possível através de reparações e da reconciliação com o próprio passado.

Durante as reuniões, com a partilha de experiências, escutando o relato de outros membros de NA de como foi que resolveu estes problemas, que dificuldades apareceram e como foi superado, o novo membro está aprendendo os meios e maneiras de fazer suas reparações. Treinar antecipadamente o que dizer e imaginar o cenário que poderá ter pela frente são formas de se preparar cognitivamente. O incentivo encorajador tem um efeito muito benéfico na consecução desta meta.

Como resultado tem-se o efeito curativo deste passo, cura esta considerada imensa porque não é só para se sentir perdoado, mas sim em se dispor a remediar os danos causados. É uma mudança prática no comportamento da pessoa em recuperação do uso de drogas, que passa a ser construtor, não mais destruidor da sociedade, uma vez que os recursos que tem não vão mais alimentar tráfico de drogas e o crime organizado.

Passo 10 - Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

Avaliação diária das situações, pensamentos automáticos, emoções e comportamentos decorrentes, comparando-os com aquilo que foi traçado como objetivo é parte do processo terapêutico dos Doze Passos. Este procedimento vai se naturalizando com o uso até não se perceber enquanto esforço exigido para ser realizado. Manter esta vigilância é útil uma vez que os processos cognitivos mais profundos estão obscurecidos da consciência por toda uma série de distorções cognitivas. Este procedimento ajuda a identificar que os pensamentos

automáticos são influenciados por um conjunto de Crenças Centrais e Intermediárias.

Passo 11 - Procuramos, através de prece e meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.

Este passo recomenda uma postura serena, uma espécie de silenciar os pensamentos. Para realiza-lo, o membro de NA pode usar técnicas de relaxamento com um local silencioso, uma música de fundo tranquilizadora, respiração compassada etc., que favoreça a conexão como outros níveis cognitivos, favorecendo o estado geral da pessoa no enfrentamento das questões do dia-a-dia.

Passo 12 - Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Este sugere que seja mudada a postura de vítimas martirizadas e compartilhem as mudanças ocorridas como outras pessoas que tenham problemas semelhantes. Para um dependente que assiste uma reunião de NA é estimulante saber que existe vida após o uso de drogas, que seu problema tem solução. A prática de falar de si para ou outros é de fundamental importância para renovar o compromisso publicamente de que está em recuperação do uso de drogas e que, estar “limpo” é uma mensagem forte de esperança.

A convivência e o envolvimento entre os membros de NA induz a mudanças nas crenças que nortearam os pensamentos automáticos disfuncionais que são os indutores de emoções. Estas emoções se manifestam em comportamentos auto-destrutivos daqueles que estão na fase de uso abusivo de drogas ou mesmo na fase de dependência.

A influência destes valores e princípios podem ser um forte catalisador. Cria uma referencia de comportamento e conduta que passam a ser buscados, colocando

em contraste com a sociedade pós-moderna que tem, cada vez mais, seus valores fluidificados.

6 GRUPOS, SUAS CARACTERÍSTICAS E SUAS DINÂMICAS

Nesta seção, são tratados temas que fundamentam a compreensão da dinâmica dos grupos de NA. São abordados alguns conceitos sobre dinâmicas de grupo na perspectiva do psicólogo Kurt Lewin e então são apresentadas informações sobre o que são as comunidades tradicionais e suas características uma vez que os grupos de NA se aproximam de alguns conceitos desta modalidade de agrupamento social.

Há diversas concepções para o termo “grupo”, e a seguir são apresentadas as mais significativas. Uma das definições, considerada uma das mais completas, foi dada por Pichon-Riviere (2000) e encontra ressonância em muitos trabalhos já publicados:

Pessoas que se encontram por necessidades semelhantes. No decorrer do tempo e do desenvolvimento das tarefas, deixam de ser um amontoado de indivíduos e cada um passa a se assumir como integrante de um grupo.

Outra definição de grupo, que se aproxima dos estudos desta tese, foi enunciada por Jean-Marie Aubry (1978, p.09):

Uma entidade moral, dotada de finalidade existência e dinamismo próprios, distintas da soma de indivíduos que a constituem, mas intimamente dependentes das relações que se estabelecem entre estes diferentes indivíduos.

Já para Lewin (1978), a ideia do grupo é concebida como um todo dinâmico, uma *Gestalt*, que não é só resultado da soma dos seus integrantes, mas é possuidor de propriedades específicas enquanto “um todo”.

Além disso, Lewin (1978) enfatiza os aspectos de liderança democrática e da participação de todos na tomada de decisões, ressaltando as vantagens, tanto para a sociedade como para os indivíduos comuns, das atividades cooperativas em pequenos grupos.

No início do século 20 com os problemas relacionados às guerras, à economia e à educação, Aubry (1978, p. 05) afirma que “o homem esforçou-se para dar ao seu trabalho o máximo de eficácia e produtividade” recorrendo ao trabalho em equipe.

Nos anos 1930, Kurt Lewin começou a estudar, com suas equipes de pesquisadores de psicologia dos grupos, os problemas das equipes de trabalho e

de como poderiam melhorar sua eficácia. Esta nova ciência foi batizada como “dinâmica de grupo” (AUBRY, 1978, p. 05).

Tomando como referência os estudos de Kurt Lewin realizados na década de 1930, sobre Dinâmica de Grupos:

[...] é possível afirmar que a mudança de valores conduz finalmente a uma mudança de conduta social, é igualmente certo que as mudanças de padrões de ação e da vida real do grupo mudarão os valores culturais (LEWIN, 1978, p. 55).

O autor considera que esta mudança indireta dos valores culturais é provavelmente mais profunda e permanente do que aquelas decorrentes da propaganda (LEWIN, 1978, p. 55).

Como os grupos de NA trabalham a partilha sincera e honesta, entre outros temas, de situações do cotidiano que possam estar associadas a desvio de caráter dos participantes, nessas partilhas, ao falar dos próprios problemas, os participantes reduzem a distância entre o que gostariam de ser e suas práticas atuais.

A configuração dos processos cognitivos e comportamentais que ocorrem a partir do encontro de pessoas nos grupos (como os grupos de NA) pode ser definida como um processo educativo, ou melhor, re-educativo. Neste sentido, a natureza do processo re-educativo face às divergências entre o indivíduo ou grupos e a sociedade passa por algumas condições importantes, de maneira que este indivíduo ou grupo seja “reconduzido aos valores e às condutas que estão sintonizadas com a sociedade em que vive”, entendendo que esta divergência é em relação à norma ou “a realidade dos fatos” (LEWIN, 1978, p. 72). Reflexões acerca deste processo re-educativo são apresentadas na seção 6.2.

Ainda sobre dinâmica de grupo, a convivência das pessoas nos grupos terapêuticos anônimos pode ser estudada também pela perspectiva das Comunidades Tradicionais a partir da classificação de grupos definido pelo antropólogo Elman Roger Service em 1962 (*apud* DIAMOND, 2014b), considerando que possivelmente ao longo de mais de seis milhões de anos a evolução do homem foi conduzida prioritariamente por forças naturais. A diferenciação social, econômica, cultural e tecnológica seria o resultado dos efeitos do ambiente geográfico naqueles primeiros migrantes que colonizaram o planeta (DIAMOND, 2014b, p. 28).

Service (1962, *apud* DIAMOND, 2014b) estabeleceu uma classificação em quatro estágios de evolução social, que são também os quatro níveis de organizações políticas: o bando, a tribo, as chefias e por fim, o estado. Cada um com características próprias quanto número de pessoas, do sistema de vida, forma de implicação dos membros com o grupo, padrão de agrupamento, forma de governo, burocracia, soluções de conflitos, religião, divisão do trabalho, sistema de trocas e níveis de estratificação social, dentre outros. Os grupos de NA podem ser analisados à luz desses estágios de evolução social, buscando caracterizar a dinâmica desses grupos, compreender como se dá essa dinâmica e os elementos que a compõem.

6.1 Comunidades Tradicionais

O estudo tomado como base foi o realizado pelo antropólogo Elman Service (1962) e pelo biólogo Jared Diamond (2014b). Estes trabalhos têm como tema central os grupos tradicionais e como eles evoluem. Assim, é feito um rápido retrospecto destes trabalhos, que remontam dos primórdios quando surgiram os primeiros grupos humanos, até os complexos dias de hoje.

Para fazer este percurso pela história dos grupos humanos surge logo uma questão: como classificar os grupos?

Este pode ser o mesmo problema que os psicólogos do desenvolvimento enfrentaram quando discutiam sobre as diferenças entre as pessoas. Considerando que cada ser humano seja único em suas idiossincrasias, existem aspectos que as crianças de três anos têm que se diferenciam de jovens de 20 anos. Existe uma continuidade, sem sobressaltos, entre uma criança de três anos e uma criança de seis anos. Mesmo que existam diferenças entre indivíduos da mesma idade, psicólogos do desenvolvimento adotam categorias como bebê, criança pequena, criança, adolescente, jovem adulto etc. Mesmo sabendo que é imperfeita esta categorização, ela ajuda a entender características típicas de cada fase e, assim, pode auxiliar no seu trabalho terapêutico (DIAMOND, 2014b).

Seguindo este princípio classificatório aplicado aos grupos, verificou-se que, ao longo de mais de seis milhões de anos, a evolução do homem foi conduzida prioritariamente por forças naturais e a diferenciação social, econômica, cultural e

tecnológica é o resultado dos efeitos do ambiente geográfico naqueles primeiros migrantes que colonizaram o planeta (DIAMOND, 2014a).

O biólogo evolucionista Jared Diamond (2014b) reconhece que no atual estágio de evolução política da sociedade, na sua maioria em Estados-nações, é possível encontrar vestígios de comunidades tradicionais que ainda mantêm hábitos e costumes praticamente inalterados há alguns milhares de anos.

Diamond estudou dezenas destas comunidades espalhadas pelo mundo, tomando como referência a proposta do antropólogo Elman Roger Service que as definiu em 1962 em quatro classificações referentes aos estágios de evolução social, que são também os quatro níveis de organizações políticas, sendo elas o bando, a tribo, as chefias e por fim, o estado. Diamond constatou uma série de características típicas da evolução política destes grupos elencadas no Quadro 13. A seguir serão discutidas algumas destas características.

6.1.1 O bando

A primeira e mais antiga forma de associação é o bando, tipicamente integrado por poucas dezenas de indivíduos com graus de parentesco próximo distribuídos em várias gerações em que todos se conheciam. Para sobrevivência, viviam da caça-coleta de alimentos com a participação de todos nas tarefas, sem grande diferenciação econômica ou social. As decisões eram tomadas coletivamente, discutidas por todos, mesmo sem a presença de um líder. Os conflitos internos eram mediados pelo bando, uma vez que as relações eram de longo prazo e uma vez que abandonar o bando seria uma temeridade em uma época em que os estranhos eram sumariamente mortos se fossem encontrados por outros bandos. Assim, era mais vantagem para sobrevivência do indivíduo e do bando se todos pudessem permanecer juntos. No encontro de dois bandos, o estranhamento era sempre repellido através de disputas violentas pelo espaço e recursos naturais (DIAMOND, 2014a, p. 267, 269).

Desta forma permaneceu a humanidade por dezenas de milhares de anos até conseguir selecionar os tipos vegetais que melhor se adaptavam aos locais de assentamento provisórios, bem como os primeiros animais domesticados que poderiam ser criados e não mais caçados, propiciando uma maior produção de

alimentos em uma área de terreno menor, permitindo os primeiros acampamentos mais perenes. Isso se deu por volta de 11.000 a.C., quando começou a surgir o próximo nível de evolução social, a tribo (DIAMOND, 2014a, p. 267).

6.1.2 A tribo

Composta por algumas famílias, clãs com algumas dezenas de indivíduos, a tribo chegava até cerca de 1.000 indivíduos, mas todos se conheciam pelo nome, não existindo estranhos.

Os membros da tribo sobreviviam como agricultores e criadores de animais, e desenvolveram alguma capacidade de produção de alimentos, permitindo viver de forma semi-permanente através da reciprocidade nas trocas mútuas e alguma redistribuição, ainda sem divisão do trabalho, refletindo uma baixa especialização econômica (DIAMOND, 2014a).

Na tribo, existe uma fraca liderança, funcionando sem burocracias, mesmo com a presença de um líder fraco que pode se manter pela persuasão e a personalidade. O poder é descentralizado com alguns oficiais temporários, como homens fortes ou anciões, que adquirem poder por competência ou saber (DIAMOND, 2014a).

A sociedade se mantém relativamente igualitária, democrática e as diferenças existentes são incipientes, não rígidas ou permanentes favorecendo a solução de conflitos de maneira informal (DIAMOND, 2014a, p. 268).

Pesquisas arqueológicas asseguram que este estágio evolutivo perdurou em algumas regiões do planeta até poucas décadas. Porém, por volta do ano 5.500 a.C. são encontrados os primeiros vestígios que indicam a formação de um agrupamento um pouco mais sofisticado, as chefias (DIAMOND, 2014a, p. 273).

6.1.3 As chefias ou tribos centralizadas

Segundo Diamond (2014a, p. 273), os registros arqueológicos típicos das chefias ou tribos centralizadas datam de cerca “de 5.500 a.C. no Crescente Fértil, e por volta de 1.000 a.C. na Meso-América e nos Andes”.

Neste estágio de evolução, a sociedade é composta de milhares de indivíduos, com muitas famílias que não têm afinidade, sendo o traço mais característico é que nem todos se conhecem. Se as brigas mortais existiam entre indivíduos estranhos nos estágios anteriores, nas chefias, pela primeira vez na história, os homens tiveram que aprender a encontrar-se com estranhos sem tentar matá-los (DIAMOND, 2014a, p. 273).

Para isso acontecer, uma parte da solução foi a existência de uma pessoa, um chefe, com direito ao monopólio do exercício da força. Diferente da tribo, o chefe ocupava um cargo reconhecido por direito hereditário. Daí o sistema ser centralizado, com autoridade inclusive para conter os atritos e solucionar conflitos, se não diretamente, através de burocratas.

A segunda parte da solução era que todos passaram a partilhar uma mesma ideologia, ou religião, e as identidades políticas e religiosas eram derivadas de suposta ligação divina do chefe.

Existiam aldeias sedentárias ou vilarejos com média densidade populacional sobrevivendo com boa produtividade de alimentos através da agricultura não-mecanizada, criação de animais e armazenamento do excedente produzido. Nas chefias, havia alguma divisão do trabalho e uma redistribuição de bens para sustentar burocratas, guerreiros, sacerdotes, artífices, a partir da coleta de tributos, promovida pelo chefe, tributos tais como alimentos e trabalho, muitas vezes executados por escravos, uma espécie de antepassado dos impostos (DIAMOND, 2014a, p. 275).

O chefe ocupava o topo da hierarquia social, seguida por seus familiares, burocratas etc. Uma das características das chefias era a existência de uma linhagem estratificada e uma desigualdade institucionalizada em camadas tanto social, econômica como política. Isso se refletia no acesso a estilo de vida mais confortável com alimentos, roupas e ornamentos (DIAMOND, 2014a, p. 268).

Algumas destas organizações cresceram e se sofisticaram em vários aspectos. Construíram obras públicas como sistemas de irrigação para benefício do próprio povo com maior produção de alimentos, bem como para beneficiar a si próprios como no caso das tumbas extravagantes.

6.1.4 Estado-nação

Segundo Diamond (2014a, p. 278), a próxima etapa evolutiva a partir das chefias são os Estados, que surgiram em épocas diferentes ao redor do mundo. Os primeiros nasceram por volta 3700 a.C. na Mesopotâmia, 300 a.C. na Meso-América, há cerca de dois mil anos nos Andes, na China e no sudeste da Ásia, e há cerca de mil anos na África ocidental. Como são muito mais documentados, é mais fácil identificar sua formação e características do que no estudo dos bandos, tribos e chefias.

Na configuração de Estado, a situação é definida por algumas variáveis. Um Estado é composto por pelo menos algumas dezenas de milhares de pessoas, vivendo distribuídas em aldeias e cidades de forma hierárquica com a presença de capital.

A economia se caracteriza pela produção intensiva de alimentos e pela divisão do trabalho com várias pessoas exercendo o controle da terra. Os produtos cultivados, criados ou fabricados circulam através de trocas mútuas entre vilas, aldeias, cidades e capital. As relações entre as pessoas, justamente pela divisão do trabalho, são baseadas em classes, porém com redistribuição de riquezas acontecendo através do pagamento de impostos.

O governo centralizado, com muitos níveis de burocracia, capaz de monopolizar a força e a circulação de informações, existe em torno de uma religião e/ou uma ideologia que pode justificar a cleptocracia. Mas, desta forma o governo poderia conter a violência da convivência entre dezenas de milhares de integrantes desconhecidos entre si, muitas vezes oriundos de mais de um grupo étnico com línguas diferentes. Alguns conflitos inevitáveis passam a ser solucionados a partir de leis, geralmente escritas por uma elite letrada, por uma polícia e por juízes.

Esta sociedade estratificada, inicialmente por parentesco, que tinha acesso a bens de luxo, diferenciava-se esteticamente conforme a posição em que cada um se encontrava. Nas primeiras experiências da organização por Estado, adotava-se a escravidão em larga escala. Ao invés de matar os inimigos, era aprisionado e usado como fonte de energia para exercer trabalho.

Quadro 13. Tipos de Sociedade.

TIPOS DE SOCIEDADES		Bando	Tribo acéfala	Tribo centralizada (chefaturas)	Estado
Situação dos integrantes	Numero de pessoas	dezenas	centenas	milhares	mais de 50 mil
	Sistema de vida	nômade	estabelecido: 1 vila	estabelecido: 1 ou mais aldeias	estabelecido: muitas aldeias e cidades
	Base das relações humanas	familiar	clãs familiares	classes e residência	classes e residência
	Etnicidade e línguas	1	1	1	1 ou mais
Governo	Tomada de decisão, liderança	“igualitária”	“igualitária” ou homem-grande	centralizada, hereditária	centralizada
	Burocracia	nenhuma	nenhuma	nenhuma, ou 1 ou 2 níveis	muitos níveis
	Monopólio da força e da informação	não	não	sim	sim
	Solução de conflitos	informal	informal	centralizada	leis, juízes
	Hierarquia de povoamento	não	não	Não→aldeia principal	Capital
Religião	Justifica a cleptocracia?	não	não	sim	Sim→não
Economia	Produção de alimentos	não	Não→sim	sim→intensiva	intensiva
	Divisão do trabalho	não	Não	Não→sim	sim
	Trocas	mútuas	mútuas	Redistributivas (“tributos”)	Redistributivas (“impostos”)
	Controle da terra	bando	clã	chefe	vários
Sociedade	Estratificada	não	não	sim, por parentesco	sim
	Escravidão	não	não	pequena escala	larga escala
	Bens de luxo para elite	não	não	sim	sim
	Arquitetura pública	não	não	Não→sim	sim
	Povo alfabetizado	não	não	não	Com frequência

Obs.: A seta horizontal indica que o atributo varia entre sociedades menos e mais complexas deste tipo. Fonte: Diamond (2014a, p. 268)

6.2 Dinâmica de Grupos como elemento de terapia

Para subsidiar as discussões sobre grupos terapêuticos, como os grupos de NA, nesta seção são apresentadas as abordagens sobre grupos originadas principalmente dos trabalhos de Kurt Lewin.

Como psicólogo importante do campo da Gestalt, Lewin considera que a ação social, não menos que ação física, é guiada pela percepção (LEWIN; GRABBE, 1945). Desta forma, o mundo no qual se pode agir é o mundo apreendido pela percepção. As mudanças no conhecimento ou nas convicções (orientação de valor) resultarão em mudança de ação, se ocorreram mudanças na percepção de si próprio e da situação.

Os mecanismos grupais que subsidiam associações de Anônimos (Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos etc.) se organizam em processos de autogestão voltados para resolver tarefas específicas, definidas pelos próprios membros, e são dignos de observação e estudo. Alguns elementos e formas de trabalho dos grupos inspirados em Alcoólicos Anônimos (AA) podem ser de utilidade para a formação de outros tipos de grupo. Além disso, é um tipo de estrutura social que, desde o seu início na década de 1930, teve um crescimento sustentado muito importante, e por esta simples razão, destaca-se como um fenômeno social.

Sobre o surgimento deste tipo de grupo, Mota (2004, p. 41) comentou:

Nascidos a partir da incapacidade das instituições em oferecer-lhes uma alternativa, os indivíduos procuram nos grupos de ajuda mútua o apoio para superar problemas que envolvem dependências e perturbações de ordem psicológica. Os grupos são atrativos para a contemporaneidade: associações voluntárias com critérios mínimos para participação, estruturas administrativas sem hierarquias fixas, além de um *ethos* baseado em valores relacionais comuns. É fácil entrar e sair desses grupos e eles constituem um espaço alternativo ao mundo competitivo e uma oportunidade concreta para o desenvolvimento de relações íntimas baseadas em inovador sistema social.

Como dito anteriormente, os grupos de Narcóticos Anônimos (NA) nasceram a partir dos Alcoólicos Anônimos, em 1953, na Califórnia (EUA).

A influência dos grupos de NA nas vidas de seus membros pode ser medida a partir de informações publicadas na revista internacional *The NA Way Magazine*. Estudos realizados por Narcóticos Anônimos com 13.500 membros de várias

partes do mundo permitiram fazer um mapeamento de seus frequentadores (NARCOTICS ANONYMOUS, 2012, p. 02).

As áreas da vida que tiveram melhorias entre os membros de NA pesquisados foram as relações familiares, citadas por 92% dos entrevistados; a conectividade social, declarada por 88%; além de hobbies e interesses (80%), habitação estável (76%), emprego (72%) e avanço educacional (56%) (NARCOTICS ANONYMOUS, 2012, p. 02).

Alguns dos valores cultivados pelos grupos de NA são materializados em Passos, Tradições e Conceitos, conjunto de regras que acabou se transformando em base de um modelo terapêutico: a) DOZE PASSOS, que marca a vivência de cada membro, sendo de aplicação individual; b) DOZE TRADIÇÕES, que se referem às relações de convivência entre os membros de NA (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b); c) DOZE CONCEITOS, que têm a finalidade precípua de mediar a forma como os serviços de NA são executados com a finalidade de atender à 5ª Tradição que é “levar a mensagem ao adicto que ainda sofre” (ANEXOS A, B e C).

Retomando os estudos de Kurt Lewin (1978) acerca das mudanças de valores que, partilhadas por um grupo resultam em mudanças culturais e sociais, pode-se dizer que quando esta mudança ocorre em um indivíduo, ela pode ser reconhecida como um processo de “re-educação”. Re-Educação é um conceito concebido por Kurt Lewin entre 1930 e 1940 quando estudava os grupos.

[...] um processo semelhante a uma mudança de cultura. Trata-se de um processo em que as mudanças de conhecimento e crenças, mudanças de valores e padrões, mudanças de ligações e necessidades emocionais e mudanças da conduta cotidiana não ocorrem aos poucos, e independente umas das outras, mas dentro do quadro da vida total do indivíduo no grupo (LEWIN, 1978, p. 74).

Soma-se a este conceito, outro, publicado em 1957, por Leon Festinger, num trabalho sobre Dissonância Cognitiva. Esse trabalho confirma a afirmação de Lewin sobre os desconfortos que podem levar a um processo de re-educação, e como tal, considera-se que a dissonância cognitiva é um mecanismo importante para se estabelecer o processo de re-educação.

Para fazer a ponte entre Lewin e Festinger, será usado o conceito de “atitude” como a tendência que um indivíduo tem de responder a um objeto social (situação, pessoa, grupo, acontecimento) de modo favorável ou desfavorável. Esta resposta atitudinal permite interpretar, organizar e processar o objeto social a partir dos componentes cognitivo, afetivo e o comportamental. Estes vários elementos que podem se relacionar entre si compõem a cognição, isto é, “as coisas que uma pessoa conhece sobre si mesma, sobre seu comportamento e sobre o meio que a cerca” (FESTINGER, 1975, p. 18).

Festinger também inclui sob o termo cognição as opiniões, crenças, valores ou atitudes mesmo reconhecendo que existam distinções entre eles, porém, o mais importante deles é a “realidade” que todos os outros elementos devem refletir (espelhar). Ela:

[...] pode ser física, social ou psicológica, mas, em qualquer dos casos, a cognição descreve-a mais ou menos fielmente [...], um mapa verídico [...] exercerá pressões na direção do estabelecimento de correspondência entre os elementos cognitivos apropriados e essa realidade (FESTINGER, 1975, p. 19).

Em qualquer dos casos, a cognição descreve-a mais ou menos fielmente:

[...] dois elementos são dissonantes se, por uma razão ou outra, não se ajustam entre si [...] o inverso de um elemento decorrer do outro (FESTINGER, 1975, p. 21).

Os estudos sobre dissonância cognitiva consideram que a cognição significa todo conhecimento que se adquire de si mesmo, do seu comportamento, bem como do meio que a cerca; e consideram que as opiniões e crenças são consequências destas cognições. Já a dissonância é o mesmo que desarmonia, discordância, e o seu contrário, a “consonância” é a harmonia, acordo, convergência.

Assim, e um processo re-educativo pode se iniciar quando o indivíduo ou um grupo que havia se afastado de valores e “condutas benéficas para a sociedade em que vive”, estabelecendo uma divergência em relação ao que é normal, revê os seus atos e condutas e aproxima-os a essa normalidade social. Bernardin (2013) acrescenta que:

Se é evidente que nossos atos, em medida mais ou menos vasta, são determinados por nossas opiniões, bem menos claro nos parece que o inverso seja verdadeiro, ou seja, que **nossos atos**

possam modificar nossas opiniões [...] A experiência prova que um indivíduo em uma situação de dissonância cognitiva apresentará forte tendência a reorganizar seu psiquismo, a fim de reduzi-la (BERNARDIN, 2013, p. 23-24, grifo nosso).

Diante disso, é possível inferir que a convivência frequente de novos membros nos grupos de NA os leva a confrontar os valores que até então conduziram suas vidas, com aqueles que guiam os Narcóticos Anônimos em um convívio de camaradagem e acolhimento.

Há uma convergência entre os cientistas sociais quanto ao fato de que as diferenças de conduta não são inatas; são adquiridas, assim como as divergências da norma social. Diante disso Lewin formula uma hipótese sobre estas condutas afirmando que: **“São fundamentalmente semelhantes os processos que governam a obtenção do normal e do anormal”** (LEWIN, 1978, p. 73).

A influência que o grupo exerce no indivíduo, assim como as circunstâncias de sua vida, é o que efetivamente tem valor:

[...] são de natureza idêntica os processos responsáveis pela criação de imagens visuais inadequadas (ilusões) e as que provocam imagens visuais adequadas (realidade) [...] a 'realidade' não é um absoluto. Difere com o grupo a que pertença o indivíduo, exercendo forte pressão no que respeita à submissão de seus membros individuais (LEWIN, 1978, p. 73-74).

Dentro desta ótica – os processos que levam a formação de preconceitos e ilusões, e os que levam a percepção correta e a formação de conceitos sociais realistas, são essencialmente os mesmos –, Lewin (1978, p. 74, grifo nosso) considera que: **“O processo re-educativo tem de realizar uma tarefa que equivale essencialmente a uma mudança de cultura”**. Considera-se então que a re-educação é um:

[...] processo em que as mudanças de conhecimento e crenças, mudanças de valores e padrões, mudança de ligações e necessidades emocionais e mudanças de conduta cotidiana não ocorrem aos poucos, e independentemente umas das outras, mas dentro de um quadro de vida total do indivíduo no grupo [...] a re-educação equivale ao processo pelo qual o indivíduo, ao desenvolver-se na cultura em que se encontra, adquire o sistema de valores e o conjunto de fatos que mais tarde lhe irão governar o pensamento e a conduta (LEWIN, 1978, p. 74).

A re-educação é um conceito chave para o modelo proposto nesta tese para compreender as mudanças de valores e de condutas que podem ocorrer em um adicto que ingressa em grupos de NA e assim inicia o seu processo de recuperação. De certa forma pode-se dizer que o processo de recuperação inclui sempre um processo de re-educação.

7 TEORIA DE REDES

Esta seção é constituída de: informações sobre a teoria dos grafos, que permitem compreender os elementos que compõem as representações de redes; informações sobre redes sociais e, por fim, informações sobre redes complexas, suas métricas e propriedades.

A Teorias de Redes surgiu com a Teoria Matemática dos Grafos no século 18, que no século 19 evoluiu para a teoria das árvores, e anos mais tarde foi usada para a representação estrutural de compostos da química orgânica. Mas o interesse pela teoria dos grafos cresceu de fato com o advento dos computadores, que viabilizaram a realização de cálculos complexos (BOAVENTURA NETTO, 2012).

Existem muitas situações do cotidiano como as áreas de educação, transportes, saúde, física, esportes, economia, Internet etc. que podem ser descritas adequadamente através de grafos. Pode-se definir grafos como diagramas de pontos que se ligam uns aos outros através de linhas, formando pares. Estes pontos são ligados a outros e outros de forma a representar graficamente suas relações. Grafos são representados por diagramas, definidos por $G = (V, E)$ que é uma estrutura matemática constituída por dois conjuntos representados por (V) vértices e (E) arestas (GROSS; YELLEN, 1999). A técnica de análise de dados denominada Análise de Redes, está baseada na Teoria Matemática dos Grafos.

7.1 Teoria dos grafos

Os estudos sobre Teorias de Redes tiveram início com a Teoria Matemática dos Grafos em 1736. Tudo começou quando,

Leonard Euler observando as pontes existentes da então cidade de Königsberg (Prússia), atual Kaliningrado (Rússia), cortada pelo rio Pregel, questionou se era possível fazer um passeio para atravessar todas as sete pontes passando exatamente uma vez em cada uma delas. Euler fez uso de um grafo, objeto matemático que consiste em um conjunto de ponto, chamado de vértices ou nós, e um conjunto de linhas, chamadas de arestas ou ligações (FADIGAS, 2011, p. 16).

O procedimento para modelagem através de grafo (Figura 18) inicia pela,

(a) planta física; (b) simplificação da planta física retirando-se os detalhes; (c) representação esquemática do problema; (d) (uma) concepção com vértices e arestas (grafo). Com este modelo, Euler provou não só a impossibilidade de tal passeio, mas generalizou, mostrando que só seria possível se o grafo tivesse não mais que dois vértices dos quais saíssem um número ímpar de arestas (FADIGAS, 2011, p. 16)

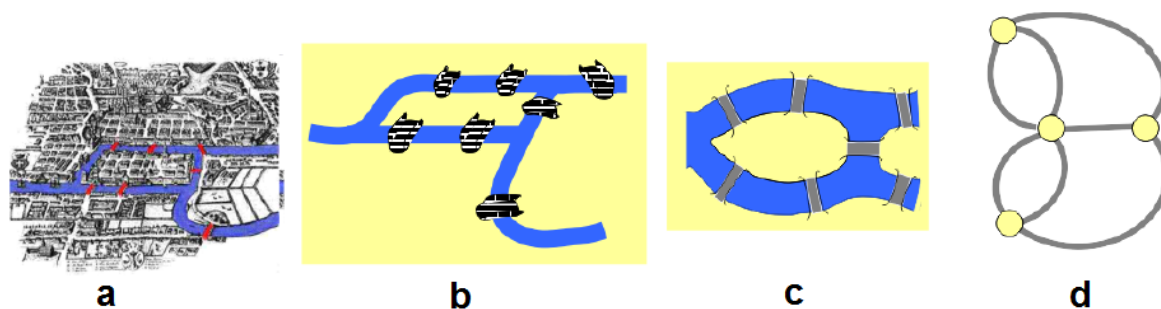


Figura 18. Etapas da modelagem por grafo. Figuras (b), (c) e (d) foram adaptadas de Fadigas (2011, p. 16)¹⁴.

No século seguinte, ano de 1847:

[...] foi criada a teoria das árvores, uma espécie de grafo com aplicações específicas em circuito na caracterização de conjuntos independentes. Dez anos mais tarde, destaca-se como uso da teoria de grafos a enumeração dos isômeros dos hidrocarbonetos alifáticos saturados, em química orgânica (BOAVENTURA NETTO, 2012, p. 02).

Segundo Boaventura Netto (2012), a partir de 1956 o interesse pela teoria dos grafos aumentou no mundo todo. Este interesse foi estimulado também pelo surgimento dos computadores que ampliou as possibilidades da aplicação dessa teoria.

[...] a imensa maioria dos livros sobre grafos foi publicada depois de 1970 [...] O desenvolvimento dos computadores levou à publicação de várias obras dedicadas aos algoritmos de grafos, abrindo assim possibilidades crescentes de utilização aplicada da teoria (BOAVENTURA NETTO, 2012, p. 02).

Na contemporaneidade surge uma técnica de análise de dados denominada Análise de Redes, baseada na Teoria Matemática dos Grafos. A Análise de Redes fornece vários indicadores sobre os elementos ou o fenômeno

¹⁴ Figura (a) foi obtida de <http://www-groups.dcs.st-and.ac.uk/history/Miscellaneous/Konigsberg.html>. Acesso em 04 ago 2010.

representado como grafo, permitindo identificar a densidade de ligações entre os pontos da rede, o menor caminho para ligar quaisquer dois pontos das redes, dentre outros indicadores (GROSS; YELLEN, 1999).

Nesta tese, são elaboradas redes com base em dados dos grupos de NA. A análise de redes existentes em grupos de NA – tais como: redes formadas pelos membros que se relacionam quando precisam de ajuda entre si, redes formadas entre um membro e aqueles que eles mais admiram por seu processo de recuperação, dentre outras – permite identificar participantes de destaque nesses grupos, e, ao analisar seus perfis, conhecer mais sobre as relações nestes grupos e suas características.

7.1.1 Métricas e Propriedades Estruturais e Topológicas

A análise de redes é uma área de estudo recente e de muitas possibilidades de pesquisa em diversos setores como educação, transportes, saúde, biologia, física, esportes, economia, redes de computadores, Internet, entre outros. Isso caracteriza a análise de redes como sendo multidisciplinar, e dependendo de algumas outras características como o tamanho da rede, abre perspectivas para outra área de estudos: as redes complexas.

Não sendo tarefa simples conceituar ou caracterizar as redes complexas, busca-se apoio em autores que auxiliam na compreensão e estudos das redes. Uma maneira possível é buscar elementos dos sistemas complexos e na teoria dos grafos para tentar enquadrar redes complexas, o que não diminui o nível de dificuldade.

De Angelis (2005) apresenta uma série de considerações sobre as redes complexas de maneira clara, parte das quais é reproduzida a seguir:

- As redes complexas apresentam a característica da emergência dos sistemas complexos, e assim não existe possibilidade de explicar, caracterizar ou conceituar a rede a partir do estudo dos seus elementos constituintes;
- Existe uma dificuldade grande em caracterizar uma rede complexa quanto ao seu tamanho e alguma dificuldade em relacionar uma pequena rede como complexa, sendo mais fácil fazê-lo quando ela exhibe proporções

maiores, no entanto pequenas redes podem ser redes complexas, pois, independentemente do tamanho, o que se busca estudar são as relações, interações, fatos, mudanças em relação as ligações;

- E a teoria dos grafos é um importante instrumento de caracterização das redes complexas e que auxilia no tratamento no tocante ao tamanho. Uma rede pequena pode ser analisada visualmente por um gráfico e à medida que o tamanho cresce pode se tornar inviável buscar determinadas características através da visualização; a partir deste ponto é interessante pautar o estudo através de características matemáticas, estatísticas e estruturais.

Este é um breve resumo sobre redes complexas, entretanto, ao longo deste texto serão apresentadas as propriedades estruturais e topológicas dessas redes, assim como informações sobre as métricas utilizadas em análise de redes, muitas dessas métricas derivadas da teoria dos grafos.

Como já explicitado, um grafos é como diagramas de pontos (vértices) que se ligam uns aos outros através de linhas (arestas), formando pares. Dois vértices são considerados adjacentes ou vizinhos se existe alguma aresta entre eles. Adicionalmente serão apresentados mais alguns conceitos necessários ao entendimento e desenvolvimento do presente trabalho (LATAPY; MAGNIEN; DEL VECCHIO, 2008):

- a) Componente: conjunto de vértices onde cada um possui um caminho para todos os outros. Na prática é interessante identificar componentes para o caso de grafos direcionados, de maneira que possam assim ser localizados componentes mais fortemente conectados.
- b) Clique: Subgrafo completo (sem *cut points*) (“panelinhas”) utilizado para estudar a coesão de subgrupos maximais.
- c) Grafo direcionado, dirigido ou dígrafo: é aquele que existe origem e destino, partida e chegada, onde a ligação entre dois vértices é chamada arco. Dados dois vértices i e j , em um dígrafo, a ligação de i para j é diferente da ligação de j para i .
- d) Grafo não direcionado, ou não dirigido: é aquele que não existe origem ou destino, onde a ligação de dois vértices é chamada de aresta. Dados

dois vértices i e j , em um grafo não dirigido, a ligação de i para j é a mesma de j para i .

São apresentados a seguir alguns conceitos relacionados aos elementos utilizados nas métricas, tanto dos vértices como das redes.

Estas medidas de vértices são importantes para avaliação de temas como proximidade ou afastamento entre vértices da rede, quem controla mais informação, quem são os que promovem mais difusão de informações etc., fundamentais para análise de sociometria na rede social de NA, como na análise da rede semântica formada por pares conceitos expresso nas sentenças.

7.1.2 Métricas dos Vértices

Grau: O grau de um vértice corresponde ao número total de relacionamentos que este vértice possui. Dado um vértice i , o seu grau k_i é o número de arestas que incidem sobre ele. Informa a visibilidade ou potencial de atividade de comunicação do vértice, que pode ser um ponto focal de comunicação. Pode ser interpretado como um vértice com capacidade de influenciar e ser influenciado diretamente. Também conhecido como centralidade de grau. Esta métrica permitirá identificar características sociométricas da rede. Os indivíduos da rede que os outros mais querem ter por perto (ou querem distância) indicará quem tem mais prestígio (ou afastamento).

Coefficiente de Aglomeração Local ou do vértice i ("cc" ou C_i): representa a relação entre vizinhos de um vértice i de uma rede. O coeficiente de aglomeração local C_i de um dado vértice i é dado pela fração dos pares de vértices vizinhos a este vértice i e que com ele estão conectados (WATTS; STROGATZ, 1998). É a razão entre o dobro do total de arestas entre vizinhos de um vértice i (excluindo i) e o total de arestas possíveis entre i todos seus vizinhos ($k_i(k_i-1)$).

$$C_i = 2 * (\text{Número de pares vizinhos conectados a } i) / k_i * (k_i - 1).$$

Em última instância, é a medida que diz se os vizinhos de um vértice são vizinhos entre si. Quanto mais aglomerada uma rede, mais vizinhos conectados uns com os outros.

Centralidade de Proximidade: A independência de um vértice é determinada pela sua proximidade em relação a todos os outros vértices da rede. Ou seja, dado um determinado vértice i , calcula-se a sua proximidade em relação a todos os vértices j , sendo $j \neq i$. Está relacionado ao controle da comunicação no sentido de que um vértice pode evitar o potencial de controle de outros vértices. Vértices que não possuam uma posição de centralidade de proximidade precisam utilizar outros vértices para enviar mensagens, enquanto aqueles que possuem proximidade alta escutam as informações antes que os demais. Assim, a Centralidade de Proximidade significa distâncias curtas, poucas transmissões de mensagens, custos e tempos menores (FREEMAN, 1979).

Tem relação direta com eficiência e eficácia, assim como com independência. Esta métrica identifica as pessoas que, mesmo tendo pouco prestígio, estão em uma posição privilegiada na rede no que diz respeito a possibilidade de difusão de informações com eficiência. Algumas destas pessoas podem não estar sendo usadas em prol da construção de valores e cultura em NA.

Centralidade de intermediação: indica o número de caminhos mínimos que passam por um determinado vértice da rede (FREEMAN, 1979). Mostra a importância do vértice para a rede, ocupando locais estratégicos em canais de comunicação. Em geral, indica o nível de controle de comunicação daquele vértice dentro da rede, podendo separar ou unir parte da rede. Importante métrica para identificar na rede estudada quem são os controladores de informação na rede, aqueles que têm o poder de influenciar os demais.

7.1.3 Métricas das Redes

Considerando uma rede, “ n ” é o número de vértices e “ m ” é o número de arestas. Têm-se, então, as seguintes medidas:

Grau médio ou $\langle k \rangle$: é a média dos graus de todos os vértices que fazem parte da rede, ou seja, número de arestas incidentes a um vértice que apresentam maior número de conexões.

Densidade (Δ): a densidade Δ de um grafo é a razão entre o número de arestas existentes e o maior número possível de arestas. Quando todas as arestas

possíveis estão interligadas, então densidade igual a 1 (LATAPY; MAGNIEN; DEL VECCHIO, 2008).

Distância: é o comprimento em termos de número de arestas entre 2 vértices quaisquer.

Distância geodésica ou caminho mínimo: menor distância entre dois vértices.

Caminho mínimo médio (L ou CMM): comprimento (número de arestas) médio dos caminhos mais curtos entre dois vértices i e j , para todos os pares de vértices (i,j) existentes na rede (WATTS; STROGATZ, 1998).

No estudo das redes semânticas o caminho mínimo médio é uma métrica fundamental para identificação da rede crítica no processo de filtragem de pares menos significativos segundo a ótica da Incidência-Fidelidade (abordada seção 7.3.2).

Distribuição de graus: A distribuição de graus $P(k)$ de um vértice i indica a probabilidade do vértice ter k ligações. É um índice importante porque pode determinar o tipo de uma rede.

Tanto no estudo das redes sociais quanto das redes semânticas o uso de métrica é de crucial importância. Ajudará a definir qual é a topologia da rede e isso é fundamental para avaliar os impactos que cada membro da rede tem sobre a rede total.

Modularidade: Existe uma característica considerada notável observada em diversas redes complexas. Trata-se de estruturas modulares locais também conhecidas como comunidades que podem ser definidas como grupos de vértices da rede densamente conectados, enquanto que conexões entre vértices pertencentes a grupos (comunidades) diferentes são esparsas (QUILES e col. (2009); NEWMAN (2004); DANON e col. (2005); NEWMAN & GIRVAN (2004)).

Quiles e colaboradores (2009, p. 890) afirmam que o "processo de detecção de comunidades em uma rede não é computacionalmente trivial." A maior parte dos métodos que se propõem descobrir comunidades em redes complexas depende de suas propriedades estruturais.

O trabalho de Lambiotte, e colaboradores (2009) apresenta como método o cálculo da estabilidade de uma partição de rede como medida de sua qualidade

em termos estatísticos em um processo dinâmico que ocorre no gráfico em que a escala de tempo atua como um parâmetro que descobre estruturas comunitárias com resoluções diferentes. Este processo de detecção é melhorado através de um método heurístico que se baseia na otimização da modularidade desenvolvido por Blondel e colaboradores (2008). Este é o processo utilizado pelo software de manipulação e visualização de grafos utilizado neste trabalho Gephi, versão 0.9.1.

7.1.4 Redes Complexas e suas Topologias

Quanto à topologia de conexão das redes complexas, as redes podem ser completamente regulares ou completamente aleatórias. Pode-se assim dizer que as redes reais, objeto de estudo de uma área que hoje pode-se chamar de “Ciência das redes”, situam-se entre esses dois extremos.

De Angelis (2005) exhibe uma classificação quanto ao tamanho da rede que é mostrado na Figura 19.

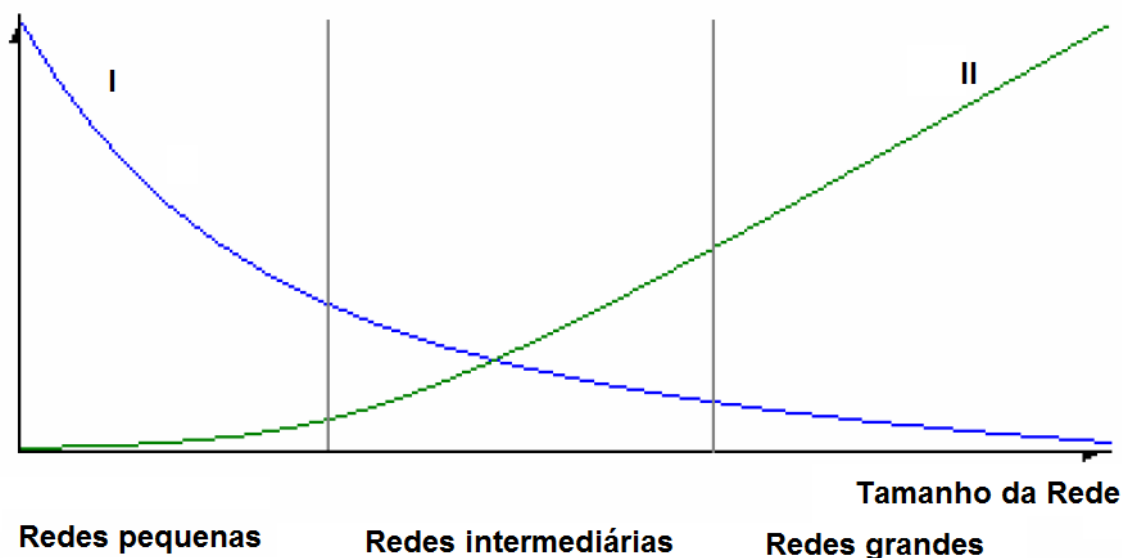


Figura 19. Relação entre tamanho e complexidade na análise de redes. Fonte: De Angelis, 2005.

A Figura 19 mostra a relação entre tamanho e complexidade na análise de redes. A curva decrescente (I) representa as características individuais dos vértices e a facilidade de exame visual. A curva crescente (II) representa o interesse ligado às

medidas estatísticas, trazendo como consequência o aumento da dificuldade de análise visual.

7.1.5 Tipos de Topologias de Redes

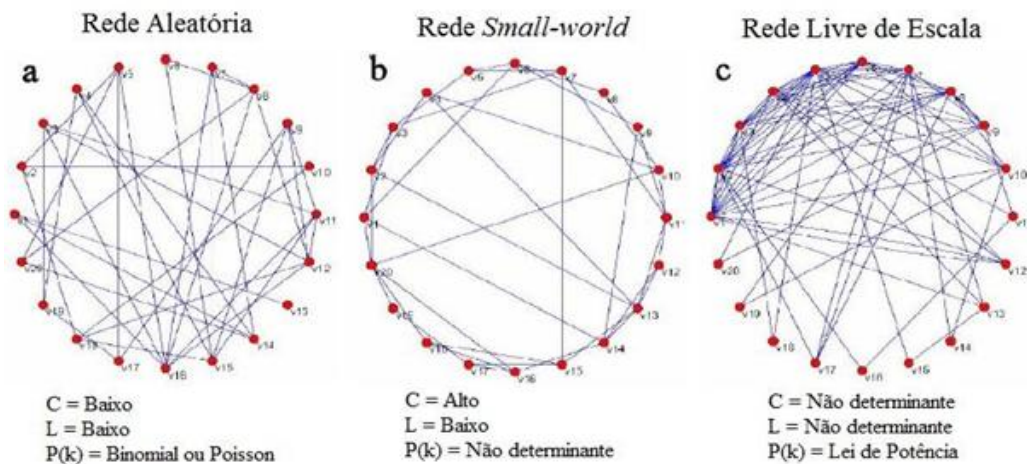
A seguir é apresentada uma breve introdução aos 3 tipos de redes clássicos da teoria de redes: Redes Aleatórias, Redes de Mundo Pequeno (*Small World Theory*) e Redes Livres de Escala (Figura 20).

a) Redes Aleatórias: modelo mais simples, onde cada par de vértices tem a mesma probabilidade de conexão e essa conexão ocorre de forma independente das demais. Estas redes possuem vértices cuja distribuição de graus segue uma distribuição de Poisson. Em geral, quando $n \rightarrow \infty$ não possuem cliques (ou “panelinhas”). O modelo clássico de redes aleatórias é o de Erdős & Rényi (1960), até hoje sendo utilizado para procedimentos de análise de redes complexas, permitindo a comparação e análise de valores $G(n,p)$ de métricas de redes de mesmo n que redes geradas a partir das ideias de Erdős & Rényi (1960) (Figura 20a).

b) Redes de Mundo Pequeno (*Small World Theory*): rede que possui uma distância pequena entre quaisquer dois vértices. A maior manifestação popular deste fenômeno é conceito dos “seis graus de separação”, descoberto pelo psicólogo Stanley Milgram em 1967. Em seu experimento, Milgram conclui que existe uma distância média de seis pessoas entre todos os moradores dos EUA. O fenômeno do mundo pequeno parece caracterizar muitas redes complexas. Tornam-se sociedades aglomeradas, constituídas por círculos de amigos altamente conectados. 'Laços fracos' conectam membros destes círculos fechados a outros indivíduos pertencentes a outros grupos, que exercem um papel crucial em nossa habilidade de comunicação fora do mundo pequeno. Exemplos: Live Journal, Orkut, Flickr, Youtube, Facebook (Figura 20b).

c) Redes Livres de Escala: São redes em que poucas entidades aglomeram muitas outras entidades e muitas entidades relacionam-se com poucas outras entidades. Em geral, uma rede livre de escala contém *hubs*, ou seja, vértices com um grande número de relacionamentos. A distribuição dos graus dos vértices destas redes segue uma lei de potência em que vértices tendem a se conectar a

outros vértices de grau alto. Neste tipo de rede, a maioria dos vértices tem poucas conexões e alguns poucos vértices possuem uma grande quantidade de relacionamentos. Tais redes possuem características heterogêneas e epidêmicas e são extremamente vulneráveis a ataques coordenados que podem desconectar os seus hubs, logo, mais resistentes a ataques aleatórios (Figura 20c).



Legenda: C - Coeficiente de Aglomeração; L - Caminho mínimo médio; $P(k)$ - probabilidade.

Figura 20. Topologias de Redes. Fonte: adaptada de Fadigas (2011, p. 51, 56 e 59).

Os resultados desta pesquisa indicam que a rede de NA tem este comportamento topológico, ou seja, poucos atores são muito conectados a outros, ao passo que muitos deles têm poucas conexões, podendo ser descrita como uma função potência (seção 9.1.5).

7.2 Redes Sociais

No livro de Wasserman e Faust (1994) rede social foi definida como uma estrutura social composta por pessoas (ou organizações), os quais se convencionou chamar de “nós”, que podem estar conectados por um ou mais tipos específicos de interdependência (por exemplo: amizade, parentesco, interesses, crenças, conhecimento ou prestígio, entre tantas outras). Objetivamente, uma rede social é um mapa de relações específicas entre aqueles que o compõe, ou seja, seus participantes ou componentes.

A sociometria criada por Jacob Levy Moreno em 1920 era usada para avaliação e pesquisa quantitativa no campo social, medindo, analisando e representando a estrutura do grupo que reflete as relações interpessoais entre os membros dos grupos. Estes estudos sociométricos têm como marco histórico o ano de 1934 com a publicação do livro *Who Shall Survive?*. O objetivo da sociometria era determinar quais as pessoas com as quais um sujeito prefere se associar, bem como quantas desejam se associar a ele, de modo a avaliar o conflito existente na configuração de um grupo (MORENO, 1961, p. 206). Este conceito de associação, de certa forma, correlaciona a sociometria à análise de redes.

O termo “redes sociais” vem sendo utilizado livremente por mais de um século, visando explicitar os conjuntos complexos de relações entre os membros dos sistemas sociais existentes, em todas as suas escalas (micro e macro) e dimensões ((inter)pessoal, (inter)nacional), bem como, institucional (organizacional, comercial e/ou econômico-financeira), entre outros.

Barnes (1954) começou a usar o termo “redes sociais” na organização de padrões conceituais de grupos específicos (tribos, famílias, gangues etc.) e também de suas categorias sociais (sexo, crença, etnia etc.)¹⁵.

Atlan (1992, p. 95) oferece uma ponderação sobre gráficos de ligação e enfatiza:

[...] por um lado, numa rede, os elementos são interligados e a utilização de gráficos é o método mais comumente utilizado para representar essas interconexões, que constituem a topologia da rede. [...] o método dos Bond graphs (Paynter), ou gráficos de ligação, foi preferencialmente incorporado a outros tipos de gráficos, em virtude de suas vantagens, que são: [...] escrita algorítmica; representação mais concisa; em especial, um meio adequado de representar quantitativamente os acoplamentos entre fenômenos que se desenrolam em espaços diferentes [...].

Assim, podemos identificar que a análise de redes sociais está intrinsecamente relacionada com a “teoria de rede”, a qual vem tendo destaque como uma técnica de representação e interpretação de “redes sociais”. Dada sua versatilidade de

¹⁵ Embora não utilizados como referências neste texto, outros pesquisadores alimentam a produção científica sobre redes sociais, tais como: S. D. Berkowitz e Barry Wellman (1998) em “As estruturas sociais: uma abordagem em rede”; Stephen Borgatti, John Boyd e Martin Everett (1989) em “Iterated roles: Mathematics and application. Social Networks”; Ronald Burt (1992) em “Structural Holes: The Social Structure of Competition”; Kathleen Carley e M. Prietula (1994) em “Computational Organization Theory”; Katherine Faust e Stanley Wasserman (1999) em “Social Network Analysis: Methods and Applications”; Linton Freeman (1979) em “Centrality in Social Networks I: Conceptual Clarification”; Mark Granovetter (1985) em “Economic action and social structure: the problem of embeddedness”; David Knoke e J. Kuklinsky (1982) em “Network Analysis. Series: Quantitative Applications in the Social Sciences”, entre tantas outras obras.

representação e ampla leitura analítica (inter/pluri/multi/disciplinar), a análise de redes sociais vem sendo utilizada por diversos campos da ciência (antropologia, biologia, estudos de comunicação, economia, geografia, ciência da informação, estudos organizacionais, psicologia social, sociolinguística, entre outras).

Nesse sentido os estudiosos e pesquisadores da análise de redes sociais vêm ampliando imersões teórico-conceituais, métodos e materiais (software de análise de rede social). Por meio da análise de redes sociais é possível organizar o dado analiticamente (todo e/ou parte), representando desde a estrutura (macro) à relação de indivíduo (micro), considerando seus comportamentos e/ou atitudes.

Uma divisão emergiu da análise de redes sociais baseada em características das redes. Assim, elas são comumente identificadas como: redes inteiras (redes completas); ou pessoais (redes egocêntricas). A distinção entre redes completas integrais (relação estrutural da rede com os grupos sociais) das redes egocêntricas/pessoais (papéis do sujeito na rede e/ou nos diversos grupos participantes); e uma análise bem estruturada das redes, depende em grande parte da coleta, organização e tratamento dos dados. O caráter híbrido de cenários de uma determinada rede possibilita uma leitura analítica mais inter/pluri/multi/disciplinar, compreendendo os fenômenos sociais nas suas infinitas interconexões, e também na sua volatilidade de expressão.

A análise das relações nas redes assume algumas dimensões através da diversidade de papéis e do conteúdo que podem ocorrer nestas transações (INKPEN; TSANG, 2005). A definição de critérios possibilita mapear quais das várias transações são importantes: amizade, troca de informações, confiança, afiliação partidária, mentoria, dentre outras. Podem também ser conteúdos na dimensão do respeito, da confiança, das normas, das sanções e da identificação (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998).

O mapeamento das redes pode ser feito a partir das conexões entre os atores (i.e. transações) e a análise subsidiada pelos conteúdos transacionados (KRACKHARDT; HANSON, 1993; KUIPERS, 1999) e, este conteúdo transacionado em cada um desses tipos de rede é específico (KUIPERS, 1999).

Segundo Nahapiet e Ghoshal (1998), o comportamento entre duas pessoas de uma rede pode ser influenciado quando o conteúdo transacionado é a amizade.

Dois atores em posições equivalentes em uma mesma rede, mas com ligações pessoais e emocionais com indivíduos distintos podem fazer com que eles tenham comportamentos totalmente diferentes na troca de recursos. Este tipo de investigação das redes pode permitir “a identificação de padrões irregulares de comunicação e estruturas frágeis nessas redes” (RÉGIS; BASTOS; DIAS, 2007, p. 37).

Em se tratando de análise de rede social, a preeminência de atores é um dos conceitos mais estudados. Várias medidas foram desenvolvidas, incluindo centralidade de grau, de proximidade, ou de intermediação (FREEMAN, 1979; BORGATTI, 2005; TOMAÉL; MARTELETO, 2006), dentre outras.

Para as medidas de Centralidade de Proximidade e de Intermediação (FREEMAN, 1979), admitem-se caminhos geodésicos únicos, em que tudo o que flui através da rede só se move ao longo dos caminhos mais curtos possíveis. A Centralidade de Grau identifica o número de contatos diretos que um ator mantém em uma rede. Jacob Levy Moreno (1961) chamou de “status”, e Wasserman e Faust (1994) tratou por “rank”. Segundo Tomaél e Marteleto (2006, p. 79):

[...] se um ator recebe muita informação – ligações direcionadas a ele – diz-se que ele é proeminente ou tem prestígio na rede, ou seja, muitos outros atores buscam compartilhar informações com ele e isso pode indicar sua importância.

Já a Centralidade de Intermediação é definida por Borgatti (2005, p. 60) como a porcentagem de vezes que um vértice i precisa de um vértice k (cuja centralidade está sendo medida), a fim de chegar a um vértice j através do caminho mais curto. Isso tem a ver com a capacidade de controlar informações na rede, medida fornecida pela centralidade de intermediação:

[...] a centralidade de intermediação mede a quantidade de fluxo de rede que um determinado nó 'controla' no sentido de ser capaz de desligá-lo se necessário (BORGATTI, 2005, p. 60).

As redes sociais de prestígio/rejeição (grau de entrada) e de controle de informação (centralidade de intermediação) devem identificar, entre os membros de NA, doravante chamados atores, quais apresentam os maiores prestígios, dimensão oposta à rejeição (antipatia), e quais atores estão em melhores condições de lidar com o fluxo de informações nesta rede em que a maioria das pessoas se conhece. Segundo Marteleto (2001, p. 79):

[...] o papel do mediador traz em si a marca do poder de controlar as informações que circulam na rede e o trajeto que elas podem percorrer.

Se analisarmos sob essas perspectivas do prestígio e da capacidade de controlar informações na rede, um vértice que ocupa essa posição pode influenciar o grupo de diversas formas: restringindo, distorcendo ou potencializando a informação. Isso define uma localização estratégica em “canais” de comunicação e em poder de influência. Um ator localizado em uma posição central entre outros grupos de vértices está com uma grande responsabilidade. Pode conectar estes grupos, aproximando-os ou, influenciar negativamente gerando conflitos.

Considerando que a Teoria de Redes é uma poderosa ferramenta para representação de conexões ou interações entre as partes de um sistema e seus padrões (NEWMAN, 2010), associado a possibilidade de se investigar relações entre entidades (e.g. indivíduos, organizações, corporações econômicas, nações) e de se enxergar regularidades nestes relacionamentos é que seu uso nesta tese é de fundamental importância.

7.2.1 Método para a construção e análise das redes

A elaboração deste trabalho foi possível a partir de um delineamento metodológico apresentado na Figura 21. Assim, foram definidos os objetivos, referencial teórico, metodologia geral, dentre outros itens. Para isso, foi feito um recorte (neste caso, a escolha por analisar os dados relativos a Proximidade, Afastamento, Confiança e Padrinho) a fim de atender aos propósitos de construção e análise das redes.

As etapas relativas ao procedimento metodológico são descritas a seguir.

- 1) **Contatos preliminares:** Inicialmente estes contatos com alguns membros de NA permitiram a definição de quantas pessoas seriam envolvidas nesta pesquisa. Além disso, o pesquisador deve ter um papel participativo para não perder a compreensão cultural embutida na comunidade, e isso se deu também pelo uso da técnica para coleta de dados de observação participante. Desta forma se evitou uma interpretação enfraquecida do contexto cultural ou suposições se o tema não fosse bem compreendido. Nesta etapa é preciso prestar muita atenção às características da

comunidade, buscando identificar quais os membros mais ativos, os temas mais populares, a história do grupo, os conflitos no passado. Além disso, deve-se identificar os conceitos e preceitos valiosos para o grupo, o tipo de linguagem usada, rituais ou atividades específicas e as práticas que são comuns. Ao final é possível ter um delineamento da metodologia a ser usada considerando que já se tem clareza acerca do cenário da pesquisa e das variáveis investigáveis;

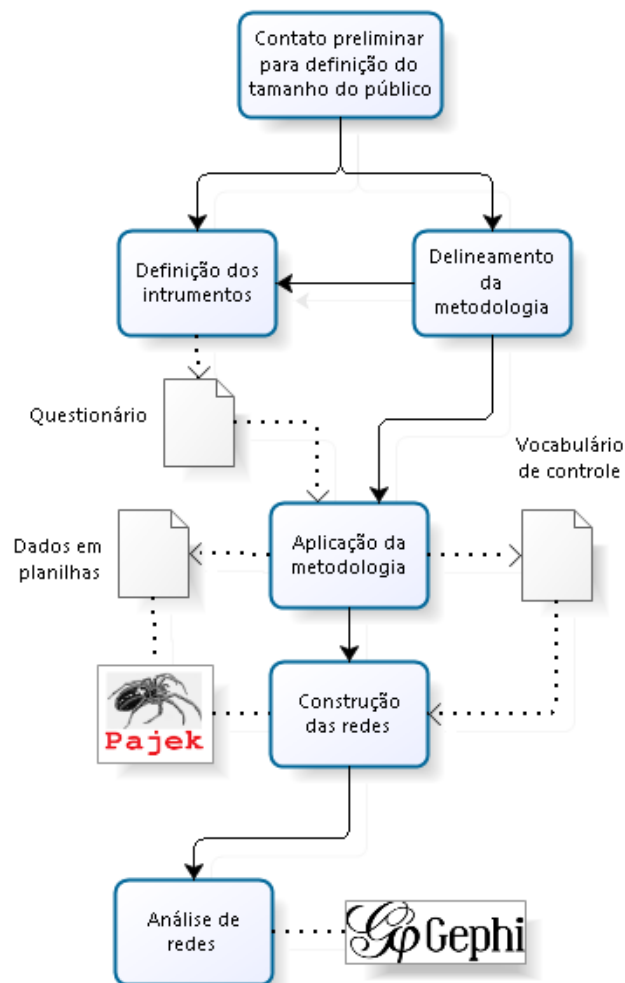


Figura 21. Método para a construção e análise das redes. Fonte: Lima Neto, Pereira (2016a, p. 05).

- 2) **Definição dos instrumentos:** A partir do cenário apreendido na etapa anterior, é possível definir o tipo de metodologia e qual instrumento é mais adequado, considerando as várias possibilidades disponíveis (i. e. entrevista, questionário, observação, análise de documentos, grupo focal, etc.). Uma das opções escolhidas nesta tese, para a construção das redes,

foram os dados obtidos por meio de questionário. Outros instrumentos podem ser utilizados, e nesta tese foram, para fornecer embasamento na interpretação da rede;

- 3) **Coleta de dados:** Esta etapa prevê a coleta de dados, que nesta tese concretizou-se por meio da aplicação de um questionário com quarenta (40) questões, sendo 33 de múltipla escolha e sete para citação de nomes de outros atores. Destas, quatro questões foram selecionados para a construção das redes, resultando em até dez citações de outros atores. Para as dimensões Proximidade, Afastamento e Confiança foram obtidos, de cada respondente, até três nomes, e, para a dimensão Padrinho (ou Madrinha), mais um nome. Como já foi dito, o questionário foi aplicado a 123 membros de NA, resultando em 676 nomes citados. Estes nomes foram revisados, a partir de um vocabulário de controle, para eliminar inconsistências tais como: nomes repetidos, presença (ou não) de acentuação, usos de apelidos, uso de nomes com duas ou mais palavras ou uso de nome mais abreviatura do sobrenome, ou nomes com grafias distintas, dentre outras possibilidades. Assim, se alguém (aqui denominado ator) fosse citado com vários nomes distintos seria representado como um único vértice na rede. Com a substancial ajuda de alguns membros mais antigos de NA que frequentam consistentemente as reuniões semanais, foi possível chegar a 286 nomes corrigidos e tabulados, bem próximo da estimativa original do projeto que foi de 300 pessoas;
- 4) **Construção das redes:** Muitos dos 123 atores que responderam o questionário indicaram outros atores nas dimensões investigadas (i.e. Proximidade, Afastamento, Confiança e Padrinho). A escolha por construir uma rede dirigida estava na definição inicial do trabalho, considerando que os vértices são os atores e o sentido em que a aresta está apontando obedece diretamente aos dados coletados (a seta indica do ator que citou para o ator citado). Assim, se o ator A indica os atores B, C e D, isso define uma origem comum (A) e três arestas com destino em B, C e D. Desta forma é possível construir uma rede dirigida. O atributo de PRESTÍGIO foi considerado a partir das relações entre os atores nas dimensões Proximidade, Confiança e Padrinho em oposição ao atributo REJEIÇÃO, que coincide como a dimensão Afastamento. Para todas as arestas

construídas nas dimensões que compõem o prestígio, foi atribuído arbitrariamente o valor “100” e para as arestas de Afastamento atribuímos “0”, indicando assim as relações de rejeição. A partir da tabulação realizada na Etapa 3, foram incluídas as colunas do tipo de rede (dirigida) e o atributo (100 ou 0). A rede pode ser construída usando os softwares *Createpajek* ou *Gephi*. Neste último caso a importação da planilha do tipo Excel com extensão “.csv” é necessária, e a seleção do atributo deve ser mudada de *String* para *Double*. Na construção da rede foram usados diversos atributos. O tamanho do vértice depende de alguma métrica que se esteja analisando (Centralidade de grau ou Centralidade de intermediação). A cor da aresta depende do atributo selecionado e, para conseguir o efeito desejado, foi usada a cor verde para relações de prestígio e vermelho para relações de rejeição.

- 5) **Análise e interpretação dos dados:** Nesta etapa foram calculadas as propriedades de redes usadas nesta pesquisa (i.e. Grau, Caminho mínimo médio, Coeficiente de Aglomeração, Centralidade de grau e Centralidade de intermediação). Além disso, foi gerada uma rede aleatória a partir da mesma quantidade de vértices (245) e arestas (653) da rede real, de maneira que fosse possível comparar suas métricas com a rede real. Por fim foi realizada a inspeção visual a partir dos algoritmos de visualização fornecidos pelo software *Gephi*, versão 0.9.1.

Para análise da rede social, é recomendável que os pesquisadores tenham auxílio de profissionais com competências específicas. Neste trabalho que envolveu estudos sobre relacionamentos sociais, o próprio autor é um psicólogo cognitivo com experiência em dinâmica de grupo.

7.3 Redes Semânticas

As relações entre os sujeitos e os conceitos precisam ter significado e isso se dá com a intermediação da linguagem com seus símbolos e signos, presente em todas as áreas do conhecimento.

Krippendorff (2004) afirma que a teoria dos significados possui duas hipóteses:

1) as associações de conceitos na mente de uma pessoa manifestam-se por meio de concorrências de palavras;

2) significados não residem nas palavras, mas no modo como elas se relacionam entre si. Duas palavras têm o mesmo significado se ambas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico de tal maneira que uma pode substituir a outra de modo que todo o sentido (do contexto linguístico) não seja alterado.

Em redes semânticas, é levado em conta apenas que cada aresta tem dois vértices associados (TEIXEIRA e cols., 2010, p. 335). Esta definição pode ser usada para caracterizar um grande número de sistemas, tais como redes sociais, colaboração científica e sistemas biológicos, co-autoria, rede de palavras, citações, redes de informação dentro das organizações, World Wide Web, dentre outras.

7.3.1 Trabalhos Correlatos

Segundo Hartley e Barnden (1997, p. 169), a história das redes semânticas é quase tão longa quanto a inteligência artificial – que os autores consideram como disciplina original –, e abrange discussões variadas que vai da metafísica até a teoria da complexidade. Eles consideram redes semânticas como ferramentas informatizadas que podem ser discutidas em três níveis de abstração, tais como: o pensamento inteligente, a lógica e a linguagem. Além disso, têm três atributos principais: (1) Origem na análise conceitual da linguagem; (2) Expressividade equivalente a lógica de primeira ordem; (3) Capacidade de apoiar a inferência através de um intérprete que manipula representações internas.

O fato de que podemos desenhá-los como diagramas, e representá-los em computadores torna extremamente útil para apoiar os trabalhos em psicologia cognitiva, e grande parte da inteligência artificial (HARTLEY; BARNDEN, 1997, p. 170).

Tanto Pomi e Mizraji (2004) como Hartley e Barnden (1997) falam da representação gráfica na caracterização de redes complexas, incluindo redes semânticas.

Deve-se atentar que os diagramas não são as redes semânticas, mas representam uma rede semântica, ou seja, uma rede de conceitos realizada por um agente cognitivo (HARTLEY; BARNDEN, 1997, p. 170).

Além disso, Hartley e Barnden (1997, p. 170) afirmam que uma rede semântica envolve três aspectos: (1) Uma maneira de pensar sobre o conhecimento em que há conceitos e relações entre eles; (2) Uma representação esquemática combinando caixas, setas e etiquetas e; (3) Uma representação de computador que permite a atividade de banco de dados utilizando algoritmos que operam essas representações.

Os modelos de redes neurais conhecidos como memórias de matriz de correlação suportam representação gráfica da estrutura semântica. O gráfico da matriz de adjacência que representa a memória codificada seria a base para um método prático para prever e modificar a evolução da dinâmica cognitiva, e com isso, buscar compreender como cérebros individuais, que interagem com a realidade externa e a representam de maneira muito diferente uns dos outros, são “capazes de se comunicar e compartilhar um conhecimento comum do mundo” (POMI; MIZRAJI, 2004, p. 1).

Idioma representa e ajuda a construir o self e subjetividade. A língua é uma ferramenta muito útil e pode ser utilizado para o indivíduo compreender, uma vez que é capaz de recuperar a informação armazenada na memória. O indivíduo fala seus pensamentos através da utilização de palavras e símbolos, expressando assim seus conhecimentos, valores e crenças pessoais. O sistema linguístico humano é caracterizado pela complexidade e articulação de uma rede de vários processos neurológicos e cognitivos (TEIXEIRA e cols., 2010, p. 334).

Caldeira (2005, p. viii) traz a ideia de que as percepções do mundo produzem marcas em nosso cérebro que se unem formando as representações-objeto, inicialmente inconsciente, até que se use a linguagem quando passam a fazer sentido para o indivíduo, ao se juntarem em torno de signos que as representem: as palavras. Quando falada ou escrita, a escolha das palavras decorre de facilitações existentes entre as diversas representações-objeto. O discurso ou texto resultante, em última análise, decorre das associações existentes nesta rede de representações-objeto.

Uma vez que as palavras significativas estão relacionadas a conceitos na mente de quem as pronuncia, Caldeira e colaboradores (2006, p. 01) consideram que os resultados das redes semântica “podem descobrir padrões em processos de comunicação e de linguagem que ocorrem na mente” desta pessoa.

E esta linguagem verbal é um processo mental dinâmico. As ideias surgem por meio da seleção de palavras de características subjetivas e individuais em todo o discurso oral resultado em uma complexa rede de associações de palavras que surgem a partir de um discurso oral de um tópico.

Ao observar conceitos através de uma rede semântica, deve-se levar em consideração que a identificação do conceito, o mais fielmente possível, assim com a posição, importância e os seus significados dentro de um texto, podem ser visualizados nos contextos aos quais estão associadas e como se inserem. Dessa forma, a análise do que é verbalizado por membros de grupos de NA, os conceitos aí presentes, suas relações com os demais elementos presentes na fala por meio de redes semânticas, podem revelar aspectos do processo de recuperação dos usuários de drogas.

Uma etapa delicada nesse estudo para compreensão das redes semânticas encontra-se nas definições e interpretações dos índices que serão extraídos dessa rede. Caldeira e colaboradores (2006) consideram que o estudo sobre redes semânticas é possível ser realizado adotando as seguintes dimensões: número de vértices, número de arestas, distribuição de graus, caminho mínimo médio e diâmetro da rede. Assim sendo, na perspectiva da teoria das redes, utilizando redes semânticas é possível descrever e evidenciar como uma rede de conceitos se comporta.

A caracterização das relações existentes entre as palavras que emergem durante um discurso oral quando estimulado a partir de um “Prime”, um tema estimulador das informações oriundas da memória, foi utilizada para construção de rede de associações semânticas de discursos, as quais apresentaram comportamentos típicos de redes complexas. Suas propriedades foram calculadas considerando as métricas advindas da teoria de redes complexas e o uso do conceito Incidência-Fidelidade Crítica (TEIXEIRA, 2007; TEIXEIRA e cols., 2010).

7.3.2 Técnica de filtragem da Incidência-Fidelidade

A relação entre a frequência com que um par de palavras ocorre, ou a probabilidade de uma palavra ser ligada a outra, usando a técnica de livre associação discreta e o número total de vezes que a palavra dada é encontrada,

foi conceituada como força entre pares de palavras (NELSON; MCEVOY; SCHREIBER, 1999). Posteriormente Teixeira e colaboradores (2010) substituíram o termo “força” por “incidência”, a fim de não trazer confusão com o significado que o conceito tem na física newtoniana.

O contexto de um discurso, segundo Teixeira e colaboradores (2010, p. 336), tem um papel relevante sobre o mesmo, que depende da influência de um tema nos valores das frequências das palavras. Para minimizar este efeito, foi proposto o conceito de índice de incidência-fidelidade (IF).

O índice formado pelos conceitos de Incidência e de Fidelidade deve levar em conta não só a frequência de ocorrência de um par de palavras, mas também a sua probabilidade de co-ocorrência, isto é, o que chamamos de “fidelidade” do par de palavras [...] o índice representa a probabilidade de ocorrência do par de palavras no contexto discurso oral como um todo e a probabilidade das palavras do par que ocorrem sempre em conjunto (TEIXEIRA e cols., 2010, p. 336).

Através da teoria dos conjuntos este conceito é explicado. Considerando que o conjunto C_w é o conjunto de sentenças onde aparece uma determinada palavra w que faz parte de um discurso, nesta tese são denominados C_ϕ e C_ψ os conjuntos formados pelas sentenças que contenham respectivamente as palavras ϕ e ψ . O subconjunto que contenha tanto a palavra ϕ como a palavra ψ em uma mesma sentença, ou seja, uma co-ocorrência, é definido por $C_p \equiv C_\phi \cap C_\psi$, e a correspondente cardinalidade como $S_p \equiv |C_\phi \cap C_\psi|$.

A partir dessas conceituações Teixeira e colaboradores (2010) definem incidência como:

$$I \equiv \frac{|C_\phi \cap C_\psi|}{|\bigcup_{i=1}^{N_p} C_i|} \quad (1)$$

Onde N_p é o número total de palavras do discurso oral para que $\bigcup_{i=1}^{N_p} C_i$ calcula o número total de sentenças do discurso oral e a incidência i é a probabilidade de o subconjunto C_p ocorrer dentro do universo de possibilidades de todo o discurso oral.

O conceito de fidelidade é definido por Teixeira e colaboradores (2010), como:

$$F_i \equiv \frac{|C_\phi \cap C_\psi|}{|C_\phi \cup C_\psi|} \quad (2)$$

Que representa a probabilidade de ocorrência do par de palavras dentro do universo de possibilidades das palavras do par.

Unindo os conceitos de fidelidade e de incidência, Teixeira e colaboradores (2010) apresentaram o conceito de incidência-fidelidade, definido como o produto entre eles:

$$IF = \frac{S_p^2}{N_S(S_\phi + S_\psi - S_p)} \quad (3)$$

Onde N_S é o número total de frases do texto. O valor do índice IF pode assumir valores entre 0, para quando inexistente o par de palavras no conjunto, e 1 para quando todas as sentenças contêm o par de palavras.

Os conceitos da associação incidência e fidelidade representam a probabilidade de ocorrência de pares de palavras na mesma frase em todo o discurso oral. Redes semânticas de associações de palavras foram construídas por Teixeira e colaboradores (2010), onde as palavras são representadas como vértices e as arestas criadas a partir do índice de incidência-fidelidade entre pares de palavras.

Este método de construção da rede semântica resulta na construção de uma rede de pares de palavras associadas usando valores de IF como critério para filtrar as associações mais importantes do texto. O objetivo é achar o ponto de equilíbrio entre a grande quantidade de informação irrelevante e a pouca informação da qual se perde o sentido do discurso utilizando os conceitos e propriedades de redes complexas e da teoria de conjuntos para identificar a rede que melhor representa a estrutura de associação entre os conceitos do discurso. Para isso promove diferentes níveis de filtragem (IF), até alcançar os valores de IFC quando então exibem um típico comportamento de mudança da fase, com um ponto crítico bem definido.

Terceira parte
RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

8 METAMODELO DE ESTUDO DE INDIVÍDUOS EM GRUPOS

A sociedade contemporânea se depara com problemas decorrentes do uso de substâncias psicoativas, ou drogas. Este problema ocupa lugar central nas discussões de governantes, familiares de usuários, agentes sociais e, de certo modo, da sociedade como um todo, já que o uso ou o tráfico de drogas está associado a vários crimes, tornando não só um problema de saúde pública, mas também de segurança pública.

O metamodelo aqui proposto é baseado em uma série de modelos fundamentados na Teoria de Redes, na Dinâmica de Grupo, na Psicologia Cognitiva (com a linguagem e o comportamento), amalgamados pela Teoria Geral dos Sistemas.

Este metamodelo busca integrar de forma complexa três dimensões: indivíduos, relações e a organização, especificamente Narcóticos Anônimos.

Na dimensão dos indivíduos buscou-se explicitar os significados, o modelo mental e as motivações para recuperação, bem como os comportamentos desejados.

Na dimensão das relações foi explicitado quais os propósitos do grupo (de NA), as relações de poder e proeminência, a importância dos vínculos afetivos trazendo como resultado uma “inteligência coletiva” na forma de um grupo-terapeuta e, em termos culturais com o compartilhamento de símbolos, rituais, sinais etc.

Por fim, na dimensão da organização a irmandade é exposta através dos Doze Passos, Doze Tradições e Doze Conceitos, a visão e as estratégias de execução para obtenção dos resultados que é um sistema que promove a recuperação do uso de drogas.

Para contextualizar a situação particular que motivou a construção desse metamodelo, cabe lembrar o que já foi destacado no referencial teórico, citando Segalen (2002), quando disse que o uso de drogas normalmente ocorre segundo algumas formas de ritualização e que muitas drogas têm seus rituais específicos de uso. Além disso, foi dito, citando Barbosa (1998a) e Cardoso (2006), que em geral a iniciação ao uso de drogas ocorre em um contexto de socialização. Entretanto, apesar dessa iniciação normalmente ocorrer em um contexto

socializante e de alegria, o uso continuado de drogas leva o adicto a um uso mais individual e solitário, que não raramente aflora como aspectos sombrios da sua personalidade.

Do mesmo modo que o uso de drogas se inicia no contexto grupal, a interrupção do uso de tais substâncias também pode ocorrer em um contexto social, como nos grupos terapêuticos de NA.

Rememorando a história desses grupos, eles nasceram a partir dos grupos de Alcoólicos Anônimos (AA), em 1953, na Califórnia (EUA), e utilizam de maneira pragmática o conceito de adicto para o dependente químico, e adicção para o estado de dependência química. A adicção é considerada como uma doença incurável, e segundo os membros de NA é possível controlar os efeitos da adicção através da abstinência total de qualquer substância psicoativa, que se dá por um processo terapêutico denominado “recuperação”.

Como são muito variados os tipos de drogas que foram utilizados por membros de NA, nesses grupos eles admitem sua impotência perante a adicção, a impotência perante as drogas em geral. Assim, cria-se entre os membros de NA, independentemente da droga que cada um tenha usado, um sentimento de identidade, de pertencimento, fundamental para a confiança mútua entre eles.

Dentro da problemática relacionada à recuperação de usuários na proposta de grupos de NA, surgiram algumas questões que se tentou responder por meio da proposta do Metamodelo:

- 1) Qual a influência que os grupos exercem nos adictos sobre as mudanças nos seus valores e crenças?
- 2) Esta influência é suficiente para mudar sua conduta permitindo que eles se integrem de forma construtiva?

Mesmo não estando no problema de pesquisa (seção 1.1) se revelaram questões importantes a serem respondidas.

Na próxima seção, serão discutidas as categorias teóricas que fundamentam a construção do Modelo e do Metamodelo.

8.1 Bases Teóricas do Modelo R3R e do Metamodelo SIIG

Este estudo está ancorado nos estudos sobre Dinâmica de Grupos, Psicologia Cognitiva e Teoria de Redes, que vai compor um modelo de análise cognitiva, dentro de um metamodelo que tem como suporte operacional a Teoria Geral dos Sistemas.

Os estudos sobre Grupos e suas Dinâmicas são tomados aqui como fundamento para a compreensão dos processos grupais e suas relações com os processos cognitivos dos seus integrantes, em especial os relacionados à reeducação e à dissonância cognitiva.

Aqui um grupo é entendido como um ente composto de valores, crenças e padrões que permeiam as relações, em um processo dinâmico de trocas simbólicas. Justamente dentro deste contexto grupal podem surgir mudanças íntimas nos indivíduos, com reflexos diversos, inclusive na linguagem e no comportamento, como resposta cognitiva, analisadas sob a ótica da psicologia. A Psicologia Cognitiva fornece o lastro necessário para correlacionar os processos cognitivos por meio da linguagem verbal ou postural.

O estudo no campo da Teoria de Redes traz duas vertentes: as Redes Sociais e as Redes Semânticas. A primeira considera as pessoas como vértices (ou nós, ou atores) de uma rede, conectados por um ou mais tipos específicos de relacionamentos como amizade, parentesco, interesses, crenças, conhecimento ou prestígio etc. permitindo mapear as conexões sociométricas existentes. A segunda, as Redes Semânticas, considera o significado nas relações entre os conceitos com a intermediação da linguagem, com seus símbolos e signos através de uma “teia” de representação composta de palavras, conceitos ou entidades com significado semântico.

Outro elemento teórico que fornece bases analíticas para entender as relações atitudinais do indivíduo em um grupo é a Teoria dos Sistemas, que desvela o papel das ligações macro e micro entre o indivíduo, o grupo e o ambiente. Estas bases serão abordadas nas próximas seções.

8.1.1 Bases relacionadas à teoria de redes, grupos e psicologia cognitiva

O metamodelo aqui proposto, sob a ótica das Redes Sociais, tem como foco as relações dentro de um sistema social definido (i.e. os grupos de Narcóticos Anônimos), e também nas relações entre as pessoas que lá frequentam. Estas relações de afinidade podem ser de amizade, ou confiança, ou de aprendizagem. Isso permite investigar uma série de indicadores que definem como os subgrupos são formados, que valores possuem, no que acreditam, como traçam objetivos e como se apoiam para conseguir alcançá-los. As redes sociais geralmente são importantes para a iniciação no uso de drogas. Estas podem também ajudar a enfraquecer certos elos sociais.

A análise de redes existentes em grupos de NA – tais como redes formadas pelos membros que se relacionam quando precisam de ajuda entre si, redes formadas entre um membro e aqueles que eles mais admiram por seu processo de recuperação, dentre outras – permite identificar participantes de destaque nesses grupos, e ao analisar seus perfis, conhecer mais sobre as relações e suas características.

Os grupos de NA trabalham a partir das partilhas de seus membros, ou seja, do discurso. Os membros buscam ser sinceros e honestos, em temas tais como as situações do cotidiano que possam estar associadas a desvio de caráter. Ao falarem dos próprios problemas, e constatarem suas próprias mudanças no sentido de posturas desejáveis, eles reduzem a dissonância cognitiva entre o que gostariam de ser ou de fazer e suas práticas atuais.

Assim, com base no que foi apresentado acerca de re-educação, na seção 6.2, pode-se dizer que a configuração dos processos cognitivos e comportamentais que ocorrem a partir do encontro de pessoas nos grupos (como NA) pode ser definida como um processo educativo, ou melhor, re-educativo. Nesse sentido, a natureza do processo re-educativo face às divergências entre o indivíduo ou grupos e a sociedade passa por algumas condições importantes, de maneira que este indivíduo ou grupo reveja seus valores e condutas, de modo a modificá-las no sentido de ajustar-se à sociedade em que ele está inserido. Assim esses indivíduos ou grupos reduzem a dissonância cognitiva, num processo aqui denominado, inspirado por Lewin (1978), de re-educação.

Como dito na seção 5, a Psicologia Cognitiva fornece o embasamento necessário para correlacionar os processos cognitivos com a linguagem e o comportamento do indivíduo em um grupo. Na seção 5 também foi destacado que, na grande parte dos grupos, prevalece a crença de que o conteúdo dos discursos é importante para analisar e trabalhar os significados e os sentidos atribuídos às vivências dos sujeitos.

Relacionado a Psicologia Cognitiva e a linguagem, pode-se dizer que as transformações de atitudes de indivíduos ao longo do tempo podem ser percebidas no comportamento e na linguagem.

Considera-se aqui que existem atitudes socialmente inadequadas, e é desejável que estas sejam inibidas; o oposto do que ocorre com as atitudes socialmente adequadas, que devem ser estimuladas (Quadro 14).

Quadro 14. “Procures e Evites” nas salas de reuniões de NA.

PROCURAR	EVITAR
- Ser honesto;	- Primeira dose / uso;
- Ter mente aberta;	- Pessoas da ativa ¹⁶ ;
- Ter boa vontade;	- Lugares da ativa;
- Frequentar reuniões de NA;	- Hábitos da ativa;
- Partilhar em público;	- Mentira;
- Exercer serviço voluntário;	- Fofoca;
- Contribuir com recursos;	- Fome/sede;
- Ter coerência discurso/comportamento	- Raiva;
- Ser humilde;	- Medo;
- Desenvolver empatia;	- Isolamento.
- Ter um tutor (padrinho/madrinha).	

Fonte: elaborado pelo autor com base em observação participante.

O processo de ajuda e incentivo grupal favorece que pessoas saiam de uma condição inicial incômoda para a condição mais aceitável, ou seja, elas buscam reduzir as atitudes inadequadas e fortalecer aquelas mais satisfatórias, com o objetivo de interagir mais construtivamente na sociedade. Durante a coleta de dados por observação participante, foi verificado que algumas destas atitudes são

¹⁶ Estar “na ativa” é a condição daquele indivíduo que não aderiu a tratamento da Dependência Química, seja ele um Programa de 12 Passos ou qualquer outro. Em NA, estar “na ativa” significa o mesmo que estar “em uso de drogas”.

explicitadas nas salas de reuniões de NA, muitas vezes escritas em quadro de avisos como recomendações.

Na elaboração do metamodelo, é levado em conta que as mudanças efetivas ocorrem mais facilmente se forem voluntárias e consentidas, e que algumas atitudes são subjetivas, difíceis de serem avaliadas diretamente, justamente por se tratar de elementos privativos no campo afetivo, ou mesmo no campo do inconsciente, geralmente desconhecidos até mesmo pela própria pessoa.

8.1.2 Teoria de Sistemas

De um ponto de vista sistêmico, as bases teóricas que norteiam este estudo, abordadas nos capítulos 5, 6 e 7 (i.e. Psicologia Cognitiva, a Dinâmica de Grupos e a Teoria de Redes) e resumidas aqui, são conectadas de forma sistêmica, de maneira a se relacionarem para atender aos propósitos da construção do metamodelo.

Para isso, considera-se um sistema como um conjunto de elementos que tem uma função de transformação, composto de pelo menos três elementos: uma entrada, um meio de transformação e uma saída. Geralmente um sistema está entre um supersistema, que comporta outros sistemas, e os subsistemas, que são as menores partes que compõe o sistema.

Consideramos que os membros de NA são, cada uma deles, um tipo de sistema que recebe informações, orientações, estímulos que provocarão processos de transformação ao nível de subsistemas, resultando em mudanças de atitude e comportamento. Os subsistemas são aqueles que ocorrem a nível cognitivo, emocional, psíquico, muitos deles difíceis de serem medidos diretamente. A forma de perceber este resultado geralmente é em termos de comportamento.

O macrossistema abraça os diversos sistemas (i.e. os indivíduos), cada um com seus subsistemas (i.e. os fenômenos que ocorrem em nível invisível do inconsciente a nível psíquico). No caso de NA, o macrossistema é composto por sua cultura, ou seja, pelo conjunto de princípios, valores e crenças coletivas que se materializam como os Passos e as Tradições e que são a base da recuperação de seus membros. A difusão desta cultura se dá através da sua

própria literatura de NA e da liderança, refletida na influência espontânea que alguns membros exercem nos demais componentes do grupo.

8.1.2.1 Controle por Realimentação Negativa (*Feedback*)

Depois do nascimento da Cibernética, a compreensão acerca da relação entre causa e efeito se tornou mais complexa, incluindo o foco voltado para a realimentação negativa. Sobre realimentação negativa, apresenta-se o conceito de Vasconcellos (2013, p. 115):

Isso quer dizer que uma parte do efeito (*output*) ou resultado do comportamento/funcionamento do sistema volta à entrada do sistema como informação (*input*) e vai influir sobre o comportamento subsequente.

Esse conceito de realimentação negativa é importante, porque poucos sistemas na natureza não apresentam mecanismos de controle. E, em geral o mecanismo de controle encontrado em diversos fenômenos, desde aqueles que ocorrem nos seres vivos até o sistema planetário, é o chamado de controle *feedback*, retroação ou realimentação negativa.

Para compreender este mecanismo de controle, e como ele foi usado na construção do metamodelo, faz-se necessário entender um pouco acerca da Teoria Geral dos Sistemas. Em 1968, o criador da Teoria Geral dos Sistemas, Ludwig von Bertalanffy (2010), disse que:

[...] uma grande variedade de sistemas na tecnologia e na natureza viva segue em esquema da retroação [...] A teoria procura mostrar que os mecanismos de natureza retroativa são a base do comportamento teleológico¹⁷ ou finalista nas máquinas construídas pelo homem assim como nos organismos vivos e nos sistemas sociais (BERTALANFFY, 2010, p. 70).

Os elementos essenciais de qualquer sistema são a entrada (elementos do ambiente que chegam ao processo de transformação), o processo de transformação (que normalmente é o coração do sistema) e a saída (os

¹⁷ (Filos.) Teoria das causas finais; conjunto de especulações que têm em vista o conhecimento da finalidade, encarada de modo abstrato, pela consideração dos seres, quanto ao fim a que se destinam. (Biol.) Interpretação das estruturas dos seres em termos de finalidade e utilidade (Michaelis - Dicionário de Português Online, 2016).

elementos resultantes do processo de transformação que são dirigidos ao ambiente).

Assim, um controle por Realimentação Negativa é composto por esses elementos que compõe o sistema propriamente dito (i.e. Entrada, Processo de Transformação e Saída), e também pelos elementos da malha de controle. Essa malha de controle é formada por quatro elementos: (1) dispositivo de Medição da Variável de interesse (ou principal), (2) Subtrator, (3) Mecanismo de Controle e (4) Elemento Final de Controle da malha (Figura 22).

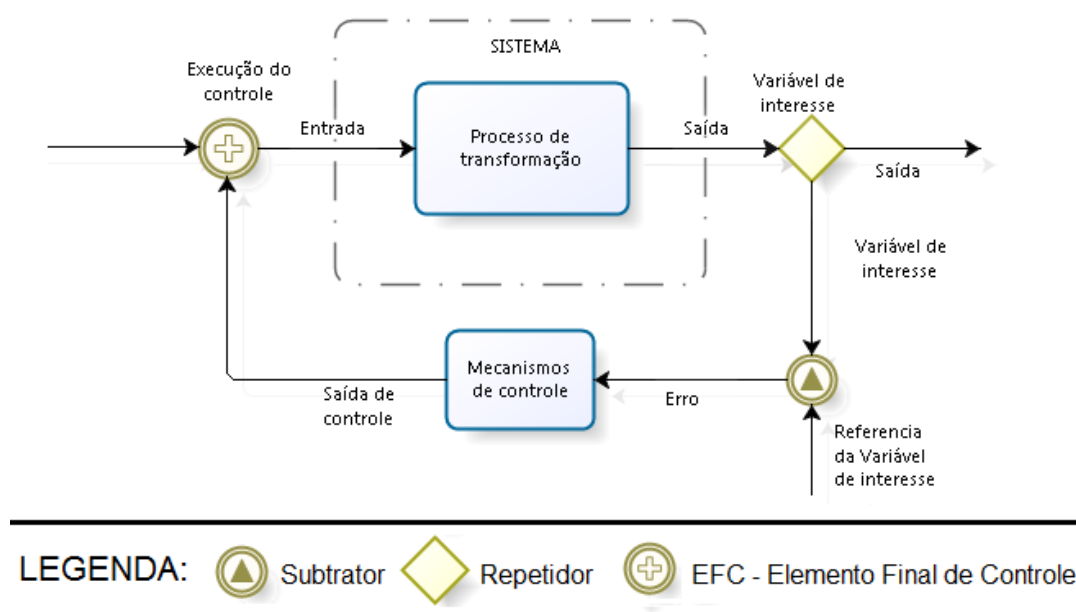


Figura 22. Controle do processo por realimentação negativa. Fonte: Lima Neto, Pereira (2016b).

O funcionamento de cada um desses elementos do controle do processo por realimentação negativa é descrito a seguir.

- 1) O Dispositivo de Medição tem a função de capturar a informação (ou impulso) da saída do sistema (que aqui é denominada Variável de interesse) e condicioná-la de forma apropriada para ser processada pelo elemento seguinte. Esse dispositivo faz isso através do bloco Repetidor, que tem a função de manter inalterado, nas saídas, o valor que entra neste bloco.
- 2) O Subtrator faz a comparação entre o valor oriundo do dispositivo de medição e o valor atribuído arbitrariamente como referência desta variável medida. O resultado desta subtração é mostrado a seguir:

$$E = Vi - Ref \quad (4)$$

Onde:

E: Erro;

Vi: Variável de interesse;

Ref: Referência da *Vi*.

Pode-se tomar como exemplo o controle de temperatura interna de uma geladeira. O papel do subtrator é comparar o valor da temperatura interna (*Vi*) da geladeira com a temperatura de referência fornecida arbitrariamente. Se a referência for 10°C e o valor da temperatura interna for 12°C o erro será de +2°C. Se a temperatura interna mudar para 8°C, mantendo a mesma referencias de 10°C, o erro será de -2°C. Esta informação de erro será enviada ao próximo elemento da malha de controle, que é o Mecanismo de Controle.

- 3) O Mecanismo de Controle é um dispositivo que processa a informação oriunda do subtrator, gerando um sinal de controle que atuará de volta na entrada do processo, fechando o circuito entre o sistema e a malha de controle. A finalidade do Mecanismo de Controle é eliminar algum erro que porventura esteja existindo entre o valor da Variável de interesse do sistema quando comparado com o valor de Referência. Além do sinal de entrada oriundo do subtrator, outros sinais também atuarão no mecanismo de controle, fornecendo parâmetros que, ao interagirem com o sinal do subtrator, poderão ampliar, atenuar ou alterar o sinal de saída, em função de um algoritmo de controle. Em sistemas de controle aplicados a dispositivos artificiais (indústria, robótica, comunicação digital, aparelhos eletrônicos etc.), o algoritmo é um conjunto de equações cuja finalidade é gerar o sinal de controle mais adequado, para eliminar o erro. Porém, no campo das ciências humanas a identificação deste “algoritmo” é mais complicada. Compreender o comportamento de pessoas em grupos é uma tarefa que exige uma cuidadosa observação, visando identificar as variáveis que funcionariam como reforçadoras e aquelas que seriam inibidoras de comportamentos. Em muitos casos se recorre a estímulos emocionais específicos, visando desencadear comportamentos estereotipados.
- 4) O Elemento Final de Controle faz a conexão da malha de controle com a entrada do processo, atuando em uma variável controlada. O sinal que o Elemento Final de Controle recebe do mecanismo de controle modula a forma e a quantidade de estímulos que entrará neste sistema. O elemento final de controle é um executor, um mero escravo da malha de controle, que tem também a finalidade de fechar a malha de controle por realimentação negativa.

Em última instância o que a malha de controle faz é medir a Variável de interesse (*Vi*), comparar com a referência da *Vi*, gerando assim um sinal de erro. Este sinal

de erro é processado pelo mecanismo de controle, gerando um sinal de controle que atua de volta no processo através do elemento final de controle, visando eliminar o erro, controlando o sistema como um todo (Figura 22).

Pode-se tomar como exemplo o funcionamento do olho. A variável de interesse, ou seja, aquela que se deseja controlar é a quantidade de luz no fundo do globo ocular, e ela pode ser representada, no diagrama da Figura 22, pela seta de saída. O sistema nervoso do indivíduo se encarrega de medir a informação de luminosidade, e promover o processamento desses dados, de maneira a solucionar o problema da quantidade de luz no fundo do olho, atuando na abertura da janela de luz, isto é, nos músculos que controlam a abertura da pupila, que responde a esse mecanismo de controle. Logo, quanto mais luz ambiente, mais fechada estará a pupila, permitindo a entrada de pouca luz e, se a luz ambiente diminui, as pupilas serão abertas permitindo a entrada de mais luz externa. Esta abertura da se dá de maneira automática e involuntária através do controle do sistema nervoso parassimpático. Esse mesmo princípio é utilizado em diversos outros mecanismos que estão dentro do campo da cibernética e dos sistemas sociais.

Esta configuração de controle não é a única. Ela pode se conectar a outras, aumentando assim sua complexidade de funcionamento, que será explicada na próxima seção.

8.1.2.2 Duplo controle por Realimentação Negativa (Cascata)

Os sistemas controlados podem ter diversas configurações, uma vez que podem associar vários sistemas entre si desde malhas de controle mais simples, sejam eles na versão de microssistemas até os macrossistemas, resultando em sistemas mais complexos que precisam de malhas de controle com configurações mais sofisticadas.

Esta estratégia de controle é de fundamental importância para esta tese. É a base do metamodelo SIIG (Sistema de Interação de Indivíduos em Grupos).

A primeira e mais elementar combinação é quando se tem um circuito de controle composto de dois outros circuitos por realimentação negativa. Chama-se esta configuração de Cascata, composta de vários blocos funcionais interligados

(Figura 23), de maneira que o fluxo de informações (ou materiais, ou influência, etc.) transita entre os elementos que compõe o sistema a partir de dois *feedbacks*.

Considera-se aqui que o primeiro sistema engloba um *locus* maior e é por isso mais lento. Pode ser um organismo, um grupo de indivíduos, uma empresa etc. Para fazer as atuações de controle, o primeiro sistema deve contar com um segundo sistema, menor e mais ágil, como, por exemplo, os órgãos em um corpo, ou o indivíduo quando se trata de grupo, ou algum departamento da empresa. Além disso, este sistema maior tem uma vulnerabilidade maior proveniente de sua variável controlada (uma das entradas do sistema) e, por isso, se justifica um controle *feedback* adicional para melhorar a controlabilidade do Sistema-1, exatamente nesta entrada da variável controlada.

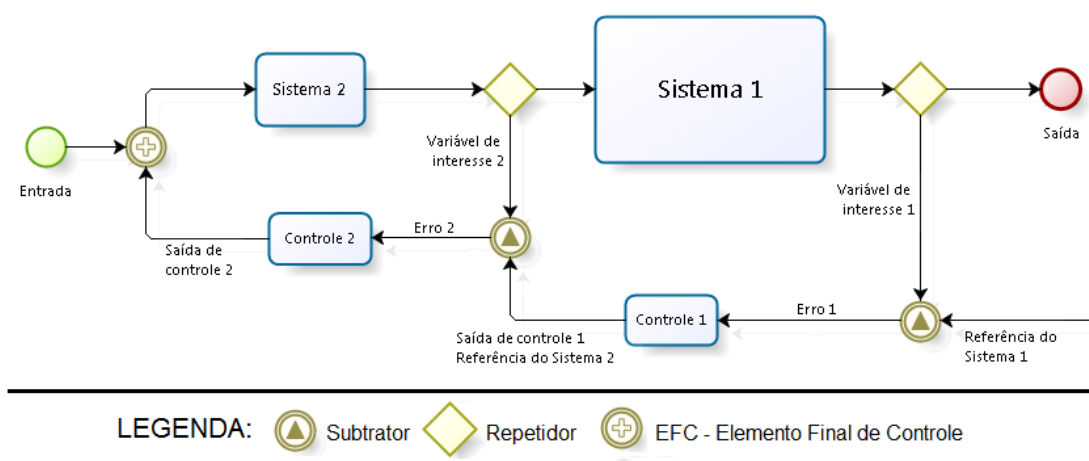


Figura 23. Sistema em cascata ou dupla realimentação negativa. Fonte: Lima Neto, Pereira (2016b).

Pode-se considerar que entre a entrada do Sistema-2 e a saída do Sistema-1 existem muitas interações (Figura 24). Cada sistema (1 e 2) pode ter mais de uma entrada, mas para efeito de análise só é representada a Variável manipulável de entrada, que, no Sistema-1, coincide com a Variável de interesse do Sistema-2. As transformações que ocorrerão no Sistema-1 resultarão no sinal de saída, ou na Variável de interesse principal (V_i-1) a ser controlada do Sistema-2.

Para que isso ocorra deve-se atribuir valores de Referência do Sistema ($Ref-1$). O subtrator calculará a diferença existente entre a $Ref-1$ e a V_i-1 , gerando o valor de

erro $E-1$ que será processado pelo Controle-1, resultando em uma Saída de controle-1, que tem a função de ser a $Ref-2$ da Malha de controle do Sistema-2.

A partir da comparação desta $Ref-2$ com a $Vi-2$, surge o erro $E-2$ que, passando pelo processamento do Controle-2, resulta na Saída de controle-2. O Controle-2, atuando na entrada do Sistema-2, implicará em mudança nos valores de sua saída, que resultará na medida a $Vi-2$, comparada com $Ref-2$ continuamente até que o erro seja eliminado. Ao mesmo tempo em que é medida, a $Vi-2$ também atua na entrada do Sistema-1, provocando mudanças internas que serão refletidas na saída percebida através de $Vi-1$, que novamente é comparada com $Ref-1$. Assim, o ciclo de realimentação prossegue até que se alcance o mínimo erro possível.

8.1.2.3 A natureza do controle bio-psico-social

A cognição humana trata os fatos com os quais se depara por meio de um processo de *retroalimentação*. Na cognição esse processo é *acionado*, ou seja, ocorre um circuito fechado de ações que envolvem os mesmos elementos: medição (percepção), processamento e atuação (Figuras 14 e 15). A interação desses elementos ocorre praticamente de forma contínua, mas, para fins de entendimento, eles serão abordados separadamente.

Essa apreensão cognitiva tem início na percepção dos fenômenos que ocorrem através dos órgãos dos sentidos, mais também através das lembranças arquivadas na memória, ou até mesmo das deduções decorrentes de processamento racional destes estímulos. Por exemplo, se os órgãos da visão estiverem usando lentes corretivas inadequadas, isso pode gerar distorções visuais, aberrações cromáticas que comprometerão a qualidade destes dados visuais de entrada; para entender este exemplo, pode-se fazer uma metáfora com as “lentes” psíquicas geradas pelas crenças e ideologias no processo de distorção da leitura da realidade.

A etapa intermediária da apreensão cognitiva, que é a etapa do processamento, implica numa série de elementos que compõem a capacidade psíquica e cognitiva das pessoas, tais como memória, compreensão da linguagem, resolução de problemas, raciocínio, dentre outros.

Dar a dimensão adequada ao fenômeno neste processamento não é tarefa fácil. O fenômeno é sempre afetado por elementos, tais como as crenças, ideologias políticas, circunstâncias de vida experimentadas como dores e sofrimentos, alegrias etc. Esses elementos (cognitivos, afetivos e comportamentais) funcionam como pesos ou multiplicadores da intensidade desse processamento. Eles acabam por embotar o entendimento, distorcendo as interpretações, uma vez que a intensidade com que são percebidos pelo indivíduo depende das “lentes” cognitivas com que vê as coisas do mundo.

Por fim, é preciso considerar o nível motor. Os comportamentos, os gestos, a postura, a forma de falar e o conteúdo do que é expressa ajudam a definir a forma como o indivíduo se posiciona no meio social e o seu grau de influência. Esta forma de expressão física pode também mascarar a verdade, daí a importância de um acompanhamento longitudinal de forma a verificar a proporção entre coerência e contradição, e analisar suas possíveis causas.

O uso de Substâncias Psicoativas altera o fluxo de informações pelo sistema nervoso, o seu processamento cerebral e o equilíbrio físico-motor. Daí a importância crucial da abstinência como um dos fundamentos centrais nos grupos de Narcóticos Anônimos.

8.2 Modelo R3R

A fim de inter-relacionar as bases que fundamentam o mecanismo de Controle Grupal, foi proposto o um circuito de controle chamado Modelo R3R para análise cognitiva (Figura 24). O modelo combina elementos que contribuem processo de transformação do indivíduo no grupo, inter-relacionando as relações sociais que ocorrem no grupo [(R)edes Sociais], as vivências compartilhadas através dos discursos e sentidos [(R)edes semânticas] e os processos de adoção de valores, condutas e cultura grupal [(R)e-educação].

Trata-se de um modelo de circuito com indicação do fluxo dos principais processos transformacionais de indivíduos em grupos. O Modelo R3R funciona como um dispositivo de controle dentro de um esquema maior que envolve as relações do grupo com os membros e com o contexto que estão inseridos, ou

seja, um Metamodelo sistêmico de interação entre indivíduos no grupo (SIIG), do qual o Modelo R3R é integrante.

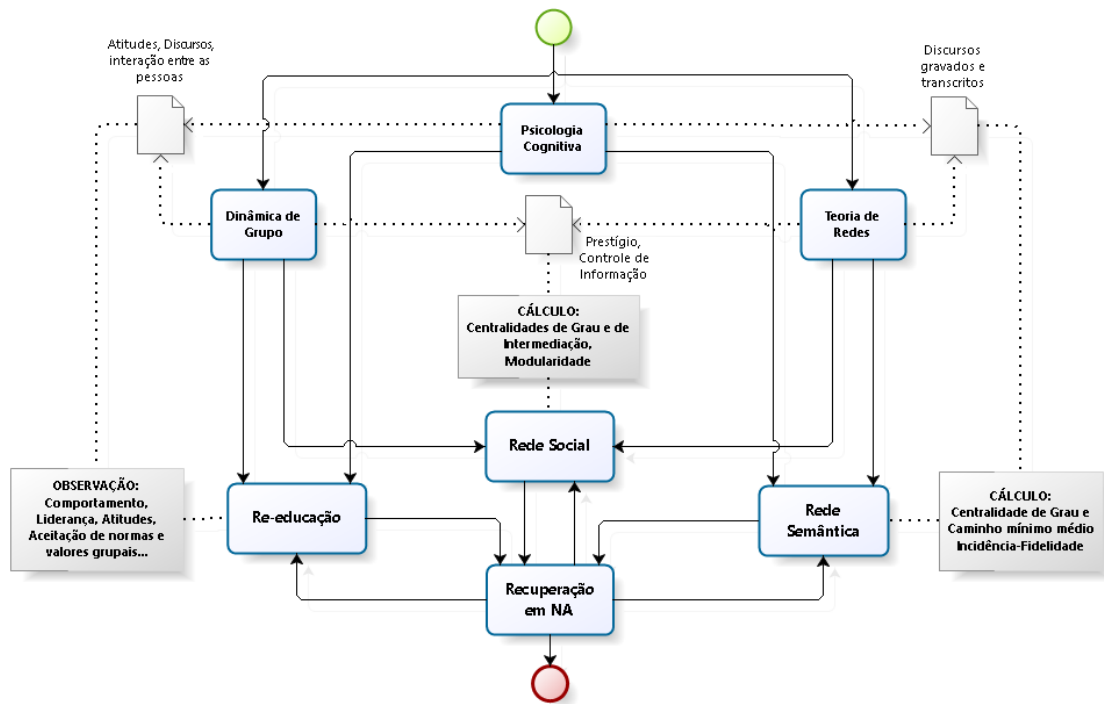


Figura 24. Modelo R3R de análise cognitiva do dispositivo de controle do grupo. Fonte: Adaptado de Lima Neto, Pereira (2016b).

Este Modelo R3R é um modelo de interações teóricas em três níveis que tem como fruto a Recuperação em NA.

O primeiro nível é composto pela Teoria de Redes, a Dinâmica de Grupo e a Psicologia Cognitiva. As resultantes das interações diretas deste primeiro nível são a Re-educação, a Rede Social e Rede Semântica. As Redes Sociais surgem como uma convergência entre a Teoria de Redes e os estudos de Dinâmica de Grupo; as Redes Semânticas são analisadas com base também na convergência entre os estudos de Linguagem sob a ótica da Psicologia Cognitiva e a Teoria de Redes; e a Re-educação como o resultado da convergência interativa entre Dinâmica de Grupo e a Psicologia Cognitiva.

Como resultado das interações no terceiro nível surge a “Recuperação em NA”. Esta interage retroativamente com os resultados do segundo nível, alterando-lhes de maneira a melhor adaptá-los às necessidades de controle.

Como trata-se de elementos de comportamento, crenças, valores, socialização, discursos, dentre outros, é possível considerar este conjunto como cognição¹⁸, e por conseguinte o Modelo R3R ser considerado um modelo que ajuda na análise cognitiva distinguindo os componentes dos respectivos campos teóricos considerados como instrumentos importantes para dar clareza a estas considerações.

Este Modelo R3R está inserido no metamodelo SIIG conforme descreve a próxima seção.

8.3 Metamodelo SIIG

A proposição deste Metamodelo Sistêmico de Interação de Indivíduos em grupos – SIIG – visa identificar os fenômenos cognitivos que existe no grupo, como se relacionam e como interferem na mudança das atitudes dos seus membros através da identificação de mecanismos de ação.

Reconhece-se que a sociedade exerce influência sobre seus membros e, parte do que ocorre na intimidade psíquica destes indivíduos, pode ser percebido como comportamento verbal (oral/escrito) ou motor, ou como características cognitivas e afetivas.

Nos grupos de NA, ocorrem diversos fenômenos que podem promover mudanças de atitudes nas pessoas em relação aos valores e crenças compartilhados pelos membros desses grupos.

[...] o indivíduo recebe estímulos (*input*) e gera comportamentos (*output*) que são influenciados pelo resultado de suas ações (*feedback*). As relações que originam *feedback* alimentador de crenças de controle, tais como a de grupos que estimulam a abstinência, contribuem para a recuperação do dependente (LIMA NETO, PEREIRA, OLIVEIRA, 2013, p. 344, grifo dos autores).

Este conjunto de relações do sistema interage com o contexto político, social, espiritual, econômico, familiar, pessoal, profissional, acadêmico entre outros, e esses contextos influenciam tanto o grupo, como os indivíduos e são influenciados também pelo grupo e pelos indivíduos. Todo grupo de pessoas

¹⁸ “as coisas que uma pessoa conhece sobre si mesma, sobre seu comportamento e sobre o meio que a cerca” (FESTINGER, 1975, p. 18).

oferece como variáveis de saída um conjunto de atitudes, valores, crenças etc., que os caracterizam no contexto.

Ao frequentar as reuniões de NA, o indivíduo percebe, a partir dos exemplos dos demais, que também pode conseguir inibir suas atitudes inadequadas ou pode reforçar suas atitudes positivas. Assim, ele poderá mudar de A para A' e de B para B', ao mesmo tempo em que percebe as mudanças ocorrendo nos demais membros, cada um em função de suas próprias idiossincrasias.

A diferença entre as atitudes iniciais, tanto inadequadas como adequadas (respectivamente A e B), e aquelas outras que chamamos de referências (A' e B') serão chamadas respectivamente de X (A-A') e Y (B-B') e, podem ser medidas por observação e registro da frequência de categorias de comportamento, devidamente enquadradas nos respectivos conjuntos, não tendo sido, contudo, objeto do presente estudo. Além disso, no contexto individual/grupal, estas diferenças são percebidas por comparação entre o que o indivíduo sabe de si próprio, e aquilo que percebe nos outros, especialmente aqueles que alcançaram uma condição mais próxima daquelas atitudes objetivadas.

Esquemáticamente, neste metamodelo, o objetivo final é fazer com que os valores de X e Y sejam os menores possíveis, ou seja, as atitudes alcançadas sejam as mais próximas possíveis das desejadas. O grupo acaba sendo o resultado da interação de todos os comportamentos, crenças e atitudes dos vários indivíduos, em que cada um deles contribui individualmente com o todo. Como resultado do Metamodelo SIIG aplicado em Narcóticos Anônimos são observadas transformações que ocorrem nos indivíduos que aderem a esta modalidade terapêutica (Figura 25).

As mudanças (X e Y) nas atitudes de indivíduos ao longo do tempo (de A para A' e de B para B') são percebidas como mudanças no comportamento e na linguagem. Os constantes encontros ao longo do tempo entre os membros dos grupos de NA e a intensa comunicação informal entre eles permite comprovar a veracidade das mudanças.

Considera-se que as atitudes do tipo A são socialmente inadequadas, sendo desejável inibi-las até alcançarem as menores ocorrências possíveis (A'). Por

outro lado, as atitudes do tipo B, socialmente adequadas, devem ser estimuladas para que cheguem aos maiores valores possíveis (B').

O processo de ajuda e incentivo grupal deve favorecer que as atitudes das pessoas saiam de condição inicial AB para a condição desejada A'B', ou seja, possam reduzir as atitudes inadequadas (X), e ampliar aquelas consideradas pelos próprios sujeitos como mais satisfatórias para interagirem construtivamente na sociedade (Y).

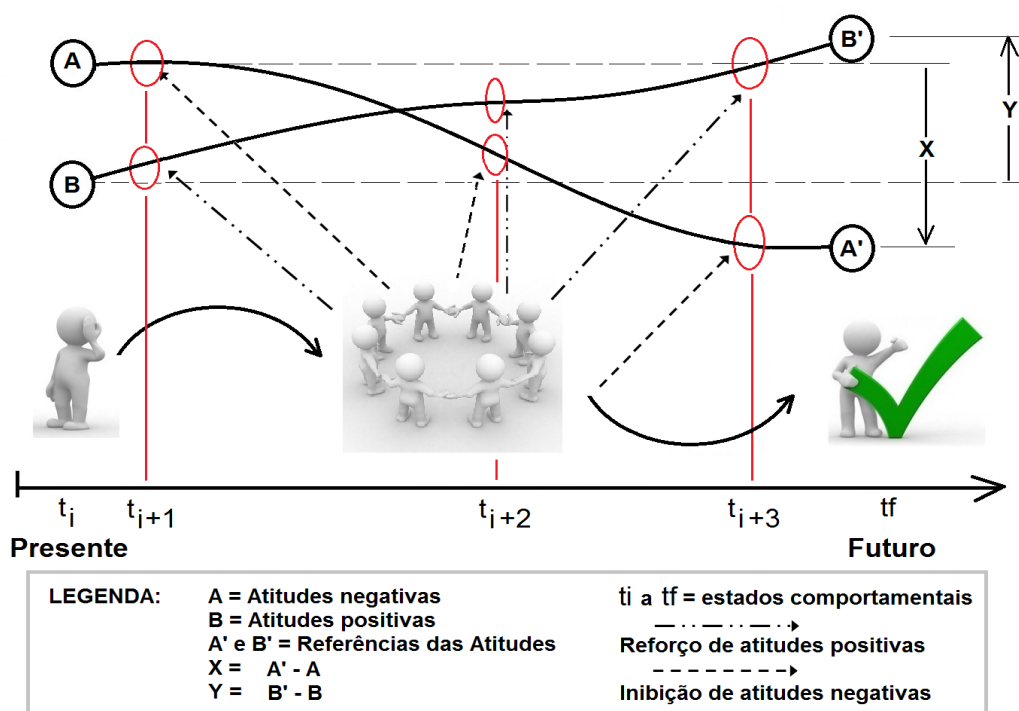


Figura 25. Trajetória de mudança das atitudes individuais. Fonte: Lima Neto, Pereira (2016b).

Considerando a prática dos grupos de NA, ela deve atender à recomendação de sua própria literatura quando diz:

Não estamos interessados no que ou quanto você usou, quais eram os seus contatos, no que fez no passado, no quanto você tem ou deixa de ter; só nos interessa o que você quer fazer a respeito do seu problema e como podemos ajudar (NARCÓTICOS ANONIMOS, 2015, p. 10).

Isso permite avaliar os membros a partir do ponto de chegada e as mudanças que ocorrem a partir de então. Desta forma parece lógico considerar que medidas de incidência de comportamentos são mais adequadas.

Os relatos apontam que, antes de ingressar em NA, os indivíduos experimentam uma percepção de inadequação social, uma progressiva perda de controle no uso de drogas, apesar de inúmeras tentativas de retomar o consumo controlado, sendo descritos problemas familiares, profissionais, acadêmicos, jurídicos, dentre outros. Este conjunto de atitudes inadequadas é aqui denominado variável de interesse “A”.

Ao participar dos primeiros encontros nos grupos de NA, as reuniões podem desencadear em alguns possíveis candidatos à recuperação o desejo de se tornarem mais adequados socialmente, melhorarem suas relações com pessoas da família, ou no trabalho, e quem sabe, até parar de usar drogas. Esta possibilidade pode se tornar algo a ser buscado, pode se tornar os objetivos da mudança para os indivíduos que iniciam sua recuperação, ou seja, constituem os objetivos de sair das atitudes iniciais para estas novas atitudes desejadas (A’).

É preciso considerar que o indivíduo quando começa a participar das reuniões de NA possui outro conjunto de atitudes que são positivas e benéficas para a sociedade, mas que muitas vezes são expressas em níveis inferiores ao que seria desejável para o contexto social. Este conjunto de boas atitudes passa a ser chamado de variável de interesse “B”. Paciência, confiabilidade, responsabilidade, capacidade de lidar com o público, oratória, organização, entre muitas outras, são atitudes que compõem este conjunto e podem não estar desenvolvidas o suficiente no membro de NA. Para ajudar este indivíduo a interagir melhor com o mundo que o cerca, estas atitudes, ou o reforço delas, devem ser transformadas em objetivos a serem alcançados. São considerados como referências (B’).

Levando em conta esses conjuntos de atitudes (A e A’ e B e B’), o metamodelo sistêmico para interação de indivíduos em grupos é composto de um duplo circuito fechado de controle (i.e. *feedback*), não mais restrito ao indivíduo, mas que inclui a interação de um grupo de pessoas dentro de um contexto. Assim, o duplo circuito fechado de controle está, portanto, sujeito às regras do grupo (Figura 26), e sofre as ações do contexto social, seja atuando, seja sofrendo atuação da sociedade.

O próprio grupo age sobre os indivíduos que o compõem, reforçando ou inibindo comportamentos e atitudes. Os elementos reforçadores são os gestos de “atenção”, de “aprovação”, de “afeição”, bem como de “submissão”. Os elementos

inibidores, por sua vez, geram algum tipo de aversão como a “desaprovação”, o “desprezo”, o “ridículo” e até o “insulto” (SKINNER, 2003, p. 327).

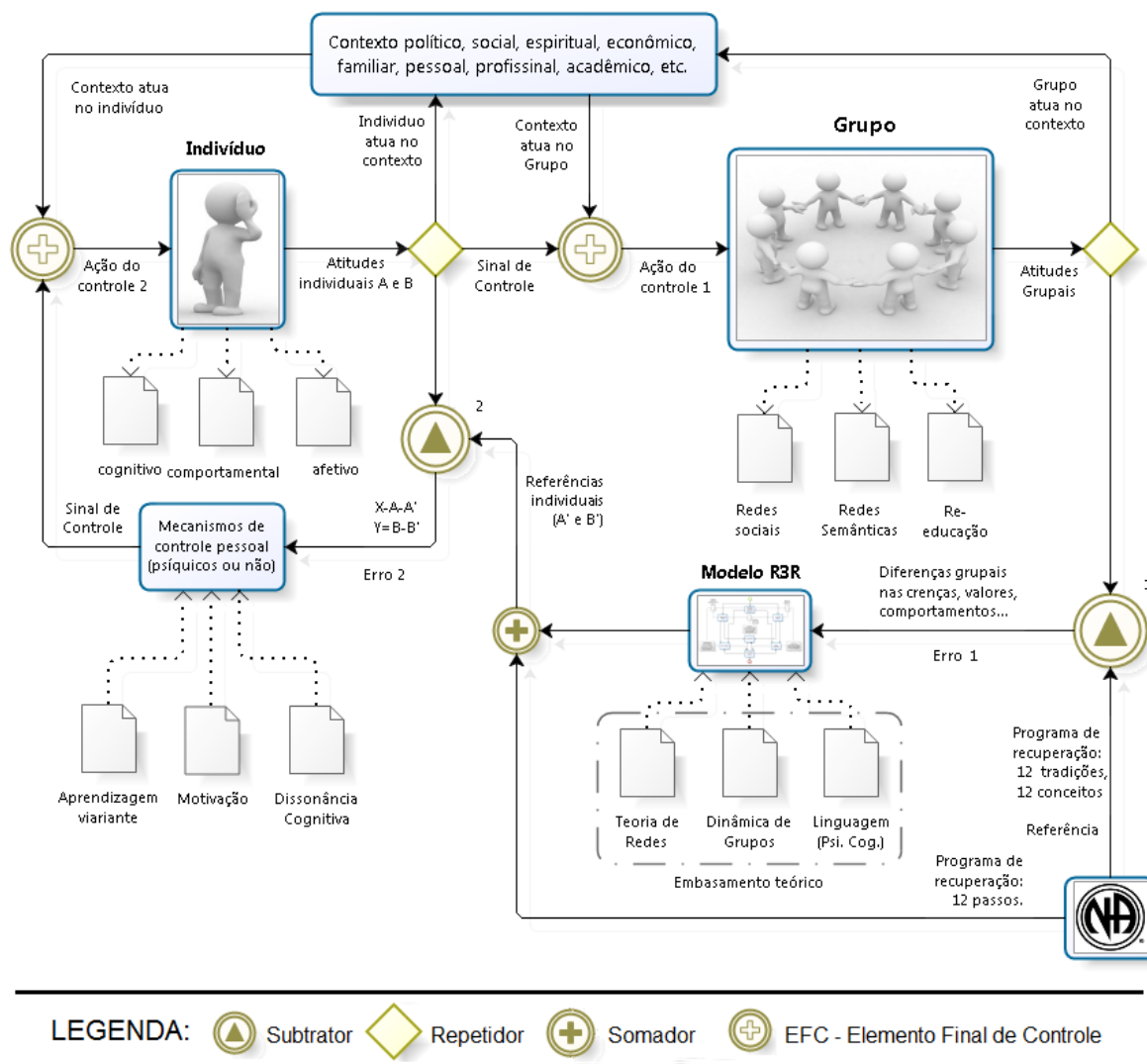


Figura 26. Metamodelo sistêmico para interação de indivíduos em grupos (SIIG) de Narcóticos Anônimos. Fonte: Adaptado de Lima Neto, Pereira (2016b).

Ao estudar o diagrama em blocos da Figura 26 surge a pergunta: por onde começar a analisar o sistema? Como se trata de um sistema de causa e efeito circular, não existe uma resposta pronta. A finalidade do sistema pode estar nas mudanças que contribuem para ajustar o indivíduo ao grupo, e pode estar na interação entre os próprios indivíduos, o que vai caracterizar o próprio grupo.

Os envolvidos no processo, portanto, são os indivíduos e o grupo e suas múltiplas interações, desde aquelas já descritas envolvendo o Modelo R3R (Seção 8.1.3) e

seus mecanismos internos de comunicação. Agora são inseridos os outros elementos: como o grupo, o indivíduo, os elementos de conexão entre eles e aqueles dedicados às tarefas de medição, distribuição, ou atuação, de forma a propiciar um sistema auto-organizado.

Analisando a Figura 18, pode-se dizer que todo grupo de pessoas estudado enquanto sistema oferece um conjunto de atitudes, valores, crenças etc., que os caracterizam, e as quais chamamos Atitudes Grupais, localizadas na saída do bloco “Grupo”. Passando pelo distribuidor, a informação contida nas Atitudes Grupais se preserva até o Comparador, quando é confrontada com as Referências Grupais, que, neste estudo, são aquelas fornecidas pelo programa de recuperação de Narcóticos Anônimos (i.e. as Doze tradições e os Doze Conceitos).

As diferenças são encaminhadas para processamento nos Mecanismos de controle grupal, que oferecem como resposta elementos reforçadores ou inibidores, além de serem também as referências individuais (A' e B') do Comparador do segundo mecanismo de controle *feedback*. Assim, o grupo que segue o programa de Doze Passos oferece referências para seus próprios membros de modo que eles possam se tornar consonante com os valores grupais.

Pode-se tomar como exemplo o Passo 10 de NA que diz: “Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente”. Este passo ajuda o indivíduo na sua autoavaliação diária, item importante do Programa de Recuperação dos Doze Passos. O ato de estabelecer um elo de *feedback* nesta cadeia de acontecimentos é necessário para correção imediata de erros. Fazer esta avaliação diária, posterior ao comportamento, permite verificar, por exemplo, se os comportamentos foram impulsivos, motivados por pensamentos automáticos. Daí é possível traçar uma estratégia de enfrentamento destas situações.

A diferença entre as atitudes individuais e as referências de atitudes individuais que sai do Subtrator-2 é o que estimula os mecanismos de controle pessoal

(aprendizagem vicariante¹⁹, dissonância cognitiva, processos motivacionais etc.). Daí são gerados sinais de controle que atuam no indivíduo através de ações de Controle-2 em um segundo sistema de controle *feedback*.

Mecanismos individuais e/ou subjetivos que propiciam mudanças, como a dissonância cognitiva, a aprendizagem vicariante, a motivação, dentre outros, são reforçados pelo incentivo propiciado pelo estabelecimento de metas fomentadas pelos próprios grupos²⁰, que, quando alcançadas normalmente são homenageadas publicamente. Desta forma, dependendo das peculiaridades de cada um, vai acontecer inibições de atitudes indesejáveis ou o reforçamento daquelas que se almeja, na forma de uma realimentação sistêmica. Estas ações se refletem nas relações pessoais, nos comportamentos, no discurso, dentre outros, que, sofrendo mudanças, vai interferindo na forma como as redes sociais são construídas, na linguagem que é adotada pelo grupo, e nos valores que são cultivados no processo de re-educação.

À medida que as atitudes individuais se transformam, o desconforto da dissonância cognitiva vai reduzindo, pois os indivíduos vão se tornando mais consonantes com o grupo. Desta forma, o primeiro conjunto de atitudes (inadequadas) deve ser atenuado ($A \rightarrow A'$), e o segundo conjunto (adequadas) deve ser estimulado ($B \rightarrow B'$), conforme ilustrado na Figura 25.

O metamodelo aqui proposto pode ser usado em diversos contextos a fim de verificar sua aplicabilidade, uma vez que a proposta é para analisar as relações entre indivíduos em grupos. Logo, o contexto empresarial, escolar, militar, funcionamento das gangues etc., pode ser alvo da aplicação deste metamodelo.

Destaca-se ainda que esse metamodelo não pretende explicar todas as transformações do indivíduo participante de um grupo, mas visa apresentar os fundamentos cognitivos e comportamentais que favorecem o entendimento dos processos de transformações atitudinais, de re-educação dos membros de um grupo.

¹⁹ Termo cunhado pelo psicólogo Albert Bandura. Significa que a aprendizagem também ocorre através da observação do comportamento dos outros e de suas consequências (BANDURA, 1982, p. 126).

²⁰ Nos grupos de NA uma das metas é o “tempo limpo” ou o tempo sem uso de drogas. O membro que se mantém limpo é reconhecido publicamente e recebe uma medalha e/ou um chaveiro correspondente à sua conquista em relação ao tempo limpo. As datas significativas são os primeiros 30, 60, 90 e 180 dias, seguidos por 9, 12 e 18 meses. A partir do segundo ano limpo, o adicto passa a celebrar as conquistas de ano em ano.

A re-educação é um processo que exige mudanças de atitudes. Decorre da influência direta das relações grupais, influenciado pela presença de lideranças prestigiosas, além dos processos cognitivos inerentes à aprendizagem vicariante, à motivação, dentre outros, influenciando nos novos valores, crenças e regras de vidas dos indivíduos, nas suas mudanças de comportamento e de conduta. O padrão cultural surge pela via da “aprendizagem” dentro da imersão grupal.

Na proposta do metamodelo buscou-se responder de forma robusta, sob a ótica de campos teóricos consolidados como a Dinâmica de Grupo, a Psicologia Cognitiva, a Teoria de Redes e a Teoria Sistêmica, como se dá a influência dos grupos sobre os indivíduos e vice-versa, através do compartilhamento de seus valores, crenças, atitudes, enfim, sua cultura.

Este Metamodelo SIIG é a peça central deste trabalho do qual resultará a extração de valiosas informações. Nele está colocado como as relações sociométricas entre os indivíduos ocorrem, quem tem mais controle mais informação, quem tem mais prestígio e influência na rede social, como esta rede está subdividida em comunidades, além de conectar os valores e crenças refletidos nas atitudes ilustradas nas características nos discursos que dão coerência aos próprios comportamentos.

9 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão apresentados os dados obtidos a partir da observação participante, entremeados com uma reflexão em relação aos aportes teóricos, e com dados de entrevistas.

São apresentados e discutidos também os dados informados pelos 123 respondentes ao questionário de pesquisa, e as redes construídas a partir dos dados coletados nos questionários e a partir das entrevistas.

9.1 A rede social de ajuda-mútua de Narcóticos Anônimos (prestígio e centralidade de intermediação)

Considerando que o estudo discutido nesta seção se localiza no campo de Redes Sociais em que pessoas ou organizações são vistas como vértices²¹, são empregados os conceitos e definições oriundas do Capítulo 7. São apresentados alguns esclarecimentos sobre a terminologia específica usada nesta parte do trabalho, bem como sobre o método de coleta e tratamento de dados.

9.1.1 Terminologias usadas em grupos de NA e na construção de redes

Algumas terminologias usadas em grupos de NA e na construção de redes são utilizada neste texto, e são definidas da seguinte forma:

Rede de Proximidade: Trata-se da rede social do tipo dirigida, construída a partir das respostas obtidas para a pergunta do questionário aplicado aos 123 membros de NA: “Se você fosse para uma ilha deserta e tivesse que estar lá por muito tempo e pudesse levar pessoas de NA, quem você levaria?”. Para esta pergunta, o respondente poderia dar até três respostas.

Rede de Afastamento: Trata-se da rede social do tipo dirigida construída a partir das respostas obtidas para a pergunta do questionário aplicado aos 123 membros de NA: “Se você fosse montar um time com as pessoas de NA, mas tivesse que

²¹ Nesta tese, os termos Vértices e Atores são considerados sinônimos.

eliminar pessoas, quem você eliminaria?”. Para esta pergunta, o respondente poderia dar até três respostas.

Rede de Apadrinhamento (Padrinho): Trata-se da rede social do tipo dirigida construída a partir das respostas obtidas para a pergunta do questionário aplicado aos 123 membros de NA: “Qual o nome do seu Padrinho/ Madrinha?”. Para esta pergunta, o respondente poderia citar um nome.

Rede de Confiança: Trata-se da rede social do tipo dirigida construída a partir das respostas obtidas para a pergunta do questionário aplicado aos 123 membros de NA: “Dentre as pessoas de NA a quem você confiaria um segredo?”. Para esta pergunta, o respondente poderia dar até três respostas.

Prestígio: É o conceito relacionado ao Grau de Entrada dos vértices (atores), ou seja, as indicações recebidas de outros atores, quando são avaliadas as dimensões de Proximidade, Padrinho e Confiança;

Rejeição: É o conceito oposto ao do Prestígio e também está relacionado ao grau de entrada dos vértices (atores), ou seja, as indicações recebidas de outros atores, em relação à dimensão de Afastamento;

Controle de informação: É um conceito relacionado à Centralidade de Intermediação ou à localização estratégica de um determinado ator em “canais” de comunicação quando são avaliadas as dimensões de Proximidade, Padrinho, Confiança e Afastamento;

Conteúdo transacionado: Refere-se ao ato de realizar transações, negociar, contratar, trocar objetos, valores, ligações pessoais, emocionais e culturais (i.e. confiança, amizade), entre atores.

Re-educação: Termo criado pelo psicólogo Kurt Lewin (1978) que representa um processo, já citado, no qual as mudanças de valores que ocorrem em um indivíduo levam a uma mudança da sua conduta, e isso, somado às mudanças semelhantes ocorridas em outros indivíduos, resulta em uma mudança cultural.

Dinâmica de Grupo: Trata-se de um conceito surgido no início do século 20, quando os problemas de guerras, economia e educação, exigiam a melhoria dos resultados dos trabalhos em equipe, e pesquisadores de psicologia dos grupos, como Kurt Lewin nos anos 1930, dedicaram-se a esses estudos, buscando

entende como melhorar a eficácia de equipes, entender suas lideranças. Esse campo de estudo foi denominado Dinâmica de Grupo (AUBRY, 1978).

Definido os termos técnicos, os procedimentos metodológicos necessários para a construção e análise das redes estão disponíveis na Seção 7.2.1.

9.1.2 Prestígio e Rejeição em NA

A pesquisa foi realizada coletando informações dos respondentes que podiam indicar até três nomes em várias dimensões. Foram usados os tipos de relacionamentos de Proximidade, Afastamento, Padrinho e Confiança. As redes obtidas são mostradas na Figura 27.

A construção da rede de Prestígio/Rejeição foi possível dividindo-se os dados em dois grupos: o Prestígio, composto pelos dados das dimensões Proximidade, Padrinho e Confiança, e o grupo da Rejeição, composto pelos dados da dimensão Afastamento, resultando em única rede dirigida com 245 vértices (atores) e 643 arestas.

A Figura 27 representa a mesma rede, porém com valores das métricas dos vértices diferentes. A rede da Figura 27a tem o tamanho dos vértices (atores) equivalente à quantidade de indicações que recebeu, ou seja, ao grau do vértice. Já a Figura 27b foi obtida a partir do cálculo da centralidade de intermediação de cada vértice.

A Centralidade de Grau fornece o Prestígio/Rejeição (tabela e rede mostradas na Figura 27a). As arestas que representam estas relações foram coloridas arbitrariamente considerando Prestígio em verde e Rejeição em vermelho. Os atores destacados de amarelo correspondem aos que estão presentes na lista de rejeição (Afastamento) na tabela da Figura 27a.

Para Centralidades de Intermediação da Figura 27b verifica-se que na análise da rede destacam-se os vértices 196 e 44 como os membros de NA que mais controlam o fluxo de informações na rede. Esses membros assumem, portanto, um papel fundamental na rede como um todo já que o fluxo de informações é um elemento essencial para a aglutinação de qualquer rede. Membros de NA foram consultados com o objetivo de ajudar na compreensão da polarização na rede e como alguns atores controlam a informação.

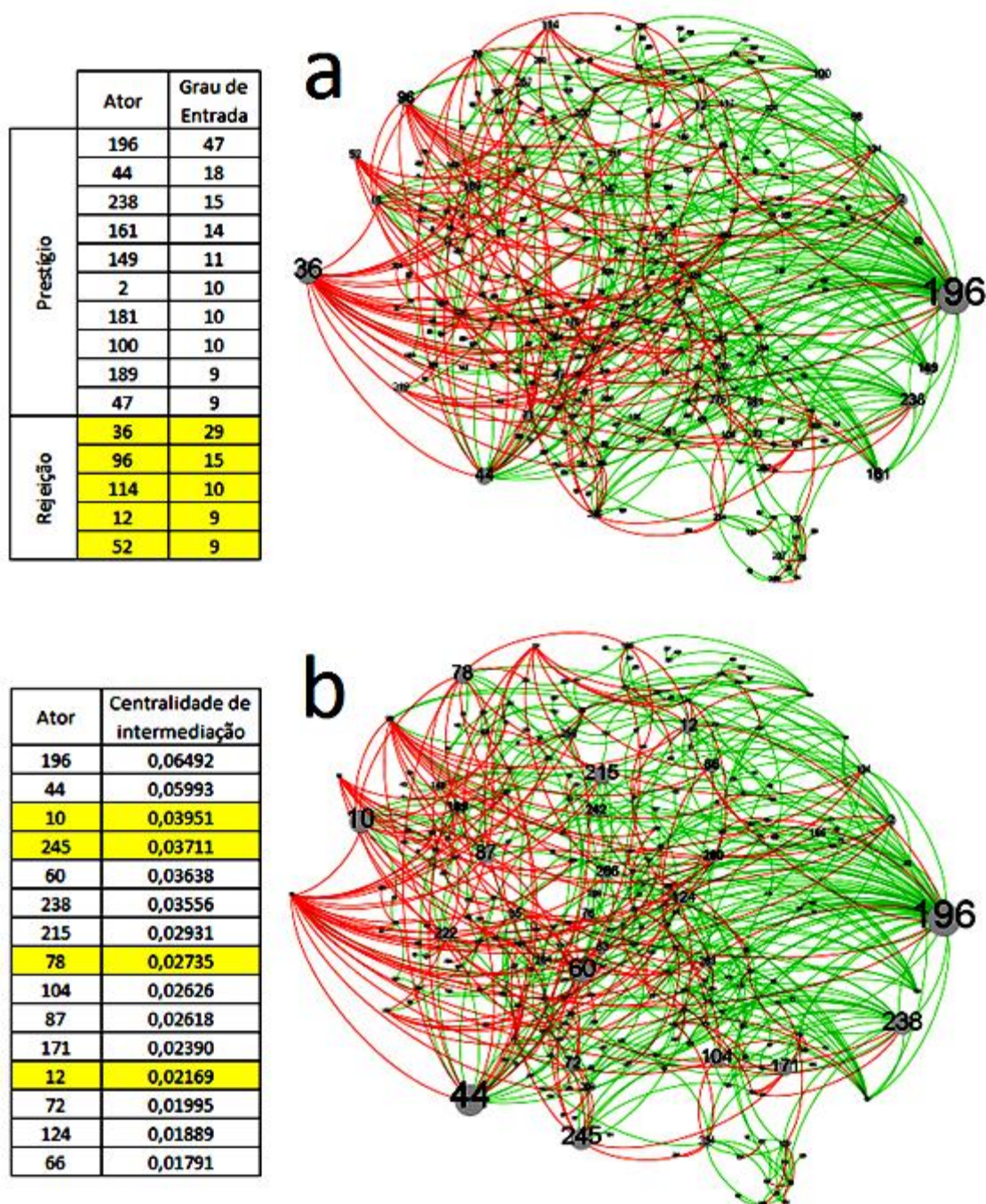


Figura 27. Rede social entre membros de NA. a) Tabela e Rede de Prestígio/Rejeição; b) Tabela e Rede Centralidade de intermediação. Fonte: Lima Neto, Pereira (2016a, p. 06).

Para esta discussão, faz-se necessário retomar alguns conceitos já apresentados. Nos grupos de NA, a abstinência é considerada como um valor. Segundo Luiz

Ferri de Barros (1997), os antigos nas associações de anônimos são respeitados pela experiência acumulada. Já o novato:

[...] é um elemento de memória para todos os presentes. Quem chega pela primeira vez numa sala de recuperação, normalmente apresenta-se [...] desorientado, cheio de problemas, muitas vezes embriagado. A pessoa que vai procurar o grupo está no auge de seu alcoolismo. O contraste entre seu estado e o estado dos que estão em abstinência, em recuperação, reforça [...] a determinação de continuar sem beber entre os membros do grupo (BARROS, 1997, sem paginação).

As entrevistas feitas com membros de NA evidenciaram o processo de aceitação entre os atores dentro do grupo (discussão que não faz parte do escopo desta tese), e também permitiram a identificação das lideranças, dos valores que adotam, de quais suas características pessoais etc. Convém que pesquisas com o foco na estrutura das redes tenham o entendimento ampliado com o uso de instrumentos que permitam análise qualitativa.

A discussão acerca das redes mostradas na Figura 27 é apresentada nas próximas seções.

9.1.3 Centralidade de Grau - Prestígio e Rejeição

Como o prestígio está associado às escolhas feitas (ou recebidas), atores prestigiosos são escolhidos observando-se o grau de entrada. Esta dimensão, analisada por outros autores, recebeu nomes diferentes. Como dito na seção 7.2, Moreno (1961), em lugar de “prestígio”, denomina “status”, e Wasserman e Faust (1994) denomina “rank”.

Para análise da rede, foram selecionados os dez atores mais citados na rede social de prestígio/rejeição (Figura 27a) como ponto de partida, independente da dimensão analisada.

Foi verificado que o subgrupo com maior prestígio, composto por esses dez atores, é liderado pelo ator 196, com 47 indicações. Este subgrupo é antagonizado por outro menor composto pelos cinco atores com maiores índices de rejeição tendo no ator 36 (grau 29) o que apresenta maior valor, conforme tabela da Figura 27a.

Nas observações participantes *in loco* verificou-se que o grupo de atores com mais prestígio tem algumas atitudes desejáveis dentro de Narcóticos Anônimos: fazem serviço voluntário, ajudam os mais novos em NA a darem os primeiros passos (mentores), não se importam em fazer tarefas simples, frequentam regularmente reuniões, “evitam pessoas, lugar e hábitos” da ativa, mantêm a abstinência, dentre outras. Essas atitudes são destacadas na literatura específica de NA.

Narcóticos Anônimos é um ambiente saudável para o crescimento. Como Irmandade, amamos e estimamos uns aos outros, apoiando juntos a nossa nova maneira de viver. À medida que crescemos, compreendemos a humildade como a aceitação das nossas qualidades e dificuldades (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b, p. 112).

Por outro lado, ainda fruto das observações participantes, percebeu-se que os integrantes do grupo com rejeição têm dificuldade de aceitar os novos valores. Têm personalidades dominadoras e solitárias, apresentando dificuldade de trabalhar em equipe. Gostam de fazer críticas especialmente dirigidas a pessoas e não aos comportamentos. Geralmente, reagem mal quando criticados. Apesar de terem sido admitidos em NA, algumas pessoas não se identificam com os valores do grupo nem assumem efetivamente a mudança de vida que NA propõe.

Isso quer dizer que o indivíduo que está em processo de re-educação contra a própria vontade, ao sentir-se ameaçado, ele poderá reagir com hostilidade a situações de desconforto. É equivalente ao que ocorre com indivíduos que se sentem obrigados a mudar para um país, cidade ou empresa que tenha cultura diferente da sua. Estas pessoas podem reagir com resistência proporcional ao desconforto que sentem ao serem submetidos a estes novos valores.

Em 1948 o psicólogo Kurt Lewin já havia comentado da importância da adequação social no processo de re-educação. Nesse processo, é importante haver liberdade e espontaneidade, por isso em NA a frequência às reuniões é livre, existe informalidade nas relações, liberdade de expressão, de modo que possam ser expressos tanto elogios como reclamações, e que cada um se sinta seguro emocionalmente, sem sofrer pressões.

A convivência frequente entre os atores vai permitindo confrontar os valores que até então conduziram suas vidas, com aqueles que guiam os grupos de

Narcóticos Anônimos. Desta forma, as atividades desenvolvidas pelos próprios atores, se acolhem os princípios norteadores de NA, pouco a pouco vão visando à criação de uma atmosfera transformadora em um processo de re-educação e mudança de vida.

9.1.4 Centralidade de intermediação – Controle do fluxo de informações

A centralidade de intermediação informa a frequência de ocorrência de um determinado vértice entre pares de outros vértices em caminhos mais curtos (geodésicos) que os conectam. Isso define uma localização estratégica em “canais” de comunicação.

Se analisado sob a perspectiva de transmissão de informações, um vértice que ocupa essa posição pode influenciar o grupo de diversas formas: restringindo, distorcendo ou potencializando a informação.

Um ator localizado em uma posição central entre outros grupos de vértices tem com uma grande responsabilidade. Pode conectar estes grupos, aproximando-os ou, influenciar negativamente. Rememorando o que foi dito por Marteleto (2001), o mediador tem o poder de controlar tanto o fluxo de informações na rede como o trajeto que elas percorrem.

Ao ser recalculado o tamanho dos vértices (atores) sob a ótica da Centralidade de Intermediação, são encontrados os mais importantes atores com capacidade de exercerem controle de informações nesta rede de NA (Figura 27b).

Alguns atores atuam nas informações de forma positiva, potencializando os valores e virtudes da recuperação do uso de drogas segundo o modelo terapêutico dos Doze Passos de NA.

Os dois atores com melhor localização para controle de informação coincidem com os dois de maior prestígio (atores 196 e 44). Outros, com capacidade de influenciar no trânsito de informações, têm índice de rejeição elevado, tornando o que dizem ou fazem ter pouca repercussão, conforme relatos de membros de NA escutados durante as reuniões na etapa de coleta de dados por meio de observação participante (Figura 27b).

Isso traz à tona a ideia de que as informações em uma rede podem não transitar sempre pelos caminhos mais curtos e sim os mais adequados, como já foi dito com base em Freeman e colaboradores (1991).

Classicamente, a quebra de uma rede se dá, por exemplo, retirando o indivíduo da mesma. Assim, o indivíduo que opta por se afastar da sua rede de original de amigos que usavam drogas, e colocando-se numa nova rede, como esta rede de membros de NA, pode-se contribuir para evitar recaídas.

Dois indivíduos que passem por uma recaída em períodos similares podem acabar interferindo negativamente. Porém a presença de indivíduos influentes e que estejam em fase de recuperação pode ser chave para a recuperação de outros.

A rede da Figura 27a mostra o antagonismo entre membros que estão com recuperação estável e tem alto prestígio em oposição àqueles que exercem um afastamento²² dos demais. Segundo os dados obtidos da métrica de redes, o controle de informações destes com grande afastamento é pequeno (Figura 27b).

9.1.5 Topologia da Rede

A análise que resulta na definição dos tipos de topologia de uma rede se dá por cálculos de algumas de suas métricas e por comparação de outras, com valores de uma rede aleatória equivalente. Os valores do Coeficiente de Aglomeração (C) e do Caminho mínimo médio (L) quando comparados entre uma rede real e uma rede aleatória gerada a partir do mesmo número de vértices e arestas da rede original pode indicar se é uma rede do tipo Mundo Pequeno (WATTS; STROGATZ, 1998). Como dito na seção 7.1, para isto a condição deve ser $C_r \gg C_a$ e $L_r \sim L_a$, para qualquer expoente da função de distribuição de grau $P(k)$.

Se a condição for $C_r \sim C_a$, $L_r \sim L_a$ e a distribuição de grau $P(k)$ seja do tipo Binomial ou Poisson, a topologia da rede será aleatória.

Como C e L da rede real são baixos em relação a estes valores na rede aleatória simulada (Tabela 03), está descartada a possibilidade de a topologia ser de uma

²² O mesmo que Antipatia.

rede do tipo *Small World*. Também não é uma rede Aleatória já que a distribuição de graus não é Binomial ou Poisson (Gráfico 13).

Do ponto de vista dos dados fornecido pela Conectividade da rede há indícios de que a topologia da rede pode ser considerada Livre de Escala.

Tabela 03. Comparação das métricas de Rede real vs. Rede aleatória.

Métricas	Rede real	Rede aleatória
Coeficiente de Aglomeração (C)	0,06	0,02
Caminho mínimo médio (L)	4,544	3,459
Grau médio $\langle k \rangle$	5,249	5,322

Foram identificados poucos vértices (membros de NA) na rede com muitas conexões e muitos outros com poucas conexões o que indica que a distribuição de graus é altamente heterogênea.

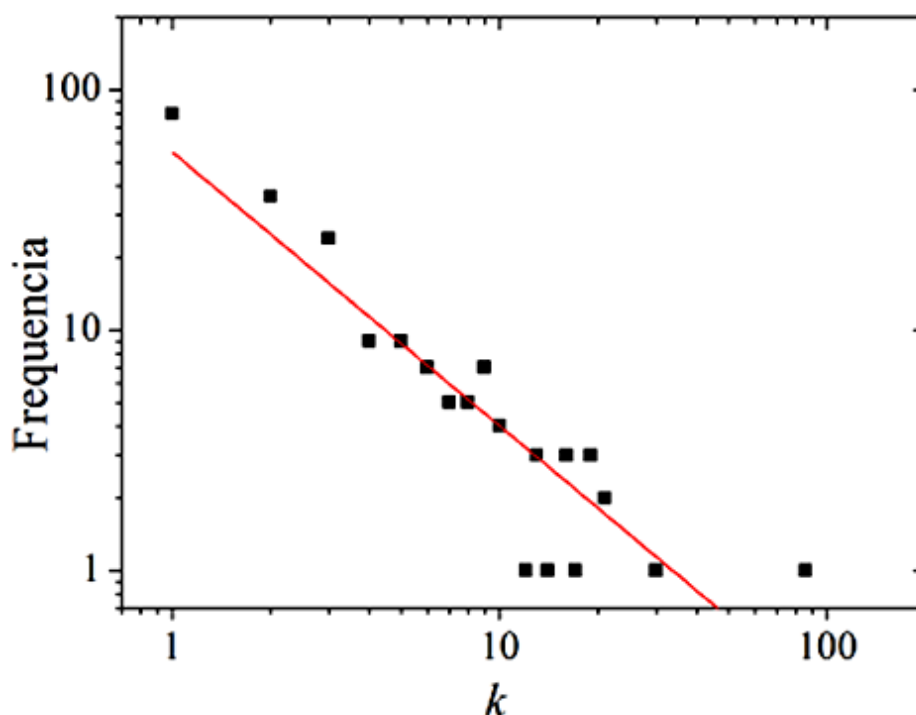


Gráfico 13. Distribuição de Graus na rede Real. Fonte: Lima Neto, Pereira (2016a, p. 09).

A distribuição de conectividade, regida por lei de potência do tipo $P(k) \sim k^{-\gamma}$, tem expoente (γ) igual 1,1389.

Nas redes livres de escala, como as identificadas neste estudo sobre os membros de NA, um conjunto pequeno de vértices altamente conectados, e uma maioria de vértices com poucas ligações, indica que alguns membros de NA servem de referência e são centros de difusão de informação e conhecimento para os outros expressando os valores que são difundidos nos processos grupais defendidos por NA.

9.2 Dinâmica de Grupos como elemento de terapia

Os dados coletados nesta tese durante a fase de observação participante revelaram que várias sugestões importantes são dadas aos membros de Narcóticos Anônimos, principalmente os novos. Participar do dia-a-dia da “irmandade” indo às reuniões, envolver-se nos serviços prestados pela irmandade, cumprir os Doze Passos e manter contato com outros membros são sugestões importantes presentes no “programa de recuperação” de NA que dizem respeito principalmente ao convívio social de seus membros.

Correlacionando estas sugestões com o processo de re-educação conforme descrito por Lewin (1978) e destacado na Seção 6.2, e com a literatura de NA, cabe destacar uma dessas sugestões:

Ir a uma reunião por dia é uma boa ideia, pelo menos nos primeiros noventa dias de recuperação. É um sentimento especial quando os adictos descobrem que existem outras pessoas que compartilham de suas dificuldades passadas e presentes. No início, podemos fazer pouco mais do que frequentar reuniões. Provavelmente, não conseguimos lembrar de uma única palavra, pessoa ou pensamento da nossa primeira reunião. Com o tempo, conseguimos relaxar e apreciar a atmosfera de recuperação. As reuniões fortalecem a nossa recuperação (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b, p.62).

Tanto nos grupos de Alcoólicos Anônimos, citados por Lewin, bem como em Narcóticos Anônimos, é possível compreender porque esta re-educação ocorre com mais facilidade e isso, por fim, identifica uma característica que os educadores deveriam dar maior atenção:

[...] é acentuada a 'informalidade da educação' como fator de particular importância na re-educação [...] a atmosfera inclusiva, característica da vida num grupo como o dos Alcoólatras Anônimos, é considerada muito mais eficiente para auxiliar o viciado a deixar o álcool que a longa e severa rotina de treinamento específico de hábitos pelo qual tem de passar o alcoólatra como paciente clínico (LEWIN, 1978, p. 75).

Recorrendo aos estudos de Lewin (1978) para compreender os processos de mudança decorrentes de participação em grupos de NA, pode-se dizer que, quando submetido a um processo de re-educação, o indivíduo é afetado de três maneiras diferentes: (i) na *cognitiva*, forma de ver o mundo físico e social abrangendo-lhe todos os fatos, conceitos, crenças e expectativas; (ii) nos *valores*, aquilo que considera que são atrações e aversões a grupos e a padrões grupais como seus sentimentos em relação a diferença de *status* e suas reações às fontes de aprovação e desaprovação; (iii) por fim na *ação motora* que se refere ao grau de controle do indivíduo sobre seus movimentos físicos e sociais (LEWIN, 1978, p. 75).

Assim, nas próximas seções, são tratadas as mudanças mais pertinentes a esta tese (mudanças cognitivas e nos valores) considerando que a ação motora acabará sendo o reflexo, em última instância das mudanças citadas.

9.2.1 Mudanças na estrutura cognitiva

Considera-se que o processo de re-educação não pode ser apenas um processo racional, afinal, mesmo a mais ampla experiência direta com a realidade não cria automaticamente conceitos corretos nem conhecimentos coerentes, como ressalta Lewin (1978, p. 76).

[...] é injustificável supor que a experiência direta do mundo social levaria automaticamente à formação de conceitos corretos ou a criação de estereótipos adequados.

Se for tomado como exemplo o campo das ciências astronômicas, eminentemente observacional, pode-se dizer que o que aconteceu ao longo de milhares de anos de experiência direta na observação dos astros não foi suficiente para dar o entendimento correto dos fenômenos celestes. Foi preciso de uma sequência de procedimentos incomuns feitas pelo homem, chamados de

experimentos, nascidos da busca sistemática da verdade para fazer com que conceitos menos adequados fossem substituídos por outros mais adequados.

Possivelmente, o que ocorre dentro dos grupos de NA tem como finalidade remover as barreiras, resistências e obstáculos emocionais, visando a adoção de nova conduta mais ajustada e harmônica à sociedade a qual estes grupos pertencem, ilustrados a partir de uma das máximas citadas recorrentemente pelos membros de NA que é buscar “uma nova maneira de viver”.

Analisando o surgimento dos grupos de Narcóticos Anônimos, pode-se dizer que eles surgiram como um agrupamento de pessoas que descobriu uma maneira de se manter longe do consumo de substâncias psicoativas, em resposta a uma série de problemas que enfrentavam associados a esta prática. Na atualidade esses grupos não deixaram de exercer a sua função primeira, que é levar a mensagem de “recuperação” para aqueles que sofrem de “adicção” ou “dependência química”, mas esses grupos também podem ser interpretados como um tipo de instituição que detém os direitos sobre um conjunto de símbolos, ideias e práticas que funcionam como um tipo de tratamento para esta doença, como foi indicado por Loeck (2009). Participar desses grupos não significa desenvolver um o sistema de valores de expressão verbal, mas sim um sistema de conduta, caso contrário, conforme Lewin (1978) essa opção por “falar o que não faz” resulta em uma consciência culposa.

Segundo o que foi observado nesta tese, o que ocorre nos grupos de NA, seja através das partilhas, seja através do serviço nos grupos, ou mesmo no processo ritualístico de suas reuniões, tem a função de se criar um vínculo psicológico entre os indivíduos e o grupo, ampliando o senso de pertencimento, de maneira a permitir que a conduta dos indivíduos se altere positivamente, levando-o a envolver-se com os desafios do dia-a-dia de forma ativa.

Desta forma, com a mudança da percepção social do indivíduo, é possível realizar a mudança da ação social deste indivíduo, considerando que tanto a ação física como a ação social dependem da percepção não só dos fatos como dos valores.

A percepção deficiente ou a falta de rigor na forma como o indivíduo assimila os estímulos decorrentes desta percepção fará com que o seu posicionamento físico ou social, seja baseado em algo inadequado.

Mesmo assim, Lewin considera que “não basta ter o domínio correto para corrigir a percepção errada” (LEWIN, 1978, p. 77). Deve-se considerar que as resistências à re-educação surgem em termos de obstáculos emocionais que não devem ser subestimados.

Considera-se que uma mudança de ação ocorre quando ela é dirigida por uma percepção de novos fatos ou novos valores. Para que isso ocorra, segundo Lewin (1978) é imprescindível a aceitação desta nova percepção, não só verbalmente (ideologia oficial), mas como uma se fosse uma ideologia de ação que tem um sistema próprio e específico de valores, frequentemente inconscientes, que dirigem a conduta. Vale repetir o que foi dito por Lewin (1978, p. 80):

[...] a re-educação só terá êxito, isto é, só levará a uma mudança permanente se tal mudança de cultura for suficientemente completa. Se a re-educação conseguir unicamente que o indivíduo se torne um marginal, situado entre o sistema antigo de valores e o novo, não terá realizado nada de valor.

Este processo de mudança de “ideologia de ação” se dá através da aceitação real de um conjunto de fatos e valores modificados através da mudança na percepção do mundo social do sujeito.

Segundo o que foi observado, nos grupos de NA há essa atmosfera de camaradagem, permitindo que os novos membros se sintam livres e possam reagir positivamente, de forma espontânea, ao processo re-educativo.

9.2.2 A ecologia cultural dos bandos-tribos-chefias-estados

Os grupos, quando se trata do número de pessoas, assume algumas características que, em função das circunstâncias, se comportam como bando, tribo, chefias ou estados, segundo o definido por Service (1962) e adotado no trabalho de Diamond (2014), e apresentado na seção 6.1.

No que se refere ao grupo estudado nesta tese, pode-se dizer que nem todos os membros de NA frequentam reuniões nas mesmas salas, embora quase todos os membros tenham uma sala de preferência que tem reunião em um dia da semana. Foi observado que cerca de 35% dos membros de NA em Salvador frequentam reuniões em vários endereços onde se reúnem grupos que variam

entre dez e vinte membros. Alguns destes locais, dependendo do evento, podem aglomerar até quarenta ou cinquenta pessoas.

Os dados coletados a partir de diferentes técnicas e fontes (observação participante, dados oficiais de NA, entrevistas) permitem afirmar que o comportamento de tribo é identificado nos grandes eventos de NA, como as convenções regionais ou mesmo mundiais, em que centenas ou mesmo milhares de membros convivem durante alguns dias em um espaço delimitado de confraternização e trocas simbólicas.

Nas próximas subseções desta seção são apresentadas características dos grupos de NA, estabelecendo um paralelo aos estudos de Diamond (2014), com base em dados coletados a partir de diferentes técnicas e fontes (observação participante, dados oficiais de NA, questionário, entrevistas etc.).

9.2.2.1 Sistema de Vida em grupos de NA

Como nos bandos e tribos, o sistema de vida dos grupos de NA se assemelha ao de nômades. Normalmente as reuniões nas salas de NA funcionam em dias de semana fixos. São poucas as salas que têm mais de duas reuniões, pelo menos neste período de estudo (2015 e 2016). De forma similar aos membros dos bandos que saiam em busca de alimentos, foi constatado que, ao longo da semana, frequentando diferentes salas de NA, encontram-se membros fazem o percurso de uma sala para outra em busca de aprendizagem, escuta e partilha. Os membros que optam por assistir reuniões em uma única sala muitas vezes fazem o papel de anfitrião, se responsabilizando por cuidar das necessidades do grupo. Se uma sala, por qualquer motivo, não puder ser aberta no dia estabelecido, os membros buscam outra sala para se encontrarem, sendo recebidos por aqueles que são os anfitriões do local.

A base das relações humanas nos grupos de NA está na afinidade desenvolvida entre alguns membros, o que faz lembrar as responsabilidades que existem entre familiares de preservar e ajudar nas dificuldades. Os membros de NA se identificam, conforme expresso por eles em diversas reuniões, como integrantes de uma “irmandade mundial de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior”. Isso os torna cúmplices da recuperação uns dos

outros. Neste sentido pode-se dizer que fazem parte de uma família que, mesmo sendo “não consanguínea”, é composta por membros que se identificam emocional-espiritualmente, o que desencadeia relações de confiança por muitos anos. Algumas destas relações se transformam em relações de amizade, e algumas vezes em relações amorosas e até casamentos.

9.2.2.2 Forma de Governo em grupos de NA

Em grupos de NA pode-se observar vários aspectos na categoria de governo, como a forma de tomada de decisão, o exercício da liderança, o papel da burocracia além do monopólio da força e da informação e, a solução dos conflitos.

Da mesma maneira que na pré-história, os conflitos geralmente eram acompanhados de sucessivas negociações, em geral vinganças, entre as partes envolvidas. Em grupos de Narcóticos Anônimos, a tomada de decisão ocorre em negociações coletivas, visando uma solução que traga paz para a coletividade. Este é o papel exercido pelos membros dos grupos, algumas vezes mediadas por membros mais antigos ou respeitados.

Mesmo existindo diversos níveis burocráticos em grupos de NA, os membros que trabalham são identificados como prestadores de serviços (secretário, tesoureiro, coordenador e representante) e não gestores ou presidentes que poderiam controlar cargos de comando e orientação. A representatividade dos grupos se faz por delegados eleitos que atuam em diversos níveis de uma pirâmide invertida em que a parte mais larga representa os grupos com seus membros, estágio final de tomada de decisão, que são servidos pelos níveis seguintes, ou seja, pela Área, Região e nível Mundial, em função de campo de abrangência.

Além disso, as informações ficam disponíveis em livros, folhetos e na transmissão oral da experiência acumulada, o que ocorre não só no ambiente das reuniões nas salas de NA e nos eventos, mas também em encontros informais.

O monopólio da força como forma de governo ou controle não é tolerado em NA. As lideranças com comportamentos autocráticas vão-se esvaziando de seguidores, culminando com seu isolamento até que se adeque aos valores de NA. Isso tem um efeito pedagógico para que os membros se adaptem às normas do convívio democrático. Normalmente é lembrado aos presentes nas reuniões de

NA que sua estrutura político-administrativa “deve ser sempre de serviço, nunca de governo” (12º Conceito de NA).

Presume-se que a convivência entre os membros será de longo prazo. Fazendo parte de grupos, os membros aprendem que seu destino individual está diretamente vinculado ao destino coletivo. Os membros nos grupos ou membros mais antigos ou respeitados funcionam como mediadores informais.

A autogestão na solução dos problemas, típicos das comunidades igualitárias dos bandos-tribos, tem dado espaço para agentes externos, característicos dos agrupamentos como Chefias ou Estado. A exemplo disso cita-se o fato expresso por vários membros de NA que atualmente tem sido observado que conflitos envolvendo novos membros terminem em delegacias com queixas diversas.

9.2.2.3 Religião vs. Espiritualidade em grupos de NA

Um dos aspectos que caracterizam o tipo de sociedade como de chefia ou estado é a cleptocracia ser justificada pela religião.

Segundo a literatura e o relato de membros de NA, o uso de drogas afeta o indivíduo em vários aspectos, inclusive no campo espiritual, caracterizado pelo egocentrismo. Abordagens espiritualistas relativas à crença em um Poder Superior que os orienta e dá suporte psíquico para as coisas que ainda não foi possível compreender são aliadas à condição de anônimos, em que não importa o que fez ou o que deixou de fazer, a profissão que tem, ou os valores na conta bancária, todos se identificam como iguais na condição de adictos. Segundo Roehe (2004), a experiência religiosa pode ser requisito para “cura” nestes grupos. Desta forma, como não tem uma burocracia e uma estratificação social nos grupos de NA, não há possibilidade de observação de cleptocracia, já que se trata de uma sociedade igualitária típica dos bandos ou tribos.

9.2.2.4 Economia em grupos de NA

No que se refera ao aspecto da Economia, é possível analisa-lo a partir de três pontos de vista: a divisão do trabalho, as trocas mútuas e a estratificação social.

Nos grupos de NA, a divisão do trabalho convida a todos a compartilhar uma mesma responsabilidade, que é fazer a “mensagem de NA chegar ao adicto que

ainda sofre”. As tarefas podem ser executadas tanto por membros recém-chegados como por membros mais antigos, atuando como Secretário, Tesoureiro ou Representante de Serviços ou outros postos em outras áreas de abrangência.

Baseado na 7ª Tradição de NA que diz: “Todo grupo de NA deve ser autossustentado recusando contribuições externas”, o ambiente favorece as trocas simbólicas entre os membros. Amizade, confiança, experiências, acolhimento, afetos fazem parte do cardápio de ajuda-mútua.

A estratificação social reflete o grau de privilégios que um pequeno grupo tem em relação aos demais. Isso pode implicar em burocracia e hierarquia. Em NA existe um conjunto de princípios que coloca um Poder Superior acima de todos os membros. Estes são nivelados pelo anonimato, condição em que se identificam como adictos e não como suas profissões, seus títulos ou seu currículo. Nada disso importa para a relação entre os membros.

9.3 Redes Semânticas nos discursos orais em Narcóticos Anônimos: a Incidência-Fidelidade Crítica

Usando os conceitos definidos na Seção 7.3, a construção e análise de redes semânticas é o resultado de um processo de investigação maior sobre um público que frequenta as reuniões de Narcóticos Anônimos (NA) na cidade de Salvador, Bahia. Fazendo um breve retrospecto do estudo, a coleta de informações ocorreu entre fim de 2015 e início de 2016. Foram abordadas 123 pessoas de NA visando, em uma primeira fase, responder um questionário. Foram identificados candidatos à entrevista oral que seguiu os requisitos tempo de recuperação: iniciantes, intermediários e maduros.

Foi usada uma técnica inspirada na Associação Livre da remota época Freudiana a qual permite que as representações mentais ativas do indivíduo sejam relatadas, conforme dito por Teixeira (2007, p. 30-31).

[...] para a psicologia cognitiva, ela é uma forma de investigação da memória, ou seja, forma de acessar o conhecimento pré-existente da palavra em muitas tarefas cognitivas, indiferente a psicologia clínica, e usa como uma de suas ferramentas o uso de palavras-sugestão/prime durante o processo da coleta de dados.

Para aplicar a técnica utilizada neste estudo de caso foi especificado um tema pré-estabelecido, um *prime*, a saber: “Sua história antes e depois de NA”. Esta sentença tem o papel de estimular o indivíduo a falar sobre as razões e motivos que o levaram a condição atual. Assim, conforme Teixeira (2007, p. 61):

[...] o participante irá descrever sua trajetória de vida, contextualizando os fatos, suas experiências pessoais, desde o período da infância passando pela fase da escola, relação entre amigos, irmãos, pais e por fim, finalizar, contextualizando a sua situação hoje, suas escolhas e planejamento para futuro possibilitando desta forma o acesso não só aos conteúdos periféricos e latentes da memória, mas também aos mais profundos.

Cada uma das entrevistas orais dos seis (06) membros de NA, foram obtidas com duração de pelo menos 30 minutos. O entrevistador é psicólogo e interferiu minimamente no processo, utilizando sempre palavras que estavam dentro do discurso oral do entrevistado visando minimizar possíveis sugestões de novas rotas de associação.

Sobre a aplicação do teste de personalidade IFP-II conforme previsto na seção 2.2.4 nesta etapa da entrevista, não foram encontrando qualquer indício de desvio de personalidade fora da normalidade, motivo que fez as análises seguirem normais. Os entrevistados receberam o relatório diagnóstico.

O discurso gravado em arquivo eletrônico foi transcrito através de um recurso oferecido pelo site <www.transcribeme.com> mediante pagamento, e revisado pelo entrevistador. De posse das transcrições foi realizado o tratamento necessário em cada um dos discursos de modo a adequá-los ao processamento computacional. Este tratamento segue as regras gerais de pré-processamento manual de títulos de manuscritos definida por Pereira e colaboradores (2011, p. 1193), conforme Quadro 15.

Para a construção das redes semânticas baseadas em discurso oral, foram preservados as palavras com um significado intrínseco. Foram eliminadas as palavras que tinham apenas funções gramaticais relacionadas com o arranjo das estruturas sintáticas de frases no texto (artigos, pronomes, preposições, conectores, abreviações e interjeições). Este processo depende de uma aplicação de computador, utilizando algumas rotinas, dicionários e regras gramaticais da UNITEX package (PAUMIER, 2008).

Esta técnica do tratamento de texto foi minuciosamente detalhada por Caldeira (2005) e Caldeira e colaboradores (2006).

Quadro 15. Regras gerais de pré-processamento manual de transcrições.

Regras gerais de pré-processamento	
R1	Cada título consiste de uma sentença.
R2	Sinais gráficos, como período, ponto e vírgula, ponto de interrogação, ponto de exclamação e reticências são eliminados.
R3	Os nomes devem formar uma única palavra. Por exemplo, “Bose-Einstein” devem ser convertidos em “boseeinstein”, ou “Albert Einstein” deve ser convertido para “alberteinstein”.
R4	Números ordinais deve ser escrito da seguinte forma: “primeiro”, “segundo”, etc.
R5	Números deve ser escrito textualmente. Por exemplo, “OneZero” no lugar de “10”.
R6	Palavras compostas devem ser considerados como uma só palavra. Por exemplo, “Rio de Janeiro” deve ser convertido para “riodejaneiro”, ou “e-mail” deve ser convertido em “email”.
R7	Palavras escritas incorretamente devem ser corrigidas.
R8	Linguagem especializada deve ser mantido, tanto quanto possível.
R9	Palavras repetidas no mesmo título deve ser excluído, deixando apenas uma ocorrência da palavra.
R10	Word strings que são solidariamente significativas, são feitas em uma única palavra (por exemplo, blackhole, computerscience.).
R11	Títulos em outro idioma devem ser traduzidos para a linguagem da análise (por exemplo, um artigo publicado em uma revista cuja língua principal é o Português, com um título em outro idioma devem ser traduzidos para o Português).

Fonte: Pereira e colaboradores (2011, p. 1193).

9.3.1 Distribuição dos valores de incidência-fidelidade dos discursos orais

O método de distribuição dos valores de incidência-fidelidade (*IF*) dos discursos orais permite a retirada de todos os vértices que representam pares de palavras de pouca importância para o discurso, ou seja, aqueles pares de palavras que têm baixo índice de *IF*, preservando aquelas associações que são mais importantes (Gráfico 14).

Após a aplicação deste método aos discursos obtidos a partir das seis entrevistas de membros de NA, construiu-se o Gráfico 14, que ilustra a distribuição dos pares de palavras em função do índice de Incidência-fidelidade. Como já foi explicado,

aqueles pares que tem mais probabilidade de aparecerem e de sempre aparecerem juntos têm elevado valor de IF , e eles permanecem após a filtragem.

Todos os outros pares de palavras que aparecem inúmeras vezes, tendo baixo índice de IF , bem como os vértices que não tem arestas, são eliminados na filtragem quando se alcança o valor de IF crítico, o que é apresentado na seção seguinte.

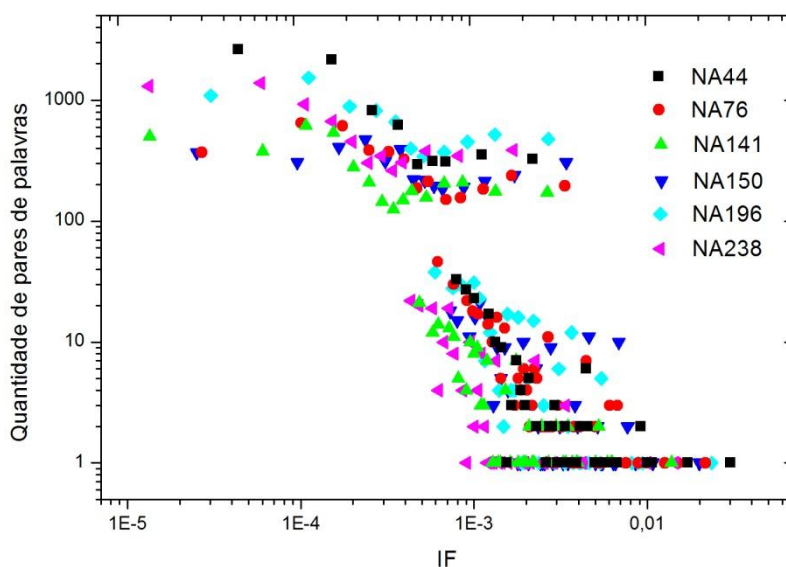


Gráfico 14. Distribuição dos valores de IF dos discursos orais dos seis membros de NA. Fonte: o autor.

A incidência-fidelidade crítica (IFC) permite distinguir duas condições inteligíveis da rede semântica. Uma é o excesso de informação e a outra é a carência dela. Ambas dificultam a análise da essência do discurso, segundo este método aqui utilizado. A rede que está entre estas duas condições é a chamada rede crítica alcançada após a filtragem da rede original ($IF < IFC$) até atingir a condição de $IF = IFC$ tipicamente quando o caminho mínimo médio entre os pares é o maior possível conforme encontrado na próxima seção (9.3.2).

9.3.2 Rede semântica em função do valor IF

O Gráfico 15 ilustra o comportamento da mudança de topologia da rede em função do valor IF , pois correlaciona o coeficiente de aglomeração com os valores

de IF nas redes construídas a partir de pares de palavras nos discursos dos 6 membros de NA entrevistados. Observa-se que a estrutura de ligação das palavras sofre uma alteração significativa em relação aos diferentes valores de IF , usando os índices oriundos da teoria dos grafos e das redes complexas como o Caminho Mínimo Médio (L).

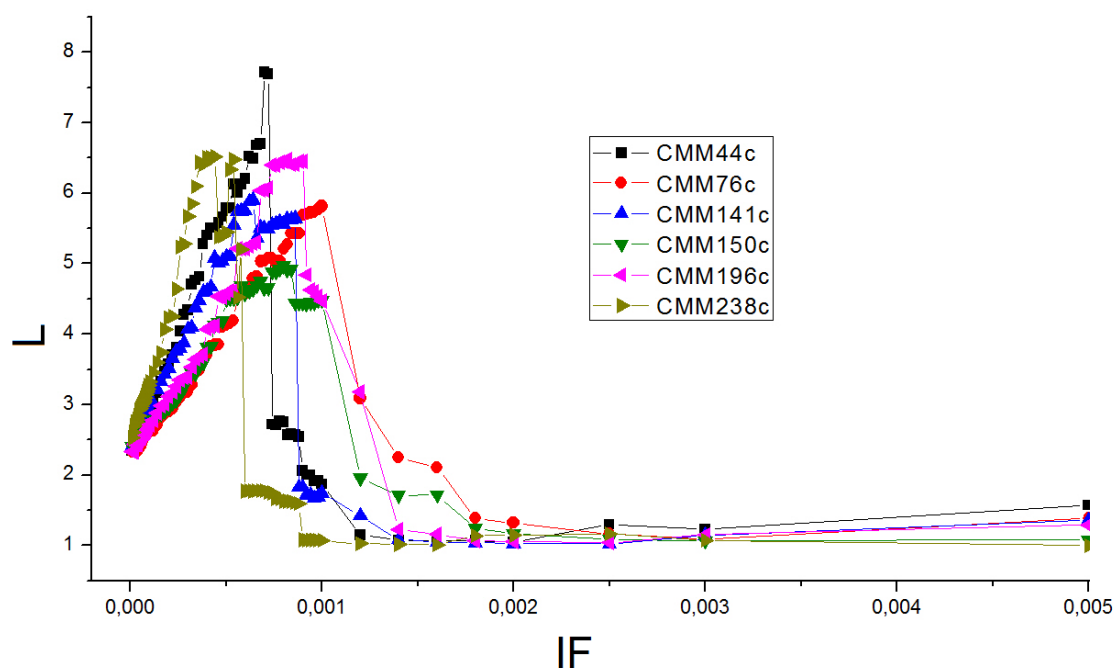


Gráfico 15. Coeficiente de aglomeração para diferentes valores de IF dos discursos orais. Fonte: o autor.

Os índices de IF críticos (IFC) dos discursos variam de um mínimo de $5,5 \times 10^{-4}$ até o máximo de $1,0 \times 10^{-3}$ ficando a média destes em $8,57 \times 10^{-4}$ em função do L , mas todos estão bem próximos da média estatisticamente relevante de 10^{-3} proposta por Teixeira (2007, p. 100). Este valor foi considerado "ideal" pela autora para conseguir acessar os "principais núcleos do discurso", onde existem "informações relevantes" para analisar a importância de "associações entre os pares de palavras para àquele indivíduo e seu contexto".

Na próxima seção será ilustrado um exemplo com a construção de três redes semânticas com índices de IF menor do que IFC , igual ou IFC e maior que IFC .

9.3.3 Redes semânticas geradas a partir do discurso oral

As redes semânticas dos discursos orais de dois membros de NA serão apresentados a seguir. A Figura 28 e 29 representam uma rede de discurso oral do indivíduo NA44 e NA76 respectivamente.

É possível observar que as três redes geradas dependem de diferentes valores de IF ($IF < IFC$, $IF = IFC$ e $IF > IFC$) considerando que a Incidência-Fidelidade Crítica para o discurso oral de NA44 é $IFC = 7,37 \times 10^{-4}$ e para NA76 o $IFC = 1,0 \times 10^{-3}$ valor que representam a “melhor” as redes semânticas dos indivíduos, ou seja:

[...] permeia o núcleo do contexto do relato do indivíduo pelo simples fato de não se perder muitas arestas e principalmente, muitos vértices da rede (TEIXEIRA, 2007, p. 101).

A condição primordial deste método é que as redes semânticas com valor IF menor do que o valor IFC não estabelecem as associações de pares de palavras mais importantes do discurso oral (Figura 28a e 29a), tornando-se algo indiscernível.

No outro extremo, uma rede de palavras de discurso oral com valor IF maior que o IFC perde muita informação (isto é, palavras) resultando em limitação para uso para estabelecer uma relação semântica (Figura 28c e 29c).

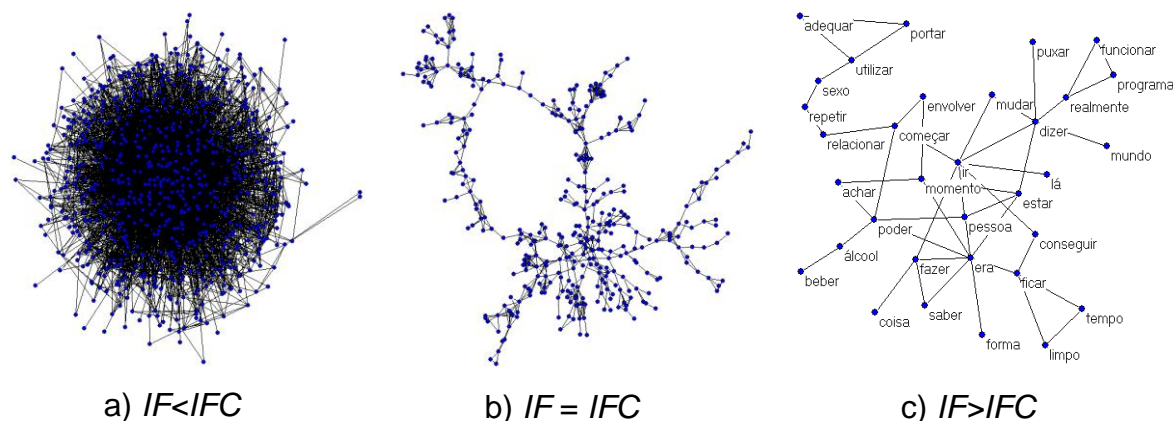


Figura 28. Três redes semânticas filtradas do discurso oral de NA44, com três valores de Caminho Mínimo Médio (a) $IF < IFC$; (b) $IF = IFC$ e (c) $IF > IFC$. Fonte: o autor.

O que interessa para este trabalho é a rede de palavras formada quando $IF = IFC$ (Figuras 28b e 29b) resultante da filtragem do discurso oral original usando o IF

até o ponto de encontrar o discurso crítico, ou seja, aquele com maior Caminho Mínimo Médio.

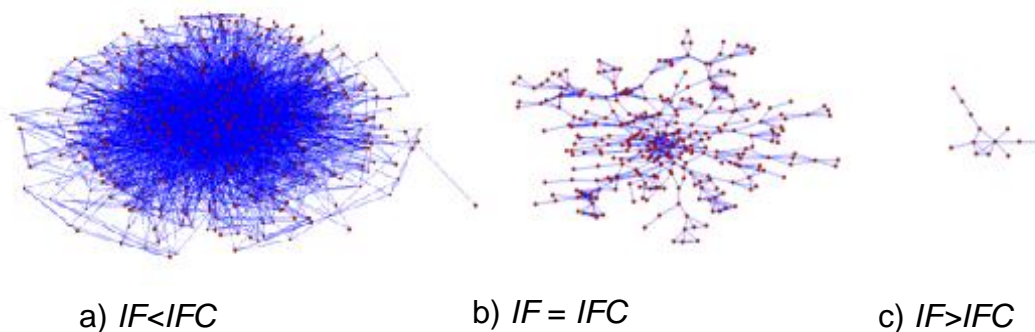


Figura 29. Três redes semânticas filtradas do discurso oral de NA76, com três valores de Caminho Mínimo Médio (a) $IF < IFC$; (b) $IF = IFC$ e (c) $IF > IFC$. Fonte: o autor.

Tal comportamento e topologia crítica reforçam a ideia de são características intrínsecas do mecanismo da linguagem humana. Pares de palavras menos importantes foram eliminados, restando apenas os pares mais significativos do discurso.

No exemplo adotado de NA44 os pares da rede crítica se encadearam formando um anel discursivo, um encadeamento lógico de temas que foram abordados pelo membro quando entrevistado, comportamento este não encontrado no membro NA76 que, poucos meses depois da entrevista experimentou nova recaída no uso de drogas.

9.3.4 NA sob o aspecto Psicologico

Dois membros de NA que foram escolhidos para exemplificar este estudo. Uma é uma mulher, com menos de trinta anos, codificada como NA44 (Figura 30) e o outro é homem com vinte e cinco anos codificado como NA76 (Figura 31).

A comparação dos discursos de NA44 com NA76 contemplam uma série de transformações cognitivas que ilustram alguns objetivos desta pesquisa. Ao iniciar sua história de recuperação, NA44 permaneceu “limpa” de drogas por poucos anos, depois experimentou uma recaída, estado que perdurou por meses. Retomou o processo de recuperação e, na época da entrevista ela se encontrava com mais de sete anos sem usar qualquer tipo de droga, ou substância que altere sua mente ou seu humor.

Já o NA76 conheceu Narcóticos Anônimos em 2002 tendo experimentado diversas recaídas ao longo de seis internações em Clinicas pra tratamento de Dependência Química. Admitiu que teve muita dificuldade em aceitar que era um adicto por “causa da minha idade da minha mente”. No momento da entrevista estava com um mês limpo.

As combinações de palavras do discurso de NA44 e NA76 que resultaram na rede crítica (*IFC*) foram circundados de vermelho. Os trechos originais dos discurso dos participantes NA44 e NA76 elencados por ordem decrescente de IF são:

NA44 → cadeira-arrastar; programa-funcionar; ovo-diabo, ovo-encruzilhado, diabo-encruzilhado; exercer-atividade; chão-piso e encontro-feminino.

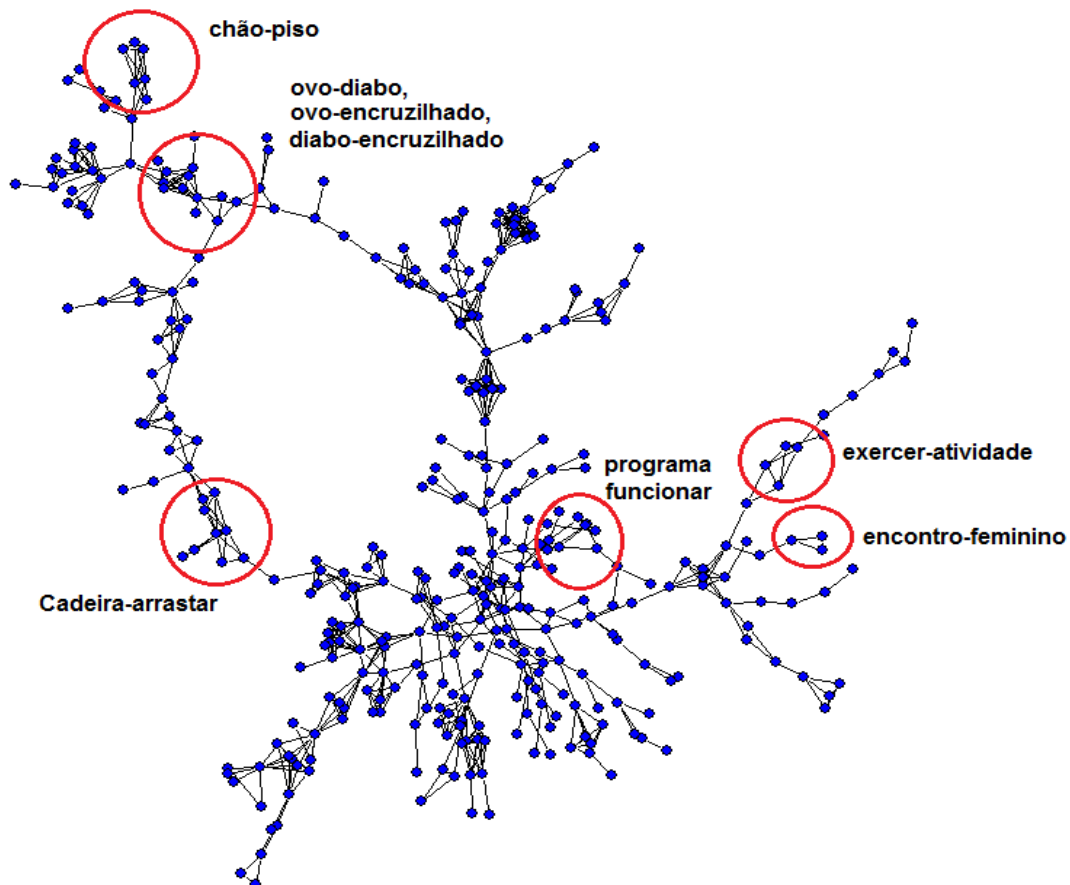


Figura 30. Localização dos pares com maior IF na rede semântica crítica com a participante NA44 $IFC = 7,37 \times 10^{-4}$. Fonte: o autor.

NA76 → limpo-ficar; usar-droga; água-privada, banheiro-água, banheiro-privada; e não-conseguir.

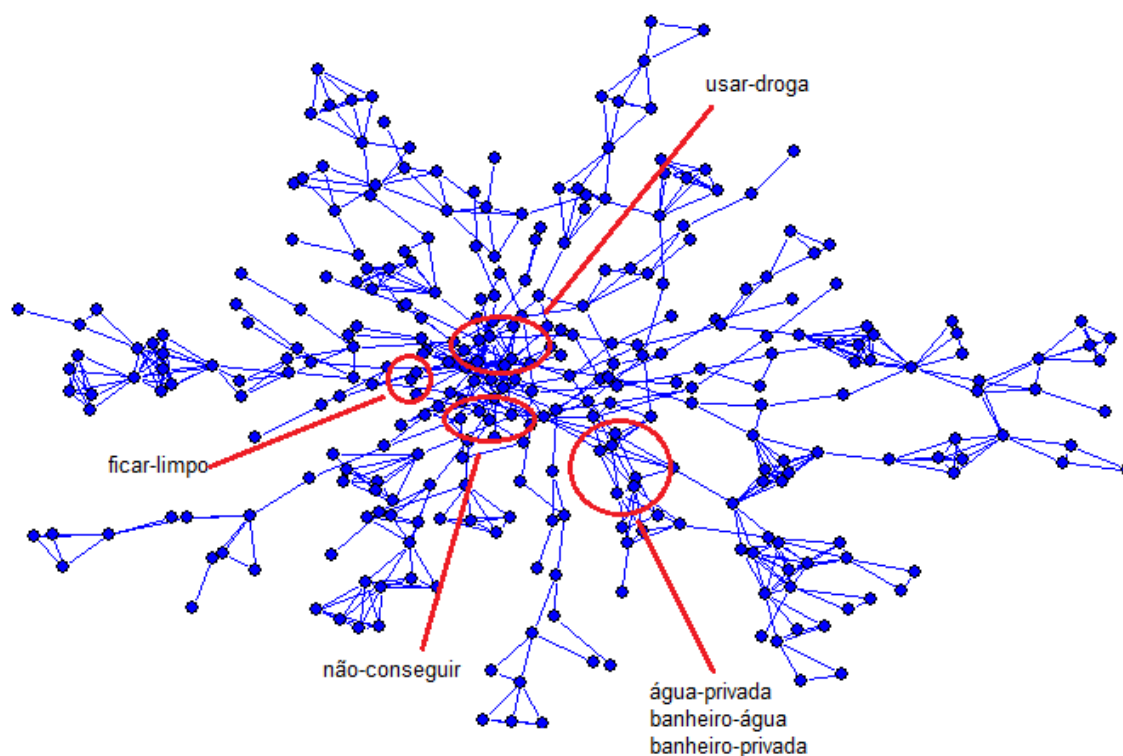


Figura 31. Localização dos pares com maior IF na rede semântica crítica com a participante NA76 $IFC = 1,0 \times 10^{-3}$. Fonte: o autor.

Analisando os dados da rede semântica de NA44 que geraram a Figura 32, foi possível verificar que o par de palavras **cadeira-arrastar** está no contexto de outras palavras como servir, lavar, sala, secretário e ensinar. Algo muito importante no Programa de Doze Passos de NA é o serviço, a doação voluntária do tempo ou recursos para o bem do outro. Normalmente começa com atividades simples que, pouco a pouco, ajudam nas transformações necessárias, tanto na forma de pensar como de se comportar. O trecho do discurso original do participante NA44 diz:

Me ensinaram a servir como secretária, tirar as cadeiras, lavar a sala, botar as cadeiras com carinho na sala sem arrastar porque ali tinha um poder superior (entrevistado NA44, entrevista concedida em 2016).



Figura 32. Par de palavras cadeira-arrastar e o contexto de palavras próximas no discurso de NA44.

Isso está atrelado ao outro par de palavras com alto IF, **programa-funciona** conforme mostrado na Figura 33. Do discurso original transcrito de NA44, pode-se obter um trecho que reflete a confiança de que viver seguindo a orientação do Programa de NA é vantajoso. Revela o entusiasmo com a própria mudança e a constatação de que a programa de recuperação de NA funciona:

O programa realmente funciona [...] Até a galera está percebendo que eu estou virando patricinha, então não é só dentro de sala. Eu estou bem (entrevistado NA44, entrevista concedida em 2016).



Figura 33. Par de palavras programa-funciona no discurso de NA44.

Porém, as experiências do presente são bem diferentes daquelas dolorosas lembranças e influências do passado, expressa nos pares de palavras **ovo-diabo-encruzilhada** (Figura 34). O contexto do discurso original transcrito ajuda a ilustrar a situação conflituosa em que vivia o membro NA44. Lembranças de um passado que deixou marcas e que podem ter influenciado sua história, possivelmente na tentativa de tornar realidade aquilo que foi ouvido tantas vezes:

E como sempre tinha briga e discussão, minha mãe dizia que eu era o ovo que o diabo botou no meio da encruzilhada, que eu vim

para desgraçar a família, que eu era a pessoa pior do mundo, que eu não prestava (entrevistado NA44, entrevista concedida em 2016).



Figura 34. Pares de palavras ovo-diabo-encruzilhada e o contexto de palavras próximas no discurso de NA44.

A família pode ser fonte de problemas ou soluções para o adicto. Mesmo que tenha surgido esta categoria (família) ao longo deste trabalho de pesquisa, esta não foi estudada por fugir ao escopo da proposta de trabalho. Deve-se esclarecer que a adicção como doença de cunho social e reflexiva atinge os familiares desequilibrando-os em alguma medida. Os grupos de familiares e amigos de adictos podem se reunir em torno de um programa específico de recuperação com base nos Doze Passos nos grupos de NAR-ANON.

Depois de iniciada a recuperação, ainda antes dos 18 anos, tem havido uma reversão no comportamento do membro NA44, no padrão de pensamentos que se refletem até nas mudanças nos ambientes que frequenta. O lugar onde residia demonstrava seu antigo estado de espírito; o relato oral declara que estava precisando também de uma reforma, como foi revelado pelo par **chão-piso** e as palavras do entorno (Figura 35). O discurso original transcrito de NA44 diz:

E aí um belo dia eu acordei e disse: “Não, eu preciso mudar”. Mudei meu guarda-roupa todo, tirei todas as minhas roupas velhas. Dei as minhas roupas velhas, arrumei meu quarto, fiz uma faxina. Era tudo escuro, preto. O chão era todo descascado, uma metade piso, outra metade granito. Não tinha ventilador, tinha goteira, não tinha luz. Era um lugar super fechado [...] e eu arrumei o quarto do meu jeito. Botei uma luz, pintei de branco, botei uma caminha. Não era do jeito que eu queria, mas estava de bom tamanho. Eu conseguia chegar no quarto e me sentir bem (entrevistado NA44, entrevista concedida em 2016).



Figura 35. Par de palavras chão-pisso e o contexto de palavras próximas no discurso de NA44.

A importância dos eventos em NA é a possibilidade de experimentar uma intensa sensação de liberdade em relação a alguma situação seja psicológica ou cotidiana, ou seja, uma catarse. Uma situação importante ocorreu no evento Encontro Feminino de Narcóticos Anônimos além do envolvimento no serviço, que gerou um marco emocional significativo após escutar da fala de uma palestrante, também membro de NA. Do discurso original transcrito de NA44 sobre o par de palavras mostrado na Figura 36 encontra-se a seguinte narrativa:

E aí comecei a ir a esse encontro feminino, cheguei lá. Essa história [...], eu não tinha contado para ninguém. Ninguém sabia, nem ela sabia [...] E aí comecei a me envolver mais nos eventos, fui para outro encontro feminino. Nesse momento, eu já estava mais envolvida nos serviços, continuando, voltando. Trabalhando os passos. Quando eu cheguei lá, tinha uma companheira, ela foi partilhar e partilhou exatamente a mesma coisa que eu vivenciei. Eu entrei em crise de choro, eu passei uns 30 minutos chorando porque a identificação foi muito grande. E o choro era como se um poder superior tivesse metendo a mão na minha boca e arrancando aquilo de mim. Era como se eu dissesse: Eu não estou sozinha. Era um negócio - Eu saí de lá parecendo que eu estava pulando nas nuvens, de uma na outra [...] Eu dizia: Rapaz, o que é isso? Um calafrio no corpo. Naquele dia, eu botei a cabeça no travesseiro e foi a primeira noite que eu não tive pesadelo. Foi uma coisa fantástica. Eu disse: Poxa, eu quero mais disso (entrevistado NA44, entrevista concedida em 2016).

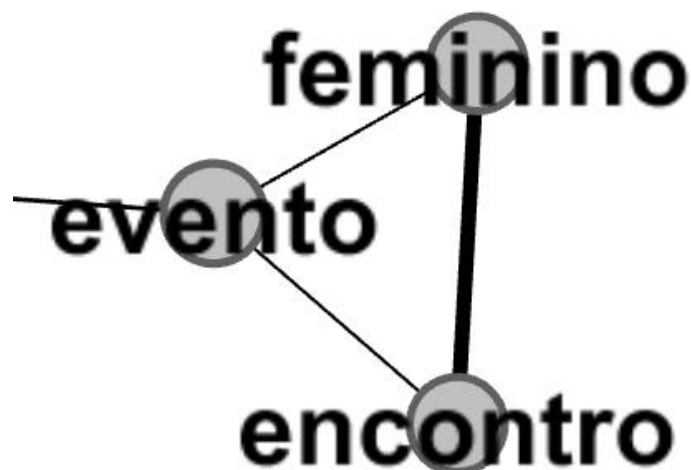


Figura 36. Par de palavras encontro-feminino no discurso de NA44.

Este evento emocional experimentado por NA44 pode ser considerado o mais importante gerador de comprometimento com a recuperação, algo que os membros de NA chamam de “despertar espiritual”, o momento da decisão.

Já a trajetória de vida de NA76 pode ser descrito a partir de um núcleo semântico muito dominante decorrente de uma série de eventos como os descritos abaixo a partir dos pares de palavras com maior *IF*.

A luta para ficar limpo esbarra na dificuldade de aceitação, ponto chave para o processo de recuperação em NA. Admitir que é portador de uma doença progressiva, incurável e que pode matar O discurso em torno do par palavras **limpo-ficar** esclarece o potencial da adicção quando está ativa em decorrência de pensamentos que desencadeiam comportamentos como o ilustrado abaixo (Figura 37) que resultou em uma das recaídas conforme discurso original obtido da transcrição.

Foi muito complicado para eu aceitar que era um adicto [...] Eu me internei com o propósito de ficar limpo. Fiquei limpo entrei em recuperação. Consegui ficar limpo com um ano e oito meses mas recaí porque deixei de viver a programação de Narcóticos Anônimos [...] Eu simplesmente fui comprar uma quantidade. Comprei aquela quantidade e falei “Vou usar só essa quantidade aqui e amanhã eu volto para o grupo”. Aí usei a primeira e não conseguia mais parar (entrevistado NA76, entrevista concedida em 2016).

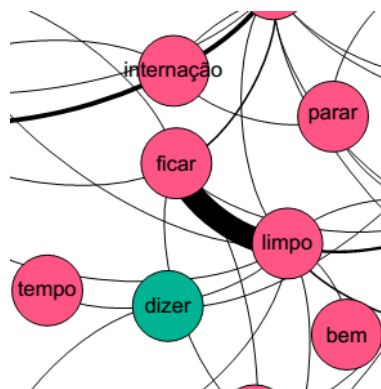


Figura 37. Par de palavras limpo-ficar no discurso de NA76.

Outro par de palavras com forte ligação expresso no discurso de NA76 é **usar-droga**. O início do uso de drogas aconteceu como na maioria daqueles que também usaram, ou seja, de forma recreativa e em grupo conforme ilustra a discurso original obtido da transcrição e o contexto da rede semântica na Figura 38.

Comecei a usar drogas de forma recreativa curtindo com os amigos colegas de sala de colégio e até então era tudo lindo. Eram tudo flores naquela época. Eu comecei a ter problemas com drogas mesmo quando eu completei dezoito anos quando eu conheci a droga que me levou para o fundo do poço. Quando eu conheci essa droga eu estava na faculdade (entrevistado NA76, entrevista concedida em 2016).

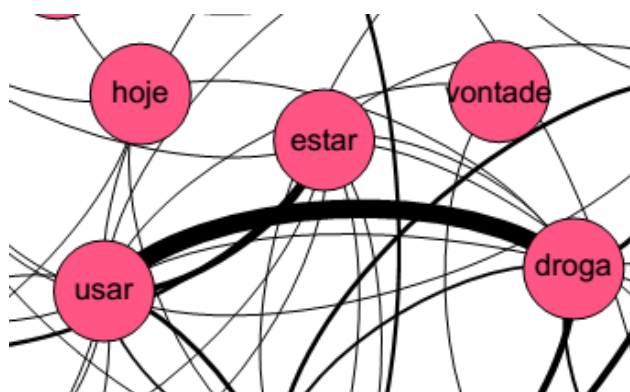


Figura 38. Par de palavras usar-droga no discurso de NA76.

No contexto da recaída, núcleo do discurso crítico de NA76 observa-se que a rede semântica conecta uma série de palavras que dão a dimensão deste tipo de comportamento (Figura 39). O discurso original oriundo da transcrição original termina por ilustrar mais claramente.

Eu lembro que foi depois de um dia de uso no qual usei no banheiro de um shopping o dia todo. Eu não conseguia sair da cabine do banheiro do shopping e fiquei bebendo água da privada o dia todo por oito horas. Bebendo água da privada porque eu não conseguia sair da cabine do banheiro pensando que todo mundo estava na porta para me pegar (entrevistado NA76, entrevista concedida em 2016).

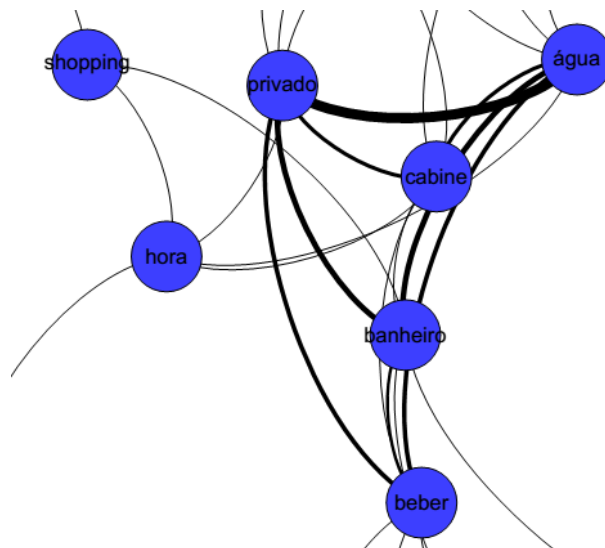


Figura 39. Par de palavras água-privada, banheiro-água, banheiro-privada, no discurso de NA76.

A preocupação frequente em fracassar, depois de inúmeras outras tentativas de entrar em recuperação marcam diversas partes do discurso de NA76. Além disso a insistência a padrões de comportamento com resultados frustrantes parece que não surtiram os efeitos de aprendizagem mais simples da tentativa-e-erro. Admitir que as drogas venceram era como mais um fracasso na lista de tantos outros (Figura 40). No programa de NA a aceitação da adicção é a desistência da luta contra as drogas.

Eu não conseguia aceitar (a adicção) por causa da minha idade da minha mente [...] Eu fiquei com a falta de aceitação porque eu não conseguia aceitar que eu não ia poder mais tomar um copo de cerveja na minha vida [...] Eu recaí e não conseguia mais buscar meu Poder superior. Alguma coisa me bloqueava [...] A minha vontade de usar sempre era mais forte e eu não conseguia ser mais forte que ela por um bom tempo [...] Muita gente estava me dando a sugestão "Rapaz se interne porque desse jeito que você está usando não vai conseguir ficar limpo aqui fora". E eu teimando. "Não. Eu consigo sim. Se muita gente consegue ficar limpa aqui fora eu vou conseguir também." (entrevistado NA76, entrevista concedida em 2016).

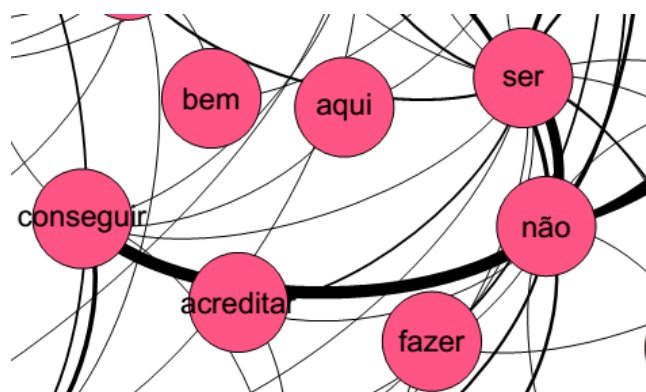


Figura 40. Par de palavras não-conseguir no discurso de NA76.

NA76 ainda não internalizou os valores e princípios recomendados pela “irmandade” e como consequência ainda luta tentando conciliar seus valores, comportamentos e formas de pensar com os das pessoas de NA apesar de todo desconforto da dissonância cognitiva que esta situação contraditória gera:

Muita gente estava me dando a sugestão "Rapaz se interne porque desse jeito que você está usando não vai conseguir ficar limpo aqui fora". E eu teimando. "Não. Eu consigo sim. Se muita gente consegue ficar limpa aqui fora eu vou conseguir também." (entrevistado NA76, entrevista concedida em 2016).

Depois de inúmeras tentativas fracassadas de fazer as coisas a sua própria maneira, começou a dar sinais de que a experiência coletiva pode ter um peso maior. Uma evidência disso está em seu próprio discurso sobre possível mudança de postura:

Eu sou um cara que tem muita dificuldade de pedir ajuda. Sempre fui assim. E agora eu estou procurando fazer diferente. Pedir ajuda ligar falar com mais companheiros sem ser meu padrinho. Antes eu focava apenas no contato com meu padrinho e não ligava para nenhum outro companheiro não tinha mais relação com ninguém (entrevistado NA76, entrevista concedida em 2016).

Um dos co-fundadores de Alcoólicos Anônimos, Bill Wilson, em carta ao médico que criou a Psicologia Analítica, Carl Gustav Jung, relembra uma recomendação dada a um dos seus pacientes alcoólatras, depois de infrutíferas tentativas de tratamento. Disse o médico que ele devia “tornar-se o sujeito de uma genuína experiência espiritual ou religiosa – em resumo, de uma autêntica conversão”²³. O

²³ Carta publicada originalmente na revista GRAPEVINE, em janeiro de 1963, reeditada em janeiro de 1968 e em novembro de 1974. Versão traduzida disponível em <http://www.aabahia.org.br/historia-Carta-de-Bill.php>

discurso de NA76 está mudando, parece estar introjetando alguma coisa importante para ele:

Graças a Poder superior eu não consegui me matar. Poder superior não deixou. Eu estou aqui vivo (entrevistado NA76, entrevista concedida em 2016).

A autêntica “conversão” funcionou para o paciente do Dr. Jung, parece estar funcionando também para NA44 e espera-se que NA76 possa experimentar também.

9.4 Síntese dos resultados

História de NA é a história das relações sociais entre seus membros. A base de recuperação foi construída a partir das partilhas de seus membros, ou seja, que “todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/inteligência em uma cultura e em tempo determinados”. A Figura 35 ilustra as diversas comunidades e suas ligações.

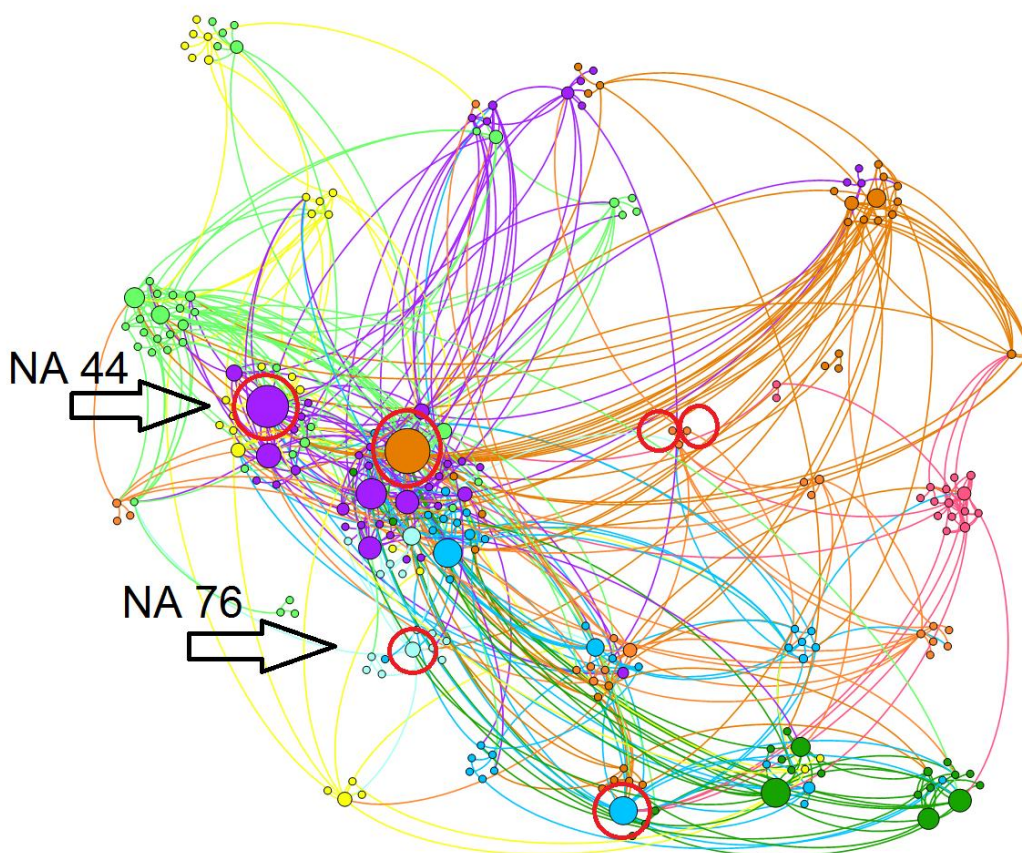


Figura 41. Rede social de NA em Salvador-BA. Destaque para os membros entrevistados. Fonte: o autor.

O tamanho dos vértices está em função da Centralidade de intermediação, ou seja, a capacidade de controlar informação.

A rede social contém líderes que difundem conhecimento e exemplos. Os demais indivíduos absorvem estes saberes e se integram à comunidade de forma variada. Se comportam como pequenos subgrupos, típico da estrutura de bandos, os quais seguem alguma liderança próxima que também é permutável.

A forma como a rede é apresentada, diferente da Figura 27 que ilustra as ligações de proximidade ou afastamento (simpatia ou antipatia), esta configuração agrega indivíduos em comunidades.

Aqueles que estão circundados em vermelho foram os entrevistados para análise dos discursos orais e construção das redes semânticas. Os membros NA 44 e NA76 estão em destaque por terem sido adotados para análise por representarem bem as situações antagônicas de recuperação: NA44 tem bom prestígio (é o terceiro maior), e ótimo controle do fluxo de informações (segundo melhor) além de ter uma entre 5 e 10 anos de recuperação com abstinência contínua. Já NA76 tem baixo prestígio, pequeno controle de informações, um mês de recuperação sem uso de drogas depois de um histórico de inúmeras recaídas.

10 CONCLUSÕES

Pode-se concluir que o modelo cognitivo para estudo de grupos proposto congrega uma série de elementos que foram abordados ao longo desta tese. Tudo indica que os efeitos esperados de recuperação de uso de drogas que ocorrem nos grupos de NA não podem ser atingidos com grupos muito grandes. De um modo geral, os grupos de NA estão dentro daquelas dimensões dos bandos. Quando crescem em número de indivíduos e começam a assumir características que vão além daquelas dos bandos, o grupo se subdivide em novos grupos para manter a eficiência das relações. Ressalta-se novamente que um estudo sobre eficiência a partir do processo de evolução darwiniana com base nas características de afinidade, está em curso no grupo de pesquisa do qual este autor faz parte.

A interação do indivíduo com o grupo, e vice-versa, dentro do contexto amplo (político, social, espiritual, econômico, familiar, pessoal, profissional etc.) pressupõe uma troca mediada por alguns mecanismos que o grupo utiliza.

Aqui foi definido o Modelo R3R que une as teorias de rede, dinâmicas de grupo e a linguagem propriamente dita sob o olhar da psicologia cognitiva, amalgamadas pela teoria geral de sistemas (seção 8.2). Neste Modelo R3R, que funciona como um dispositivo de controle, as variáveis medidas são as atitudes grupais tomadas como referência as Doze Tradições e Doze Conceitos de NA. Isso acaba gerando um tipo de estímulo que será processado para poder retroagir em cada sujeito que compõe este grupo.

As transformações que ocorrem no sujeito têm seus próprios mecanismos de controle, mecanismos esses que lidam com a aprendizagem, a motivação, a dissonância cognitiva. O efeito é buscar integrar ou adequar o indivíduo às referências que o grupo define e espera dele, conforme explicitado na Figura 25 que mostra a trajetória de mudança das atitudes individuais. Isso é conseguido através da ação de vários mecanismos dentro do Metamodelo SIIG (seção 8.3).

Concluimos assim que o objetivo geral e os cinco objetivos específicos foram alcançados, ou seja, identificou: Discurso, Comportamento, Crenças, Valores e Relações grupais. Foi alcançado através desta pesquisa aplicada de abordagem

quali-quantitativa com objetivo descritivo evoluindo a propositivo utilizado o Estudo de Caso único com múltiplas unidades de análise, e diversas fontes de evidências (documentos, questionários, entrevistas, observação participante). Os objetivos foram alcançados nas seguintes seções/capítulos:

O objetivo específico 1 – Caracterizar a configuração dos grupos de NA, segundo o conceito de Redes Sociais – está contemplada na seção 9.1;

O objetivo específico 2 – Demonstrar correlações entre a configuração de Redes Sociais e de Confiança entre os membros de NA e a recuperação do uso de drogas – está presente nas seções 9.1, 9.2;

O objetivo específico 3 – Relacionar o papel do grupo segundo a ótica da Dinâmica de Grupo no processo de recuperação do uso de drogas – está presente introdução do Capítulo 6 e nas seções 9.2 e 9.4;

O objetivo específico 4 – Descrever as mudanças cognitivo-comportamentais decorrentes das relações de rede de pessoas em NA – está presente nas seções 9.1, 9.2 e 9.3.4;

O objetivo específico 5 – Identificar que valores e crenças coletivas contribuem para recuperação com base em Redes Semânticas dos discursos dos membros – estão presentes nas seções 4.2, 5.3, 9.2 e 9.3.

Os principais produtos desta tese são o Metamodelo SIIG e o Modelo R3R de análise cognitiva. Além destes estão incluídos banco de dados com as respostas do questionário e dados coletados de pesquisa documental, o perfil socioeconômico e sociodemográfico dos membros de NA, as redes de Prestígio e de Controle de Informação indicando os membros de NA que controlam o fluxo de informações e os que têm maiores prestígios entre os entrevistados, uma análise sociométrica das relações e características de grupos de NA, e as redes semânticas de discursos orais e o perfil psicológico dos membros entrevistados.

Foram adotadas a complexidade e a multirreferencialidade como bases epistemológicas que se mostraram muito adequadas para a discussão do tema, o papel de grupos de Narcóticos Anônimos (NA) na recuperação de adictos ao uso de drogas. O estudo requereu referenciais encontrados no saber dos próprios membros, na literatura utilizada pelos membros de NA, nas abordagens espiritualistas relativas à crença um Poder Superior que rege cada membro do

grupo, além dos referenciais encontrados nos estudos acadêmicos sobre os grupos de NA, sobre redes, sobre terapia cognitiva e outros, que levam à leitura plural do objeto de estudo, a partir de diferentes ângulos, com sistemas de referenciais distintos que são heterogêneos, não equivalentes entre si e não redutíveis uns aos outros, o que coaduna com a definição de Barbosa (1998a) para a multirreferencialidade.

O grupo de Narcóticos Anônimos (NA) exerce o papel de grupo terapeuta no processo de recuperação. Por meio da partilha, o conhecimento das partes integra-se ao conhecimento do todo em que cada um se vê no grupo em que as partes estão no todo e o todo está em cada parte. A participação de cada membro no seu processo de recuperação e no processo do outro está contido na causa que age sobre o efeito e o efeito sobre a causa.

Também pode-se dizer que os membros dos grupos terapêuticos de NA acreditam que “a doença sai pela boca”, já que é falando, partilhando sobre dificuldades e vitórias, que o adicto encontra e prossegue no seu caminho de recuperação. Esta partilha não existiria se não houvesse no grupo uma postura que pode assemelhar-se com a “escuta sensível” preconizada por Barbier (1998).

A participação promove o surgimento de novos comportamentos, valores e cultura entre seus membros. Eles se auto-organizam, autoproduzindo suas normas de conduta e se estruturando para garantir de sua autonomia sendo possível por assumirem a adicção como doença incurável, colocando-se constantemente diante do princípio dialógico (recuperação e problema incurável) e aceitando a dualidade e convivendo com ela em busca de uma harmonia entre a aceitação da própria limitação no qual é possível graças a ação de um Poder Superior em sua vida, seja ele qual for.

Embora um estudo deste tema comporte em certo grau um planejamento metodológico, certamente a compreensão do tema se ampliou e se aprofundou na medida em que pesquisas foram feitas e dados coletados e reunidos, numa bricolagem que revelou, pouco a pouco, a imagem do conjunto.

Conseguiu-se demonstrar as relações entre a configuração da Rede de Prestígio (que engloba a confiança) e da Rede de controle de informações dos membros de NA e a recuperação do uso de drogas (seção 9.3).

Nas seções 9.1 e 9.4, o papel do grupo, segundo a ótica da Dinâmica de Grupo, foi relacionado a uma ecologia cultural no processo de recuperação do uso de drogas.

As muitas mudanças cognitivo/comportamentais decorrentes das relações de rede de pessoas em NA foram discutidas em toda seção 9 e suas subseções.

Além disso, os valores e crenças coletivas que contribuem para recuperação em NA foram apresentadas nas seções 8.2, 8.3 e 9.1.

Finalizando a seção 9, confirmou-se que as redes semânticas nos discursos orais em Narcóticos Anônimos têm a distribuição da *IF* em função da quantidade de pares de palavras, bem como os valores dos índices de *IF* crítica dos discursos dos seis entrevistados em relação ao caminho mínimo médio, bem próximos dos valores encontrado por Caldeira (2006) e Teixeira (2007), os quais variam de $5,5 \times 10^{-4}$ até $1,0 \times 10^{-3}$ com média de $8,57 \times 10^{-4}$. Este é o ponto em que ocorreu mudança da fase com ponto crítico definido que pode ser considerado como características intrínsecas do mecanismo da linguagem humana.

As diferenças nas redes semânticas (seção 9.3.3) dos dois membros analisados (NA44 e NA76) evidenciam as diferenças cognitivo-comportamentais que a adesão ao modelo terapêutico de NA pode provocar conforme está ilustrado na Figura 25 da seção 8.3 como efeito do Metamodelo SIIG.

Foi constatado que Narcóticos Anônimos é uma entidade sem fins lucrativos de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema comum. Estão organizados de forma estruturada tendo demonstrado um crescimento robusto, que cresceu de apenas um grupo em um único país em 1953, para milhares de grupos em mais de 130 países neste ano de 2016.

A expansão no Brasil começou em 1985 seguindo a máxima de NA: “dividir para crescer”. Nasceram assim regiões menores, mais fáceis de gerenciar e implantar serviços, estimulando a criação de novos grupos. Conta hoje com nove (9) regiões que abrigam 135 Comitês de Serviço de Área (CSA), mantendo 4356 reuniões semanais em 1591 grupos de NA. Na Bahia a irmandade de NA chegou em 1987 e desde então faz parte da Região Brasil, a mais antiga, contando com três (3) CSA's. A capital, Salvador, servida pelo CSA Base, conta atualmente com

28 grupos e 51 reuniões semanais o que representa 54,8% das reuniões do estado da Bahia.

Quanto ao perfil dos membros que fizeram parte da pesquisa, a maioria são homens (80%) com 37 anos de idade média (variando de 17 a 67 anos), católicos, das classes socioeconômicas A e B, de etnia branca (48%) ou afrodescendente (45%), Considerando que majoritariamente a distribuição étnica na cidade aponta para uma maioria de negros e pardos, principalmente nas classes econômicas menos privilegiadas, o que leva a conclusão que Narcóticos Anônimos em Salvador não atende às demandas dos grupos sociais que realmente precisam de tratamento, ou seja, NA tem um perfil tipicamente elitizado. Como a gestão é própria dos membros de NA, tudo leva a crer que estes não conseguiram encontrar uma estratégia para focarem seus esforços nas comunidades de baixa renda.

Como a maioria começou a se drogar na faixa dos 10 a 15 anos de idade, dado este presente em relatórios oficiais, deveria estar acesa uma luz de alerta no governo. Acreditamos que ações pouco eficazes são empreendidas pelo poder público haja vista as notícias policiais e tragédias provocadas pela violência diuturnamente mostradas pela mídia.

Em média os membros de NA usaram drogas por cerca de vinte anos antes de iniciarem o programa de recuperação por voltas dos 30 a 35 anos de idade. A adesão a esta terapêutica dos Doze Passos de NA aconteceu em menor número nas faixas de 15 a 20 anos e naquela acima dos 60 anos de idade.

Mais de 80% dos membros de NA respondentes ao questionário de pesquisa consumiram álcool e cocaína. A maconha foi consumida por 68% deles, bem acima do crack, que ficou empatado com os inalantes, em 40% dos respondentes.

O ingresso em NA deu por diversas formas. A maioria foi encaminhada por outros membros de NA, ou por clínicas de tratamento, terapeutas ou pela própria família. Os órgãos oficiais do Estado como o Sistema Único de Saúde - SUS e os Centros de Amparo Psicossociais (CAPS) contribuíram com 1,0% dos encaminhamentos. Considerando que NA é um sistema barato para o participante e para o Estado já que não depende de qualquer recurso oficial para funcionar mantendo-se exclusivamente por recursos doados pelos próprios membros,

concluimos que a irmandade poderia dirigir seus esforços para as entidades oficiais e SUS profissionais e oferecer esta oportunidade.

Foi verificado que cerca de 60% dos membros de NA passou por alguma internação anterior, seja para tratamento da Dependência Química, ou devido a acidentes, overdoses, consequência do uso de drogas etc.

No que diz respeito às diversas áreas ligadas à qualidade de vida, a recuperação nos moldes de NA influenciou de maneira a terem melhoria acentuada.

Foi notado que quem ingressa em NA entra em uma nova ecologia cultural com dinâmica própria e regida por laços de afinidade que vão, pouco a pouco se fortalecendo passando assim este indivíduo a ser mais um vértice nesta rede social. Como as relações de Prestígio/Rejeição e Controle de Informação interferem na manutenção da rede, percebeu-se que elementos do comportamento humanos trazem “ruído” para os relacionamentos como a fofoca e a quebra da confidencialidade do que é partilhado em salas de NA. O primeiro caso aparece como mecanismo de controle grupal a comportamentos inadequados de algum membro, ou também para demonstrar que um determinado grupo de pessoas que alimentam a fofoca está se afastando dos princípios da recuperação dos Doze Passos de NA, explicação que engloba também a perda de confidencialidade. Em qualquer dos casos implica em diminuição das relações de confiança com sérias implicações para a dinâmica das relações.

Nas relações sociais em NA, ficou evidente que algumas variáveis são importantes devido aos conteúdos transacionados como: amizade, permuta de informações, confiança etc. Outras, na dimensão do respeito, das normas, das sanções e da identificação também foram consideradas. As idiossincrasias dos membros repercutem nos seus próprios comportamentos, influenciando o conteúdo transacionado entre pessoas interferindo na comunicação, influenciando nos caminhos percorridos pelas informações.

O cenário que pôde ser verificado confirmou que as informações na realidade das redes sociais podem não transitar sempre pelos caminhos mais curtos, tendo preferência pelos mais adequados. As relações entre os membros se configuraram pela existência de elos, ou “intermediários” comuns, que ligam pelo

menos duas pessoas pela convivência simultânea. Estas conexões podem vir a mudar com o tempo, como, por exemplo, a interferência gerada por indivíduos que passam por experiência de conflitos, fofoca, recaída etc. São questões que merecem aprofundamento.

Foi constatado que os personagens mais importantes (hubs) são cruciais na rede, estimulando o processo re-educativo (aquisição de novas crenças, valores e formas de ver o mundo). Verificou-se que isso se reflete nas novas atitudes dos membros de NA, estimulando condutas individuais em que transita a abstinência como valor e a criação de atmosfera de co-responsabilidade pelo destino individual e coletivo.

Segundo o ponto de vista antropológico do esquema bandos-tribos-chefias-estados da ecologia cultural definido por Service (1962) e adotado no trabalho de Diamond (2014b), verificou-se que, de acordo com a situação dos Integrantes de NA, sua base de relações, a forma de governo e tomada de decisão, e a religião, esses grupos se enquadram primordialmente como bandos, no máximo como tribos.

De acordo com a situação dos integrantes a maioria se conhece pelo nome, eles se reúnem em grupos que variam entre dez e vinte membros em diversas salas espalhadas pela cidade. Têm um sistema de vida que se assemelha ao de nômades, pois os membros de NA também fazem o mesmo, indo de uma sala para outra em busca de aprendizagem, escuta e partilha etc.

A base das relações humanas está na afinidade desenvolvida entre alguns membros. A divisão do trabalho convida a todos a compartilhar uma mesma responsabilidade que é fazer a “mensagem de NA chegar ao adicto que ainda sofre”.

Na categoria de governo, em NA a tomada de decisão ocorre em negociações coletivas visando uma solução que traga paz para a coletividade. O monopólio da força como forma de governo ou controle não é tolerado. Presume-se que a convivência entre os membros será de longo prazo. Fazendo parte de grupos, os membros aprendem que seu destino individual está diretamente vinculado ao destino coletivo. A autogestão na solução dos problemas, típicos das

comunidades igualitárias dos bandos-tribos, tem dado espaço para agentes externos, característicos dos agrupamentos como Chefias ou Estado.

Reconhecendo que seu antecessor (Alcoólicos Anônimos) teve um início religioso vindo a adotar posteriormente uma abordagem espiritualista, relativa à crença em um Poder Superior que os orienta e dá suporte psíquico, esta herança foi passada aos Narcóticos Anônimos. Como os grupos de NA não tem uma burocracia nem uma estratificação social, não se observa cleptocracia, pois trata-se de uma sociedade igualitária típica dos bandos ou tribos.

11 ATIVIDADES FUTURAS DE PESQUISA

Trabalhos interdisciplinares com a área de psicologia buscando desenvolvimento de instrumento de medida psicométrica;

Estudo de redes complexas aplicada a textos oriundos de pessoas com distúrbios de linguagem;

Estudos de redes semânticas na associação entre conceitos semânticos no mecanismo da linguagem humana;

Estudo dos processos de evolução eficiente de Redes sociais das relações entre variáveis de afinidades seguindo como hipótese o padrão Darwiniano;

Quanto às possibilidades de aplicações, a partir deste pode desencadear vários trabalhos futuros, tais como: diagnósticos das relações grupais; mapeamento de lideranças; desenvolvimento de mecanismos de interferência grupal visando alcançar objetivos predefinidos; assistência na avaliação psicológica; aplicações na psicologia social; análise de discursos; reconhecimento da semântica de discursos e aplicações para linguagem robótica.

REFERÊNCIAS

AA Grapevine. **The Bill W.-Carl Jung Letters** (1963). Versão traduzida disponível em <http://www.aabahia.org.br/historia-Carta-de-Bill.php>. Acessado em 30 de julho de 2016.

AA History Pages. **The First Links In The Chain**. USA. 20 de Outubro de 2002. Disponível em http://www.barefootworld.net/aathe_chain.html. Acessado em 30 de julho de 2016.

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. do C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. de. (Orgs.) **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras**/Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; GREa/IPQ-HC/FMUSP. Brasília: SENAD, 2010. 284 p. Disponível em <http://www.grea.org.br/userfiles/GREA-ILevantamentoNacionalUniversitarios.pdf>. Acessado em 09 Abr 2016

ARDOINO, J. Nota a propósito das relações entre a abordagem multirreferencial e a análise institucional (história ou histórias). In: BARBOSA, J. G. (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 42-49.

ATLAN, H. **Entre o Cristal e a Fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

AUBRY, J-M. **Dinâmica de grupo**. São Paulo. Ed. Loyola. 1978.

BABOR, T. F. Controvérsias sociais, científicas e médicas na definição do álcool e das drogas. In: EDWARDS, Griffith & LADER, Malcolm. **A Natureza da Dependência de Drogas**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, pp. 35-55.

BAHIA. Secretaria de Segurança Pública. **Apreensão de Drogas no Estado da Bahia - Janeiro a Dezembro 2010a**. Disponível em http://www.ssp.ba.gov.br/estatistica/estat/2010/Entorpecentes/Jan_Dez_2010.pdf. Acessado em 09 Jun 2014.

_____. Secretaria de Segurança Pública. **Estatística 2012**. Disponível em <http://www.ssp.ba.gov.br/2012-3>. Acessado em 09 Jun 2014.

_____. Secretaria de Segurança Pública. **Estatística 2013**. Disponível em <http://www.ssp.ba.gov.br/2013-2>. Acessado em 09 Jun 2014.

_____. Secretaria de Segurança Pública. **Estatística 2014**. Disponível em <http://www.ssp.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=36>. Acessado em 09 Abr 2016.

_____. Secretaria de Segurança Pública. **Estatística 2015**. Disponível em <http://www.ssp.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=21>. Acessado em 03 Nov 2016.

_____. Secretaria de Segurança Pública. **Estatística Capital / RMS / Interior**. 2010b. Disponível em <http://www.ssp.ba.gov.br/2010-2>. Acessado em 09 Jun 2014.

BAHIA. Secretaria de Segurança Pública. **Estatística Capital / RMS / Interior**. 2011. Disponível em <http://www.ssp.ba.gov.br/estatistica-capital-rms-interior-2011>. Acessado em 09 Jun 2014.

BANDURA, A. **Self-Efficacy Mechanism in Human Agency**. American Psychologist, v. 37, n. 2. p. 122-147. 1982.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, J. G. (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BARBOSA, A. R. **Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro**. Niterói: EDUFF. 1998a.

BARBOSA, J. G. (org.) **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EdUFFSCar, 1998b.

_____. (org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998c. 206 p.

BARNES, J. **Class and Committees in a Norwegian Island Parish**. Human Relations, vol. 7, no. 1. pp. 39-58. 1954

BARROS, L. F. **Prudência, memória e dociliter na recuperação do alcoolismo**. In: Mirandum – Estudos e Seminários. São Paulo, Ano I, Nº 2, maio/agosto de 1997. Disponível em <http://www.hottopos.com/mirand2/prudncia.htm>. Acessado em 31 Out 2011.

BARROS, Tatiane Vieira. **Narcóticos Anônimos: um olhar antropológico sobre adoecimento crônico e tratamento em um grupo de ajuda mútua**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal-RN. 2014. Disponível em http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401595779_ARQUIVO_TATIANE_VIEIRABARROS_trabalhocompletoRBA2014_pdf.pdf. Acessado em 27 Maio de 2016

BECKER, Howard. **Consciência, Poder e Efeito da Droga**. In.: Becker, Howard S. **Uma Teoria da Ação Coletiva**, Rio de Janeiro, Zahar, 1976, pp. 181-204.

BERNARDIN, P. **Maquiavel Pedagogo ou o Ministério da Reforma Psicológica**. São Paulo, Ecclesiae. 2013, 159 p.

BERRIDGE, V. Dependência: história dos conceitos e teorias. In: EDWARDS, Griffith; LADER, Malcolm. **A Natureza da Dependência de Drogas**. Porto Alegre, Artes Médicas. 1994, pp. 13-31.

BERTALANFFY, L. von. **Teoria Geral dos Sistemas**. 5ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes. 2010

BLONDEL, V. D.; GUILLAUME, J-L; LAMBIOTTE, R.; LEFEBVRE, E.; **Fast unfolding of communities in large networks**. Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment n 10, p. 1000, 2008

BOAVENTURA NETTO, P. O. **Grafos - Teoria, Modelos, Algoritmos**. 5ª edição. São Paulo, Blucher. 2012.

BORGATTI, S.P. **Centrality and network flow Social Networks**. Vol. 27 Iss. 1. 2005. Disponível em <http://works.bepress.com/steveborgatti/3/>. Acessado em 12 Set 2015.

BURNS, John E. **O caminho dos doze passos: tratamento de dependência de álcool e outras drogas**. São Paulo, Loyola. 1997

CALDEIRA, S. M. G.; PETIT LOBÃO, T. C.; ANDRADE, R. F. S.; NEME, A.; MIRANDA, J. G. V. **The network of concepts in written texts**. The European Physical Journal B n. 49, 2006. p. 523–529. DOI: 10.1140/epjb/e2006-00091-3

CALDEIRA, Sílvia Maria Gomes. **Caracterização da rede de signos lingüísticos: um modelo baseado no aparelho psíquico de Freud**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Modelagem Computacional) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa Visconde de Cairu, Fundação Visconde de Cairu. “Orientação: Prof. Dr. José Garcia Vivas Miranda”. “Co-orientação: Prof. Dr. Hernane Borges de Barros Pereira”. Salvador, 2005.

CAMPOS, Edemilson A. **Alcoolismo, doença e pessoa: uma etnografia da associação de ex-bebedores Alcoólicos Anônimos**. 2005. Tese (doutorado em Ciências Sociais) -- (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos). São Carlos 2005.

CARDOSO, C. F. Introdução: uma opinião sobre as Representações Sociais. In: CARDOSO, C. F. S.; MALERBA, J. (orgs.). **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas, Papirus; 2000, pp. 9-39.

CARDOSO, R. M. M. **Só por hoje: um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea**. 2006. 113 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2006. Disponível em http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2006_CARDOSO_Ricardo_Muniz_Mattos-S.pdf. Acessado em 08 Fev 2014.

CARNEIRO, H. **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2005

_____. **A fabricação do vício**. Anais do XIII Encontro Regional de História-Anpuh-MG, LPH-Revista de História, Departamento de História/ICHS/UFOP, Mariana-MG, nº 12, pp. 9-24. 2002. Disponível em http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/t_hen1.pdf. Acessado em 27 Mai 2016.

CARNES, P. J. **Um suave caminho ao longo dos Doze Passos**. São Paulo: Madras, 2001.

CID-10. **Classificação Internacional de Doenças-10ª revisão**. Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português– Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo/Organização Mundial de Saúde. 2007. Disponível em <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>. Acessado em 17 Abr 2015.

CORBIN, A. Gritos e cochichos. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada**. Volume 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras. 1997. pp. 563-611.

DANON, L.; DÍAZ-GUILERA, A.; DUCH, J.; ARENAS, A. **Comparing community structure identification**. Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment, P09008. 2005, p. 1–10.

- DE ALMEIDA, R. M. M.; PASA, G. G. & SCHEFFER, M. **Álcool e violência em homens e mulheres**. Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 22, no. 2, pp. 252-260. Porto Alegre, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a12v22n2>. Acessado em 27 Mai 2016.
- DE ANGELIS, A. F. **Tutorial. Redes Complexas. Projeto de Kyatera**. Universidade de São Paulo – USP. Instituto de Física de São Carlos – IFSC. 2005. São Carlos/SP. Disponível em: http://webensino.unicamp.br/disciplinas/ST464-261483/apoio/4/Tutorial_RedexComplexas.pdf. Acessado em 27 Mai 2016.
- DIAMOND, J. **Armas, Germes e Aço - Os destinos das sociedades humanas**. 16ª edição. RJ, Record. 2014a
- DIAMOND, J. **O Mundo até ontem - O que podemos aprender com as comunidades tradicionais?**. RJ, Record. 2014b
- DSM-IV. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Quarta revisão. PsiquWeb - Psiquiatria geral. 2011. Disponível em <http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm.php>. Acessado em 07 Ago 2013.
- DUDLEY, R. F. **Fermenting fruit and historical ecology of ethanol ingestion: is alcoholism in modern humans an evolutionary hangover?** Addiction 2002; 97: 381-8.
- ELKASHEF, A. M.; RAWSON, R. A.; ANDERSON, A. L.; LI, S-H; HOLMES, T.; SMITH, E. V.; CHIANG, N.; KAHN, R.; VOCCI, F.; LING, W.; PEARCE, V. J.; MCCANN, M.; CAMPBELL, J.; GORODETZKY, C.; HANING, W.; CARLTON, B.; MAWHINNEY, J.; and WEIS, D. **Bupropion for the Treatment of Methamphetamine Dependence**. Neuropsychopharmacology. n 33, p. 1162–1170; 2008. <http://dx.doi.org/10.1038/sj.npp.1301481>
- FADIGAS, I. S. **Difusão do conhecimento em educação matemática sob a perspectiva das redes sociais e complexas**. Orientador: Hernane Borges de Barros Pereira. Tese (Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Universidade do Estado da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia. – Salvador, 2011. 246 p. Disponível em <https://www.dropbox.com/s/20un094bagm97es/In%C3%A1cio%20de%20Sousa%20Fadigas.%20Difus%C3%A3o%20do%20Conhecimento%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Matem%C3%A1tica%20sob%20a%20Perspectiva%20das%20Redes%20Sociais%20e%20Complexas.PDF>. Acessado em 07 Ago 2015.
- FESTINGER, L. **Teoria da Dissonância Cognitiva**. Rio de Janeiro: Zahar. 1975.
- FREEMAN, L. C. **Centrality in social networks: Conceptual clarification**. Journal: Social Networks - SOC NETWORKS, vol. 1, no. 3, pp. 215-239, 1979 DOI: 10.1016/0378-8733(78)90021-7. Disponível em <http://htlab.psy.unipd.it/uploads/Pdf/lectures/social%20network/27.pdf>. Acessado em 07 Ago 2015.
- FREEMAN, L. C.; BORGATTI, S. P., WHITE, D. R. **Centrality in valued graphs: a measure of betweenness based on network flow**. Social Networks 13, 1991. p. 141–154.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 385-529.

FRÓIS, Catarina O. A reinvenção do eu através do discurso: narrativa, estigma e anonimato nas famílias anônimas. *MANA* 13(1): 63-84, 2007.

GALDURÓZ, J. C.; NOTO, A. R.; NAPPO, S. A.; CARLINI, E. A. **II levantamento nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas. Estudo envolvendo as 108 maiores cidades do País**. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), Universidade Federal de São Paulo; 2005.

Disponível em http://obid.senad.gov.br/obid/biblioteca/publicacoes/ii-levantamento-domiciliar-sobre-o-uso-de-drogas-psicotropicas-no-brasil.pdf/@_@download/file/II-Levantamento-Domiciliar-sobre-o-Uso-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-no-Brasil.pdf. Acessado em 20 Ago 2014.

GARCIA, Â. M. **E o verbo (re)fez o homem: estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo** (dissertação de mestrado). Niterói, UFF. Intertexto; 2003. 178p

GROSS, J. T.; YELLEN, J. **Graph Theory and its Applications**. Boca Raton: CRC Press. 1999.

HARTLEY, R. T.; BARNDEN, J. A. **Semantic network: visualizations knowledge**. *Trends in Cognitive Sciences* - Vol. 1. No. 5. August 1997.

HOBBSAWM, E. **A era das Revoluções: Europa 1789 – 1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1994.

HUMPHREYS, K; GIFFORD, E. Religion, spirituality, and the troublesome use of substances. In: MILLER, W. R; CARROLL, K. M. **Rethinking Substance Abuse**. Londres: The Guilford Press, 2006. p. 262.

INKPEN, A. C.; TSANG, E. W. K. **Social capital, networks, and Knowledge transfer**. *Academy of Management Review*. Vol. 30, No. 1, 2005. p. 146–165.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. **Compêndio de Psiquiatria – Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica**. Ed. 7. São Paulo. Artmed, 2006. 1169 p.

KARKOW, Mônica Junqueira; CAMINHA, Renato Maiato; BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz. Mecanismos terapêuticos na dependência química. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 123-134, dez. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872005000200013&lng=pt&nrm=iso.. Acessado em 09 Nov 2016.

KEANE, H. Addiction and the Bioethics of Difference. In.: SHILDRICK, M.; MYKITIUK, R. **Ethics of the Body: Postconventional Challenges**. Massachusetts: MIT Press, cap. 1, p. 01-29, 2005. Disponível em <http://mitpress-ebooks.mit.edu/product/ethics-body>. Acessado em 08 Nov 2014.

KRACKHARDT, D.; HANSON, J. **Informal networks: the company behind the chart**. *Harvard Business Review*, Boston, Mass., v. 71, n. 4, 1993. p. 104-111. Disponível em: <http://www.andrew.cmu.edu/user/krack/publications.shtml>. Acessado em 08 Nov 2015.

KRIPPENDORFF, K. **Content Analysis: An investigation to Its Methodology**. [S.1.]: SAGE Publications, 2004. 456 pp.

KUIPERS, K. J. **Formal and informal networks in the workplace**. 117 p. Tese (Ph.D.) – Stanford University, Stanford, Calif., 1999. Disponível mediante pagamento: http://www.lib.umi.com/dxweb/details?doc_no=1866345. Acessado em 08 Nov 2015.

LAKATOS, I. History of science and its rational reconstructions. In: HACKING, I. (org.) **Scientific revolutions**. Hong-Kong: Oxford University, 1983.

LAMBIOTTE, R.; DELVENNE, J.-C.; BARAHONA, M. **Laplacian Dynamics and Multiscale Modular Structure in Networks**. Physics and Society. v. 1, ed. 2. 2009, p. 76-90.

LANNA, M. **Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a Dádiva**. Revista de Sociologia Política, Curitiba, v. 14, p. 173-194, jun. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a10n14.pdf>. Acessado em 08 Fev 2014.

LAPASSADE, G. Da multirreferencialidade como “bricolagem”. In: BARBOSA, J. G. (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

LARANJEIRA, R.; DUAILIBI, S. & PINSKY, I. **Álcool e violência: a psiquiatria e a saúde pública**. Revista Brasileira de Psiquiatria, vol. 27 no. 3, pp. 176-177. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462005000300004. Acessado em 08 Nov 2014.

LARANJEIRA, R. (supervisão). **II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012**. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP. 2014. Disponível em <http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>. Acessado em 18 Nov 2015.

LATAPY, M.; MAGNIEN, C.; DEL VECCHIO, N. Basic notions for the analysis of large two-mode networks, In: **Social Networks**, v. 30, n. 1, pp. 31-48. 2008.

LEME, I. F. A. S. IFP-II - **Atualização dos estudos psicométricos e normas do inventário fatorial de personalidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

LEWIN, K. **Problemas de Dinâmica de Grupo**. São Paulo. Cultrix, 1978. 242 p.

LEWIN, K.; GRABBE, P. **Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values**. Journal of Social Issues Volume 1, Issue 3, pages 53–64, August 1945 <http://dx.doi.org/10.1111/j.1540-4560.1945.tb02694.x>. Acessado em 08 Fev 2014.

LIMA NETO, J. L. A.; OLIVEIRA, M. O. M.; MICHINEL, J. L.; PEREIRA, H. B. B. **Complexidade e Multirreferencialidade: Bases epistemológicas para a compreensão do papel de Narcóticos Anônimos**. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, Aracaju, V.4, N.3, p. 97-110. Fev. 2016

LIMA NETO, J. L. A.; PEREIRA, B. D.; OLIVEIRA, M. O. M. **O dependente químico frente aos Sistemas Complexos**. 9º Congresso Brasileiro de Sistemas. Palmas-TO. 2013.

LIMA NETO, J. L. A.; PEREIRA, H. B. B. **A rede social de ajuda-mútua de Narcóticos Anônimos: a relevância do prestígio, da centralidade de intermediação entre os membros**. REDES-Revista hispana para el análisis de redes sociales (submetida). 2016a

LIMA NETO, J. L. A.; PEREIRA, H. B. B. **Metamodelo sistêmico de interação de indivíduos em Grupos**. Ciências & Cognição (submetida). 2016b

LOECK, J. F. **Adicção e Ajuda Mútua: Estudo Antropológico de Grupos de Narcóticos Anônimos na cidade de Porto Alegre (RS)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2009. 157 p. (Dissertação de Mestrado). Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18357/000727239.pdf?sequence=1>. Acessado em 08 Feb 2014.

MACRAE, E. Antropologia: aspectos sociais, culturais e ritualísticos. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO JR., A. **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001, pp. 25-34.

MARTELETO, R. A. **Análise de Redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v.30, n.1, 2001. p.71-81.

MARTINS, J. B. **Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais**. Revista Brasileira de Educação, nº 26, p. 85-94, 2004.

MILGRAM, S. **The Small World Problem**. Psychology Today, vol. 1, no. 1, pp. 61-67. 1967.

MILLER, W. R.; BOGENSCHUTZ, M. P. **Spirituality and addiction**. Southern Medical Journal Apr. 2007: p. 433-436. Academic OneFile. Disponível em <http://go-galegroup.ez357.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&sw=w&u=capes&v=2.1&it=r&id=GALE%7CA162977428&asid=bffc72dcd8e5b289956ec501418a3697>. Acessado em 21 nov 2011.

MORAES, R. **Drogas e álcool: Prevenção e tratamento**. São Paulo, SP: Komedi. 2001.

MOREIRA, M. C. N. **A dádiva da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de alcoólicos anônimos**. (RESENHA) Ciência e Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, 2004. p. 1079-1080. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000400028&lng=en&enrm=iso. Acessado em 08 Feb 2014.

MORENO, J. L. **Fundamentos de la Sociometría**. Buenos Aires: Paidós. 1961

MORIN, E. A necessidade do pensamento complexo. In: MENDES, Cândido (org.) **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond Ltda., 2003. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001317/131796por.pdf>. Acessado em 08 Feb 2014.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 5ª. Ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

MOTA, Leonardo A. **A dádiva da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de Alcoólicos Anônimos**. São Paulo, Paulus, 199 p. 2004.

NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S. **Social capital, intellectual capital, and the organizational advantage**. Academy of Management Review, n. 23. 1998. p. 242-266.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. **Ata da Reunião do CSA-BASE**. 08 de Março de 2015a. <http://www.csabase.org/wp-content/uploads/2015/04/08032015.pdf>. Acessado em 08 Fev 2016.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. **Narcóticos Anônimos (Texto Básico)**. Chatsworth, NAWS, Inc. (tradução da 6ª edição do livro Narcotics Anonymous). 2015b. 456 p.

_____. **Narcóticos Anônimos 2** (vídeo). 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Qg8JZcr8TLY>. Acessado em 10 Out 2016.

_____. **Partilha de Jimmy K**. EUA, 1973. Disponível em <http://www.na-pt.org/arquivo/jimmyk.php>. Acessado em 06 Mar 2015

NARCOTICS ANONYMOUS. **Información sobre NA**. Contabilizados a mayo de 2012. Disponível em http://www.na.org/admin/include/spaw2/uploads/pdf/PR/Information_about_NA_sp.pdf. Acessado em 06 Mar 2015.

_____. **The NA Way Magazine**. v. 17, n. 2, 2000. Disponível em http://www.na.org/admin/include/spaw2/uploads/pdf/naway/po/ponaw17_2.pdf. Acessado em 06 Mar 2015.

_____. **World Service Board of Trustees Bulletin #13**. Some thoughts regarding our relationship to Alcoholics Anonymous. 1996a. Disponível em <http://www.na.org/?ID=bulletins-bull13-r>. Acessado em 06 Mar 2015.

_____. **World Service Board of Trustees Bulletin #17**. What is addiction?. 1996b. Disponível em <http://www.na.org/?ID=bulletins-bull17-r>. Acessado em 06 Mar 2015.

NASCIMENTO, D. R. do. A doença como objeto da História. In: SOIHET, Rachel. **Revisitando o N.U.P.E.H.C.** Niterói, Programa de Pós-Graduação em História – UFF; Arrabaldes, nº4. 1996.

NELSON, D. L.; MCEVOY, C. L.; and SCHREIBER, T. A. **The University of South Florida word association, rhyme and fragment norms**. 1999. Disponível em <http://link.springer.com/article/10.3758/BF03195588>. Acessado em 15 Nov 2015.

NEWMAN, M. E. J. **Detecting community structure in networks**. The European Physical Journal B, n 38. 2004, p. 321–330.

NEWMAN, M. E. J. **Networks: a introduction**. New York: Oxford University Press, 2010.

NEWMAN, M. E. J.; GIRVAN, M. **Finding and evaluating community structure in networks**. Physical Review E, n 69:026113. 2004, p. (1–15).

PAUMIER, S. **UNITEX 2.0 User Manual, Electronic version. 2008**. Disponível em <http://igm.univ-mlv.fr/~unitex/UnitexManual2.0.pdf>. Acessado em 15 Nov 2015.

PECHANSKY, F.; BALDISSEROTTO, C. F. P. Tratamentos psicoterápicos utilizados no tratamento de pessoas dependentes de substâncias psicotrópicas. In: **Modalidades de tratamento e encaminhamento**: módulo 6. – 7. ed. – Brasília : Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2014. 152 p. Disponível em http://www.supera.senad.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/SUP7_Mod6.pdf

PEREIRA, H. B. B.; FADIGAS, I. S.; SENNA, V.; MORET, M. A.. **Semantic networks based on titles of scientific papers**. *Physica A* 39, 2011. p. 1192–1197

PICHON-RIVIERE, E. (2000). **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes.

PLANETA, C. S.; & DELUCIA, R. **Abuso e dependência de substâncias psicoativas**. *Jornal da História da Ciência*. Centro de História da Ciência da USP. Ed. 04, p. 02. Out/dez, 2009a. Disponível em [http://www.usp.br/chc/Imagens/Jornal_JHC_No_04_\(out-dez_2009\).pdf](http://www.usp.br/chc/Imagens/Jornal_JHC_No_04_(out-dez_2009).pdf). Acessado em 08 Fev 2014.

_____. **Substâncias Psicoativas: Dependência & Estresse**. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009b. Disponível em http://www.sibi.usp.br/livros_eletronicos/Planeta_CS_De_Lucia_R_Substancias_psi_coativas.pdf. Acessado em 08 Fev 2014.

POMERLEAU, C. S.; POMERLEAU, O. F. **The Effects of a Psychological Stressor on Cigarette Smoking and Subsequent Behavioral and Physiological Responses**. *Psychophysiology*, 24: 278–285. 1987. DOI:10.1111/j.1469-8986.1987.tb00295.x

POMI, A.; MIZRAJI, E. **Semantic graphs and associative memories**. *PHYSICAL REVIEW*, E 70, 066136, 2004. DOI: 10.1103/PhysRevE.70.066136

QUILES, M. G; Zhao, L; BREVE, F.A.; ROMERO, R. A. F. **Deteção de comunidades em redes complexas: um modelo de correlação oscilatória**. VII Encontro Nacional de Inteligência Artificial (ENIA), 2009, p. 889-898

RAWSON, R. A.; MCCANN, M. J.; FLAMMINO, F.; SHOPTAW, S.; MIOTTO, K.; REIBER, C.; LING, W. **A comparison of contingency management and cognitive-behavioral approaches for stimulant-dependent individuals**. *Addiction*, Vol.101(2), pp.267-274; 2006. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1360-0443.2006.01312.x>

RÉGIS, H. P.; BASTOS, A. V. B.; DIAS, S. M. R. C. **Redes sociais informais: análise das redes de amizade, de informação e de confiança em incubadoras de base tecnológica no Recife**. *rPOT*. v. 7, n. 1 jan-jul. 2007. p. 31-56

RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. (org.) **O Tratamento dos usuários de crack**. São Paulo: Ed Casa Leitura Médica. 2010 p. 17

RIBEIRO, M.; MOREIRA, F. G. História das Drogas. In: Silveira, D. X.; Moreira, F. G. **Panorama atual de drogas e dependências**. São Paulo: Atheneu; 2004.

ROEHE, Marcelo Vial. **Experiência religiosa em grupos de auto-ajuda: O exemplo de Neuróticos Anônimos**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 3, p. 399-407, set./dez. 2004

SEGALEN, M. **Ritos e Rituais Contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 161 p.

SERVICE, E. R. **Organização Social Primitiva - uma Perspectiva Evolucionista**. New York: Random House (Impresso em Portugal), 1962/1970

SILVEIRA, F. L. **A metodologia dos programas de pesquisa: a epistemologia de Imre Lakatos**. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 219-230, jan. 1996. ISSN 2175-7941. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/7047>. Acessado em 18 Mai 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/7047>.

SIMÕES, J. A. Prefácio. in: LABATE, B. C.; GOULART, S. L.; FIORE, M.; MACRAE, E.; & CARNEIRO, H. (org.). **Drogas e cultura : novas perspectivas** - Salvador. EDUFBA, 2008. 440 p.

SPARANO, M. **A repressão às drogas nas páginas de Veja (1968 – 1982)**. Niterói, UFF (dissertação de mestrado). Niterói, UFF. 2002

SULLIVAN, R.J.; HAGEN, E.H. **Psychotropic substance seeking: evolutionary pathology or adaptation?** *Addiction* 2002; 97: 389-400.

TAVARES, G. P.; SCHEFFER, M.; ALMEIDA, R. M. M. **Drogas, violência e aspectos emocionais em apenados**. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, vol. 25, no. 1, p. 89-95, 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722012000100011&lng=en&nrm=iso. Acessado em 18 Mai 2015.

TEIXEIRA, G. M.; AGUIAR, M. S. F.; CARVALHO, C. F.; DANTAS, D. R.; CUNHA, M. V.; MORAIS, J. H. M.; PEREIRA, H. B. B.; MIRANDA, J. G. V. **Complex Semantic Networks**. *International Journal of Modern Physics C*. Vol. 21, No. 3, 2010. p. 333-347. DOI: 10.1142/S0129183110015142

TEIXEIRA, Gesiane Miranda. **REDES SEMÂNTICAS EM DISCURSOS ORAIS: Uma proposta metodológica baseada na psicologia cognitiva utilizando redes complexas**. Dissertação de Mestrado. Orientador: Prof. Dr. José Garcia Vivas Miranda, Co-Orientador: Prof. Dr. Hernane Borges de Barros Pereira. Fundação Visconde de Cairu. Centro de Pós-graduação e Pesquisa. Programa Interdisciplinar em Computação Científica. Mestrado Interdisciplinar em Modelagem Computacional. Salvador, 2007

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. **REDES SOCIAIS: posições dos atores no fluxo da informação**. *Revista Eletrônica de Biblioteconomia*. n. esp., 1º sem. 2006.

TOSCANO JR., A. Um breve histórico sobre o uso de drogas. In: SEIBEL, Sergio D.; TOSCANO JR., Alfredo. **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001. pp. 7-23.

UNODC (United Nations Office on Drugs and Crime). **World Drug Report 2015**. Disponível em http://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/Topics_drugs/Publicacoes/World_Drug_Report_20151.pdf. Acessado em 03 Nov 2016.

_____. **Relatório Mundial Sobre Drogas WDR 2013**. Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crime. 2013. Disponível em http://www.unodc.org/unodc/secured/wdr/wdr2013/World_Drug_Report_2013.pdf. Acessado em 18 Mai 2015.

VELHO, G. **Nobres e Anjos. Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora. 1998. 214 p.

WASSERMAN, S. e FAUST, K. **Social Network Analysis. Methods and Applications**. Cambridge, UK. Cambridge University Press, 1994.

WATTS, D. J.; STROGATZ, S. H. **Collective dynamics of 'small-world' networks**. *Nature* 393, 440–442. 1998

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** - 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A. Questionário de pesquisa

Perfil dos membros e NA em Salvador e Região metropolitana

01) Qual a importância da sua primeira reunião de NA? (marque com um "x")

Muito importante	
Importante	
Indiferente	
Pouco importante	
Nada importante	

02) O que mais gostou na sua 1ª reunião em NA? (marque com um "x")

Abraço	
Identificação	
Acolhimento	
Partilhas	
Outro (especifique)	

03) O que menos gostou na sua 1ª reunião em NA? (marque com um "x")

Barulho	
Conversa paralela	
Cigarro	
Falta de acolhimento	
Entra e sai da sala	
Outro (especifique)	

04) Antes de conhecer NA, que áreas de sua vida foram afetadas negativamente pelo uso de drogas? (permite-se mais de uma resposta com um "x")

Emprego / Profissão	
Capacidade de manter uma residência	
Capacidade de sustentar a família	
Manter relações familiares	
Capacidade de manter um relacionamento íntimo	
Outro (especifique)	

05) Você é fumante? (marque com um "x")

Sim	
Não	

06) Com qual idade você INICIOU o uso de drogas (incluindo o Álcool)?

Anote a idade →	
-----------------	--

07) Com qual idade você PAROU o uso de drogas?

Anote a idade →	
-----------------	--

08) Você se lembra da data de seu ingresso em NA?

Anote a data → (dd/mm/aaaa)	
--------------------------------	--

09) Você tem Padrinho/Madrinha em NA? (marque com um "x")

Sim	
Não	

10) Que áreas de sua vida tiveram MELHORIA depois de NA? (permite-se mais de uma resposta com um "x")

Relações familiares	
Relações sociais	
Hobbies / Lazer	
Habitação estável	
Emprego	
Avanço na educação	

11) Quem te influenciou em participar da primeira reunião de NA? (permite-se mais de uma resposta com um "x")

Os membros de NA	
Tratamento / Terapia	
Família	
Ordem Judicial	
Literatura de NA	
Membro / Grupo de AA	
Oficial de condicional	
Instituição penal/correcional	
Sistema de Saúde, SUS, CAPES, etc.	
Amigo / Vizinho não membro de NA	
Empregador / Colega	
Outro (especifique)	

12) Quais os membros de NA que mais ajudam você com partilhas, exemplos etc. (se puder anote nome mais a letra inicial do sobrenome. Evitará confusão com nomes iguais)

1.	
2.	
3.	

13) Quais os membros de NA você ajuda com suas partilhas, exemplos, etc. (se puder anote nome mais a letra inicial do sobrenome. Evitará confusão com nomes iguais)

1.	
2.	
3.	

14) Qual sua frequência semanal nas Reuniões de NA? (marque com um "x")

Menos de 1	
1 a 2	
3 a 4	
5 a 6	
Todos os dias	

15) Você tem encargo em NA? (marque com um "x")

Sim	
Não	

16) Você tem algum grupo de escolha? (marque com um "x")

Sim	
Não	

17) Você está trabalhando os Passos de NA?
(marque com um "x")

Sim	
Não	

18) Qual (ou quais) Passos já trabalhou?

--

19) Qual seu tempo limpo? (marque com um "x")

Até 1 mês	
Mais de 1 mês até 3 meses	
Mais de 3 meses até 6 meses	
Mais de 6 meses até 1 ano	
Mais de 1 ano até 2 anos	
Mais de 2 anos até 5 anos	
Mais de 5 anos até 10 anos	
Mais de 10 anos até 15 anos	
Mais de 15 anos até 20 anos	
Mais de 20 anos até 25 anos	
Mais de 25 anos até 30 anos	
Mais de 30 anos	

20) Frequenta outras irmandades de doze passos?
(marque com um "x")

Sim	
Não	

21) Fora os eventos de NA, você vai a festas, restaurantes, lanchonetes, praia, clube etc, com membros da irmandade? (marque com um "x")

Sim	
Não	

22) Que droga(s) você costumava usar? (permite-se mais de uma resposta com um "x")

Álcool	
Canabis (maconha)	
Cocaína	
Estimulantes	
Crack	
Alucinógenos	
Tranquilizantes	
Opióides	
Medicamentos com receita médica	
Éxtase	
Metadona	
Inalantes (cola, lança-perfume, loló...)	
Outro (especifique)	

23) Você já esteve internado por causa das drogas?
(marque com um "x")

Não (pule para pergunta 25)	
Sim	

24) Que tipo de internamento? (permite-se mais de uma resposta com um "x")

Clínica ou hospital (acidente, overdose, etc.)	
Clínica ou Hospital psiquiátrico	
Clínica de 12 passos	
Comunidade terapêutica	
Comunidade religiosa	
CAPS	
Outro (especifique)	

25) Qual o grupo que você mais tem identificação?

--

26) Qual o nome do seu Padrinho/ Madrinha? (se puder anote nome mais a letra inicial do sobrenome. Evitará confusão com nomes iguais)

--

27) Se você fosse para uma ilha deserta e tivesse que estar lá por muito tempo e pudesse levar pessoas de NA, quem você levaria? (se puder anote nome mais a letra inicial do sobrenome. Evitará confusão com nomes iguais)

1.
2.
3.

28) Se você fosse montar um time com os pessoas de NA mas, tivesse que eliminar pessoas quem você eliminaria? (se puder anote nome mais a letra inicial do sobrenome. Evitará confusão com nomes iguais)

1.
2.
3.

29) Dentre as pessoas de NA a quem você confiaria um segredo? (se puder anote nome mais a letra inicial do sobrenome. Evitará confusão com nomes iguais)

1.
2.
3.

30) Em uma escala de 0 (ruim) a 10 (ótimo), anote:

Que nota você daria a sua recuperação?	
Que nota os outros dariam para sua recuperação?	

Questões Socioeconômicas dos membros e NA

01) Qual seu nível educacional? (marque com um "x")

Analfabeto	
Ensino Fundamental 1 (1ª a 4ª série)	
Ensino Fundamental 2 (5ª a 8ª série)	
Ensino Médio	
Superior	
Especialização	
Mestrado	
Doutorado	

02) Está estudando? (marque com um "x")

Sim	
Não	

03) Qual sua idade? (marque com um "x")

Menos de 20	
21 a 30 anos	
31 a 40 anos	
41 a 50 anos	
51 a 60 anos	
Mais de 60 anos	

04) Sexo (marque com um "x")

Masculino	
Feminino	

05) Estado civil (marque com um "x")

Casado	
União estável	
Solteiro	
Viúvo	
Outros	

06) Etnia (segundo o IBGE) (marque com um "x")

Branco	
Pardo	
Preto	
Indígena	
Amarelo	
Outra	

07) Religião (marque com um "x")

Católica	
Cristã	
Evangélico	
Espírita	
Messiânico	
Protestante	
Umbandista	
Espiritualista	
Outra (especifique)	

08) Atualmente qual é seu regime de trabalho? (marque com um "x")

Tempo integral	
Meio expediente	
Atividade formal - direitos trabalhistas	
Atividade autônoma - sem vínculo	
Atividade informal - sem registro	
Desempregado	
Aposentado	
Estudante	
Dona de casa	

09) Grau de Instrução do chefe de família (marque com um "x")

Analfabeto/ Fundamental 1 Incompleto	
Fundam. 1 Completo / Fundam. 2 Incompleto	
Fundamental 2 Completo/ Médio Incompleto	
Médio Completo/ Superior Incompleto	
Superior Completo	

10) Quais os itens que tem na sua residência ? (marque com um "x")	Quantidade				
	Não tem	Tem 1	Tem 2	Tem 3	Tem 4 ou +
Televisão em cores					
Rádio (qualquer aparelho, mesmo incorporado, que possa sintonizar as emissoras de rádio convencionais)					
Banheiro (existência de vaso sanitário)					
Automóvel (NÃO considerar veículos para uso profissional - taxis, fretes, etc.)					
Empregada mensalista (que trabalham pelo menos 5 dias por semana)					
Máquina de lavar (tanquinho NÃO deve ser considerado)					
Videocassete e/ou DVD					
Geladeira					
Freezer (pode ser parte da geladeira duplex)					

ANEXO A. Os Doze Passos de Narcóticos Anônimos

- 1º. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
- 2º. Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.
- 3º. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos.
- 4º. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.
- 5º. Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.
- 6º. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
- 7º. Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.
- 8º. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.
- 9º. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.
- 10º. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
- 11º. Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.
- 12º. Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

ANEXO B. As Doze tradições de Narcóticos Anônimos

1º O nosso bem-estar comum deve vir em primeiro lugar; a recuperação individual depende da unidade de NA.

2º Para o nosso propósito comum existe apenas uma única autoridade um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam.

3º O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar.

4º Cada grupo deve ser autônomo, exceto em assuntos que afetem outros grupos ou NA como um todo.

5º Cada grupo tem apenas um único propósito primordial levar a mensagem ao adicto que ainda sofre.

6º Um grupo de NA nunca deverá endossar, financiar ou emprestar o nome de NA a nenhuma sociedade relacionada ou empreendimento alheio, para evitar que problemas de dinheiro, propriedade ou prestígio nos desviem do nosso propósito primordial.

7º Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentável, recusando contribuições de fora.

8º Narcóticos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, mas nossos centros de serviço podem contratar trabalhadores especializados.

9º NA nunca deverá organizar-se como tal; mas podemos criar quadros de serviço ou comitês diretamente responsáveis perante aqueles a quem servem.

10º Narcóticos Anônimos não tem opinião sobre questões alheias; portanto o nome de NA nunca deverá aparecer em controvérsias públicas.

11º Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; na imprensa, rádio e filmes precisamos sempre manter o anonimato pessoal.

12º O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades.

ANEXO C. Os Doze Conceitos de Narcóticos Anônimos

1º. Para cumprir o propósito primordial da nossa irmandade, os grupos de NA se juntaram para criar uma estrutura que desenvolve, coordena e mantém serviços por NA como um todo.

2º. A responsabilidade final e a autoridade sobre os serviços em NA permanece com os grupos de NA.

3º. Os grupos de NA delegam à estrutura de serviço a autoridade necessária para cumprir as responsabilidades a ela atribuídas.

4º. A liderança efetiva é altamente valorizada em Narcóticos Anônimos. As qualidades de liderança devem ser cuidadosamente consideradas ao selecionar servidores de confiança.

5º. Para cada responsabilidade atribuída à estrutura de serviço, deve ser claramente definido um único ponto de decisão e prestação de contas.

6º. A consciência coletiva é o meio espiritual pelo qual convidamos um Deus amoroso a influenciar nossas decisões.

7º. Todos os membros de um corpo de serviço arcam com responsabilidade substancial pelas decisões deste corpo e devem poder participar plenamente no seu processo de tomada de decisão.

8º. A nossa estrutura de serviço depende da integridade e eficiência de nossas comunicações.

9º. Todos os elementos da nossa estrutura de serviço têm a responsabilidade de considerar cuidadosamente todos os pontos de vista nos seus processos de tomada de decisão.

10º. Qualquer membro de um corpo de serviço pode requerer deste corpo a retratação por ofensa pessoal, sem medo de represália.

11º. Os recursos de NA devem ser usados para promover nosso propósito primordial e devem ser administrados com responsabilidade.

12º. De acordo com a natureza espiritual de Narcóticos Anônimos, nossa estrutura deve ser sempre de serviço, nunca de governo.

ANEXO D. Lista com endereço dos grupos de NA (Nov/2016)



PROBLEMAS COM DROGAS?
PROCURE NARCÓTICOS ANÔNIMOS!
 Internet: www.csabase.org Infoline: (71)3533-3400
 Linha de Ajuda: (71)98213-1953 (75)99214-2300.




Comitê de Serviço de Área BASE			
Grupo	Cidade	Endereço	Reuniões Abertas para familiares e comunidade
Acolhimento	Salvador	Praça Dois de Julho, s/nº - Largo do Campo Grande	Todas
Boa Viagem	Salvador	Largo da Boa Viagem, s/n - Anexo a igreja da Boa Viagem.	1ª segunda e 1ª sexta do mês.
Boca do Rio	Salvador	Av. Iemanjá, 164 - Boca do Rio (Centro Espirita Centelha Divina, em frente ao Aeroclube).	Todas as reuniões.
Bom Fim	Salvador	Praça do Bonfim, 50 - Centro comunitário Senhor do Bonfim.	1ª sábado do mês.
Brotas	Salvador	Av. D. João VI, nº423, Candeal (Anexo a igreja Nª Sra. de Brotas)	1ª segunda-feira do mês.
Campo Santo	Salvador	Rua Teixeira Mendes, s/n, Largo do Alto das Pombas, Anexo à Igreja.	3ª sábado do mês.
Caseb	Feira de Santana	Av. João Durval Carneiro, S/N (Associação de moradores do Caseb).	Todas as reuniões.
Esperança	Salvador	Rua da Esperança, 290 - Stiep (Anexo a paróquia Nossa Senhora da Esperança).	3ª segunda-feira e todas as sextas-feiras do mês.
Graça	Salvador	Largo da Graça, s/n - Graça (Anexo a igreja da Graça).	2ª terça-feira do mês.
Imbui	Salvador	Rua das Araras, nº1210 - Imbui Anexo a Paróquia N. Sr.ª Aparecida do Imbui.	Primeiro domingo do mês.
Itapuá	Salvador	Rua do Céu (Centro Comunitário Santo Padre Pio) Itapuá- Atrás da Igreja de Itapuá	Todas as quartas, sábados e domingos.
Itinga	Lauro de Freitas	Rua B Horto Florestal, Centro (Em frente a emergência do Hospital Jorge Novis - Centro Comunitário Cristo Libertador)	Todas.
Lapa	Salvador	Praça Conselheiro Almeida Couto, nº134, Nazaré anexo a Igreja de N. Sr.ª de Nazaré, entre o colégio Salesiano e Severino Vieira.	2ª quinta-feira do mês.
Liberdade	Salvador	Av. Lima e Silva, anexo a Paróquia São Cosme e Damião, em frente ao restaurante Prato do Povo.	Quinzenais.
Milagres	Salvador	Av. Jequitaita, 165, Água de Meninos - (Anexo a igreja da Santíssima Trindade) ao lado da ladeira da Água Brusca.	1ª quarta-feira e 1ª domingo do mês.
Nova Brasília	Salvador	Rua Tenente Bento, 24 - Nova Brasília- Itapuá - Centro Espirita Casa de Fraternidade Eurípedes Barsanulfo - Escola Alan Cardec - próximo ao Supermercado Fort.	Todas
Ondina	Salvador	Av. Oceânica, nº2217, Ondina - em frente ao hotel Othon (anexo a paróquia da Ressureição)	Todo domingo e toda segunda pela manhã.
Pelourinho	Salvador	Rua do São Francisco nº 01 - Em cima do restaurante Conforto	As duas últimas sextas do mês
Penha	Salvador	Fim de linha da Ribeira, s/n - Anexo a igreja da Penha.	4ª terça-feira do mês e 4ª quinta-feira do mês.
Periperi	Salvador	Rua Carlos Grande, nº 88, Praia Grande, Associação Comunitária São Francisco de Assis, próximo à Igreja Adventista do 7º dia.	1º e 3º domingo do mês.
Purificação	Santo Amaro	Travessa do Rosário, s/nº - Edif. Sindicato do Metalúrgicos - Sala -3 - Centro - Santo Amaro da Purificação	
Rio Vermelho	Salvador	Largo de Santana, s/n - Rio Vermelho (Anexo a igreja de Santana).	3ª quinta-feira do mês.
Só Por Hoje	Salvador	Praça da Matriz, Centro Comunitário da Paróquia- São Cristóvão.	Todas.
Stella Mares	Salvador	Rua Missionário Otto Nelson, nº1 (Anexo a paróquia Nossa Senhora de Fátima)	Todas.
Stiep	Salvador	Rua da Esperança, 290 - Stiep (Anexo a paróquia Nossa Senhora da Esperança).	Última quinta-feira do mês.
Velho Chico	Juazeiro	Praça da Bandeira, nº9, Centro (Anexo a Catedral Brasinha)	Primeira segunda do mês.
Vida Nova	Lauro de Freitas	Praça da Matriz, nº8 (Centro comunitário da paróquia de Santo Amaro do Ipitanga)	Todas.
Vitória	Salvador	Rua Fêmão Magalhães, nº2, Centenário (Anexo a paróquia Santa Terezinha, Sala vermelha), em frente ao Shopping Barra	1ª quarta-feira do mês.

GRUPOS:	DIAS DA SEMANA						
	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
Acolhimento					18:00 às 20:00		
Boa Viagem	19:30 às 21:30				19:30 às 21:45		
Boca do Rio						19:00 às 21:00	
Bom Fim						09:30 às 11:30	
Brotas	19:00 às 21:00						
Campo Santo						17:00 às 19:00	17:00 às 19:00
Caseb	20:00 às 21:30				20:00 às 21:30		
Esperança	19:30 às 21:30	19:30 às 21:30	19:30 às 21:30	19:30 às 21:30	19:30 às 21:30		
Graça		19:30 às 21:30					
Imbui							09:30 às 11:30
Itapuá	19:30 às 21:30	19:30 às 21:30	19:30 às 21:30	19:30 às 21:30	19:30 às 21:30	18:00 às 22:15	18:00 às 20:00
Itinga							10:00 às 11:30
Lapa				19:00 às 21:00			
Liberdade			19:30 às 21:30			19:00 às 20:30	16:00 às 18:00
Milagres							
Nova Brasília						10:00 às 11:30	
Ondina	10:00 às 11:30 18:00 às 20:00						09:00 às 11:00
Pelourinho					19:00 às 21:00		
Penha		19:00 às 21:00		19:00 às 21:00			
Periperi							09:30 às 11:30
Purificação	17:00 às 18:30	17:00 às 18:30	17:00 às 18:30	17:00 às 18:30	17:00 às 18:30	10:00 às 11:30	
Rio Vermelho					18:30 às 20:30		
Só Por Hoje		19:30 às 21:30		19:30 às 21:30			
Stella Mares	16:00 às 18:00						
Stiep		09:30 às 11:30	09:30 às 11:30	09:30 às 11:30			
Vida Nova					19:00 às 20:30		
Vitória					19:30 às 21:30	12:00 às 14:00	

Oração da serenidade:

Deus, conceda-me serenidade para aceitar as coisas que posso modificar,
 coragem para modificar aquelas que posso e sabedoria para reconhecer a diferença.

ANEXO E. Parecer do CEP Enfermagem da UFBA APROVANDO o projeto

<p>ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p> 	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA	
Título da Pesquisa: Avaliação da recuperação do uso de drogas em membros de Narcóticos Anônimos: Rede Sociais de afinidades correlacionada à Redes semânticas dos discursos orais.	
Pesquisador: Jose Lamartine de Andrade Lima Neto	
Área Temática:	
Versão: 1	
CAAE: 48557415.0.0000.5531	
Instituição Proponente: Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do	
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio	
DADOS DO PARECER	
Número do Parecer: 1.309.307	
Apresentação do Projeto:	
Trata-se de projeto de tese apresentado ao Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da FACED/UFBA, IHAC/UFBA UEFES, UNEB, LNCC, IFBA, SENAI, sob orientação do Prof. Dr. Hernane Borges de Barros Pereira.	
Objetivo da Pesquisa:	
Segundo o autor, o "objetivo geral deste trabalho é propor um modelo de avaliação do processo de recuperação do uso de drogas entre membros de NA". Esse objetivo geral é especificado em cinco modos:	
1 – Caracterizar a configuração dos grupos de NA, segundo o conceito de Redes de Afinidades;	
2 – Demonstrar correlações entre a configuração da Rede de Afinidades dos membros de NA e a recuperação do uso de drogas;	
3 – Relacionar o papel do grupo segundo a ótica da Dinâmica de Grupo no processo de recuperação do uso de drogas;	
4 – Distinguir mudanças cognitivas/comportamentais decorrentes das relações de rede de pessoas em NA;	
5 – Revelar que valores e crenças coletivas contribuem para recuperação.	
Avaliação dos Riscos e Benefícios:	
Segundo minha avaliação, os benefícios suplantam os riscos.	
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:	
Denso projeto de tese, com mais de cem páginas nas quais o autor, fartamente documentado, traça o panorama do consumo de drogas em âmbito mundial, nacional e baiano que aponta para um aumento de uso de drogas no Brasil; fornece uma genealogia do Narcóticos Anônimos; expõe os grupos de doze passos AA e NA; analisa as teorias que embasam os temas da pesquisa (Psicologia Cognitiva, Adicção a Drogas; Grupos e suas dinâmicas e Teoria de Redes) e apresenta o plano metodológico de seu trabalho.	
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:	
Apresenta toda a documentação exigida pelo CEP_EE_UFBA.	
Recomendações:	
Nenhuma	
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:	
Considerando a densidade teórico-metodológica do projeto e o modo como ele salvaguarda os princípios bioéticos consubstanciados na Resol. 466/12 na abordagem deste tema tao delicado, urgente e atual, sou de parecer favorável à sua aprovação.	
Considerações Finais a critério do CEP:	
O Colegiado homologa o PARECER DE APROVAÇÃO emitido pelo relator. O CEP recomenda ao pesquisador entrar em contato antes da apresentação dos relatórios (Parcial e Final)	
Situação do Parecer:	
Aprovado	
Necessita Apreciação da CONEP:	
Não	
SALVADOR, 04 de Novembro de 2015	
Assinado por: Dra DARCI DE OLIVEIRA SANTA ROSA (Coordenador)	
<p>Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar Bairro: Canela CEP: 41.110-060 UF: BA Município: SALVADOR Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br</p>	
Página 04 de 04	